

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM HISTÓRIA

FAZER CHARUTOS: UMA ATIVIDADE FEMININA

Elizabete Rodrigues da Silva

Dissertação apresentada ao Mestrado de História da Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas da UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Lina Maria Brandão de Aras

SALVADOR – BAHIA

2001

FICHA CATALOGRÁFICA

...SILVA, Elizabete Rodrigues da.

Fazer Charutos: uma atividade feminina. / Elizabete Rodrigues da Silva. - Salvador, Ba, 2001.
p. il. 203

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Lina Maria Brandão de Aras
(Dissertação/Mestrado em História na Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas – UFBA.)

1. Recôncavo (Ba) - História. 2. Mulheres – Trabalho.
3. Mulheres Cotidiano. 4. Mulheres Cultura. I Título.

CDD - 981.42

***A minha mãe,
Benedita Rodrigues da Silva***

AGRADECIMENTOS

Ao refletir sobre as dificuldades e facilidades que se impuseram à realização desta tese, percebi a presença e a importância das pessoas que, direta ou indiretamente, colaboraram para que eu pudesse alcançar os meus objetivos superando os limites da solidão e da alienação em minha subjetividade do mundo que me rodeia, através desta experiência.

À Prof^ª. Dr.^ª **Lina Maria Brandão de Aras**, agradeço a firmeza de sua orientação que, desde o redimensionamento do tema às discussões e correções, despertou-me para as várias reformulações no sentido de melhor argumentar as idéias em torno do tema, através de uma relação agradável e de cumplicidade que favoreceu a confiança e o estímulo necessários para a realização deste trabalho.

Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira, a amiga das horas difíceis, aquela com quem dividi as minhas angústias e anseios, que se dedicou a ler este trabalho com entusiasmo, lançando os questionamentos e apontando os pontos que até certo momento não tinha alcançado. Obrigada.

Às charuteiras, **Laurentina Neves Melo, Celina de Jesus Neris, Dalva Damiana dos Santos, Benedita Rodrigues da Silva, Alzira Ferreira Silva** (*in memorium*), **Maria Alves** (*in memorium*), **Maria de Lourdes Conceição Novais, Carmelita Oliveira de Jesus, Tereza Oliveira de Jesus, Sônia Oliveira de Jesus**; e outros como **Rose Schinke, Sebastião Pereira dos Santos**, agradeço pelas entrevistas e informações cedidas. Enquanto conversava com cada uma dessas pessoas, especialmente as charuteiras, pude experimentar o prazer de revisitar o passado através da voz, dos gestos e dos sentimentos de pessoas vivas, descortinando horizontes que ofereceram maior sentido e a concreticidade do tema.

Agradeço aos funcionários do **Arquivo Municipal de São Félix**, a **Marina**, bibliotecária do Mestrado, pela disponibilidade. À Professora **Noralice Rodrigues de Jesus**, diretora do Centro Educacional Professor Edgard Santos, por ter colaborado, sem qualquer interdição, com o meu processo de afastamento desta unidade de ensino

e, da mesma forma, em relação à minha reintegração ao quadro. E, às Professoras **Alaíde Fonseca e Ioderlândia**, pela revisão gramatical que dedicou a este trabalho, a minha gratidão.

Aos representantes do **Seminário Central da Bahia** toda a minha gratidão pelo apoio que me concedeu ao acolher-me neste recinto enquanto cumpria os meus créditos e realizava pesquisas nesta capital.

Agradeço, também, pelos incentivos que recebi das amigas e amigos: **Rosineide C. Brito dos Santos, Josinéia Lapa da Silva, Cintia Maria Luz Pinho, Indinéia Ramos Paixão e Charles D'Almeida.**

E, finalmente aquela que, cotidianamente, compartilhou com esta tarefa que exigiu muita tolerância. **A minha família**, que me representou durante todo tempo em que estive ausente da divisão e participação das responsabilidades que a mim cabiam. **Raimundo, meu companheiro, Neriane, Josemar, Jandaray e Elli Daiane, meus filhos**, com todo carinho, meu eterno agradecimento, por terem tomada para si a luta e as dificuldades cotidianas como se estivessem segurando o tempo enquanto eu pudesse conquistar o meu ideal que, neste caso, também se fez deles.

A grande inspiração, minha mãe, D. Benedita, cuja história é presente, somente agora começo a compreender sua vida e encontro a ponta do fio que dá a significação também da minha vida, a ela dedico este texto. Ao Grande Deus agradeço pela vida.

LISTA DE TABELAS

I	Estado Civil	40
II	Instrução	40
III	Homens X Mulheres	62
IV	Mulheres X Estado Civil	64
V	Quadro evolutivo do registro das charuteiras	86
VI	Charuteiras X Idade	91
VII	Produção anual de charutos	97

SUMÁRIO

<i>LISTA DE TABELAS</i>	6
<i>RESUMO</i>	8
<i>ABSTRACT</i>	9
<i>INTRODUÇÃO</i>	11
<i>CAPÍTULO I</i>	25
<i>1. RECÔNCAVO FUMAGEIRO: PALCO DE UMA FISIONOMIA SOCIAL E CULTURAL</i>	25
1.1 - A terra por excelência produtora de tabaco	26
1.2 - Referências do tipo humano histórico-social dos fumageiros	35
1.3 - Os plantadores de fumo - seu trabalho e seu ganho	41
1.4 - O charuto e as manufaturas	47
1.5 - A presença das mulheres na fabricação de charutos	61
<i>CAPÍTULO II</i>	67
<i>2. SER MULHER</i>	67
2.1 - As charuteiras: mulheres no entremeio dos padrões	68
<i>CAPÍTULO III</i>	76
<i>3. UMA INCURSÃO PELO COTIDIANO DAS CHARUTEIRAS</i>	76
3.1 - Entre a casa e a fábrica	76
3.2 - A fama como referencial de seleção	84
3.3 - Fazer charutos: cotidiano fabril	94
3.4 - Ações e reações dentro da fábrica	106
3.5 - Ser charuteira	121
3.6 - "Ganhar a vida"	131
3.7 - O riso, o canto e o prazer	147
<i>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	172
<i>5. FONTES</i>	175
<i>6. BIBLIOGRAFIA</i>	189
<i>7. APÊNDICE</i>	195

RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir a atividade de fazer charutos como uma ocupação eminentemente feminina, na região fumageira do Recôncavo baiano na primeira metade do século XX, mais precisamente nas cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba, estendendo-se até a Vila de Cabeças, atual município de Governador Mangabeira. O estudo utilizou-se como fonte privilegiada dos depoimentos das mulheres charuteiras e de entrevistas com indivíduos que estavam envolvidos direta e indiretamente naquela atividade. Além de fontes orais, utilizamos de fontes documentais dos arquivos das fábricas, dos jornais que circularam no período, dentre outras. A discussão da atividade de charuteira está assentada na economia regional e no processo de instalação e desenvolvimento das fábricas de charutos na área citada. O cotidiano das charuteiras foi evidenciado, desde o acordar pela manhã, o trajeto até a fábrica, o trabalho e a hierarquia nas estruturas da fábrica, as relações sociais dentro e fora da fábrica, também a inserção das charuteiras na sociedade local. Muitas delas foram identificadas, através do registro e fichas existentes nos Arquivos trabalhados, possibilitando construir um perfil daquelas mulheres trabalhadoras. Por fim, trabalhamos com as formas de socialização no trabalho e de lazer, envolvendo as charuteiras e outras categorias sociais.

ABSTRACT

This study focuses on cigar production as an eminently feminine activity in Maragogipe, Cachoeira, São Félix and Muritiba up to Governador Mangabeira, former Viola das Cabeças, in the tobacco growing region of the Recôncavo, in the first half of the 20th century. It is based on female cigar factory workers' reports and inquiries concerning subjects or indirectly involved in that activity. Sources of information include oral records, documents from factory files as well as newspapers dated back to that period. The discussion of the cigar making activity is based on regional economy as well as on the installation and development of cigar factories at that time. It describes women's job and routine from waking up to commuting, factory hierarchical organization, social relations in and outside the workplace and their role in local society. The identification of many of those women provided information for their profile. It also presents forms of socialization at work and during leisure time involving those women and other social categories.

"O estilo é a arte da ciência do historiador"

Piter Gay

INTRODUÇÃO

"É importante recuperar o que pudermos sobre o modo como os trabalhadores pobres viviam, agiam e pensavam".

Éric J. Hobsbawm

O estudo sobre a atividade feminina de fazer charutos no Recôncavo baiano, especificamente nas cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba, estendendo-se até à Vila de Cabeças, atual município de Governador Mangabeira, durante a primeira metade do século XX, tem como objetivo desvelar os papéis históricos das mulheres charuteiras, a partir de suas estratégias de sobrevivência que, ao lutar para vencer as necessidades materiais, a exploração¹ no/do trabalho e a discriminação sexual, assim como a invisibilidade social, rompiam com a clausura da inferioridade a que eram submetidas no papel de mulheres pobres, donas de casa, mães e esposas ou amásias.

Escrever sobre as estratégias de sobrevivência das mulheres charuteiras é, sem dúvida, fazer uma opção política, pois que assim também fez E. P. Thompson, que escolheu “escrever contra o peso das ortodoxias dominantes” em que “apenas os vitoriosos são lembrados”. Neste trabalho, lança-se um olhar para os lados, e perceber as charuteiras como minorias, ou seja, as excluídas, aquelas que não tiveram vez nem voz, nem puderam escrever as suas próprias histórias. Dar vozes aos “excluídos da história” é, portanto, implementar uma ação democratizadora da própria história, sendo o estudo do seu cotidiano a via prática de sua aplicação.²

Resgatar a trajetória de vida dos grupos marginalizados da história e, neste caso, das charuteiras é matéria difícil, não só pela parca produção historiográfica,

¹ THOMPSON, E. P. A Formação da Classe Operária: A Árvore da Liberdade. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. pp.12-13.

² DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada In CARDOSO, Ciro Flamarion e VAIFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 262.

como também, pela rara atenção dispensada a esses grupos. Neste sentido, nos resta ver além do que é visível – desmontar as ideologias, ler nas entrelinhas e vasculhar a memória para trazer à tona o cotidiano, a partir da visão de seus atores.³

As ocorrências do cotidiano são, ao mesmo tempo, integrantes e resultantes de um contexto mais amplo, portanto, merecem ser investigadas, uma vez que, a vida humana se concebe historicamente numa construção sucessiva de pequenos atos no dia-a-dia dos grupos. Segundo Fernand Braudel, a "história é a soma de todas as histórias possíveis: uma coleção de ofícios e de pontos de vistas de ontem, de hoje e de amanhã".⁴ Nesta visão, nenhuma história se constrói apenas de causas políticas, é preciso compreendê-la, também, na sua diversidade cotidiana, seja no lar, nos grupos de trabalho, na organização das festas, nas múltiplas e cotidianas relações que envolvem as pessoas e os grupos.

O cotidiano é, pois, o lugar onde tudo se estabelece e, ao mesmo tempo, se transforma, é onde a oposição entre os detentores e os excluídos do poder é assimilada na intrincada luta entre a imposição e a oposição; é, ainda, o lugar onde se dá a reinterpretação e reelaboração das regras do poder político, econômico e, sobretudo, cultural, lugar onde se constrói, também, as relações de gênero. No interior dessas semoventes relações, entre os grupos, inscrevem-se formas de visibilidade e de expressão próprias fazendo emergir cada um como sujeito da história, como autores de mudança ou de continuidade. Não se trata de discutir a oposição em si dos grupos, mas de perceber qual a natureza dos espaços que cada grupo social ocupa, os usos e representações que fazem desses espaços.

O cotidiano, como forma de construção da base social e, tratando-se de mulheres como sujeitos das relações que lutam por transformações na esfera da hierarquia familiar e social, ainda não têm sido alvo de grandes preocupações ainda no meio historiográfico, permitindo grandes lacunas na compreensão do processo

³ LE GOFF, Jacques. *A Nova História*. Coimbra: Almedina, 1990, pp. 28 e 29.

⁴ BRAUDEL, Fernand apud DOSSE, François. *História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ed. Ensaio, 1992. p.253.

histórico, uma vez que “é a história a dinâmica da sociedade”.⁵ Portanto, é a História Social o campo por excelência que permite resgatar a memória dos grupos marginalizados pelo poder, o que faz Mary Del Priore entender que, “a história da mulher não se faz sozinha, se faz ancorada no social”⁶. Um social que abarca a noção de cultura numa perspectiva mais ampla, identificando os comportamentos e os valores de um grupo social como construídos na problemática do cotidiano e a partir de suas peculiaridades.

É uma noção de cultura que engloba e informa a ação social, pois “é a cultura compartilhada que determina a possibilidade de sociabilidade nos agrupamentos humanos e dá inteligibilidade aos comportamentos sociais”.⁷ O social e o cultural dissolvem-se no desvelar do informal e do cotidiano popular, aspectos que sugerem caminhos alternativos de investigação histórica ainda que resulte, muitas vezes, em certas incongruências compreensíveis na dinâmica do processo histórico, visto que a história não é linear.

É com base nas lembranças individuais enraizadas em múltiplas experiências sociais de grupos que as charuteiras são inscritas na história. Inseridas numa cultura e tradição de oralidade, não por inexistência do recurso da escrita, mas pelo fato de as instituições e os documentos escritos privilegiarem muito mais a oficialidade do trabalho e da instituição e não as suas ações cotidianas. Neste estudo, a fonte oral, então, passa a ser um recurso potencial a lançar luzes sobre as áreas inexploradas da vida diária das charuteiras, ou seja, fazer emergir a memória expressa na voz, nos gestos e no semblante desses seres sociais. A importância maior da fonte oral está em entendê-la na essência da oralidade, pois fontes orais são fontes orais,⁸ não são fontes escritas, portanto, faz-se necessário observar e explorar o conjunto de informações gestuais e seus significados, associados aos espaços e as expressões físicas e da fala

⁵ FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro de. Aula Inaugural da Disciplina **História e Região**. UFBA/FFCH, 11 de novembro de 1998.

⁶ História das Mulheres: As Vozes do Silêncio In **Seminário de História e Historiografia das Mulheres**. Salvador: ÁPEB, 30 de novembro de 1998.

⁷ CASTRO, Hebe. História Social. In CARDOSO, e VAIFAS, op. cit. P. 52.

⁸ PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como experimento em igualdade. In **Projeto História**. São Paulo: n. 14, Fev./97. P. 26.

das trabalhadoras, pois, segundo Alessandro Portelli “o ritmo do discurso popular carregam implícitos significados e conotações sociais irreprodutíveis na escrita”.⁹

O diálogo com a memória - campo pantanoso - sem perder a noção do tempo, sabendo-se que o tempo da memória nem sempre coincide com o tempo objetivo, cronológico, é o que permite compreender as visões de mundo e os valores concebidos pelas trabalhadoras. É um dos caminhos que permite a leitura e a compreensão das várias estratégias de sobrevivência, diante das formas específicas de dominação, que representam o campo de lutas próprias onde as charuteiras projetaram-se como sujeitos de sua própria história na luta pela sobrevivência, seja no trabalho da fábrica, no lar ou nos demais grupos do convívio social.

No silêncio da história existe um inesgotável reservatório de relações humanas, sociais e de gênero. A História Oral possibilita o avivamento dessas memórias e histórias passadas filtradas pelo presente. É o processo interativo entre o sujeito e o seu passado que faz da história também a memória e a identidade dos indivíduos e dos grupos, como se pode observar na fala, de algumas charuteiras, uma certa ansiedade na reconstituição de suas vidas, a preferência e a repetição de fatos que, certamente representam o sentido do presente.

Contudo, existem também muitos problemas de uso intrínsecos à própria fonte oral, como por exemplo, e mais evidente, a não-permanência da palavra falada e a limitação da memória,¹⁰ mas que podem estar relacionados ao esquecimento natural ou à dimensão política da seleção das informações pelo entrevistado, regra que também não foge o documento escrito, fator constitutivo de uma caracterização do vivido histórico, no qual homens e mulheres estão inseridos em suas complexas relações. Afinal, a fonte oral não corresponde, apenas ou necessariamente, ao que o povo ou um grupo tenha feito no seu passado, mas “o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez.”¹¹

⁹ Ibid., p. 28.

¹⁰ PRINS, Gwyn. História Oral. In BURKE, op. cit. P. 177.

¹¹ PORTELLI, op. cit. P. 31.

A evidência oral corresponde ao feito da experiência humana dando o tom próprio no tempo e no espaço, além de oferecer novas possibilidades de responder velhas ou outras questões numa nova perspectiva. Assim, a História Oral através da reminiscência pessoal, é para a História Social um instrumento de poder, tendo em vista a sua adequação aos objetivos e a possibilidade de reconstruir de forma mais consistente a dimensão subjetiva dos processos históricos e instituir sujeitos históricos concretos.¹²

Neste trabalho foram selecionadas pessoas não prioritariamente para serem entrevistadas, mas para uma conversa informal sobre como é ser charuteira ou o que é ser charuteira, na intenção de proporcionar uma relação de igualdade entre pesquisador e pesquisado e, assim, alcançar maior abertura no nível da comunicação. Nestas conversas, percebeu-se que as pessoas recorriam aos tempos, iam e vinham transitando entre passado e presente sem se dar conta da presença alheia, falavam de suas vidas, do seu passado, dos momentos bons e maus, como se estivessem revivendo os fatos, a mudança do tom de voz, as pausas e as expressões faciais demonstram isso. O diálogo direto permite ao pesquisador formar impressões que os livros não podem oferecer. A conversa informal com as charuteiras acerca dos problemas femininos, possibilitaram conhecê-las de uma forma muito particular que os escritos sobre política ou economia da região fumageira não são capazes de oferecer. Portanto, foram as entrevistas, o que estamos aqui chamando de diálogo, a fonte mais rica desta pesquisa, no tocante às experiências sociais das charuteiras.

A seleção das pessoas contou com obstáculos que de alguma maneira definiram a escolha e o perfil dos entrevistados. Fatores como o fechamento das fábricas, que a partir da década de 50 do século XX, desencadeou um processo de desagregação desta população, seguido dos pedidos de aposentadoria que também contribuiu para a dispersão geográfica dos remanescentes. Além de contar com um reduzido número de sobreviventes do período em evidência devido à distância temporal que nos separa. As primeiras pessoas foram localizadas pelo fato de já serem

¹² GARCIA, Marco Aurélio. O Gênero da Militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. In *Cadernos Pagu*. São Paulo: UNICAMP/Núcleo de Estudos de Gênero (8/9) 1997, p.334.

conhecidas na região, por se tratar de charuteiras que, por muito tempo, desempenharam a função viajando a pé para outras cidades, as outras pessoas foram surgindo a partir dos depoimentos das charuteiras, nos quais, também, os mortos figuravam sem distinção dos vivos. Todos eram citados sempre que o pensamento migrava da labuta para evidenciar uma vida em que as pessoas eram mais próximas umas das outras, que havia fortes laços de solidariedade e que, afinal, não agiam e não eram seres individuais como charuteiras.

Dentre as pessoas entrevistadas, identificamos algumas charuteiras que trabalharam em fábricas, em "fabricos" e as que faziam charutos em casa. Laurentina Neves Melo, filha de carregador ambulante e empregada doméstica, nasceu no município de Cruz das Almas em 1913 e aos 11 anos de idade, já morava no Distrito de Cabeças, município de Muritiba, quando deixou a escola para trabalhar no preparo do fumo para a confecção de charutos, no "fabrico de Yayá de Manin". Em 1935, sem carteira assinada, entrou para a Suerdieck em Cruz das Almas, somando-se um longo período sem registro formal de trabalhadora. Em 1940, D. Laurentina Melo, teve em sua Carteira Profissional o registro de fumageira e, em 1943, a sua admissão na profissão de charuteira foi formalizada na fábrica C. Pimentel & Cia., localizada em Muritiba, onde trabalhou até 1973, quando deu entrada em sua aposentadoria, somando-se 30 anos de trabalho na fábrica de charutos, a partir do registro oficial.

Benedita da Silva nasceu em 1923, na Vila de Cabeças, filha de pais agricultores, aprendeu fazer charutos ainda muito jovem por influência de um momento em que grande parte das mulheres da região estava envolvida nesta atividade. Mulher de mascate e mãe de oito filhos, dedicou-se à produção doméstica de charutos por um período de 40 anos seguidos, viajando a pé por muito tempo, quando o transporte automotorizado ainda era muito escasso na região, para comprar o fumo na cidade de Cachoeira e Muritiba, onde também vendia parte de sua produção.

Paralelo a esse período, D. Benedita também trabalhou por cinco anos na COOVALE (Cooperativa Artesanal Mixta do Vale do Paraguaçu), uma cooperativa de charutos instalada em Governador Mangabeira (antiga Vila de Cabeças) e aposentou-se como charuteira da Dannemann, uma fábrica localizada em Cruz das Almas. A

vivência de D. Benedita em relação à fabricação de charutos perpassa desde a modalidade da produção doméstica à da fábrica; a compra da matéria-prima à venda do produto. Mas, foi conduzindo este conjunto de situações e movendo-se nas diversas relações que D. Benedita fez-se charuteira.

Natural de Serra Preta, Bahia, Celina de Jesus Neris, nasceu em 1928 e veio morar em Cabeças ainda criança, onde aos 9 anos de idade já ajudava seus pais no trabalho da roça e aos 12 anos já sabia manipular o fumo e fazer o charuto, atividade que executa até o presente momento - 1996 -, em sua residência.

Trabalhadora dos armazéns de beneficiamento de fumo por 20 anos, D. Celina não se casou nem teve filhos, mas viveu sempre rodeada de parentes cuja responsabilidade do sustento era sua, que também fazia charutos em casa nos horários que ainda lhe restavam. Trabalhou "clandestino para um senhor de Muritiba 14 anos, para o finado Moisés", que lhe fornecia o fumo e comprava-lhe os charutos; negócio que, muitas vezes, foi realizado aos sábados depois de encerrar o expediente de trabalho do armazém.

Começou a trabalhar na fábrica de charutos C. Pimentel a partir da década de 50, saindo todos os dias a pé de Cabeças a Muritiba. Em 1960 entrou para o trabalho do armazém de fumo e, nos períodos de entresafra, quando o armazém fazia o "corte", ou seja, dispensava o maior número de trabalhadores, D. Celina, como tantas outras fumageiras, voltava-se para as fábricas de charutos.

Nascida em 10 de abril de 1908, na Vila de Cabeças, Alzira Ferreira da Silva, filha de trabalhador de armazém de fumo e de charuteira, começou a trabalhar no preparo do fumo "desde que saiu da escola" - expressão comum que correspondia à conclusão do curso primário. Ela não menciona outra atividade ou profissão que não tenha sido a de fabricar charutos em casa ou na fábrica. Com Carteira Profissional datada de 1935, teve a sua admissão na Dannemann de Muritiba, retroativa a 1924 e a saída em junho de 1938, sendo readmitida no mesmo ano e permaneceu lá até a sua aposentadoria. D. Alzira foi mais uma mulher que engrossava a fileira das que caminhavam todos os dias para o pólo industrial do charuto, construindo a sua vida a

partir de uma luta surda, mas contínua, buscando as possíveis melhoras dentro do que lhe era oferecido.

Maria Alves Pereira, nasceu em 1915, também na Vila de Cabeças, é filha de pai alfaiate e mãe charuteira, tendo começado a trabalhar desde os 10 anos de idade até os 75 anos, período em que foi charuteira, parteira e vendedora de acarajé. Trabalhou como charuteira na Dannemann, Costa & Penna e Suerdieck, porém, teve a sua Carteira Profissional assinada somente pela Suerdieck que lhe deu o direito à aposentadoria mais tarde. Percorreu a pé de Cabeças às respectivas cidades de Muritiba, São Félix e Cachoeira onde foram instaladas as referidas unidades das fábricas de charutos, ao mesmo tempo, que era parteira, atividade que não lhe oferecia rendas em dinheiro ou bens, apenas alguns presentes, afilhados e o respeito da comunidade. Mais tarde, quando se mudou para Salvador, passou a vender acarajé para complementar o salário da aposentadoria.

Mulher amásia, D. Maria "ganhou a vida" como charuteira, parteira e vendedora de acarajé. Mas é, sobretudo, no contexto fabril do charuto que, apesar do anonimato que a própria história lhe conferiu, galgou o *status* de profissional, ainda que este não tenha lhe oferecido o padrão de vida desejado, mas significou o resultado de uma luta própria contra os mecanismos de opressão da mulher e da trabalhadora, naquele período.

Maria de Lourdes Conceição Novais nasceu em 1935, na Vila de Cabeças e começou a trabalhar em fabricos de charutos desde os 14 anos de idade. Era filha de mãe solteira, lavadeira de roupas, charuteira e, ao mesmo tempo, era organizadora de festas, das quais ela e seus irmãos participavam efetivamente. Fazer charutos e fazer festas são atividades que, com a mesma frequência e o mesmo entusiasmo, são citadas na entrevista de D. Lourdes. Eram festas voltadas para o culto aos santos católicos, normalmente o santo padroeiro. Em Cabeças estas festas estavam muito relacionadas às comemorações natalinas, estavam dentro e fora da Igreja: eram as lavagens, ternos, sala-da-roça, presépios cantados, procissão, novenário e outras atividades festivas que envolviam toda a comunidade, mas, conforme D. Lourdes não havia uma seleção que hierarquizasse socialmente ou racialmente os seus participantes, pois na festa "todo

mundo era igual, todo mundo era unido não tinha nada de divisão. Não tinha preto nem branco, todo mundo era unido."¹³ Era o catolicismo popular uma das portas de entrada da charuteira ao convívio social mais amplo dentro de sua comunidade, por isso tão valorizado e tão frisado por esta charuteira.

Da Vila de Cabeças, também, Carmelita Oliveira de Jesus não trabalhou em nenhuma fábrica de charutos, entretanto foi charuteira em sua própria casa e na casa de Joana Silva, conhecida como "Joana Preta", onde, por muito tempo, trabalhou juntamente com duas filhas - Tereza e Sônia Oliveira de Jesus -, estas que se tornaram filhas de criação, charuteiras efetivas e herdeiras dos bens de D. Joana, após a sua morte. Joana Silva nasceu em 1915 e tirou a sua Carteira Profissional em 1935, como charuteira. Em julho 1942, registrou-se como charuteira da Companhia de Charutos Dannemann, até dezembro de 1944. A partir de então, há uma lacuna de tempo sem registro de trabalho em sua Carteira, quando, segundo Carmelita, D. Joana abriu um "fabrico" de charutos que funcionava dentro de sua própria casa, chegando, em 1967, a obter em sua Carteira Profissional o registro de "charuteira em domicílio", indo até julho de 1968.

Carmelita, Tereza e Sônia, mãe e filhas representam esta parcela das charuteiras que não tiveram a oportunidade de trabalhar numa fábrica, mas que, da mesma forma, apesar do anonimato, buscaram e romperam com as impressões domesticadas nas quais as mulheres não deveriam trabalhar. Dentro das condições econômicas e sociais desse grupo, ser charuteira, dentro ou fora das fábricas, representava, também, um papel importante no seu grupo social.

Dalva Damiana é natural de Cachoeira, nasceu em 1927, filha de pai sapateiro e mãe charuteira da Dannemann, começou a trabalhar aos 14 anos de idade para ajudar sua família que, além de numerosa, era muito pobre. Como aprendiz do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), Dalva Damiana precisava colocar um banco sobre o outro para chegar à altura da banca de trabalho e, logo que aperfeiçoou as técnicas de fabricação de charutos e cigarros, aumentou a sua idade e foi registrada

¹³ NOVAIS, Maria de Lourdes Conceição. Filha de charuteira e trabalhadora de fabricos, 65 anos. 2000.

na fábrica de charutos Dannemann, em São Félix, conforme CTPS, data de maio 1946. Em 1958, já separada do primeiro marido e mãe de cinco filhos, Dalva Damiana entrou para a Suerdieck S/A, filial de Cachoeira, aposentando-se em 1974 como charuteira.

Relata uma vida de muita pobreza, de muitas dificuldades no sustento e educação dos filhos, nem sempre contava com o marido, e, outras vezes, quando não estava trabalhando na fábrica, ainda tinha que buscar outras alternativas para prover a manutenção de toda a família. Entre a carência econômica e social, esta charuteira, com o auxílio das demais, criou as condições para organizar festas em torno dos santos católicos seja no ambiente da fábrica ou fora dele. Nas festas do padroeiro quando cada fábrica era representada num determinado dia, Dalva Damiana, na liderança de seu grupo, organizava e participava diretamente dos festejos, oportunidade em que esta charuteira criou, dentre tantos outros, o Samba da Suerdieck que se tornou uma instituição, hoje reconhecida pela Bahiaturisa e muito aplaudida na região. A fala de Dalva Damiana expressa uma vida de muito trabalho, pobreza e exploração, ao mesmo tempo em que a amizade, o respeito, a solidariedade e o espírito festivo vividos e sentidos por ela e seu grupo, têm o significado de ir além do árduo viver da mãe, esposa e charuteira de seu tempo.

Foi possível, também, um contato com o Sr. Sebastião Pereira dos Santos, um homem que trabalhou na fábrica de charutos Costa & Penna em 1926, como preneiro e marido de uma charuteira. Este nasceu em 1904, na Vila de Cabeças e casou-se com a charuteira que conheceu nesta fábrica e, posteriormente, também trabalhou em fabricos na Vila de Cabeças, profissão que, também, foi seguida por suas filhas.

Sr. Sebastião, por muito tempo, também foi tropeiro, atividade que aprendera com seu pai, carregando e entregando material de construção na região e trabalhador de "armazém de fumo". Homem conhecido e muito respeitado na cidade em que vive por cultivar os valores morais de seu tempo, ainda com muita lucidez e veemência, relata a vida das charuteiras a partir de suas experiências pessoais, como homem, trabalhador da indústria do fumo e marido de uma charuteira, no convívio da fábrica, do lar e da rua, transitando entre passado e presente, como se o tempo representasse

mundos distantes e distintos. Sua fala acumula uma fusão de funções e de lugares que ocupa nas relações sociais de seu tempo, o que permite uma análise das relações a partir do olhar masculino.

Rose Schinke, que nasceu em 1943 e residente em Cachoeira é filha de Zelinda Brito, charuteira e aneladeira da Suerdieck em Maragogipe, e do alemão Johann Schinke, técnico e gerente dessa fábrica,¹⁴ posteriormente, gerente da Dannemann em São Félix. Destacada desta complexa relação entre estrangeiro e brasileiro, chefe e operários e, entre estes, as charuteiras, Rose Schinke representa um ponto de vista inverso, que é o do patrão, entretanto ela se manteve sempre numa posição de proximidade com as charuteiras, através de seus pais ou de D. Marcelina, charuteira que depois do fechamento das fábricas passou a morar com a família Schinke. Considerando que Rose Schinke ainda vive de uma pequena fabricação de charutos na cidade de Cachoeira, ela representa uma voz que anima os valores de uma convivência entre “mundos” diferentes, ou seja, o branco estrangeiro e patrão e as charuteiras.

As charuteiras representam, no entanto, mulheres que, fazendo o charuto em casa e/ou na fábrica, fizeram-se mães, esposas, amigas, liderança de festas e trabalhadoras, ao mesmo tempo em que souberam conviver para sobreviver e, ao longo do tempo, ainda guardam na voz e na fisionomia as marcas de seu tempo – o de ser charuteira.

Potencializar a existência das charuteiras como sujeitos históricos, suas vivências e ações, é dar-lhes voz para expressarem o seu tempo que não é rígido, nem linear, que não é o mesmo da fábrica, mas que se move conforme os sentimentos, aspirações e a concreticidade da história; para resgatar as suas experiências como estratégias de sobrevivência, quando tentavam “fazer a vida” e a história. Portanto, o que buscamos é mostrar os sentidos que emergem das falas, dos gestos e sentimentos no presente sobre o passado, este que é a substância de suas vidas.

¹⁴ Maragogipe, palavra que deriva do Tupi, essa seria a grafia correta para o nome do município onde foi instalada a fábrica Suerdieck, porém foi utilizado em todo o texto "Maragogipe" por assim constar em todos os documentos consultados.

O conjunto das situações que envolvia as charuteiras, dá margem a questionamentos sobre o cotidiano dessas mulheres no âmbito do trabalho fabril, considerando os aspectos da mão-de-obra, as relações trabalhistas percebidas nas diversas direções e suas influências na família e na sociedade. Neste sentido, o uso da fonte oral não exclui a possibilidade da utilização de outras fontes que têm lugar indispensável na construção do objeto, antes opera em harmonia permitindo o cruzamento sem que seja necessária uma hierarquização delas.

Incorporadas ao laboratório do historiador, as imagens estão ligadas aos sistemas de representação do homem e da sociedade. No caso da fotografia, um tipo de registro visual, não-escrito, silencioso e de conteúdo não-verbal, que nem sempre é compreendida com facilidade, sobretudo se foi produzida em um contexto afastado ou se o evento registrado faz parte de outro contexto, tanto no espaço quanto no tempo, a imagem do passado exige maior grau de interpretação, precisa ser decodificada em seu sentido histórico.¹⁵ É a partir dessas observações que uma pequena série de fotografias, onde as charuteiras estão dispostas em atividade, numa das fábricas, auxiliam na análise do perfil sócio-econômico e cultural e dão a noção do universo feminino da fábrica de charutos.

Para situar as charuteiras no Recôncavo fumageiro e perceber a sua singularidade na dinâmica sócio-cultural do seu tempo, um dos canais de possibilidades é o rastreamento e leitura das fontes escritas que estão relacionadas com o mundo urbano das cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba, assim como o mundo da manufatura fumageira no intercâmbio entre suas unidades, quando fornecem as pistas das relações trabalhistas e da importância dessa atividade na região.

Fichas de registro de trabalhadores da Suerdieck de Maragogipe, Livros de Registros das Empresas da Junta Comercial Bahia, Relatórios e Boletins da Associação Comercial da Bahia, Correspondências diversas – dirigidas ou recebidas –, Decretos, Circulares, Memoriais da Secretaria de Governo do Estado da Bahia, da Secretaria da Indústria e do Comércio, da Secretaria de Agricultura. Memorial da Leite

¹⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion e MANUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema. In CARDOSO, e VAIFAS, Ronaldo. op. cit. P. 405-412.

& Alves, Correspondências de comunicação interna da Dannemann, o “Correio de São Félix”, jornal de grande circulação na região, são fontes que permitem situar as charuteiras no seu contexto histórico, visualizando um percurso entre 1906 a 1950, embora com os prejuízos irreparáveis de algumas lacunas, que são, de fato, os problemas que enfrentam o pesquisador e que o fazem trabalhar com as fontes que encontra e não com as que deseja trabalhar.¹⁶ É preciso levar em consideração o problema das fontes e valorizar todos os achados, por menores que sejam, mas que revelem as ações das charuteiras no sentido de sua auto-afirmação como sujeito de sua história.

Fontes oral, escrita e imagem se cruzam na recriação dos fatos que promoveram uma consciência de luta, ainda que rasteira e sutil, mas concreta: as estratégias de sobrevivência das charuteiras do Recôncavo Sul da Bahia. Porém, vale ressaltar que, até aqui, a leitura das fontes significou, apenas, um único e restrito olhar lançado sobre uma imensa pluralidade humana, econômica, social e cultural que ainda pode oferecer, no tocante às estratégias de sobrevivência das charuteiras, espaços para outras leituras a partir das mesmas fontes.

Assim, no *primeiro capítulo* - "Recôncavo Fumageiro: palco de uma fisionomia social e cultural" - foram analisadas as condições naturais e históricas da região, onde se desenvolveu a cultura do fumo e o potencial econômico derivado dessa lavoura e respectivas indústrias. A partir de então, buscou-se pontuar as principais referências da origem do tipo humano que ali arraigou-se, povoando e formando socialmente o Recôncavo Fumageiro. O Recôncavo dos plantadores, das manufaturas e das charuteiras, estas que souberam lutar e burlar o sistema patriarcal para conquistar sua autonomia como mulheres e trabalhadoras. O conteúdo deste capítulo cedeu as bases para a compreensão do contexto histórico, econômico e social em que foram instaladas as fábricas de charutos e sob o qual desenrolou o cotidiano das charuteiras.

O *segundo capítulo* - "Ser Mulher" - discute a construção do "ser mulher" e "ser homem" em nossa sociedade, os lugares que, culturalmente e socialmente, cada

¹⁶ REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: Resistência Negra no Brasil Escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 15.

um ocupa no conjunto das relações de gênero e que estabelece graus de importância para cada sexo. Ao tratar da origem da submissão feminina, aponta-se a charuteira como aquela que se localizou no entremeio dos padrões morais e comportamentais, reunindo as possíveis condições e lutando para romper com esses padrões de base patriarcal diferentemente de outras mulheres dos demais seguimentos sociais.

O *terceiro capítulo* é o cerne deste trabalho. Em "Uma Incursão pelo Cotidiano das Charuteiras", foi privilegiado o labor do cotidiano das charuteiras, suas lutas, vitórias e derrotas; o fazer charutos e o fazer-se na construção de sua cidadania marcava o cotidiano fabril, estendendo-se até às festas onde a liberdade instalava-se para promover, além da diversão, os momentos de fuga da exploração e da dominação. A distância que separava as charuteiras da Vila de Cabeças das fábricas de charutos, localizadas nas cidades vizinhas; a presença maciça de mulheres na confecção de charutos das fábricas, formando um quadro que contrariava os dados da indústria nacional naquele momento; a fama como critério de seleção das charuteiras para atender a demanda nas fábricas; o processo de fabricação de charutos, suas etapas e o resultado final que, como uma obra de arte que qualifica a mão-de-obra, envolvia as charuteiras numa busca constante pela perfeição e pelo reconhecimento profissional e social do seu trabalho; as ações e reações implementadas pelas charuteiras dentro das fábricas para forjar as normas e burlar a fiscalização; assim como a forma como as charuteiras entendiam o ganho que tinham com essa atividade, sendo absorvido por elas como "ganhar a vida", abarcando significados que iam além do salário e de atender as necessidades imediatas; e, por fim, as festas, como diversão e, ao mesmo tempo, representando a fuga da dominação no trabalho e na família, da mesma forma que era vivida como um espaço de liberdade e de reafirmação de sua autonomia como mulheres e trabalhadoras.

Aqui as charuteiras não foram analisadas, apenas, como "força de trabalho", mas como aquelas que fizeram a sua história, através das regras e espaços conquistados no cotidiano do trabalho, que poderiam ser em casa, nos fabricos e nas fábricas ou mesmo no espaço das festas profanas.

CAPÍTULO I

1. RECÔNCAVO FUMAGEIRO: PALCO DE UMA FISIONOMIA SOCIAL E CULTURAL

“Mas a história do Recôncavo é também a história das contradições”.

M. de A. Brandão

Chama-se Recôncavo a região que circunda a Bahia de Todos os Santos, formando o grande anfiteatro no qual, há mais de quatrocentos anos, se vem desenrolando um dos mais antigos capítulos da colonização do Brasil, que ali teve o seu começo (...).¹⁷

A delimitação precisa de uma região é por demais complexa em função dos vários aspectos que esta incorpora, seja do ponto de vista geográfico, econômico, político, social, cultural, histórico ou antropológico. Não havendo, dessa forma, um lugar específico e estático para cada característica que compõe uma região, pois ela se completa num todo harmônico, embora distinto, que sofre e gera transformações no tempo.¹⁸

A região do Recôncavo que se ergueu a partir de uma sociedade ligada à produção e manufatura do fumo e que ora buscamos entender, antes de ser, apenas, um espaço geográfico, é o resultado de um processo histórico, cuja dinâmica da realidade sócio-econômica, num determinado tempo, é que definiu o referido espaço, este que foi dirigido e organizado por uma sociedade, mas que não se reduz somente a uma elite econômica local.

¹⁷ PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador (Ba): Fundação Casa de Jorge Amado; Academia de Letras da Bahia; Universidade Federal da Bahia, 1998. P. 103.

¹⁸ OLIVEIRA, Francisco. *Elegia para uma Re(li)gião: SUDENE, NORDESTE. Planejamento e conflito de classes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pp. 27-28.

Trata-se de parte do Recôncavo, o Recôncavo das charuteiras que também, não apresentou, em sua totalidade, uma área uniforme no que tange aos aspectos econômico e social e que, como os demais espaços, englobou e ainda engloba em sua formação variados aspectos. É, portanto, o Recôncavo das charuteiras, uma área social mais restrita dentro da zona urbana do Recôncavo fumageiro a qual, a partir da intensa atividade de fabricação de charutos, engendrou novos tipos de relações sociais, de instituições e de valores e que em congruência com a produção e reprodução cultural, traduziram o “estilo de vida e psicologia social de sua gente”.¹⁹

O campo de observação deste trabalho, como já foi destacado, percorre um período que vai de 1906, quando a documentação disponível fornece o registro das primeiras charuteiras da empresa Suerdieck e, que a partir de então, a indústria de charutos desenvolveu-se e potencializou econômica e socialmente a área fumageira; até 1950, quando acentuou-se o processo da crise e declínio da produção na região, dentro de um complexo contexto de contradições.²⁰

Considerando a especificidade de as charuteiras estarem diretamente ligadas à manipulação do fumo, lançamos um breve olhar sobre este produto e suas relações com a região e a população que ali viveu no auge de sua produção e industrialização, elemento importante na formação das relações sociais e culturais que envolveram as charuteiras desta região.

1.1 - A terra por excelência produtora de tabaco

A zona fumageira encontra-se mais recuada em relação ao litoral, constituindo parte do chamado Recôncavo Sul. Segundo o CEI (Centro de Estatística e Informação

¹⁹ BRANDÃO, Maria de Azevedo. Cidade e Recôncavo da Bahia. In BRANDÃO, op. cit. P. 30-32; segundo Milton Santos, é possível se destacar um Recôncavo açucareiro, um Recôncavo fumageiro, mandiogueiro, de cerâmica e um da pesca. Preferimos falar do “Recôncavo das charuteiras”, que é parte, também, do Recôncavo Fumageiro, mas acrescentando aí o aspecto social, nosso maior interesse. SANTOS, Milton. A Rede Urbana do Recôncavo In BRANDÃO, op. cit. Pp. 61-65.

²⁰ BRANDÃO afirma que é a partir da segunda metade do século XX que a expansão da rede rodoviária nacional e a integração do mercado interno, dentre outros fatores de ordem história e política, que terminaram por marginalizar os velhos centros de produção regional, deprimindo a imponente rede que envolve a Baía de Todos os Santos. op. cit. Pp. 29-42.

– 1940) esta região estendia-se de Maragogipe a Santo Antônio de Jesus. Nestes limites, destacam-se as cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba, interligadas pela antiga estrada BA 02. Seguindo o curso do Rio Paraguaçu, a sua margem direita é ligada a Cachoeira pela Ponte D. Pedro II, que encontra do outro lado do rio a cidade de São Félix e, subindo a escarpa da falha, chega-se a cidade de Muritiba e, a seis quilômetros após, o Distrito de Cabeças (Governador Mangabeira – município criado em 1962). Nesta porção do Recôncavo Baiano, sob as coordenadas 120 23' a 130 24' latitude sul e 380 30' a 400 10' longitude oeste,²¹ centra-se a área que, por muito tempo, enquadrou-se sob um mesmo gênero de vida a partir da cultura do fumo, envolvendo toda a sua população, de modo particular as charuteiras, direta ou indiretamente na lida deste produto, desde seu auge, crise e decadência.

Dentro destes limites territoriais o solo apresenta uma composição natural adequada à lavoura fumageira por ser sílico-argiloso e rico em húmus, propriedades que associadas à fertilização com o esterco de gado, prática muito freqüente em toda a região naquela época, determinavam a boa qualidade e quantidade dos fumos do Recôncavo, pois, segundo o memorialista Anfilóbio de Castro "até seis meses quando o fumo, com tempo favorável em terreno bom e forte, que dá até treze córtes, qual vimos no Fumal, nós e o culto cientista bahiano Sr. Dr. Heitor Fróes".²² Embora, ao longo do tempo, o fumo tenha se alastrado por quase todo o Recôncavo, é nos campos de Cachoeira que ele deu os primeiros sinais de seu desenvolvimento na região:

*Creio que não ignoras ser a erva do tabaco de qualidades diferentes, a que se tem igualmente dado diversidades de nomes, e que tôdas elas produzem maravilhosamente por todo o Brasil, mas que nos campos da vila da Cachoeira distante 14 léguas a Oeste da cidade de Salvador, é que nos domínios portugueses do Brasil, se descobriu a terra mais própria, e melhor para a plantação desta lucrativa erva, cujo Real Contrato anda hoje pela soma que não ignoras.*²³

²¹ PINTO, L. A. Costa. **Recôncavo Laboratório de uma experiência humana**. Salvador: SEPLANTEC, 1970, pp. 08-09.

²² CASTRO, Anfilóbio de. **Muritiba: sua história e seus fados 1559 - 1941. Digressões - Notas à Bahia**. Bahia: Tipografia Naval, 1941, p. 104. LAPA, J. R. Amaral. **Economia Colonial**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973, pp. 160-163.

²³ VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no Século XVIII**. (Notas e comentários de Braz do Amaral). Bahia: Editôra Itapuã. Vol. I, 1969, p. 197.

A cidade de Cachoeira, dentre as demais, representava o centro político-administrativo e das relações econômicas na região, devido à sua posição portuária, depois ferroviária que, juntamente com São Félix e Muritiba, esta última um dos pontos de pouso dos transportadores de mercadorias, tinham a função de sediar o escoamento da produção, inclusive o fumo em grande quantidade, além de intermediar a capital e o interior mais distante, ou seja, o sertão, ao recambiar uma série de produtos exportáveis, fato que reproduziu o cenário de tropeiros e vaqueiros a transitar pelas ruas daquelas cidades em direção ao porto. Essa rede de comunicação solidificou-se em fins do século XIX e no início do século XX, com a abertura de estradas de rodagem e a conseqüente utilização de veículos automotorizados, embora este tenha sido um dos fatores importantes para a progressiva transferência da importância econômica e política dessa região para outras áreas, isolando-a do resto do país.²⁴

Situado nos terraços fluviais da margem esquerda do Paraguaçu, o porto da Cachoeira tem a sua utilização e considerável importância no Recôncavo datadas desde a colonização e mesmo com a extensão da malha viária já nas décadas de 40 e 50, grande parte da produção do planalto fumageiro, incluindo a das manufaturas de charutos, ainda era escoada por via flúvio-marítima, elemento muito importante na estruturação econômica e social da região.²⁵ Em correspondência oficial ao ministério da Viação, em 24 de junho de 1949, Aristides Milton, prefeito de Cachoeira, justifica o pedido de Cr\$ 200.000,00 para a construção do cais da Vila do Iguape, afirmando que "Quase todo transporte é feito por via fluvial e d'ai a necessidade extrema e urgente do cais de que trata a emenda".²⁶

Este cenário sugere um intenso movimento de entrada e saída de mercadorias na região que caracteriza o tempo de uma economia promissora, embora contrastasse com um quadro social de muita pobreza que ali margeava e para lá se dirigia em busca

²⁴ SANTOS op. cit. Pp. 70-80.

²⁵ IBGE, *Sinopse Preliminar do Censo demográfico de 1970: Bahia/IBGE*. Rio de Janeiro: 1980, pp. 17/18.

²⁶ ARQUIVO MUNICIPAL DE CACHOEIRA. *Correspondências Oficiais*. Est. 6, Cx. 169, 1949.

de trabalho, inclusive nas fábricas que formavam o parque manufatureiro da região.²⁷

Datada dos tempos da colonização da Bahia, a atividade fumageira desdobrou-se paralelamente à produção do açúcar na região,²⁸ a partir de uma organização sócio-econômica e cultural diferenciada. Podia o fumo ser produzido em pequena escala e, seu beneficiamento, além de não exigir alto nível de especialização, era menos dispendioso que o açúcar, tais condições atraíam pequenos agricultores para aquela atividade.²⁹ O fumo, ainda que de qualidade inferior, conhecido como **fumo-de-corda** representou, por muito tempo, uma atividade econômica secundária no comércio colonial do tráfico de negros com a África.³⁰ Entretanto, ao longo dos séculos, sem muita modificação em suas técnicas de plantio e beneficiamento, mas já sendo produzido em forma de **rapé** e folhas selecionadas para fabricação de charutos, foi assumindo uma posição de destaque e estabilidade dentro da pauta de produtos exportáveis para outras partes do mundo, assim como, aumentou o consumo interno possibilitando a emergência de um mercado consumidor local que viria a favorecer essa economia e a formação de um quadro social característico.

Anfilóbio de Castro informa que "fomos nós que já em 1559, enviamos sementes de fumo a Portugal", mas, é somente a partir da segunda metade do século XVII que a cultura do fumo passou a ser uma das principais lavouras típicas do Recôncavo Sul da Bahia,³¹ atendendo ao crescente interesse comercial de Portugal, ao tempo em que este forçava o abrandamento das medidas restritivas à lavoura em favor

²⁷ PINTO, In **BRANDÃO**, op. cit. pp. 1998, 123-133.

²⁸ ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil**. (texto confrontado com o da edição de 1711. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1982. p.149. Segundo Marisa Corrêa, o fumo da Bahia, além de ter sido produzido simultaneamente ao açúcar, rendeu mais que o ouro das Gerais aos cofres portugueses. CORRÊA, Marisa. Repensando a Família Patriarcal Brasileira In ARANTES, Antonio Augusto (et alli) **Colcha de retalhos Sobre a Família no Brasil**. S. Paulo: Brasiliense, 1982, p. 19.

²⁹ CASTRO, op. cit., p. 107.

³⁰ BORBA, Silza Fraga Costa. **Industrialização e Exportação de Fumos da Bahia de 1870 a 1930**. (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – UFBA) Salvador (BA): 1975, vol. 2, p. 12.

³¹ MATTOSO, Katia de Queirós. **Bahia: Século XIX: uma província no Império**. R. J., 1992. P. 463; Ainda, segundo SCHWART, a produção de fumo para comercialização tem início nesta região por volta da segunda década do século XVII, quando pequenos agricultores iniciaram em São Pedro do Monte de Muritiba as primeiras plantações, seguindo-se à Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, onde começou a centralizar a indústria do fumo de rolo: SCHWART, Stuart. **Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1.ª edição, 1988, pp. 84-85.

de uma certa política protecionista que lhe favorecia no comércio de escravos com a África e as especiarias no Oriente.

Para o século XVIII, segundo Vilhena, “há nesta Capitania diferentes paragens, onde se lavra tabaco; os sítios porém onde há mais fazendas dêle são com preferência a todos do Brasil, os campos da Cachoeira”.³² No final do século XVIII, só no distrito de Cachoeira havia oito mil plantadores de fumo e na maioria rendeiros,³³ criando, a partir de então, uma espécie de tradição em torno dessa atividade e um tecido social territorialmente diferenciado.

Nos últimos anos do século XIX, a lavoura do fumo constituía o principal artigo de exportação e, ao raiar do século XX, já contando com a instalação das fábricas de charutos, continuou contribuindo com as rendas auferidas pela exportação na economia da Bahia, sendo o Recôncavo o maior fornecedor de fumo e derivados de todo o Estado, e foi assim até mesmo quando já não ocupava lugar de destaque por ocasião das sucessivas crises e dificuldades que a lavoura enfrentava.³⁴

A produção e exportação de fumo dos tipos superiores, provenientes do Recôncavo, favoreceu na Bahia fortes relações comerciais com o estrangeiro, principalmente com as cidades de Bremen e Hamburgo na Alemanha, que tinham em 1827 os seus consulados instalados na capital deste Estado. A Alemanha representava o mais importante mercado de fumo de charutos de toda a América. Bremen, chegou ao fim do século XIX com o primeiro lugar na importação mundial de fumo em folha e, no início do século XX o fumo da Bahia – como é chamado o fumo do Recôncavo -, ocupou lugar de destaque no comércio de Bremen, antes dividido somente com os Estados Unidos.³⁵

O fumo do Recôncavo era exportado tanto para o estrangeiro como para outras áreas internas do país, assim como mantinha, em grande parte, as indústrias locais. Ao

³² VILHENA, op. cit. p. 199.

³³ MATTOSO, op. cit. P. 463.

³⁴ BORBA, op. cit. p. 10; ALMEIDA, Rômulo. *Traços da História Econômica da Bahia no último Século e Meio*. (1.ª Conferência de um Curso de Economia promovido pelo Instituto de Economia e Finanças da Bahia, em 7/11/1949). Salvador (Ba.): junho de 1951, n.2. PP. 8-9.

³⁵ BORBA, op. cit. PP. 75-78.

mesmo tempo, a Bahia constituía-se num grande importador de fumo de várias partes, através de Bremen de onde também, adquiria os charutos alemães. Tais relações comerciais evidenciam o reflexo do controle do mercado do fumo baiano pela Alemanha, pois, do Recôncavo era exportado o fumo bruto, que naquele país era beneficiado e reexportado como fumo de alta qualidade para ser utilizado nas manufaturas do Recôncavo a preços altíssimos. Entretanto, comparado muitas vezes com o fumo de Havana, o fumo do Recôncavo, quando aqui beneficiado, também era destinado aos charutos de qualidade superior.³⁶ Segundo Anfilóbio de Castro, em sua obra sobre Muritiba:

*Claro, aroma delicioso, fino, leve, elástico e resistente; folhas de limbos largos, nervação delicada, lisas, ora apresentando pêlos gramulosos a que chamamos em vulgar - "carrosquilhos", é o fumo das nossas boas "malhadas". (...) Daí a sua reconhecida estima e preferência sôbre o de todas as demais zonas, para a indústria charuteira.*³⁷

Cachoeira, São Félix, Muritiba e seus arredores representaram, portanto, o centro da cultura fumageira na Bahia, desde à colonização até o período de retração econômica, seja pela qualidade do fumo, seja pelos produtos ali produzidos. Outeiro Redondo, distrito de São Félix, chegou a receber incrementos do governo pela “produção de safras apreciáveis na balança do Estado”.³⁸ O fumo de São Félix era, de fato, para o exterior, a melhor espécie exportada pelo Brasil, por corresponder às exigências do mercado na produção de charutos finos.

Porém, num processo de sucessão histórica e ecológica o pólo fumageiro foi, gradativamente, sendo transferido para Cruz das Almas e outras áreas, como pode-se verificar já através da produção do ano de 1926, quando Cachoeira, São Félix e Muritiba juntos produziram 1.140.000 quilos de fumo e Cruz das Almas, sozinho, produziu 1.660.000.³⁹ Conforme resumo dos trabalhos do ano de 1936, do Instituto

³⁶ SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, 1905-1955. Salvador: Tipografia Manú Ed. Ltda. 1955.

³⁷ CASTRO, op. cit., p. 104-105.

³⁸ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. DIAS, L. Gonzaga. O Congresso nacional do Fumo: histórias e problemas vistos em conjunto. *Correio de São Félix*. São Félix: Publicação aos sábados, n.º 887, 12/07/1952.

³⁹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Seção Republicana. Sec. Da Agricultura. *Correspondência anexa ao Regulamento do IBF*. Cx. 2378. M. 149, p. 07.

Bahiano de Fumo (IBF), Cruz das Almas tinha cadastrado 1.521 lavradores e rendeiros produtores, Muritiba 1.466, enquanto que Cachoeira e São Félix não aparecem mais como grandes produtores de fumo.⁴⁰ Em meados do século XX, com o evento da rodovia e do caminhão, que contribuíram diretamente para as transformações espaciais da indústria fumageira naquela região, Cruz das Almas já representava o maior produtor de fumo entre aqueles municípios.⁴¹

Essa mudança de direção no quadro da importância econômica dos antigos municípios produtores e beneficiadores de fumo, causou um certo mal-estar, que, já em 1941, sem perceber as mudanças conjunturais oferecidas pelo momento, Anfilóbio de Castro escreveu:

*(...) e, de culpa nossa, nos tomou [Cruz das Almas] a vanguarda, desaparecendo assim o nosso nome que, muito acreditado e conceituado, brilhava nos mercados estrangeiros, onde as grandes "marcas" atuais, feitas de fumo nosso, em nossos armazéns, levam chapas dizendo-se de outras procedências, como se possível noutras partes genero igual, e operários aptos e escrupulosos como o muritibano.*⁴²

O Recôncavo Sul da Bahia passou a ser, então, o principal centro da cultura fumageira e de sua exportação, representado embora em períodos diferentes, pelos municípios de Maragogipe, Cachoeira, São Félix, Muritiba, Cruz das Almas, São Felipe, Nazaré, Santo Antônio de Jesus e, percorrendo uma grande faixa de ambos os lados do Rio Paraguaçu, os chamados tabuleiros terciários, sempre recuados do litoral, formando aí uma zona natural produtora de fumo, de onde procedia várias espécies de fumo apropriadas ao fabrico de charutos pelo tratamento dado às suas folhas.⁴³ No

⁴⁰ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Seção Republicana. Sec. Da Agricultura. **IBF: Resumo de seus trabalhos durante o ano de 1936.** Cx. 2378. M. 149, p. 07.

⁴¹ SANTOS, op. cit. p. 79.

⁴² CASTRO, op. cit., p. 104.

⁴³ BORBA, op. cit. p. 19; PINTO, op. cit. 1998, p. 122; APEB. Seção Republicana. Sec. Da Agricultura. Correspondência anexa ao Regulamento do IBF. Cx. 2378. M. 149, p. 10: Os tipos de fumo são classificados conforme as zonas produtoras: o "mata", fumo suave e fino era procedente de Belém (distrito de Cachoeira), Muritiba, Cruz das Almas, Conceição do Almeida, Maragogipe, São Felipe e Santo Antonio de Jesus; o "Beira-campo", ou seja, fumo forte e fino procedente de São Gonçalo e Cachoeira; produzindo as outras áreas um fumo mais "ordinário". Cada uma dessas espécies pode ainda apresentar variações secundárias de qualidade.

relatório do IBF, de 1936, pode-se observar a classificação dos fumos pela sua preferência nos setores manufatureiro e comercial:

*Os fumos de Matta e São Gonçalo são os mais usados nas nossas fábricas de charutos e gozam de preço elevado, como os de Cruz das Almas que são também superiores, e das zonas próximas conhecidas como "Matta Perto", por alguns negociantes. (...) Em São Gonçalo e Cruz das Almas, fumos cultivados com cuidados especiaes, por alguns agricultores, e cortados folha por folha, cuidadosamente beneficiados alcançam preços de 80\$000 e mesmo... 100\$000 a arroba. Estes fumos especiaes são quasi todos comprados pelas nossas fabricas de charutos.*⁴⁴

Nos anos 30 do século XX, a lavoura do fumo já havia se estendido a outras áreas do Estado, como por exemplo, Coração de Maria, São Miguel das Matas, São Gonçalo dos Campos e Castro Alves, chegando a 101 municípios dos 152 na época, o que caracterizou uma expansão que demonstra sua importância como produto agrícola de peso na economia baiana, já considerado como aquele que "tem uma tríplice influencia: é artigo de exportação, é objecto de geral consumo interno e é fonte fiscal ou de renda".⁴⁵ Esse processo de evolução da importância econômica do fumo na Bahia, principalmente, no Recôncavo, é que contribuiu para a instalação e ampliação de várias empresas de manufaturas deste produto, coincidindo a época da grande exportação de fumo com o surto manufatureiro, localizado principalmente nas cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba, que tiveram seu auge, considerando os períodos de crise, até a década de 50 quando começa o processo da decadência da manufatura fumageira na região.⁴⁶

No relatório de 1931, a Associação Comercial da Bahia ao solicitar ao interventor do Estado, Juracy Magalhães, proteção para os fumos brasileiros em nome dos comerciantes, revela que "este Estado tem na exportação do fumo em folha um dos índices mais elevados da sua expressão econômica e financeira".⁴⁷ Sabendo-se que o

⁴⁴ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Seção Republicana. Sec. Da Agricultura. Correspondência anexa ao Regulamento do IBF. Pp. 3-4. Cx. 2378. M. 149.

⁴⁵ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Secretaria da Agricultura Indústria e Comércio. **Relatório sobre o fumo**. Cx. 2378, M. 149, p. 31.

⁴⁶ BORBA, op. cit. p. 18; SANTOS, op. cit. Pp. 80-87.

⁴⁷ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA BAHIA. **Relatório da 91.ª Directoria – 1931**. Bahia: 1932, pp. 235/8.

fumo em folha, de alta qualidade e produzido nessas áreas, serviam exclusivamente para capas de charutos.

Em 1941, por época da comemoração do terceiro ano de governo do interventor da Bahia Landolfo Alves, num boletim que informava as suas principais obras, a lavoura do fumo ainda tem elevada apreciação porquanto "foram incorporados ao Campo de Fumo de São Gonçalo mais cem hectares de terras", estas que foram desapropriadas para atender a todos os pequenos agricultores que quisessem plantar fumo, além de construir naquele campo estufas para secagem do fumo para produção de cigarros, São Gonçalo é um município que se localiza entre o Recôncavo e Feira de Santana e serviu de sementeira, ou seja, de campo experimental do Instituto Bahiano do Fumo.⁴⁸

A situação do mercado do fumo em folhas, produto do Recôncavo baiano, destinado à produção de charutos e cigarrilhas, foi considerada naquele momento bastante promissora, uma vez que mereceu nota publicada em jornal local, na data de 26 de julho de 1942, revelando diversos dados sobre o assunto, entre eles que "70% da produção foi vendida para o exterior e 100% da produção foi em época própria, vendida pelos agricultores aos enfardadores, a preços duplos dos da safra passada, (...)".⁴⁹

Em 1952, ocorreu em Salvador o Congresso Nacional do Fumo voltado para o estudo de novas técnicas na cultura do fumo, assim como, para a busca do amparo à lavoura e assistência financeira aos produtores e industriais, acontecimento que revela a importância do fumo naquele período. Na oportunidade, o Jornal Correio de São Félix dedicou importantes espaços à história do fumo e das manufaturas naquela região, como a publicação em 26 de abril de 1952, da palestra "Fábricas de Charutos", proferida pelo Comendador José Ramos de Almeida Alves, em 09/04/1952 no Rotary Club Cachoeira - São Félix; os artigos "O Fumo na História" de Enio N. Labatut que ocupou o número do dia 10, 17 e 24 de maio de 1952; e "O Congresso Nacional do

⁴⁸ APEB. Sec. Doc. Administrativa. Papeletas, Circulares e Outros. 1940-1947. E. 087, Cx. 2281. M. 1935.

⁴⁹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. São Félix: Jornal semanal, n.º 65, 26/07/1942.

Fumo: histórias e problemas vistos em conjunto" de L. Gonzaga Dias, publicado em 12 de julho de 1952.

A zona fumageira definiu, ao longo do tempo, uma nova hierarquia para as cidades da região no plano da importância do desenvolvimento econômico e sócio-espacial,⁵⁰ emprestando também a sua população características culturais diferenciadas das regiões vizinhas ou da mesma região em outros tempos a exemplo da região canavieira.⁵¹ O fumo, portanto, constituiu-se num elemento importante nesta região, não apenas como produto auxiliar de sua economia, mas como produto econômico primário de uma sociedade, que além de uma paisagem natural, delineou uma paisagem humana e social característica de suas propriedades, desde o trato na roça, o uso na fabricação de charutos até o comércio.

A evolução da importância do fumo na região revela o grau de envolvimento da população que, ao longo do tempo, dedicou-se ao seu plantio, beneficiamento e manufatura, delineando, também, uma fisionomia social e cultural do Recôncavo Fumageiro, ou seja, o domínio da cultura fumageira representou outra economia, outra vida e outra cultura, refletindo assim, na formação de uma sociedade diferente do Recôncavo açucareiro.

1.2 - Referências do tipo humano histórico-social dos fumageiros

A formação da população do Recôncavo Fumageiro, quanto às características raciais e sociais, está intimamente ligada a sua história desde o período da colonização quando índios, europeus - principalmente o português - e negros, representaram as matrizes do processo de miscigenação que ofereceram, posteriormente, também os referenciais de cor desta população.

Esta região foi povoada pelos índios Tupinambás, que somavam ainda no período dos três governos gerais 47 aldeias. São Félix, por exemplo, constituía-se

⁵⁰ SANTOS, op. cit. 1998, pp. 66-70.

⁵¹ SCHWART, op. cit. p. 85.

numa aldeia de índios com 20 palhoças habitadas por cerca de 200 índios. Com a instituição do domínio português e a resistência indígena, instalou-se a guerra de destruição a esses índios que constituiu-se em um denominador comum na história de ocupação do Recôncavo, da qual resultou o gradativo despovoamento desta região. É neste processo de luta de resistência à escravidão e ao poder sobre o seu território que os índios sobreviveram, em parte, e não resistiram ao cruzamento com o colonizador, permitindo o primeiro passo para o processo de miscigenação do Recôncavo.⁵²

Quanto aos negros é sabido que a sua presença esteve relacionada à escravidão africana e teve no Recôncavo, desde a colonização até o final do século XIX, a maior concentração da Bahia. A sua demanda nesta região vinculou-se ao crescimento da indústria do açúcar e as plantações de fumo, estas últimas para sustentar o tráfico de escravos no "comércio triangular".⁵³

Cruzando as informações da evolução demográfica do Censo e os números sugeridos por Bastide, tinha a Bahia já em 1890, uma população de 1. 919. 802 habitantes e, destes 75,97% eram de negros, relativamente proporcional a estes números também todo o Recôncavo,⁵⁴ considerando que era Cachoeira e São Félix os centros de irradiação negra do Estado.⁵⁵

Porém, esse mesmo Recôncavo se estabeleceu como área de transição, pela sua comunicação com a Baía de Todos os Santos e o sertão, através dos rios que nesta baía desembocam e, mais tarde, com as rodovias que contribuíram para a distribuição da população, seja dos que chegavam ao Recôncavo ou dos que saíam deste em direção à capital ou ao sertão, mas que cruzavam o mesmo ponto.⁵⁶ Neste percurso o processo de fusão das raças foi redefinindo, ao longo do tempo,

⁵² MATTOSO, op. cit. Pp. 69-81; ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX: *Jornal da Cidade*. São Félix e sua história. São Félix: edição especial, 10/1990; AZEVEDO, Eliane S. *Populações da Bahia: Genética e História* In *UNIVERSITAS: revista de cultura da Universidade Federal da Bahia*. N.º 1 (set./dez. 1968). Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1968. pp. 3-14; CASTRO, op. cit. p. 34: "As margens do Paraguaçu eram da mesma forma habitadas pela nação de Paraguás (...)".

⁵³ AZEVEDO, op. cit. P. 7.

⁵⁴ IBGE, *Sinopse Preliminar do Censo Demográfico: Bahia. VIII Recenseamento Geral - 1970*. Rio de Janeiro: 1980, pp. 14-15; BASTIDE, Roger. *Brasil, Terra dos Contrastes*. R. J.: DIFEL, 1980, p. 68-70.

⁵⁵ AZEVEDO, op. cit. P. 4.

⁵⁶ AZEVEDO, op. cit. P. 4-7.

outro quadro,⁵⁷ particularmente, para o Recôncavo Fumageiro que se ocupou da manufatura dos charutos.

Uma amostra da população, por cor, das décadas de 40 e 50 do século XX, oferece informações que apresentam para esta região uma população miscigenada, embora considere-se esta miscigenação mais densamente próxima para a cor escura que para a clara, um tipo que Azevedo chama de "mulato escuro". Em 1940, a população dos municípios de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba somavam 105.047 habitantes, sendo 34,14% de cor preta e 46,33% de cor parda. No Censo de 1950, estes municípios somavam uma população de 110.253, sendo 52,75% de cor parda, ou seja, a maioria era uma população não branca, nem exclusivamente de cor preta.⁵⁸

Apesar da sobrevivência, em grande parte, nesta região, da herança de elementos da cultura africana, os deslocamentos da população e as interpenetrações sociais e culturais que se processavam em todo o Nordeste facilitaram, particularmente ao Recôncavo, a uma complexa formação étnica resultante da intensa fusão entre os elementos africano, europeu e índio.⁵⁹

A instalação das empresas de beneficiamento, exportação e fabricação de charutos, também impuseram a presença na região, já densamente miscigenada, do elemento estrangeiro que, entre 1880 e 1930, entraram no país cerca de 3,5 milhões de imigrantes, sendo 112 mil de alemães.⁶⁰ Em 1920, contavam os municípios de Maragogipe, Cachoeira, São Félix, Muritiba e Cruz das Almas com 174 estrangeiros, sem contar 81 pessoas de nacionalidade não declarada, que podiam ser, tanto brasileiros como estrangeiros e, em 1940, estes municípios contavam com 140

⁵⁷ SCHWARCZ, Lilia Mortz. *Nem Preto Nem Branco, Muito Pelo Contrário: Cor e Raça na Intimidade*. In NOVAIS, Fernando e SCHWARCZ, Lilia Mortz. *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Comp. das Letras, 1998, vol. 4, cap. 3. Esta autora chega a afirmar que "Era a cultura mestiça que, nos anos 30, despontava como representação oficial da nação". P.193.

⁵⁸ IBGE. *Censo Demográfico: Bahia. Recenseamento Geral do Brasil, 1940*. Rio de Janeiro: 1950 e IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: XX vol. 1958, pp. 95-105.

⁵⁹ BASTIDE, op. cit. p. 69-71 e MATTOSO, op. cit. pp. 69-81.

⁶⁰ RAGO, Margareth. *Trabalho Feminino e Sexualidade*. In DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 580.

estrangeiros.⁶¹ Há de se reconhecer que estes números moviam-se constantemente com o trânsito destes indivíduos, principalmente os alemães, que negociavam com fumo entre as várias regiões do Brasil em que mantinham negócios, além de seu país de origem, no caso a Alemanha, onde as relações comerciais eram constantes.

Um outro momento que reduz, consideravelmente, estes números é o contexto da Segunda Guerra Mundial, em relação aos alemães no Brasil. Destacando-se neste período, principalmente, o alemão, que apesar de ver o Brasil apenas como o porto de conquista de fortunas, muitos deles estabeleceram-se na região e constituíram famílias. Como por exemplo, o Sr. Geraldo Dannemann, alemão de Bremen, naturalizou-se brasileiro em 1889 e foi o primeiro intendente de São Félix, casou-se com a operária Aleluia Navarro e tiveram nove filhos;⁶² Gerard Meyer Suerdieck, alemão, casou-se com Tibúrcia Guedes, uma operária da fábrica de charutos, que anteriormente era pescadora de mariscos em Nagé, localidade de Maragogipe;⁶³ Sr. Johann Schinke, alemão, casou-se com Zelinda de Brito operária da Suerdieck de Maragogipe.⁶⁴ São casos que representam um fragmento de uma realidade muito mais complexa, em que as relações entre alemães e brasileiros não se reduziam apenas ao trabalho, mas estavam presentes, também, em outras circunstâncias, configurando uma assimilação que não significou a “passagem” de uma cultura à outra, mas, em certa medida, uma adaptação que gerou a integração entre grupos sociais diferentes, promovendo ganhos de ambos os lados.

O fluxo da mobilidade social, em âmbito regional e em direção aos centros urbanos, também colaborou na formação social do Recôncavo. Castro aponta um forte indício desta mutação:

Há transferido residência dêste município, principalmente para a capital do Estado, muitas famílias do seu escol social. Infelizmente, têm sido substituídas

⁶¹ IBGE, Censo de 1920 e 1940.

⁶² ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX: *Correio De São Félix*, op. cit. n.º 876, 26/04/1952.

⁶³ SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, op. cit.; SCHINKE, Rose. Filha do alemão J. Schinke, residente em Cachoeira - Bahia.

⁶⁴ SCHINKE, Rose. Filha do casal citado e residente em Cachoeira - Bahia.

*por humildes vindos de toda parte à busca de meios de vida nos serviços da indústria do fumo.*⁶⁵

A composição do quadro social do Recôncavo Fumageiro, na primeira metade do século XX, também apresenta um processo gradativo de alfabetização que, além de lento, não aparecia como valor, muito menos como valor positivo para as funções ocupadas no trabalho com o fumo, sendo o número dos que não sabiam ler e escrever bem significativo. O casamento nos moldes oficiais republicano, também apresentava número bastante reduzido, cedendo lugar às uniões livres, ou seja, uniões conjugais extralegais na forma do concubinato, este que, além de ser aceito, representava também, uma forma comum de relacionamento entre homem e mulher.

Assim, a lavoura e "a indústria do fumo é a ocupação de quási a totalidade do seu povo" [Muritiba], "o qual, embora com qualidades apreciáveis, é pouco instruído e pouco afeiçoado às letras".⁶⁶ Esta afirmativa estende-se nas mesmas proporções para todos os outros municípios da região fumageira, pois, conforme o Censo de 1940, o total da população de cinco anos e mais de idade dos municípios de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Curitiba era de 88.275 e destes 65.720, ou seja, 74.45% não sabiam ler e escrever. Em 1950, segue com pequena diferença, o mesmo ritmo das proporções, uma média de 70.65% de analfabetos para o total da população de cinco anos e mais de idade.⁶⁷

Da mesma forma, Castro é enfático ao afirmar que "numa população de entre 37 a 40.000 almas, realizando-se apenas, anualmente, 156 casamentos legais, atinge as raias do espanto pela insignificância".⁶⁸ Embora, o Censo informe que em 1940, em Curitiba havia apenas 28.135 habitantes, mas ao tomar a população dos quatro municípios de quinze anos e mais de idade - 105.047 - , os números revelam que 80.762 eram solteiros, relativamente 76% da população, ou seja, embora haja divergências nos números, procede o espanto do observador. Em 1950, o Censo aponta

⁶⁵ CASTRO, op. cit. p. 151.

⁶⁶ CASTRO, op. cit. p. 05.

⁶⁷ IBGE. **Censo Demográfico: Bahia. Recenseamento Geral do Brasil, 1940.** Rio de Janeiro: 1950 e IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.** Rio de Janeiro: XX vol. 1958, pp. 95-105.

⁶⁸ CASTRO, op. cit., p. 36.

72% da população dos cinco municípios, de 15 anos e mais de idade, composta por solteiros.⁶⁹

Tabela n.º 1 Estado Civil

Estado Civil	N.	%
Solteiro	2.333	81,80
Casado	472	16,55
Viúvo	47	1,65
Total	2.852	100,00

FONTE: Documentos da Fábrica Suerdieck. Maragogipe-Bahia.

As fichas de registro dos trabalhadores da Suerdieck de Maragogipe, no entanto, oferecem outros percentuais que, proporcionais ao seu montante, permitem concluir, também, que o processo de alfabetização entre os trabalhadores da indústria do fumo pareceu um pouco mais acelerado, embora considere uma amostra restrita e dados que são relativos pela flutuação do pessoal, mas que podem ser considerados como um reflexo da realidade apresentada. De 1906 a 1950, dos 2.852 funcionários fichados, têm-se:

Tabela n.º 2 Instrução

Instrução	N.	%
Nula	1.125	39,45
Primária (1.º ao 5º ano)	1.727	60,55
Total	2.852	100,00

FONTE: Documentos da Fábrica Suerdieck. Maragogipe-Bahia.

Estes dados referentes à cor, instrução e estado civil dos trabalhadores do fumo, são apenas indicativos para uma aproximação do tipo étnico, cultural e social do

⁶⁹ IBGE. op. cit.

homem fumageiro do Recôncavo Sul da Bahia, visando identificar, também, as charuteiras como parte desse cenário, abrigando uma crença subjetiva em uma procedência comum.

1.3 - Os plantadores de fumo - seu trabalho e seu ganho

Na porção do Recôncavo aqui abordada, apesar da vasta área dedicada ao plantio de fumo, predominaram as pequenas propriedades de terras com cerca de 1, até no máximo 10 hectares, administradas inicialmente por homens livres de poucos recursos, o que explica a condição de não-escravo, tampouco, de latifundiário como o senhor de engenho, mas que também podiam ser donos de terra, assim como meeiros, nos quais muitos escravos libertos transformaram-se, fazendo o pagamento da terra utilizada com a metade de tudo o que produziam. Contudo, a maioria dos plantadores de fumo do Recôncavo era formada de rendeiros que, por um contrato verbal e inviolável, faziam o uso e pagamento da terra ao seu proprietário.⁷⁰

Em relação ao uso desta mão-de-obra, requisitava-se o concurso de toda a família e, até meados do século XIX, também, utilizava-se um pequeno número de escravos e escravas, tanto para o trabalho da roça quanto para a preparação do fumo em rolo ou fumo em corda que formava a “bola de fumo”, trabalho pesado realizado nas manufaturas da Vila da Cachoeira.⁷¹

Com a abolição em 1888, essa região passou a contar com o retalhamento das terras e um contingente maior de mão-de-obra livre e sem trabalho fixo, dificultando o preparo dos rolos de fumo por falta de mão-de-obra escrava nas fazendas.⁷² Em fins do século XIX e no século XX, com a utilização do fumo em larga escala na fabricação de charutos e cigarrilhas e, por conseguinte, maior exigência do mercado interno e externo, predominou um número maior dos chamados pequenos e médios

⁷⁰ BORBA, op. cit. p. 13-15; PINTO, op. cit. 1998, P. 124-125; *Correio de São Félix*, op. cit., nº22, 15/10/1944.

⁷¹ LAPA, op. cit., pp. 171-179; MATTOSO, 1992. P. 463.

⁷² SANTOS, op. cit. p. 73.

proprietários, assim como, os rendeiros que com o trabalho de suas famílias e as práticas de ajuda-mútua e adjutório, muito comum nesta região, dedicaram-se em grande parte ao plantio do fumo, embora também se ocupassem da economia de subsistência.⁷³

O conjunto dessas pequenas propriedades formava “uma malhada verde nas épocas de plantação e, no período de secagem enchiam as casas de ‘camas de fumo’ e talos secos”,⁷⁴ conduzindo as famílias proprietárias ou rendeiras ao labor diário dessa atividade, desde a preparação das sementeiras e do solo, o plantio, o trato com a planta que envolviam etapas muito trabalhosas; a colheita, ou seja, as etapas do corte, secagem, enfardamento, transporte dos fardos para os armazéns dos centros urbanos mais próximos, e até mesmo no trabalho das manufaturas, que tinham o seu contingente operário maior, exatamente no período entre safras, quando cessava o trabalho na roça de fumo e se estendia a labuta com a planta já seca.⁷⁵

As ferramentas apropriadas, como o arado e a enxada, insumos como o adubo – o esterco de gado ou a mamona –,⁷⁶ as mãos e os aventais das mulheres sujos de cerol de fumo, o aroma forte da planta verde ou seca, os telhados das casas e/ou dos galpões cheios de fumo, os fardos sobre os animais transitando entre as casas e os armazéns, são elementos peculiares que definiram e caracterizaram não só a região, como as pessoas e os tipos de relações que as mesmas teciam no seu cotidiano.

⁷³ MATTOSO, op. cit. P. 463; BORBA, op. cit. p. 13-14; Somente após 1959 as categorias de rendeiros, parceiros e meciros sofrem uma redução acentuada, conforme SECRETARIA DA AGRICULTURA – IBF/CEPA, SEC. DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO. *Fumo na Bahia: Diagnóstico Preliminar*. Salvador: 1980, p. 20.

⁷⁴ SILVA, Benedita. Trabalhadora aposentada pela Cia. de Charutos Dannemann, 75 anos, 1998. Sobre o termo “malhada” Joaquim de Amorim Castro (Juiz de Fora e lavrador da vila de Cachoeira – 1788) já utilizou em suas *Memórias* como “lugar estrumado” apud LAPA, op. cit. 1973. Completando LAPA diz “que hoje pode também significar uma plantação de fumo”, op. cit. P 164.

⁷⁵ Para um estudo minucioso sobre a sementeira e todas as fases de produção do tabaco, a obra que apresenta maior número de informações detalhadas é a de ANTONIL, que dedica 12 capítulos, versando sobre o assunto. ANTONIL, op. cit. pp. 149-160. Antonil, avalia, ainda, ser o trabalho de lidar com o tabaco tão penoso que excede em muito o de fazer o açúcar, p. 199; LAPA, op. cit. p. 160-167; e CASTRO, op. cit. pp. 106-107.

⁷⁶ Sobre a adubação da terra ver: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Secretaria da Agricultura Indústria e Comércio. *Relatório do IBF*. Cx. 2378, M. 149, p. 15-29; O adubo químico, resultado do bagaço de caroço da mamona passou a ser utilizado já no século XX. LAPA, op. cit. p. 162: O estrume do gado destinado à fertilização da terra para o plantio de tabaco está intimamente relacionado à conexão desta cultura com a pecuária, na mesma região.

A organização do trabalho, em todas as etapas de produção, ocorria com a reunião de todos os membros da família, incluindo os agregados, se os tivessem, porém, não havia a presença de um feitor ou mestre, mas estava sob a direção do chefe da família, que, geralmente, era o homem e que, apesar de representar uma figura autoritária, não determinava, entre os membros distinção de tarefas diretamente ligadas à roça, todos podiam fazer de tudo. A este cabia-lhe, além de participar do cultivo da lavoura, a organização do transporte e a comercialização do fumo nos armazéns. A mulher, também estava presente na lida agrícola, além de já ser responsável por todo o serviço doméstico e o cuidado com as crianças, estas que já cresciam na lida, lado a lado, a seus pais. Situações que envolviam relações econômicas, sociais e de gênero e emprestavam àquela gente características singulares ligadas às atividades relacionadas ao fumo.⁷⁷

A zona agrícola do Recôncavo Fumageiro teve sua vida econômica baseada nas pequenas unidades de produção, ao contrário da área contígua açucareira⁷⁸ e, uma vida social organizada em torno da família, pois, segundo o Relatório do Instituto Bahiano do Fumo, "o pequeno lavrador planta sua roça e n'ella trabalha com a sua família,"⁷⁹ esta que tanto podia ser a sacramentada pela Igreja Católica quanto a natural, criada pela mera vontade dos parceiros, ou seja, "a forma costumeira da amigação" e tão comum em toda a Bahia. As uniões conjugais extralegais nesta região, constituíam-se em relações permanentes, ou quase permanentes, de convivência entre um homem e uma mulher na formação de uma família, tornando o amasiamento uma prática quase institucionalizada de união conjugal.⁸⁰

Era o fumo do Recôncavo a "lavoura de pobre", que também foi chamada de lavoura de "fundo de quintais" pelo seu caráter democrático de ocupar até os

⁷⁷ NERIS, Celina de Jesus. Aposentada pela C. Pimentel em Muritiba, 68 anos de idade, 1996. e PINTO, op. cit. 1998, pp. 129-130.

⁷⁸ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Sec. Doc. Administrativa. Gabinete do Interventor: Papeleta, Circulares e Outros 1940-1947. Est. 87, Cx. 2281, M. 2863, Boletim n.º 15, p. 10.

⁷⁹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Secretaria da Agricultura Indústria e Comércio. **Relatório do IBF**. Cx. 2378, M. 149, p. 12.

⁸⁰ Os CENSOS de 1940 e 1950, apresentam para o conjunto da população de 15 anos e mais desta região, um percentual de habitantes casados de relativamente 20% e de solteiro de 76%, ficando os outros por conta dos viúvos e os que não declararam. Ainda para o caso ver PINTO, op. cit. 1998, Pp. 128-129; MATTOSO, op. cit. P. 208; E para a discussão sobre formas de amasiamento ver VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados**. São Paulo: Ed. Campus, 1989; BASTIDE, op. cit. p. 69.

menores espaços da pequena propriedade, como os jardins e quintais, abarcava um grande contingente humano dedicado ao seu cultivo. A população, envolvida com a lida diária do fumo, apresentava uma pobreza bastante acentuada, que "não resta dúvida que é aqui, entre as subáreas do Recôncavo, que atraso e pobreza são mais visíveis e mais chocantes".⁸¹

Em março de 1941, no terceiro aniversário do governo Landulpho Alves, foi lançado um Boletim de n.º 15, que ao anunciar as medidas de educação agrícola para a região do fumo, reconhece que:

*O FUMO: Lavoura de grande importância para a vida econômica do Estado, mas que a própria natureza da cultura, a pobreza da população rural que a ela se dedica e nela busca o seu meio de vida, (...), são fatores contrários com que sempre lutou para atingir uma produção melhor sistematizada, racional.*⁸²

A pobreza daquela gente revelava um modo de vida característico da região do fumo, que estendia-se do campo aos centros urbanos e suas periferias, acompanhando o trajeto do fumo aos armazéns, fábricas de charutos e às residências onde, também a manipulação industrial do fumo era rotina.

Sendo o fumo considerado a grande riqueza do Recôncavo Sul, a produção final de toda a região movia grandes somas de capitais dos comerciantes e do Estado. Mas, considerando a composição da mesma região como um mosaico de pequenas plantações e raras propriedades de maior extensão, o pequeno agricultor e sua família não recebia do governo a atenção necessária para a ampliação de sua lavoura, ficando "nas mãos" dos trapicheiros, comerciantes – atravessadores, representantes dos vários armazéns de fumo e das exportadoras, que usavam um sistema de financiamento antecipado, ou seja, compravam as safras, antes mesmo de plantar o fumo a preços

⁸¹ PINTO, op. cit., 1998, p. 122-134. Segundo CASTRO, os "lavradores" de fumo eram "geralmente analfabetos e pobres", op. cit. P.104; Ainda para "lavoura dos pobres, dentre outros, ver: *Correio de São Félix*, nº21, 08/10/1944; ALMEIDA, op. cit. PP. 8-9; LAPA, op. cit. P. 149; BORBA, op. cit. p.15; PEDRÃO, Fernando Cardoso. Novos rumos, novas personagens. In BRANDÃO, op. cit. PP. 219-228; RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 277-279.

⁸² ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Sec. Doc. Administrativa. Gabinete do Interventor: Papeleta, Circulares e Outros 1940-1947. Est. 87, Cx. 2281, M. 2863, Boletim n.º 15, P. 10.

presumidos, que significavam para eles preços baixos e assim logravam todas as suas possibilidades de lucro, além dos juros extorsivos praticados neste comércio.⁸³

Caso o agricultor fosse um “meeiro” ou “rendeiro”, não sendo proprietário das terras a falta de proteção era maior, além de não receber nenhum incremento por parte do Estado ainda ficava sujeito às condições impostas pelos proprietários das terras. Era um trabalho coletivo no tocante à força de trabalho dispensada por toda a família e, sem contar os dias de trabalho que começavam ao raiar do sol e só terminavam ao escurecer; além da lavoura de subsistência que era o que garantia, de fato, a sobrevivência real do agricultor, e que muito pouco deixava de lucro para ele e sua família, pois, segundo Borba, era destinado apenas para a compra de roupas e calçados para a família.⁸⁴

No Relatório da Associação Comercial da Bahia que trata da Reforma Tributária do Estado, de 1931, estão registradas diversas reclamações sobre o imposto do fumo e seus produtos, proclamando que o fumo era lavoura do pobre e este pagava taxas exorbitantes, enquanto a lavoura do açúcar e do cacau, lavouras de fazendeiros abastados, gozavam de todos os benefícios e até de favores da Federação. O pequeno lavrador, no entanto:

*planta milho, feijão, mandioca, amendoim etc. etc., para satisfazer às necessidades diárias, para poder comprar carne verde ou seca, kerosene, bacalhão, pão, etc etc., e lavra o fumo para no fim do ano poder pagar a renda da terra e comprar roupa para si e sua família.*⁸⁵

Anexo ao decreto de criação do Instituto Bahiano de Fumo e seu Regulamento, em 1935, um relatório da Secretaria de Agricultura Indústria e Comércio também identifica que:

⁸³ BORBA, op. cit. pp. 15-16 e BAHIA, SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA; CENTRO DE PLANEJAMENTO DA BAHIA. **ECONOMIA BAIANA – Subsídios para um plano de governo**. Salvador: 1978, pp. 144-145.

⁸⁴ BORBA, op. cit. pp. 16-19.

⁸⁵ ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA BAHIA. **Relatório da 91.ª Directoria – 1931**. Bahia: 1932, pp. 17-21.

A sua safra de fumo dá-lhe o numerário necessário para o vestir e a sua família. As outras lavouras ou o trabalho a dia dão-lhe a subsistência. Quasi sempre o lucro que dá a venda do fumo ao pequeno plantador, é destinado a compra de fazendas, roupas e calçados para a família.⁸⁶

O ganho que percebia o pequeno agricultor de fumo e sua família não era, portanto suficiente para uma vida razoavelmente satisfatória, dando lugar a certas práticas, como por exemplo, a de comprar parte dos mantimentos, por um longo período, no armazém mais próximo e sob o registro de uma caderneta, pagando a dívida com o próprio fumo ou somente quando vendia a sua produção. Esta prática implicava, muitas vezes, em uma soma elevada referente a sua situação econômica que pouco lhe restava ao final.⁸⁷

Outra prática corrente entre as crianças e adolescentes era catar o “baixeiro”, ou seja, as folhas de fumo estragadas que ficavam na parte de baixo do caule desta planta, também chamadas de refugo. Sempre bem cedo, ao amanhecer, quando estas folhas estragadas ainda estavam úmidas pelo sereno e mais pesadas, visto que o fumo era vendido a peso, catavam-se fazendo um pequeno fardo que pesava de meio a um quilo, quando ainda colocavam-se pedras por dentro para aumentar o peso e levavam às vendas trocando por mercadorias baratas ou vendendo por alguns centavos.⁸⁸

Estas e outras situações de precariedade vivenciadas pelo agricultor de fumo e sua família, definem aspectos da vida sócio-econômica da zona tabaqueira e explicam, portanto, a expressão “lavoura dos pobres”, que representa um paradoxo em relação ao fumo já que este era a riqueza que movia de forma ascendente a economia do Estado, nos períodos em que esteve em ascensão.

Nas pequenas empresas agrícolas, onde a terra e as sementes eram trabalhadas por famílias ou grupos de famílias de maneira ainda bastante rudimentar,⁸⁹ na qual homem e natureza não são distantes e a interferência do primeiro elemento sobre o

⁸⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Secretaria da Agricultura Indústria e Comércio. **Relatório sobre o fumo**. Cx. 2378, M. 149, p. 12.

⁸⁷ MATTOSO, op. cit. P. 518.

⁸⁸ SILVA, Benedita. op. cit.

⁸⁹ FIEB. **Diagnóstico Preliminar: Economia Baiana – Setor Agrícola**. Salvador: Fundação para Comissão de Planejamento Econômico, 1966; SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS. op. cit.

segundo significa muito mais uma relação de aproximação, assentando as bases de um espaço que, além de ter sido por excelência o maior produtor de fumo na Bahia, foi destacado como o principal centro de exportação e das manufaturas de charutos e cigarrilhas.⁹⁰

Entre a lavoura e as manufaturas de charutos havia inúmeras empresas de beneficiamento de fumo instaladas na região, conhecidas como "armazéns de fumo" e que empregavam grande contingente de mulheres, mas que não exigiam qualificação para o trabalho, pois se tratava apenas da escolha do fumo e do seu enfardamento, este último, por sua vez, era trabalho masculino.

Ligado a esses armazéns, desenrolava-se uma mão-de-obra marginalizada, constituída de mulheres e crianças, que por não participarem formalmente do mercado de trabalho executavam em suas próprias casas a escolha do fumo, sem possuírem vínculos empregatícios com as empresas fornecedoras.⁹¹ Era este trabalho denominado "trouxa de enrola", por ser o fumo transportado dos armazéns para as residências em trouxas de panos de aniagem na cabeça de mulheres e crianças que, juntamente com as charuteiras no seu trajeto de vai-e-vem, iam formando o cenário urbano e social da zona fumageira.

1.4 - O charuto e as manufaturas

O charuto, um dos mais famosos produtos feito com o fumo em folhas, tem a sua origem tão antiga quanto a do uso do tabaco entre os índios, quando apresentavam uma forma ainda muito primitiva, assim citado:

Os Tupinambás enchiam uma boquilha de fumo e o charuto estava pronto. No alto Amazonas faziam charutos enormes de fumo enrolado, ficando tão pesados que os fumantes os seguravam com uma espécie de garfo.⁹²

⁹⁰ BORBA, op. cit. p. 28.

⁹¹ ASEVEDO, Dorothy do Rego. **O Trabalho Feminino na Agro-Indústria Fumageira no Estado da Bahia.** (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – UFBA) Salvador (BA): 1975, p. 10-12.

⁹² SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS. op. cit.

À medida que o uso do charuto foi sendo ampliado e conhecido por outros povos, como por exemplo, os europeus,⁹³ foi sendo aperfeiçoado e passou a ser confeccionado com folhas provenientes de variedades selecionadas para apresentar aroma, coloração e textura que só se obtêm, todavia, em solo e clima muito especiais. Razão, porque são utilizados para esse fim os fumos do Recôncavo da Bahia, assim como, os de Cuba e de Sumatra. Os métodos de cultura e de cura⁹⁴ são específicos para a produção de um fumo de qualidade e o tratamento final de fermentação das folhas curadas dá o toque final para que esse fumo possa ser usado na fabricação do charuto.

O charuto visto em sua forma acabada é feito a partir de três variedades de fumo, anteriormente já preparadas: a “capa”, folha externa do charuto, escolhida entre o fumo de melhor qualidade que ao ser colocada, exige-se um grau de dedicação maior, principalmente, quanto ao acabamento o que eleva a apresentação do produto e, portanto, a importância e o valor da venda; logo em seguida, observa-se o “capote”, folha interna, uma espécie de segunda “capa” ou subcapa, que também deve ser de boa qualidade, ou pelo menos próxima à qualidade da primeira e que envolve a “torcida”, ou seja, o miolo, que pode ser em tiras ou espenicado, podendo utilizar as aparas que sobram do corte das duas capas primeiras e do afilamento das pontas do próprio charuto, ou o fumo próprio para este fim e que não precisa, necessariamente, ser fumo de alta qualidade, mas que não deve ser o de tão baixa qualidade.⁹⁵

Classifica-se o bom charuto pelo paladar e são diversos os fatores que concorrem para isso, destacando-se a qualidade do fumo empregado, o comprimento, a grossura e o formato, uma vez que determinam o calor e a densidade da fumaça. Os charutos mais caros são de preferência feitos à mão pela perfeição e cuidados especiais, impossíveis à uma máquina.⁹⁶

O estilo artesanal de fabricação de charutos comum nas cidades do Recôncavo

⁹³ CÉSAR, Elieser. O Império do Tabaco. *Correio da Bahia*. Salvador(Ba): jornal diário, p. 08.

⁹⁴ Cura é o processo de secagem e purificação das folhas de fumo. CASTRO, op. cit., p. 107: “Secas e macias, a manocação imediata, com a devida seleção das folhas e uniformidade geral. Em seguida acamá-las em lugar paupérrimo de luz e de ventilação, para o pronto e o perfeito da cura”.

⁹⁵ MELO, Laurentina Neves (D. Nenen). Trabalhadora da C. Pimentel. Aposentada, 83 anos de idade, 1996; SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS. op. cit.

⁹⁶ SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS. op. cit.

baiano, desde as mais simples residências às fábricas de grande porte, encontrou nas mãos da mulher a sua expressão de arte pela “ciência” e delicadeza com que esmera o produto, considerado, já no século XIX, pela escritora francesa George Sand como “complemento de toda a vida elegante”.⁹⁷

A instalação das primeiras fábricas de produção de charutos finos na Bahia data do final do século XIX, coincidindo com o mesmo processo da expansão industrial tabaqueira que ocorreu em Cuba, em condições semelhantes no que se refere ao comércio e a utilização de mão-de-obra,⁹⁸ levando-se em consideração, apenas, as peculiaridades de cada caso.

Em 1870 foi fundada pelo português Francisco José Cardoso (Chico Petitinga), a Juventude, primeira fábrica de charutos em São Félix e fabricante da marca "Regalias". Em 1892, já havia 12 em todo o Estado, sendo que apenas 4 na capital, 2 em Maragogipe e 6 em São Félix.⁹⁹ Todavia, são nas primeiras décadas do século XX, com o aumento do consumo mundial, que a fabricação de charutos vai concentrar e intensificar suas atividades no Recôncavo, através das facilidades do crescimento do mercado interno, e, sobretudo, pela existência de uma fartura considerável de matéria-prima e abundante mão-de-obra preenchendo o quadro de energia disponível neste espaço, contando ainda com rio navegável, com porto natural que facilitava o escoamento da produção para Salvador e de lá para o exterior, além de boa infra-estrutura, elementos estes que colaboraram para transformar a manufatura do fumo do Recôncavo em uma das mais significativas atividades econômicas da Bahia,¹⁰⁰ como já foi dito.

A partir de então, surgiu grande número de manufaturas de fumo na Bahia, mas foram as cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba e, posteriormente, Cruz das Almas que, além de já formarem o centro produtor de

⁹⁷ Ibid.; CÉSAR, Elieser. op. cit. p. 08.

⁹⁸ NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Memória da Federação das Indústrias do Estado da Bahia*. Salvador: FIEB, 1997, p. 34; LE REVEREND, Julio. *Historia Economica de Cuba*. La Habana: Ed. de Ciencias Sociales, 1985, pp. 51-55.

⁹⁹ ALVES, José Ramos de Almeida. Palestra proferida no Rotary Club Cachoeira – São Félix, 9 de abril de 1952. *Correio de São Félix*. op. cit., nº876, 26/04/1952.

¹⁰⁰ BORBA, op. cit. p. 35; ALMEIDA, op. cit. P.9.

fumo, exportava e fornecia a outras regiões seus produtos, constituindo-se em parque de fabricação de charutos, chegando a produzir mais de 200 milhões deste produto por ano, artigo requintado da burguesia e que não faltava também nos meios populares,¹⁰¹ propiciando grandes incrementos à indústria e comércio do fumo baiano.

As fábricas de charutos do Recôncavo, instituições urbanas e urbanizantes, concentraram em seus circuitos uma massa assalariada relativamente volumosa que chegou a representar uma “revolução industrial”.¹⁰² Tais acontecimentos favoreceram o surgimento de uma camada social, que envolvida com o processo de fabricação desse produto, tornou-se uma marca econômica, social e cultural visível e peculiar sobre o tecido urbano regional. No seu conjunto, a vida social da região do Recôncavo Sul construiu-se, então, girando em torno do eixo econômico agro-industrial-comercial, ligando no mesmo plano o rural e o urbano, fundados na cultura do fumo.

A maioria dessas manufaturas era de pequeno porte, de caráter caseiro e artesanal, envolvendo apenas os familiares, funcionando como uma extensão urbana do trabalho rural de cultivo do fumo que também ocorria em círculos familiares. As grandes manufaturas também pertenciam a grupos de famílias, mas que tomavam posições apenas na administração e nas relações comerciais. O ofício de fazer o charuto, principal atividade da fábrica, era ocupado por um grande número de mulheres que chegavam relativamente a 70% do universo da mão-de-obra fabril.¹⁰³

As grandes manufaturas classificavam o fumo conforme os tipos de charuto e respectivas clientelas. Para o charuto de alta qualidade eram grandes as importações de fumos de Sumatra, Java, Virgínia e Havana, efetuadas através de Bremen e Hamburgo, negócios facilitados pelas estreitas ligações entre os importadores e as firmas fornecedoras de origem alemãs. As espécies importadas

¹⁰¹ CÉSAR, Elieser. op. cit. p. 03.

¹⁰² PINTO, op. cit., 1998, p.134.

¹⁰³ Documentos da Fábrica Suerdieck. Maragogipe-Bahia.

eram utilizadas para a “capa”; para o “capote”, além do Sumatra e Java era muito utilizado o fumo da Bahia; para a “torcida”, eram empregados os fumos de São Domingos, Filipinas, Havana e, principalmente, o fumo da Bahia. Enquanto que as pequenas manufaturas utilizavam exclusivamente o fumo da região, também muito conceituado na fabricação de charutos. Dessa forma, o fumo do Recôncavo que antes era destinado à exportação, passou a ser vendido e amplamente utilizado, também na fabricação de charutos de toda a Bahia.¹⁰⁴

A trajetória das manufaturas de fumo do Recôncavo, principalmente as fábricas de charutos, na primeira metade do século XX, passaram tanto por momentos de elevada ascensão, pela sua capacidade de produção e aceitação do mercado consumidor, como por momentos de instabilidade gerados pelas grandes crises mundiais, que, em certa medida, também cediam as bases do seu crescimento. Assim, considerando o conturbado contexto das guerras mundiais que atravessou as manufaturas da Bahia e, em especial as do Recôncavo, quando os mercados estrangeiros fornecedores de grande parte do fumo capeiro, utilizado nas charutarias, sofreram crises e duras intervenções, é que a região passou a oferecer, em parte, respostas positivas.

No primeiro momento, os fumos importados diretamente da Alemanha são recebidos via Nova York impondo grandes dificuldades aos estabelecimentos e, mesmo retomando logo a marcha habitual a partir de 1918, é nesse intervalo que o fumo baiano supre o mercado manufatureiro local. Momento em que se constata o crescimento, por exemplo da Suerdieck, que passa gradativamente de 400 operários em 1916, para 900 em 1921.¹⁰⁵

Por ocasião dos obstáculos decorrentes da Segunda Guerra, as manufaturas encontraram no mesmo Recôncavo Sul da Bahia as condições materiais para uma produção local mais satisfatória. Assim, a fabricação de charutos que se encontrava com o crescimento econômico ameaçado, eclodiu e, por um período relativo a mais

¹⁰⁴ BORBA, op. cit. p. 40 e 49.

¹⁰⁵ SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, op. cit.; NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. op. cit. pp. 34-39; BORBA, op. cit. p. 69.

uma década, atingiu o esplendor de sua vida econômica, embora tivesse logo entrado num processo de crise e decadência.¹⁰⁶

Para o período que abrange a primeira metade do século XX, a documentação pontua com maior ênfase pelo nível de importância na Bahia, dentre muitas manufaturas que foram instaladas nessa região, a presença da Dannemann, Suerdieck, Costa Ferreira & Penna, Leite & Alves e C. Pimentel & Cia. Merecem destaque as três primeiras por empregar, no auge da produção, cerca de dez mil pessoas em Cachoeira, São Félix, Maragogipe, Muritiba e Cruz das Almas.¹⁰⁷ A Dannemann e a Suerdieck, as duas maiores, de procedência alemã, têm importância destacada devido ao capital social investido, a mão-de-obra utilizada e à prosperidade das cidades nos anos de apogeu dessas firmas ali instaladas, consistiam em empresas de industriais e comerciantes exportadores que controlavam a economia fumageira na região e no Estado.¹⁰⁸

A Dannemann & Cia. iniciou suas atividades industriais em São Félix no ano de 1873, por Gerhard Dannemann, um alemão de Bremen. Nesta data, com seis operárias, a produção de charutos de marca do mesmo nome – Dannemann–, deu início a empresa que já nos primeiros anos do século XX, adquiriu o controle sobre a produção, industrialização e comércio de fumo na Bahia. Em 1883, D. Pedro II, ao visitar a região conferiu-lhe o título de Imperial Fábrica de Charutos Dannemann. Em 1908, com a retirada de Gerard Dannemann para a Europa, para dirigir outras atividades, a gerência geral da firma foi passada a Adolfo Jonas, auxiliado por Eduardo Dannemann Filho.¹⁰⁹

Ao longo de sua história a Dannemann teve a razão social transformada algumas vezes, conforme o interesse de seus sócios ou condições políticas e econômicas a ela impostas. Em 1922, com a entrada da Stender converteu-a em

¹⁰⁶ BORBA, op. cit. P. 43 e NASCIMENTO, op. cit. 1997, p. 37; Sobre a crise e decadência da economia fumageira ver RAMOS, José Alberto Bandeira. *Crise da Economia Fumageira do Recôncavo da Bahia*. (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – UFBA). Salvador (Ba): 1990, pp. 40-50.

¹⁰⁷ CÉSAR, Elieser. op. cit. P. 03.

¹⁰⁸ BORBA, op. cit. p. 40-52.

¹⁰⁹ Folhetim ilustrado da comemoração dos 125 anos da Dannemann. *Casa da cultura*. São Félix, 1998; ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX: *Correio De São Félix*, nº876, 26/04/1952; BORBA, op. cit. PP. 46-48.

Companhia de Charutos Dannemann, sucessora de Dannemann & Cia. e da Stender, & Cia., quando abriu suas filiais em Maragogipe e Muritiba. Em 1937, com a morte de Adolfo Jonas, tomou posse na direção desta empresa Adolfo Jonas Filho e Ernesto Tobler, até o período da Segunda Guerra Mundial quando a firma, por ser de origem alemã, foi interdita pelo governo, por intermédio do Instituto Baiano do Fumo e transformada, dando-lhe o caráter de empresa nacional, recebendo o nome de Cia. Brasileira de Charutos Dannemann.¹¹⁰

A fábrica de charutos Suerdieck iniciou com a chegada do Sr. August Wilhelm Suerdieck da Europa a Cruz das Almas em 1888, com a finalidade de fiscalizar o enfardamento de fumo da firma exportadora, a alemã F. H. Ottens. Em 1889, este já tinha registrado a firma A. Suerdieck, importadora e exportadora de fumo, que contou como primeiros fregueses as firmas Joh Schuback & Soehne, de Hamburgo e já a Dannemann & Cia., de São Félix. Neste mesmo ano a A. Suerdieck estendeu seus negócios a Maragogipe onde construiu seu primeiro prédio, na praça Sebastião Pinho e, em 1905, por iniciativa do seu irmão o Sr. Ferdinand Suerdieck, entrou em funcionamento a primeira fábrica de charutos da Suerdieck, iniciativa que resultou da sua observação quanto ao aproveitamento do tempo pela empresa, entendendo que as compras de fumo na região e a exportação ocupavam apenas o período de dezembro a junho de cada ano, quando a safra de fumo estava pronta para a comercialização, ficando, assim, o resto do ano ocioso. Esta paralisação, embora natural, representava para a empresa, como para a sociedade, prejuízos em tempo real de quase seis meses.¹¹¹

A princípio, a indústria incipiente enfrentando a competição de fábricas já organizadas, contou com apenas cinco operários na qual o chefe era o escolhedor de fumo, mestre de secção, encarregado de embalagem, desdobrando-se como “um Proteu de mil formas”, mas apresentou ao mercado suas primeiras marcas, que foram “Simples n.º 1”, “Simples n.º 2” e “Simples n.º 3”, charutos confeccionados com capas

¹¹⁰ Folhetim ilustrado da comemoração dos 125 anos da Dannemann. Casa da cultura. São Félix, 1998; ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX: *Correio de São Félix*, n.º876, 26/04/1952; BORBA, op. cit. PP. 46-48.

¹¹¹ SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, op. cit..

da mata puro fumo Bahia. As instalações da fábrica, sob todos os aspectos, eram rústicas, servindo de bancas para a confecção dos charutos os fardos em depósito, tendo uma produção ainda muito pequena.¹¹²

No ano seguinte, a fábrica contava além do mestre, com uma destaladeira, uma aneladeira, uma empapeladeira e duas charuteiras, sendo que uma tinha 72 anos de idade.¹¹³ Em 1907, já desmembrada em Aug. Suerdieck, exportadora de fumo e A. Suerdieck, fabricante de charutos, foi esta última transferida para a rua Dom Macedo Costa, n.º 67, antiga rua do Fogo, apresentando um quadro de 13 operários e a criação de novas marcas de charutos, uma embalagem mais aperfeiçoada para caixas de luxo, de madeira envernizada. Com o continuado crescimento, a A. Suerdieck já contava em 1910 com 200 operários e foi transferida, novamente, para a rua Pedra Branca, hoje Ferdinand Suerdieck.¹¹⁴

Em 1914 houve a junção das duas firmas, passando a razão social para Suerdieck & Cia., quando admitiu o sócio Ferdinand Suerdieck que veio a falecer nove anos mais tarde sendo, substituído por Gerhard Meyer Suerdieck.¹¹⁵

Com a crescente demanda internacional de charutos, provocada pelo fim da Primeira Guerra Mundial, o seu prédio da Suerdieck & Cia foi ampliado, sendo necessário uma passarela para ligar a nova construção à antiga, ambas separadas pela Rua das Flores e concluído o pavilhão denominado Repartição de Cigarrilhos, neste período também foram criadas algumas filiais para atender a uma produção que ultrapassava os 10.000.000 charutos anuais.¹¹⁶

¹¹² SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, op. cit..

¹¹³ DOCUMENTOS da **Fábrica Suerdieck**: Fichas de registro dos operários. Maragogipe - Bahia; A preparação do fumo para a confecção dos charutos exige a retirada dos talos que é função da **destaladeira**; depois de pronto o charuto recebe um selo em forma de anel que lhe é passado ao meio, destacando a sua marca e o nome do fabricante, serviço feito pela **aneladeira**; depois o charuto é envolvido em papel celofane para conservar o aroma e proteger contra fungos, sendo este trabalho realizado pela **empapeladeira**. ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. **Correspondências internas da Dannemann, 1920 - 1952.**

¹¹⁴ SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, op. cit..

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ Ibid.

Uma greve marcou a paralisação dos trabalhos na Suerdieck no ano de 1925, sendo logo contornada sem contabilizar prejuízos para esta firma, ficando ainda oculto os motivos que a originou, apenas temos a seguinte informação:

*Como é, de ordinário, comum nos centros industriais, em 1925, os operários da firma SUERDIECK & CIA., mal orientados por elementos estranhos ao meio trabalhador, declararam-se em greve, ocorrendo, nessa ocasião, a invasão de perturbadores nos estabelecimentos fabris, munidos de bombas de dinamite, obrigando aos operários a abandonar o serviço. Tudo foi, no entanto, normalizado.*¹¹⁷

Em 1930, o sócio-chefe August Suerdieck faleceu na Alemanha, assumindo a direção da firma a sua viúva, D. Hermine Suerdieck que também faleceu no ano seguinte. Formando, então uma nova organização o sócio Gerhard Meyer Suerdieck, já naturalizado brasileiro, sua esposa Sr.^a D. Tibúrcia Guedes Meyer Suerdieck e o Sr. Karl Horn, antigo colaborador, este, mais tarde foi afastado por suspeita nazista e a Suerdieck, então, nacionalizada.¹¹⁸

Com a expansão da indústria fumageira foi construído em Cruz das Almas, no ano de 1935, um prédio onde foi instalada a nova fábrica que iniciou os serviços com 50 operários, e tendo a gerência sob os cuidados do Sr. Johann Schinke, que já era técnico da fábrica de Maragogipe, depois, pelo Sr. Joseph Muelbert, Sr. Herbert Störn e outros que foram sucedendo. E, em 1936, foi inaugurada a filial de Cachoeira com produção diária de 4.734 charutos da marca “Cata Flor” e como gerente o Sr. Conrad Grave, substituído sucessivamente por Gerhard Behrens, Kurt Adolph Hasse e Waldo Azevedo. Nesse processo de expansão, houve uma tentativa de implantar uma unidade da fábrica de charutos Suerdieck na Vila de Cabeças, na década de 40, cuja data vacila entre um informante e outro, mas que tomam por base o eclipse solar que ocorreu nesta

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ Ibid.

região e que fez grande alvoroço entre os operários desta fábrica.¹¹⁹ Maria de Lourdes afirma que:

*Aqui também teve uma fábrica - Suerdieck, aqui junto de Nino onde seu Paulo mora ali naquela casa e os pessoal da fábrica na grande, onde D. Angelita morou. Trabalhou tanta gente naquela fábrica, eu tava com 12 anos nessa época que teve o eclipse, o pessoal tava na fábrica que o dia virou noite, foi! Era a fábrica Suerdieck, ele queria deixar a fábrica aqui, mas... o povo não deu o apoio pra vender a casa, dependia da casa que a casa não era própria dele, era de seu Osvaldo Fonseca, aí a fábrica foi para outro lugar, lá em Cruz das Almas, mas ele queria fazer aqui.*¹²⁰

Tendo em vista a ampliação dos negócios, em 1938, a sede da Suerdieck foi transferida da fábrica-matriz em Maragogipe para Salvador e, um ano depois com o afastamento do sócio Karl Horn a firma foi completamente incluída nas organizações essencialmente brasileiras por figurar, apenas, o Sr. Gerhard Meyer Suerdieck já naturalizado brasileiro e sua esposa, brasileira, natural de Maragogipe. Em 1946, a Suerdieck foi transformada em Sociedade Anônima e a razão social passou a Suerdieck S/A, chegando na década de 1950 sozinha no ramo charuteiro, quando comemorou o seu jubileu com 180 milhões de charutos por ano e um contingente de 2.052 operários.¹²¹

A trajetória das empresas Dannemann e Suerdieck é muito ampla e se confunde com a própria história dos charutos na Bahia, seus negócios alcançaram uma dimensão muito maior e mais complexa, comparando-se ao que foi apresentado, porquanto o objetivo aqui é apenas identificar e rastrear o percurso considerando que estas foram as principais firmas fabricantes de charutos do Recôncavo.

A indústria de charutos do Recôncavo era potente e não se restringia, apenas às fábricas, ocupava também diversos espaços e invadia a maioria das residências da

¹¹⁹ SANTOS, Sebastião Pereira dos. *Preseiro da Costa & Penna* e trabalhador de "armazém de beneficiamento de fumo em Cabeças. 96 anos, 1999; NOVAIS, Maria de Lourdes Conceição. *Filha de charuteira e charuteira de vários fabricos na Vila de Cabeças, 65 anos, 2000*; "Correio de São Félix" informa que o eclipse ocorreu em 20/05/1947. op. cit. n.º 623, 17/05/1947 e n.º 624, 24/05/1947.

¹²⁰ NOVAIS, Maria de Lourdes Conceição. op. cit.

¹²¹ SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, op. cit.; CÉSAR, Elieser. op. cit. P. 4. A extensão dessas firmas nas atividades de armazenamento, compra e venda de fumo que formavam as organizações de exportação e importação não faz parte dos objetivos desse trabalho.

população de baixa renda, completando o quadro do complexo industrial do charuto. Em 1931, por época da Reforma Tributária do Estado, representantes desta indústria, ao reivindicar direitos de exportação iguais aos dados a outros produtos, chegaram a afirmar que, "o charuto, cuja indústria penetra nos logarejos mais modestos, que dá a viver a milhares de pessoas, mocinhas e velhos, esta indústria se sobrecarrega de uma maneira extraordinária e como única indústria do Estado".¹²² Nos bares, nas mercearias, como também nas janelas das casas, o charuto era parte da paisagem de cada cidade, vila ou lugarejo.

Os charutos feitos nas residências das charuteiras eram conhecidos como "charutos de balaio" ou "charutos de regalia", pela qualidade inferior dos fumos utilizados e pela falta de aprimoramento no seu acabamento, o que comprometia a qualidade do produto e estabelecia diferenças em relação aos charutos das fábricas.

A produção doméstica de charutos era volumosa e comercializada nas próprias residências, já contando com compradores certos e viajantes que, sem pagar impostos ou outras despesas legais movimentavam grandes somas, comercializando esses charutos no sul do estado e do país. A produção doméstica chegou a representar 5% da produção nacional.¹²³ Registrando-se, também, casos em que a produção doméstica pertencia a uma fábrica, que sem nenhum compromisso trabalhista, passava o fumo para a charuteira, pagando-lhe apenas a mão-de-obra da confecção dos charutos, estes que normalmente eram inclusos na produção de marca popular também confeccionados na fábrica.

Paralelo às fábricas de charutos registradas na região, também se desencadeou outro sistema de fabricação - os "fabricos". Estes eram locais clandestinos que podiam ser instalados numa residência ou num lugar específico, onde várias mulheres reuniam-se na lida diária desta produção sob o comando de uma pessoa, dona e responsável pelo investimento e pela produção, não havendo laços empregatícios ou obrigações trabalhistas desta com as charuteiras, apenas o interesse pelo trabalho e o

¹²² ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA BAHIA. *Relatório da 91.ª Directoria – 1931*. Bahia: 1932, pp. 17-21.

¹²³ *Jornal Correio da Bahia*. op. cit. p. 06.

ganho entre ambas as partes. Conforme Sr. Sebastião, "fabrico era uma casa de charutos, mas não era fábrica, era um fabrico como o de Iaiá de Maninho, uma casa que ocupava 12 ou 15 pessoas conforme quisesse, mas não era fábrica".

De fato, os fabricos não possuíam a estrutura de montagem nem a organização da fábrica propriamente dita, mas eram responsáveis por uma quantidade de charutos que atendia em larga escala ao comércio clandestino e às encomendas das fábricas que viessem a se interessar por esta produção, ocupando mulheres e mocinhas que formavam uma rede de mão-de-obra marginal.

A Suerdieck e a C. Pimentel foram algumas das empresas que ao se sentirem ameaçadas com a concorrência do comércio clandestino, passaram a adquirir os charutos "de balaio" diretamente da fonte, cortando a ação contrabandista na região,¹²⁴ embora estas empresas não tivessem selado nenhum compromisso de cunho legal com as charuteiras ou com os repassadores dos charutos, quando o negócio era realizado através destes. Ao contrário, além de adquirirem os charutos a preços baixos, a mão-de-obra feminina no domicílio diminuía consideravelmente os custos operacionais, uma vez que as mulheres trabalhavam em casa, por produção, sem vínculos empregatícios com os patrões que utilizavam seus serviços, o que significou para elas o não-acesso a benefícios sociais.

Carmelita Oliveira de Jesus, ao discorrer sobre sua vida de charuteira, prendeu-se muito mais às lembranças do fazer charutos na casa de D. Joana Silva, esta que era conhecida na Vila de Cabeças como Joana Preta e proprietária de um fabrico de charutos que era uma espécie de extensão da fábrica C. Pimentel, de onde vinha o material, conforme Carmelita:

O material de lá, o rapaz trazia de lá [C. Pimentel], agora o nome do rapaz eu não sei e ele trazia para D. Joana. Ela chamava a gente aí para fazer charuto lá na casa dela, trabalhava eu,, trabalhava a mãe de Iaiá - Polinha, já morreu também. Esse povo tudo fazia charuto para D. Joana, muitas, muitas pessoas fazia charuto pra D. Joana. Depois, passava pra fábrica, vinha o rapaz buscar

¹²⁴ IBGE, Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, Vol. XX, pp. 95-105; CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 6.

*naqueles caçar grande, arrumava tudo e levava.*¹²⁵

Somente D. Joana Silva era reconhecida formalmente como operária da fábrica C. Pimentel, as outras charuteiras trabalhavam por conta dela recebendo apenas pelo trabalho executado, ou seja, a "tarefa" diária ou semanal previamente estipulada.

Os fabricos formavam uma rede clandestina de produção de charutos que mantinha o comércio ilegal, este que representava o grave problema da concorrência para as fábricas, desfalque aos cofres públicos e a espoliação das charuteiras. A prática de fazer charutos e comercializar de forma clandestina era de amplo alcance e comum na região, que o Jornal Correio de São Félix publicou vários artigos e notas advertindo para os prejuízos que a clandestinidade causava ao comércio formal de charutos. Somente o redator Oldemar Santos escreveu cinco artigos entre 08/10/1944 e 05/11/1944, sobre os problemas da indústria de fumos e charutos no Recôncavo. O quinto artigo ressalta:

*Um dos maiores inimigos do fabricante legalizado é a concorrência subterrânea exercida por fabricante que vivem e proliferam à margem de todas as exigências legais. Eles imitam as marcas, não pagam impostos, desrespeitam o salário mínimo, ocultam-se das exigências trabalhistas e dentro do próprio Estado roubam um mercado importantíssimo aos fabricantes que são onerados com enormes despesas.*¹²⁶

Porém, tanto a fabricação doméstica quanto os fabricos, vistos pela ótica da realidade social e econômica da região, sabendo-se que o número de vagas oferecido pela fábricas era limitado, significaram uma alternativa de trabalho: o de "ganhar a vida", no amplo sentido das necessidades e socialização da população que se encontrava na periferia da legalidade fabril ou das oportunidades de emprego.

Conforme os entrevistados, verificou-se que na Vila de Cabeças foram instalados vários fabricos. Assim, foram citados o fabrico de Miluzinha de Pequeno, de Joana Silva, de Malaquias Ferreira, de Licinha de Machado, de D. Tidinha de

¹²⁵ JESUS, Carmelita Oliveira. Charuteira do fabrico de D. Joana Silva.

¹²⁶ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. Correio de São Félix. op. cit. n.º 25, 05/11/1944.

Domingos, de Loura de Maurílio, de D. Zizi de Alberto e o de Iaiá de Maninho, este último foi o mais citado entre as charuteiras, por ter sido o que mais tempo durou funcionando e pelo número de charuteiras que abarcou, chegando até 30 mulheres, denotando um grau de importância mais elevado que os outros, para as charuteiras da Vila.¹²⁷

Maria das Neves Fonseca Passos, D. Iaiá, era esposa do coronel da Guarda Nacional na região, Jerônimo Damasceno Passos, o seu Maninho, e irmã do coronel João Altino da Fonseca, grande comerciante e exportador de fumos na Vila de Cabeças, este último lhe oferecia melhores condições de funcionamento em relação aos outros fabricos, por lhe fornecer a matéria-prima a preços mais baixos e comprar diretamente a sua produção.¹²⁸

Os fabricos funcionavam de forma ilegal, mas tornaram-se uma prática comum forçada pelas necessidades econômicas e a falta de alternativa de empregos na região. Tanto que, com o fechamento das fábricas, esse negócio continuou atendendo ao comércio clandestino e passou, também, a atender às(aos) trabalhadoras(res) no momento em que estavam desempregas(os):

*A Cia. Brasileira de Charutos Dannemann lançada na pior situação que uma outrora grande firma pode se deparar ao tempo que tem os trabalhadores atravessando faze apertada pelo desemprego em que foram lançados vai se dividindo em fabricos negócios correlatos à fabricação de charutos, beneficiamento e vendas de fumo.*¹²⁹

Os fabricos sobreviveram até a década de 60, quando na Vila de Cabeças a freira Adélia Senn conhecendo o potencial da região, ainda teve tempo de iniciar uma pequena fabricação de charutos na sacristia da igreja matriz, que, embora sabendo da oposição da Igreja Católica em relação ao uso do fumo,¹³⁰ não viu outra alternativa no sentido de organizar o grande número de mulheres ali existente cujo único ofício era o de charuteira. Num esforço para atingir um número maior de mulheres, ao longo desta

¹²⁷ NOVAIS, Maria de Lourdes; MELO, Laurentina Neves; e SANTOS, Sebastião Pereira.

¹²⁸ FONSECA, Efraim. Memorialista. 2000.

¹²⁹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 1024, 05/03/1955.

¹³⁰ Sobre a proibição da Igreja Católica ao uso do fumo ver: DIREÇÃO POLÍTICA DE LAS FAR. *História de Cuba*. Ciudad de La Habana (Cuba): Editorial de Ciencias Sociales, 1985, pp. 42-43.

década e início da de 70, a freira transformou o fabrico numa unidade da Cooperativa Artesanal Mixta do Vale do Paraguaçu - COOVALE, que funcionava em convênio com a Leitalves Agro Comercial e Industrial de Fumos S/A sucessora da fábrica de cigarrilhas Leite & Alves, passando a significar uma alternativa legal de fabricação de charutos e de emprego para as charuteiras.¹³¹

Cabeças formava um grande cenário fabril de charutos, onde as pessoas e os lugares estavam impregnados dos elementos característicos daquela atividade, desde o cheiro ativo do fumo que se espalhava ao vento por toda a Vila, à presença do fumo em "trouxas", em "manocas", espalmados e picotados nas casas e espaços de comercialização, e, os próprios charutos que enfeitavam as janelas das casas, sendo rara a sua ausência, até nas ruas onde lixeiros podiam encontrar restos de fumo e pontas de charutos que eram varridos portas à fora.

As fábricas de charutos da região representavam a oportunidade de emprego e a garantia de um salário para as charuteiras, a fabricação doméstica e, principalmente, os fabricos, mesmo burlando a lei e explorando em grau maior as mulheres, também representaram alternativas de trabalho para aquelas que não tiveram acesso às fábricas legalmente registradas e que faziam parte do expurgo econômico e social na região.

1.5 - A presença das mulheres na fabricação de charutos

A fábrica, por sua vez, estava organizada sobre as bases da divisão social do trabalho, pois fazer o charuto também demandava preparação do tabaco, fiscalização, controle de qualidade, embalagem, estocagem, transporte, além do trabalho de escrituração de entrada de material, saída do produto, registro dos trabalhadores e outros serviços burocráticos e de administração da fábrica em geral. Neste sentido, homens e mulheres formavam o quadro de funcionários das fábricas, porém as etapas de produção dos charutos eram concluídas por uma única charuteira o que fazia das mulheres a maioria responsável pela força motriz das fábricas.

¹³¹ ARQUIVO MUNICIPAL DE CACHOEIRA. *Memorial da Talvis: Cigarrilha Internacional*. M. Correspondências Diversas 1972-1974. Est. 6, Cx. 170.

Tomando como referência uma amostra do contingente operário da Suerdieck de Maragogipe, por força da existência de uma documentação específica - 4.621 fichas de registro dos operários -, verifica-se que, para o período de 1906 a 1950, foram registrados 2.852 operários.¹³² Distribuídos conforme o sexo evidencia-se o seguinte:

Tabela n.º 3 Homens X Mulheres

Sexo	N.	%
Homens	590	20.7
Mulheres	2.262	79.3 *
Total	2.852	100.0

FONTE: Documentos da Fábrica Suerdieck. Maragogipe-Bahia.

* Destas 1.474 (65.1%) eram de charuteiras.

Em 1955, esta fábrica empregava 2.052 trabalhadores, sendo que 70% eram mulheres e o setor da charutaria formado por um grupo predominantemente feminino.¹³³ Assim, a mão-de-obra utilizada e o volume da produção regional de charutos, seja esta caseira ou industrial, foram fatores marcados pelo estilo artesanal de fabricação e o caráter feminino dessa profissão. Segundo Geraldo Meyer Suerdieck e Rose Schinke respectivamente:

*As mulheres eram mais cuidadosas, seletivas e perfeccionistas. Ao contrário dos homens, elas trabalhavam com mais amor e maior dedicação. Daí a preferência pelas charuteiras e não pelos charuteiros.*¹³⁴

Havia mais mulheres, é porque pra fazer o charuto as mulheres têm mais delicadeza e é um trabalho mais para mulher, fazer o charuto. Porque o homem não tem, talvez, aquela paciência de ficar ali sentado mamuseando aquilo, é um

¹³² Estas FICHAS encontram-se no cofre do antigo prédio da Suerdieck na rua Ferdinand Suerdieck, em Maragogipe, onde tanto o próprio prédio como a documentação estão em péssimo estado de conservação, inclusive de segurança. Há ainda um volume razoavelmente grande de livros de diversos títulos, desde o Código do Direito Econômico do século XIX a romances, ali estão em estado de abandono. Todo este patrimônio documental está sob os cuidados do Sr. Benedito Faleiro, antigo operário desta fábrica, mas que não conta com nenhum recurso de proteção e preservação por parte dos responsáveis.

¹³³ CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. P. 03-04.

¹³⁴ SUERDIECK, Geraldo Meyer. A arte que exige perfeição apud CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. P. 06.

*trabalho mais leve, os homens ficaram na parte, justamente de força, era imprimir fardo, virar pilha de fumo(...).*¹³⁵

Como pode-se observar, o estereótipo da docilidade natural da mulher presente na visão dos empresários, assim como da própria sociedade naquela época, não resta dúvida que influenciou na preferência de mulheres para fabricar os charutos. Porém, essa exclusividade não ocorreu por determinação natural, explica-se pelos aspectos interligados entre si e resultantes de uma conjuntura social e econômica específica da região. Fazer charutos, constituía-se numa atividade essencialmente feminina, por ser esta mão-de-obra farta, conforme se observa na Tabela n.º 3 e mais barata que a masculina neste período, fato que se deve ao baixo nível econômico da população periférica da região do fumo, normalmente composta por mulheres solteiras de muitos filhos,¹³⁶ tendo a exploração como o requisito principal da produtividade.

O fato do trabalho exigir muita habilidade e paciência era, portanto atribuído à mulher. Esta concepção estava cristalizada no pensamento coletivo da região e também incorporado ao conjunto de valores da sociedade brasileira, devido à sua formação patriarcal.¹³⁷ É, neste momento, que os industriais perceberam essas mulheres como mão-de-obra disponível e barata, a exemplo do que já ocorria na Alemanha, eram as trabalhadoras mais capacitadas para o desenvolvimento do trabalho.¹³⁸ Por outro lado, a execução dessa atividade representou, nas primeiras décadas deste século a oportunidade da inserção dessas mulheres em um mercado de trabalho em processo de desenvolvimento.

Na região fumageira, a condição econômica feminina facilitou o processo de arregimentação, sendo significativo o número de mulheres desprovidas de recursos econômicos em disponibilidade no mercado de trabalho. As necessidades cotidianas e a luta para sustentar suas famílias, estimularam-nas a romper com os preconceitos em relação ao trabalho feminino fora de casa, a partir de uma forma muito peculiar em seu

¹³⁵ SCHINKE, Rose. Filha de J. Schinke, Cachoeira - Bahia, 2000.

¹³⁶ PINTO, op. cit. 1998, pp. 128 e 129; IBGE, Censos de 1940 e 1950.

¹³⁷ PINTO, op. cit. p. 128.

¹³⁸ BORBA, op. cit. p.37.

conjunto social, utilizando-se das brechas que a própria organização econômica e social podia lhes oferecer. E, quanto ao estado civil dessas mulheres, a leitura das fichas de registro das 2.262 operárias da Suerdieck em Maragogipe, no período investigado, revela os seguintes números:

Tabela n.º 4 Mulheres X Estado Civil

Estado civil	N.	%
Solteiras	1.859	82.2
Casadas	360	15.9
Viúvas	43	1.9
Total	2.262	100.0

FONTE: DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK.
Maragogipe-Bahia: Fichas de Registro de operários.

As mulheres solteiras na região tinha a primazia numérica em relação às demais. Apesar de que se deve relativizar estes percentuais, pois muitas mulheres apenas se casavam no religioso e, embora não constasse nos documentos, sendo consideradas como solteiras, mas entendiam e absorviam as mesmas regras de convivência conjugal do casamento que ocorria dentro das formalidades oficiais, por configurar-se como um valor social e moral que, segundo o redator do jornal Correio de São Félix:

Indiscutivelmente, o casamento, nas suas devidas condições, é uma grande felicidade; é o aurorear de uma nova vida, pontilhada de ternuras e esperanças; é a iniciação de uma existência nova, para novos surtos de trabalho e de fé, para a segurança do futuro, que deve ser a preocupação maior daqueles que se unem e vão constituir famílias.¹³⁹

O casamento civil não era tão comum entre as mulheres das camadas mais baixas daquela população, por ser considerado uma opção da elite, motivada por interesses sociais e econômicos. Enquanto que, ser uma mulher solteira não significava

¹³⁹ DANTAS, Pedro J. A família. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 67, 09/08/1942.

apenas aquela que não fosse casada, mas que era a mulher livre, sem marido e passível de envolvimento em relações amorosas clandestinas, situação em que muitas mulheres fugiam ou não queriam ser enquadradas. Assim, é que o casamento na igreja, ou seja, no religioso era entendido e vivido por essas mulheres como uma opção de não serem enquadradas na categoria de "solteiras" e que, embora não fosse considerado pelo Estado como oficial, a religião lhes oferecia um sacramento de grande importância na sociedade.

Deste contingente de mulheres que se movia em direção às fábricas, percebem-se aquelas que moravam nas redondezas mais distantes do seu local de trabalho, como por exemplo as do Distrito de Cabeças. Estas charuteiras enfrentavam uma caminhada de ida e vinda que variava entre 12 a 24 quilômetros, conforme a localização da fábrica - Muritiba, São Félix ou Cachoeira - pois eram raros os automóveis, no período, naquela região; as intempéries do tempo e o afastamento de sua família, por um período maior de tempo, quando se deslocavam pela manhã, ainda muito cedo, ou seja, às 6 horas e só retornavam às suas casas quase 12 horas depois.¹⁴⁰ Estes fatores, além da lida e dos problemas domésticos a que eram responsabilizadas, representavam as dificuldades enfrentadas pelas charuteiras que moravam nas circunvizinhanças para ter acesso às fábricas de charutos.

Por outro lado, também se identifica as charuteiras, buscando, além da sobrevivência material, a sobrevivência social e cultural, que inseridas em seu grupo, procuravam participar de outras atividades, como as festas regionais ligadas ao catolicismo popular. Dentro e fora das fábricas, as charuteiras se organizavam e ocupavam seus espaços nos períodos festivos, principalmente, dos santos padroeiros de cada cidade, momentos estes que as informantes tratam com maior ênfase ao relatar experiências pessoais no decorrer de suas vidas ativas como charuteiras. Durante o período de intensa atividade das fábricas de charutos na região, o jornal Correio de São Félix, fundado na década de 30, também divulga a participação das

¹⁴⁰ MELO, Neves. Trabalhadora aposentada de C. Pimentel, 83 anos, 1996.

operárias, como representantes das fábricas, nas festas religiosas, assunto que trataremos mais adiante.

A maioria das mulheres charuteiras era chefe de família que, neste caso, cabia-lhe a manutenção da casa e da família no que diz respeito ao aspecto econômico, assim como a educação dos filhos e outras responsabilidades; o marido ou amásio normalmente não se responsabilizava por inteiro nestas questões, apenas, por algumas vezes fornecia uma pequena ajuda.¹⁴¹ Estas mulheres que, também, atuavam no mercado de trabalho, certamente ofereceram mudanças na estrutura familiar daquela sociedade onde os papéis sociais ainda eram relativamente distintos, portanto o seu estudo sugere revelar os papéis históricos das mulheres das classes oprimidas, sendo trabalhadoras, mães, amásias ou esposas.

É no processo de formação da zona fumageira, desde os primórdios da produção do tabaco até o auge da indústria manufatureira do charuto, que foi se definindo a geografia humana, social e cultural do Recôncavo Fumageiro, como resultado de uma interação sócio-econômica vivenciada por aquela população e, de forma singular pelas charuteiras, que exercendo em casa ou na fábrica esta atividade, buscaram com perspicácia o seu lugar e a sua identidade como mulher e trabalhadora.

¹⁴¹ PINTO, op. cit. 1998, pp. 127-129.

CAPÍTULO II

2. SER MULHER

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”

Simone Beauvoir

Ser charuteira significa, antes de tudo, ser mulher e ser trabalhadora, fatos que traduzem condições socialmente construídas no tempo e no espaço. Ser mulher revela os variados significados de uma cultura masculinizante e de uma história de lutas, sejam estas abertas ou camufladas, pela conquista de sua autonomia no campo das relações sociais, na construção de sua cidadania.

Ser trabalhadora, na realidade brasileira, representa o desafio de vencer os obstáculos de cada conjuntura política e econômica que não tiveram como propósito reconhecer as mulheres como sujeitos economicamente ativos, ora mantendo-as excluídas do processo produtivo, reduzindo sua contribuição social apenas ao papel de mantenedoras do equilíbrio doméstico, ora explorando a sua força de trabalho como reserva de mão-de-obra, à sombra do homem trabalhador, além das péssimas condições de trabalho, não havendo uma substantiva valorização social da trabalhadora. Ser charuteira, portanto, implica em acumular os significados das duas esferas – mulher e trabalhadora -, embora sua expressão política tenha sido a tônica do contorno pessoal, frente a estas situações, quando inseridas no contexto da cultura fumageira souberam articular as estratégias de sobrevivência econômica e social.

2.1 – As charuteiras: mulheres no entremeio dos padrões

Um estudo dessa natureza, desperta para o interesse das categorias de classe, de raça e de gênero, pilares das desigualdades de poder, revelando uma posição e um compromisso do interessado com uma história que inclui desigualdades sociais e sexuais, diferenças raciais, lutas políticas e trabalhistas, resistências e estratégias de sobrevivência. A luta de classe e a dos sexos, especificamente, estão ambas presentes permanentemente na produção e na reprodução e, dessa forma, nas práticas sociais como elementos simultâneos de aliança e de oposição que podem, explicitamente, contribuir dentro da análise histórica para a construção plural das identidades.

Neste sentido, a discussão dessas categorias, a partir da temática das charuteiras, como mulheres e trabalhadoras, exprime uma oposição à chamada história tradicional¹⁴² por se ocupar, em grande parte, da história das pessoas comuns e da fala dos oprimidos. Assim, é que o estudo do cotidiano das charuteiras inclina-se pelo eixo das relações sociais de gênero, não se restringindo ao discurso ou às relações entre este e a prática, mas na perspectiva de vislumbrar a vida dessas mulheres no âmbito do lar como mães e como esposas, que foram dominadas, mas que também dominaram; no trabalho, na condição de charuteiras que foram exploradas, mas que venceram a exploração das mais variadas formas dentro do seu contexto social e cultural; e, na sociedade a que pertenciam, como seres sociais que trabalharam, consumiram, que festejaram suas entidades religiosas dentro do calendário cristão ou não, e que circulavam nas ruas e se relacionavam com os demais segmentos sociais. É nesse contexto do processo de produção das experiências sociais, culturais e históricas das charuteiras, que outras questões relativas à raça e classe tendem a se manifestar.

Sabendo-se que o ambiente de trabalho da fábrica, a produção doméstica de charutos e a própria lida diária envolviam as charuteiras em diversas funções e, principalmente, em complexas redes de relações, que, num primeiro momento, faz-se

¹⁴² Para a História Tradicional, Burke apresenta os pontos mais significativos das diferentes abordagens historiográficas: BURKE Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 10-16.

necessário uma breve reflexão sobre as relações sociais de gênero, uma vez que entendemos essa questão como um dos importantes instrumentos de organização das sociedades através dos tempos. Estas, implicam em relações sociais entre os gêneros masculino e feminino que não devem ser reduzidas ao princípio apenas da diferenciação do sexo, mas dos modelos culturais comuns aos dois sexos, uma vez que “relações sociais de gênero representam um modo particular, das relações sociais”.¹⁴³

Ser mulher, assim como ser homem, não significa o fato de nascer fêmea ou macho naturalmente, mas o de assumir papéis socialmente estabelecidos e hierarquizados, fazendo com que homens e mulheres sejam categorias culturalmente construídas, historicamente impostas aos seres masculino e feminino,¹⁴⁴ “posições normativas que não são produtos de um consenso social mas de um conflito”. Essas categorias existem sozinhas, uma explica a outra, ou seja, uma dá sentido a outra, embora numa relação desigual, onde “o princípio da existência da masculinidade baseia-se na repressão necessária dos aspectos femininos”.¹⁴⁵ Dessa forma, configura-se que ser masculino é deter o controle e o poder nos espaços públicos e privados; enquanto, ser feminino está intimamente ligado à maternidade, à fragilidade e à submissão ao homem.¹⁴⁶ A distinção desses mundos, também, se configura pela defesa e a distribuição dos lugares das normas de conduta moral e pela preservação dos valores em oposição.

A relevância maior, no entanto, está na concepção dessa diferença sexual em termos de dominação e controle da mulher, promovendo uma desigualdade que está integrada em todo o sistema de relações sociais, sob formas diversas, desde tempos

¹⁴³ VIEZZER, Moema. **O Problema Não Está Na Mulher**. São Paulo: Cortez, 1989. p. 109.

¹⁴⁴ Os vocábulos ‘masculino’ e ‘feminino’ colocam mulheres de um lado e homens do outro no desempenho de funções e papéis distintos no conjunto das relações sociais, impondo a dominação sexual masculina e a subordinação sexual feminina. VIEZZER, op. cit. P. 108; Quanto ao vocábulo gênero, ainda há possibilidades inexploradas por nossa gramática, “porque em vários idiomas indoeuropeus existe uma terceira categoria – o sexo indefinido ou neutro”. SCOTT, Joan, **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Recife: 1991, p.01. (Traduzido do original **Gender: Na useful Category of Historical Analyses**. Gender and the Politics of History. New York. Columbia University Press. 1989 por Cristine Rufino Debat e Maria Betânia Ávila). O mesmo artigo encontra-se na Revista **Educação e Realidade**. Porto Alegre: v. 16, n. 02, Jul./Dez. 1990.

¹⁴⁵ SCOTT, op. cit. p.11.

¹⁴⁶ Ver VAINFAS, Ronaldo. **Trópicos dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989. pp. 69-101; SOIHET, Rachel. **Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano** In DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 362-400. Dentre outros.

remotos, sendo sistematicamente apresentado pelos patriarcas da Bíblia, os filósofos da antigüidade aos pensadores da modernidade quando uma consciência reflexiva em torno da temática tem sido despertada e ampliada.¹⁴⁷

Com o advento do patriarcalismo e sob o seu signo instituiu-se a dominação do homem sobre a mulher.¹⁴⁸ No Brasil, o primeiro indício do patriarcalismo pode ser identificado no padrão português, a partir do século XVI com a chegada das donzelas, as “órfãs da rainha”, moças pobres e/ou com pequenos dotes que configuraram a importância social e econômica do matrimônio, instalando o modelo da dependência da mulher ao poder masculino na Colônia.¹⁴⁹ A partir de então, se organizou e se consolidou com o “estabelecimento de uma estrutura econômica de base agrária, latifundiária e escravocrata”, que favoreceu a instalação de uma sociedade do tipo paternalista, fazendo do Norte seu espaço por excelência.¹⁵⁰ Contudo, o patriarcalismo expressa-se conforme a organização social e o processo de elaboração mental e cultural de cada povo em cada tempo, agindo como princípio ideológico norteador da família e da sociedade, à medida que molda-se aos processos de desenvolvimento político e econômico que oferecem maior ou menor respaldo as suas ações.

¹⁴⁷ Não se trata-se de uma subordinação de classe mas de uma subordinação dentro de todas as classes sem distinção. VIEZZER, faz uma análise histórica da subordinação da mulher ao homem desde a sua origem aos nossos dias, 1989, pp. 95-106; DEL PRIORE, num trabalho recente, realizou um rastreamento da história das mulheres, percorrendo a história ocidental desde a filosofia, a antropologia e movimentos de renovação da história do pensamento e dos valores ocidentais, como por exemplo, Humanismo e Iluminismo, chegando até o século XX com os cientistas sociais e os historiadores. É uma discussão apreciável, partindo das diversas concepções sobre as diferenças do sexo na vida social e política e, posteriormente, as relações homem/mulher, as tensões e o mundo do trabalho, onde as mulheres sempre estiveram presentes, apesar de silenciadas até pela historiografia: DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres: As Vozes do Silêncio. In FREITAS, Marcos Cezar de. (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, pp.217-235.

¹⁴⁸ O ‘patriarcalismo’, em sua primeira versão, consiste numa forma de organização social onde o homem exerce domínio político, econômico, religioso, e detém o papel dominante na família em relação à mulher e aos demais membros; VAINFAS, afirma que a conversão de cada pai em monarca e sacerdote doméstico fazia do patriarcalismo e da família conjugal uma só instituição. op. cit. p. 111; O estudo pioneiro sobre a Família Patriarcal Brasileira é de FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977; Com a evolução do sistema capitalista no mundo, o patriarcalismo tende a ser moldado para atender às exigências da necessária” divisão sexual do trabalho no sentido de obter lucros cada vez maiores, assim a “ideologia patriarcal” “tem hoje no capitalismo a sua expressão máxima (...)” VIEZZER, op. cit. P. 103.

¹⁴⁹ NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Patriarcado e Religião: As Enclausuradas Clarissas do Convento do Desterro da Bahia, 1677-1890*. Bahia: Conselho Estadual de Cultura, 1994. Pp. 14-15.

¹⁵⁰ SAMARA, Eni Mesquita. Patriarcalismo, Família e Poder na Sociedade Brasileira (Séculos XVI-XIX). In *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v. 11, n.º 22, pp. 10.

Nesta linha de raciocínio, conclui-se que o patriarcalismo não se desenvolveu do mesmo modo em todos os lugares e ao mesmo tempo, tampouco caracterizou, um sistema de dominação masculina tão fechado e tão absoluto ou que as mulheres ao longo da história, tenham sido tão apáticas e incapazes a ponto de justificar a própria ação reguladora do patriarcalismo.

Observa-se, então, que o patriarcado familiar não era uma regra geral, apenas um viés resultante da ideologia elitista e dominante que predominou, principalmente, nas regiões dos grandes latifúndios onde foram implantadas as grandes unidades agrárias de produção como os engenhos de açúcar, as fazendas de criação ou de plantação de café, onde o patriarcalismo podia ser definido como “rude, indiscutível e primitivo”, apresentando-se também como uma organização arcaica e intransigente que, agindo em função do poder político e econômico difundia as regras da “boa moral” e do “bem viver”.

Nos meios urbanos, no entanto, a autoridade do patriarca existia, mas de forma mais atenuada em oposição aos rigores do aplicado no mundo rural.¹⁵¹ Nos meios mais pobres e, sobretudo, no mundo urbano os valores dominantes eram igualmente difundidos, porém aceitos conforme seus modos de vida e dentro das possibilidades culturais e materiais de sua existência.

Levando-se em consideração as condições de vida, os homens e destituídos de poder público e o grande número de mulheres que trabalhavam, chefiavam sozinhas suas famílias, além de muitas não serem formalmente casadas, percebe-se um quadro inverso e dividido entre o ideal e a prática, embora estivessem “cercadas por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade”, conforme observou Cláudia Fonseca.¹⁵² Nas bordas desses sistemas, também, interagem-se outras formas de relações de poder mesclando o conjunto social na sua totalidade,¹⁵³ eliminando as

¹⁵¹ NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Dez Freguesias da Cidade de Salvador*. FCEB, 1986, p. 112.

¹⁵² FONSECA, Cláudia. *Ser Mulher, Mãe e Pobre* In DEL PRIORE, op. cit. 1997, p. 516. Segundo NASCIMENTO, desde o século XVII que as mulheres dos segmentos medianos da sociedade se destacavam das mulheres de elite por serem relativamente independentes economicamente e socialmente. op. cit. 1994, pp. 16-17.

¹⁵³ CORRÊA, Marisa. *Repensando a Família Patriarcal Brasileira* In ARANTES, Antonio Augusto (et alli) *Colcha de retalhos Sobre a Família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp. 13-38.

aparentes dicotomias do poder existente na família e na sociedade, herdadas de uma cultura que determina o que é hegemônico e o que é subalterno.

Nesta perspectiva, os valores do ponto de vista mais amplo e as concepções do que é certo ou errado são reelaboradas conforme o lugar que cada um ocupa na teia social dentro da história, levando em consideração não somente os aspectos econômicos, mas com maior ênfase na cultura.¹⁵⁴ Assim, compreende-se que uma sociedade se completa e se ajusta não na conformação ou na diferenciação estática de seus grupos sociais, mas no ponto em que os conflitos se encontram e no entrelaçamento de sua diversidade cultural.

A mulher, considerada a maior responsável pela reprodução da vida e da sobrevivência dos seres,¹⁵⁵ não se curvou sempre de maneira inconsciente à cultura masculinizante, apesar do rigor das práticas dos sistemas fundados em teorias, tanto da Religião quanto da Ciência, que determinaram naturalmente lugares sociais dicotomizados ao macho e à fêmea com prejuízos para esta última.¹⁵⁶

Uma incursão pela história com o olhar voltado para as mulheres em seus diversos lugares e papéis, permite pontuar sua trajetória na luta aberta por direitos civis e de cidadania, mas se verifica, também, com regularidade a luta sutil e dissimulada com que outras mulheres venceram cotidianamente os diferentes tipos de dominação e exploração que demarcavam as relações no seu contexto mais amplo.

No Brasil, desde a colonização, verifica-se que além da clausura da elite feminina por seus maridos, fluíam também as “rebeldias, transgressões femininas” e, por vezes, a ascensão de mulheres ao domínio doméstico pela “relativa liberdade em que viviam as mulheres das camadas populares da sociedade”.¹⁵⁷ Elas, assim como os homens, ao longo do tempo, sempre buscaram mecanismos que objetivassem solapar as normas estabelecidas, quando, muitas vezes, reagiram às pressões masculinas,

¹⁵⁴ Thompson revela inadequadas as explicações materialistas e deterministas tradicionais para o comportamento individual e coletivo, optando pela cultura como explicação total. apud BURKE, 1992, p. 35.

¹⁵⁵ VIEZZER, op. cit. p. 97.

¹⁵⁶ Ibid. Segundo esta autora “a única diferença natural dentre os seres humanos é o fato biológico de nascer fêmea ou macho da espécie humana”.

¹⁵⁷ VAINFAS, op. cit. p. 109.

chegando até a romper com as uniões conjugais que se apresentavam insuportáveis, além dos incontáveis casos de adultério. Essas reações significaram, na verdade, o termômetro da ação patriarcal, ou seja, se esta ação foi mais intensa em períodos anteriores e, em tempos atuais, mais reelaborada culturalmente no percurso da história, é porque houve uma resistência constante e ameaçadora por parte das mulheres, que nem sempre se acomodavam aos modelos ditados pelos homens ou pelas elites dominantes como modelos universais.¹⁵⁸

Assim, a conformação nítida de dois mundos socialmente sexualizados e chefiados pelo gênero masculino, aparentemente presente no lar, na fábrica, como em toda a sociedade, desde a elite às classes populares, estas últimas em maior escala, onde está inserido o grupo das charuteiras da primeira metade do século XX, sofreu oscilações e quebra das possíveis arestas, a partir da elaboração mental das concepções femininas, subjacentes a uma constante elaboração histórica e cultural que, associada ao lugar que estas mulheres ocupavam no tecido social, resultaram numa expressão real de suas necessidades sociais quanto materiais, tendendo a reverter, quase sempre de forma sutil, suas atitudes e, conseqüentemente, abalando os valores segregadores, abrindo novas possibilidades para novas ações contrárias, e, tornando, pois, as relações sociais mais dinâmicas, menos estáticas entre o que é subalterno e o que é hegemônico.

No cotidiano das charuteiras e de seus companheiros conjugais ou de trabalho, os mundos feminino e masculino, não se apresentavam estanques externo e interno, como no modelo patriarcal convencional, os papéis e os lugares certamente eram definidos, mas as divisas eram normalmente transitáveis e transitórias. À medida que as mulheres passaram a ingressar no mercado de trabalho, gerindo as despesas do lar

¹⁵⁸ Sobre os papéis sociais femininos e suas inversões, ver: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder: São Paulo no Século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995; ARAÚJO, Emanuel. *A Arte da Sedução: Sexualidade Feminina na Colônia* In PRIORE, op. cit. 1997, pp. 45-77; SOIHET, Rachel. *Mulheres Pobres e Violência o Brasil Urbano* In PRIORE, op. cit., pp. 362-400; FONSECA, op. cit. Pp. 510- 553; RAGO, Margareth. *Trabalho Feminino e Sexualidade*. In PRIORE, op. cit. 1997, Pp. 578-606; GIULANI, Paola Capellin. *Os Movimentos de Trabalhadoras e a Sociedade Brasileira* In PRIORE, op. cit. 1997, pp. 640-667; CORRÊA, Marisa. *Repensando a Família Patriarcal Brasileira*. In ARANTES, Antonio Augusto (et alli), 1982; SAMARA, Eni de M. **As Mulheres, o Poder e a Família**. São Paulo: Marco Zero, 1989.

diretamente e não mais como “trabalho complementar”, passaram a competir de igual modo ou até ocupando posições superiores em relação ao salário e ao *status*, considerando as circunstâncias sócio-econômicas locais naquele momento. Assim, as charuteiras têm o seu prestígio profissional diferenciado dos demais trabalhadores, por ser esta uma ocupação em que as mulheres eram a maioria e a de maior importância para uma fábrica de charutos em auge de produção no Recôncavo.

Contudo, não é apenas o viés das relações econômicas que altera as relações de gênero, o fato de participar da produção não conduz, por si só, à libertação no sentido da construção de sua identidade. As mulheres das camadas populares estão mais presentes na rua, são mais abertas ao convívio com a vizinhança e com os grupos de trabalho e de lazer, uma relação mais autônoma, uma comunicação mais dinâmica, portanto mais impregnada de significados. As práticas e atitudes cotidianas de um grupo de mulheres dos meios populares, suas relações com a família, com os grupos de trabalho e com a sociedade, espelham crenças, aspirações, valores ideológicos e padrões de conduta próprios; expressam, também, um período histórico, além da formação sócio-econômica específica de uma região onde estão inseridas, que, observado na dimensão do dia-a-dia dos atores, é possível vislumbrar uma história das mulheres charuteiras do Recôncavo.

A perspectiva de escrever a história do ponto de vista das pessoas comuns, constitui uma abordagem que transita pela circularidade das ações humanas sociais e culturais no tempo e nos espaços, não perdendo de vista as especificidades dos indivíduos e dos grupos. Assim, as charuteiras do Recôncavo Sul da Bahia, não podem ser compreendidas a partir dos parâmetros morais, comportamentais e das concepções de mulher e de trabalhadora de forma generalizada. Elas se definem por suas condições sociais, culturais e econômicas, que marcadas pela relação com o trabalho, com a região fumageira e a própria atividade de charuteira, emprestavam-lhes uma fisionomia própria. As suas vestimentas, o modo e o ritmo de vida expressavam um caráter muito peculiar de um grupo que, também, manifestava atitudes e comportamentos próprios, embora, não de forma isolada mas conforme as suas relações no amplo conjunto social e cultural que as envolviam. Isso pode parecer

óbvio, porém, faz-se necessário ressaltar para reforçar a idéia, não apenas da especificidade do problema, mas da luta e resistência das charuteiras diante da cultura masculinizante que as cercavam.

Visando apreender esses limites como uma forma de organização social e cultural e, ao mesmo tempo, dentro deles, o estudo do modo de vida das charuteiras, suas trajetórias cotidianas na luta pela sobrevivência,¹⁵⁹ tem como linha mestra as estratégias que essas mulheres utilizaram para romper com a invisibilidade doméstica e social, possivelmente imposta pelas ideologias de poder, apontando para uma visão não homogênea da sociedade já que nos meios populares, esse poder nem sempre funcionou com a mesma força e na mesma direção, este raciocínio constitui-se na linha de pensamento desenvolvida neste trabalho.

¹⁵⁹ Sobrevivência, neste sentido, exige uma compreensão além da existência material, ou seja, busca-se uma existência também social, nos seus aspectos mais gerais a que um ser humano sociável possa almejar dentro de suas condições históricas e culturais.

CAPÍTULO III

3. UMA INCURSÃO PELO COTIDIANO DAS CHARUTEIRAS

“Esquecemo-nos de que somos, antes de tudo, uma seqüência de gestos laboriosamente apreendidos nas circunstâncias mais diversas. Esquecemo-nos, também, de que esta seqüência de gestos que compõe o cotidiano tem, por sua vez, uma história no seio da ciência histórica”.

Mary Del Priore

Conhecer as rotinas, os locais de trabalho e as relações das charuteiras com seus patrões, colegas de trabalho e suas famílias, é adentrar na história, é conhecer o mundo particular das charuteiras para compreender a realidade que movimentava a sua volta. Da mesma forma, o cotidiano doméstico e fabril, o significado do trabalho e o de ser charuteira, dentro e fora das fábricas, a organização e o sentido das festas para elas, permitem vislumbrar a luta dessas mulheres ainda que seja uma luta surda, naquele período, para alcançar um relativo poder e a auto-valorização que as identificavam como sujeitos ativos na sociedade em que viviam.

3.1 - Entre a casa e a fábrica

Para atender à demanda da mão-de-obra das fábricas, localizadas nas cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba, moveu-se, além das populações locais, um contingente de desempregados das cidades e regiões circunvizinhas, que, ao deslocar-se nesta direção, almejava novas possibilidades de ascensão econômica, assim como social.

A Suerdieck de Maragogipe, no período de 1906 a 1950, registrou em seu quadro 476 operários de outras localidades representando quase 20% de um total de

2.852 operários fichados naquele período,¹⁶⁰ considerando que esta cidade era a que ficava mais distante entre aquelas que compunham o circuito industrial, formado por Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba.

O "Correio de São Félix", quando tratava de assuntos ligados à indústria do fumo e, principalmente as fábricas de charutos, fazia referência ao contingente populacional que estas absorviam, sempre numa dimensão regional, como expressa neste fragmento:

*(...) Ao se confirmar o rumôr, resta somente aplaudir-se a providencia definida na concessão de empréstimo, medida identica que deverá ser facultada a Dannemann outra das grandes companhias necessitadas de auxilio financeiro para soerguimento da fabricação de charutos, a indústria esta que é o principal meio de subsistência de milhares de milhares de famílias espalhadas na região do Paraguassú".*¹⁶¹ [grifo nosso]

Referindo-se ao número de operários existentes em Muritiba, em 1941, o memorialista Anfilóbio de Castro, que também foi gerente da Dannemann em 1923, afirma que a "cifra de 6.000 aí registrada inclui o grande número dos que descem para trabalhar em São Félix e na Cachoeira".¹⁶²

O Sr. Sebastião dos Santos nos informa quanto a origem dos trabalhadores das fábricas, apresentando um quadro a partir da seleção que a sua memória fez, ou seja, ele guardou, exatamente, a imagem que lhe interessava, a parte do pessoal que mais conhecia e, esta é a sua visão:

*Tinha daqui de Cabeças, tinha de São Félix, de Muritiba, Gravatá, de toda parte tinha. Ia todo mundo a pé, saía daqui seis horas para pegar o trabalho lá oito horas. Cada qual com suas marmitinhas na mão, descia aí Portão até a Muritiba e quem era de São Félix descia pra São Félix. Vinha de São Félix para Muritiba, de Muritiba para São Félix, era assim tudo misturado.*¹⁶³

¹⁶⁰ DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: **Fichas de Registro de Empregados**. Maragogipe - Bahia.

¹⁶¹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. **Correio de São Félix**. op. cit. n.º 1049, 27/08/1955; OUTROS números que tratam do mesmo assunto: 11/07/1948, 17/05/1950, 05/08/1950.

¹⁶² CASTRO, op. cit. p. 146; ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. **Correspondências internas da Dannemann, 1920 - 1952**. Maço 1923, 30/08/1923.

¹⁶³ SANTOS, Sebastião Pereira. **Preseiro da Costa & Penna**, em Muritiba. 95 anos, 1999.

Além dos municípios e localidades próximas, de vários outros lugares mais distantes se deslocavam pessoas também para trabalhar nas fábricas de charutos, estabelecendo-se nas cidades fabris ou vizinhas a estas, misturando-se aos demais trabalhadores no acesso às fábricas.¹⁶⁴ Nesta confluência de pessoas que se locomoviam das cidades e localidades adjacentes ao parque manufatureiro de fumos e charutos do Recôncavo, as mulheres correspondiam a maioria e, entre elas, as charuteiras representavam o "carro-chefe" das fábricas.

Porém, numa época em que era grande o fluxo de trens a cortar as cidades seculares de Cachoeira e São Félix sobre a Ponte D. Pedro II, circular entre estas e as cidades vizinhas não era tão fácil, os automóveis registrados naqueles municípios eram raros, apenas alguns do tipo Rural e Jeep. Em 1947, o prefeito de Cachoeira, Alberto de Souza Bastos, informou ao Departamento das Municipalidades em Salvador, que em seu município estavam matriculados apenas 22 veículos, incluindo uma motocicleta. Embora, nesta mesma oportunidade tivesse observado que: "convém ressaltar que esta cidade é passagem obrigatória dos veículos que se dirigem para o Sul ou para o Norte, cujo tráfego é cada vez mais intenso",¹⁶⁵ mas que eram veículos que atendiam apenas ao transporte de mercadorias como o caminhão que acabara de chegar ou o transporte de passageiros a longa distância como a marinete.

Andar a cavalo ou a pé era a forma mais comum de se transitar por entre aquelas cidades, onde as poucas estradas que havia eram de barro, algumas verdadeiras trilhas, ou seja, os velhos caminhos, as rotas dos tropeiros que desde o século XVIII e XIX já organizavam o espaço econômico e social, contribuindo para o fortalecimento

¹⁶⁴ Conforme as fichas de registro dos trabalhadores da Suerdieck, em Maragogipe, estes tinham origem em: Afonso Pena, Água Preta, Amargosa, Aratuípe, Baixa Grande, Bom Jesus da Lapa, Bonfim de Feira, Cabaceiras, Cabeças, Cachoeira, Cairú, Camaçari, Camamú, Capanema, Castro Alves, Conceição do Almeida, Conceição do Coité, Conceição da Feira, Conceição Velha, Coqueiros, Coração de Maria, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Feira de Santana, Gavião, Ibirataia, Ilhéus, Irará, Itabuna, Itaparica, Itiúba, Jacobina, Jaguaripe, Lençóis, Livramento, Mairí, Maragogipe, Maruim - SE, Milagres, Monte Alegre, Mundo Novo, Muritiba, Mutuípe, Natal - RN, Nazaré, Nova Iguaçu - RJ, Nova Lage, Paraná - PR, Piedade, Pindobassú, Pojuca, Retirolândia, Riachão do Jacuípe, Rio de Contas, Rio Novo, Rui Barbosa, Santo Amaro, Santo Antonio de Jesus, Serra Preta, São Francisco, Salina das Margaridas, Salvador, Santa Luzia, São Felipe, São Félix, Santo Estêvão, São Gonçalo, São Paulo - SP, Sapeaçú, Saubara, Serrinha, Tanquinho, Umburana, Valença, Vitória da Conquista.

¹⁶⁵ ARQUIVO MUNICIPAL DE CACHOEIRA. *Correspondências Oficiais*. Est. 06, CX. 169 e 170. A marinete era um transporte de passageiros, uma espécie de ônibus. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 609, 08/02/1947. NERES, Celina de Jesus. op. cit.

dos centros urbanos.¹⁶⁶ O acesso às cidades manufatureiras por mulheres que residiam distante, era longo e difícil, porém a vontade de ingressar no trabalho superava todas as dificuldades, inclusive as do clima e estradas ruins, como informou esta charuteira:

No verão era boa, agora no inverno... às vezes a gente vinha em grupo pela rodagem porque não dava para passar, era muita lama, animal, fazia aquela lama quando chovia, a gente não agüentava passar pela estrada velha, era. Mas, ia.¹⁶⁷

A estrada de rodagem citada por D. Celina era a estrada que ligava Muritiba a Santo Antônio de Jesus, passando por Cruz das Almas e Affonso Pena, trecho da estrada Bahia - Espírito Santo que se encontrava em fase de conclusão na década de 40.¹⁶⁸ Enquanto que a "estrada velha" era a que, saindo de Muritiba, dava acesso a Cabeças pela ladeira do Caititú, entrando pela localidade que ainda hoje é chamada de Portão até o centro do distrito de onde tomava outras direções.

As mulheres que moravam fora do circuito fabril e que se destinavam às fábricas de charutos, viajavam a pé, trilhando os mesmos caminhos que os cavaleiros, as tropas de burros de cargas que iam e vinham em direção ao porto e a Estação Ferroviária e a marinete que fazia a linha Ilhéus-Salvador, cortando as cidades de Muritiba, São Félix e Cachoeira.¹⁶⁹

O cenário das estradas pelas quais passavam as charuteiras, completava-se com as escassas casas sobre algumas colinas e rodeadas de roças de subsistência; o verde da vegetação que ladeava as estradas e dava acolhida à diversidade de animais rasteiros da região; os pássaros, também não eram novidade para aquela gente que, em suas andanças, enquanto pensava em sua labuta ouvia a melodia do seu canto. Essas

¹⁶⁶ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Sec. Doc. Administrativa. Gabinete do Interventor: Papeleta, Circulares e Outros 1940-1947. Est. 87, Cx. 2281, M. 2863, Boletim n.º 15, Item Estradas Construídas, p. 18. FIEB/CPE. *A Inserção da Bahia na Evolução Nacional - 2.ª etapa: 1890 - 1930*. Salvador: 1980, pp. 30-31.

SANTOS Milton, In BRANDÃO, Maria de Azevedo op. cit. pp. 70-80. Este autor ainda afirma que, em fins do século XIX entre a Chapada e São Félix, 10.000 burros serviam ao comércio e, entre Cachoeira e Feira de Santana 2.000 carros de bois, também serviam.

¹⁶⁷ NERIS, Celina de Jesus. Aposentada pela C. Pimentel em Muritiba, 68 anos de idade, 1996.

¹⁶⁸ SANTOS, Milton. *A Rede Urbana do Recôncavo* In BRANDÃO, 1998. op. cit. p. 81.

¹⁶⁹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 609, 08/02/1947.

andanças também interferiam e davam um caráter muito peculiar à região do fumo. A distância que exigia longas caminhadas, além de proporcionar um grau maior de sociabilidade nos grupos de viagem, também favorecia modificações do espaço quando a paisagem que ligava essas localidades era invadida por grupos de mulheres que andavam rapidamente para alcançar o horário marcado pela sirene das fábricas.

Já chegando nas cidades fabris, onde as trabalhadoras de diversas origens se misturavam, o espaço urbano era intensamente movimentado num trânsito que chamava a atenção de todos. O prefeito de Cachoeira em 1947, em ofício ao diretor da Viação Férrea solicita a instalação de um relógio elétrico na parte externa da Estação reconhecendo que:

irá prestar inestimáveis serviços, o local onde está situada a Estação da Leste, é passagem obrigatória de centenas de operários que diariamente, quatro vezes, buscam as fábricas daqui e de São Félix para o desempenho de suas funções, como é do conhecimento de V. Excia.¹⁷⁰

Nas fábricas, as charuteiras andarilhas misturavam-se às demais e tudo parecia igual. Umas enchiam, outras capeavam o charuto e na lida por aprontá-lo e dar conta da tarefa, compartilhavam as preocupações, alimentos e a amizade. Sempre atentas aos olhos dos mestres que as fiscalizavam, lá estavam elas com seus dedos rápidos sobre as tábuas das bancas de charutos dando ao dia um caráter aparentemente uniforme, sem que a labuta com a família ou a distância de casa exprimissem diferenças entre elas.

Do distrito de Cabeças, a seis quilômetros de Muritiba, passando por São Félix, e a doze quilômetros de Cachoeira, grupos de charuteiras fizeram esse percurso indo e voltando todos os dias, algumas por pouco tempo e outras por longos anos. Com uma memória povoada de nomes, D. Celina se entusiasma e cita-as:

Ave Maria! Se eu te explicar... era D. Neném de Zequinha [Laurentina Neves Melo], a finada Zita, Edite, tinha Lô, tinha Caboquinha, tinha Reizinha de Abílio Preto, Minininha de Leme, tinha muita gente. Aqui dos Pontos, tinha Nicinha,

¹⁷⁰ ARQUIVO MUNICIPAL DE CACHOERIRA. E. 6, CX., 169, Correspondências, 1947/49.

*Joselita, Caluzinha, todo mundo trabalhava na fábrica, essas colegas todas. Eu morava no Portão, saía seis horas, só voltava cinco hora, ia e vinha a pé.*¹⁷¹

Mulheres que acumulavam condições e/ou funções como ser mãe, esposa ou amásia e, ainda, eram charuteiras de uma fábrica, enfrentavam e passavam por várias situações que, muitas vezes, significavam para cada uma delas, mais uma etapa de sua vida cotidiana na busca por dias melhores. Neste sentido, é que o percurso das charuteiras que moravam distantes das fábricas, está registrado em suas memórias com significados que vão além do circuito diário, pois que havia todo um empenho a mais, comparando-se com aquelas que moravam nas mesmas cidades onde as fábricas estavam instaladas, mantendo uma relação de proximidade e, portanto, de facilidade.

A distância e as andanças diárias implicavam para as charuteiras em horário e tempo de trabalho maiores, contando com o acordar mais cedo e o dormir mais tarde, na arrumação da família e da viagem para passar o dia todo fora de casa; ausentar-se do convívio familiar por um período maior de tempo, principalmente se tivessem filhos e pequenos; sofrer as adversidades climáticas das várias estações por estradas de barro; as diferenças no relacionamento e a sociabilidade nos grupos de viagem; a visualização de "mundos" diferentes, ao deslocar-se de uma localidade geralmente rural ou menos urbanizada para a cidade fabril.

Dentre as charuteiras entrevistadas, Laurentina Neves Melo é a que melhor representa essa etapa - entre a casa e a fábrica - por ser sua vida marcada pela distância e o longo período que levou viajando a pé para trabalhar nas fábricas de charutos. Dos 49 anos que trabalhou como charuteira, 38 anos, D. Laurentina, viajou a pé para outras cidades para fazer charutos nas fábricas.

Como a maioria das charuteiras da época, paralelo ao trabalho da fábrica, D. Laurentina também fazia charutos em casa, repassando-os ao comércio informal. Mãe de oito filhos e com um marido que vivia de fazer "jogo de bicho" pelas ruas, restava-lhe trabalhar dobrado para manter o sustento da família. Durante um período relativo a quase quatro décadas, D. Laurentina andou a pé para trabalhar nas fábricas de charutos

¹⁷¹ NERIS, Celina de Jesus. op. cit.

das cidades vizinhas, distantes de sua residência, acumulando experiências diversas no tocante à função de charuteira e à lida doméstica que não cessava ao seguir para a fábrica, pois carregava consigo, continuamente, as mesmas preocupações de mãe, esposa e operária, por ser aquela que gerenciava e executava, ao mesmo tempo, todas as tarefas do lar, sendo ainda charuteira da fábrica.

Desta forma, chegar até a fábrica não era apenas caminhar, percorrer uma certa distância e chegar ao local de trabalho. Para D. Laurentina, chegar à fábrica era deixar a casa, marido e oito filhos arrumados e enfrentar as mesmas condições de viagem e de trabalho que as demais companheiras, observando que na volta, o seu dia de trabalho ainda terminava mais tarde, pois outras tarefas em casa lhe esperavam. De modo semelhante a esta charuteira, o dia de todas as charuteiras que moravam distante do local de trabalho, era muito mais cheio de labor e de dificuldades do que o dia de uma outra charuteira que tinha todas as facilidades por morar perto da fábrica em que trabalhava.

A vida das charuteiras de Cabeças que trabalhavam nas fábricas, era difícil e cansada, além dos perigos da viagem que as intimidavam e fizeram com que muitas desistissem. Contudo, outras continuaram uma vida inteira sobre o lastro desse vai-e-vem como assim confirma D. Laurentina Neves Melo:

Era muito cansativa. A gente descia aquela ladeira do Canta Galo pra subir aquela do Catiti, que não era mole viu. Quantas trovoadas eu passei ali naquela estrada, a gente só enxergava o lugar de pisar quando o relâmpago abria. Muita gente desistiu, mas eu continuei esses anos todo, trinta e um anos eu ia e voltava de pé, sete quilômetros de ida e sete de volta.¹⁷²

Quando enfatiza a última frase, D. Laurentina Melo parece sentir-se como uma vencedora daquelas adversidades que abateram o ânimo de tantas colegas de trabalho, mas que ela conseguiu superar. Contudo, ela chega a identificar o fato de ser charuteira com as dificuldades inerentes ao percurso de viagem. Quando lhe foi perguntado como era a vida das charuteiras que moravam distante do seu local de trabalho, ou seja, da fábrica, respondeu o seguinte:

¹⁷² MELO, Laurentina Neves. op. cit.

*Era a mesma coisa, era o que Deus queria, se tivesse chovendo ia debaixo de chuva, se tivesse fazendo sol era a mesma coisa, pedia a Deus quando chegava o verão pra gente ir trabalhar e... no inverno vez que a gente ia trabalhar até molhada.*¹⁷³

Diante das dificuldades materiais vividas pelas charuteiras que residiam, de alguma forma, distante das fábricas em que trabalhavam, a formação de grupos de viagem significou uma forma de proteção e, sobretudo, de resistência coletiva aos perigos que a viagem pudesse oferecer, imprevisivelmente a cada dia. As chuvas, a lama, estradas desertas, a presença do desconhecido, o medo do imprevisto, as trovoadas e a noite, que podia chegar mais cedo, eram estes dentre tantos, os perigos da viagem cotidiana. Quando se referiu ao trabalho da sua mulher na fábrica de charutos, Sr. Sebastião dos Santos, fez questão de enfatizar que ela não viajava sozinha:

*Ela saía pela manhã, seis horas, mas saía com quatro ou cinco camaradas e descia pro trabalho, quando era à tarde, voltava da mesma forma, com quatro ou cinco camaradas tudo junto, vinha tudo no caminho assim.*¹⁷⁴

Sempre que foi necessário tratar do assunto da viagem de casa para a fábrica, pode-se notar, insistentemente, nas falas das charuteiras, a expressão "a gente..." e nunca um "eu..." que pudesse indicar que alguma delas viajasse sozinha. Mais do que apenas a busca da proteção de uma viagem qualquer, estava a vontade de ir trabalhar. A formação dos grupos representava essa reunião de forças para vencer os perigos e alcançar o desejado, como expressou, anteriormente, D. Celina, quando diz que havia muitos obstáculos na estrada, "Mas, ia."

A organização dos grupos para e durante a viagem não ocorria de forma aleatória, mas conforme a identificação e o relacionamento que faziam dentro dos próprios grupos, cada charuteira estabelecia critérios próprios de escolha das companheiras, a partir das exigências do seu comportamento ou do seu jeito de ser. D. Celina fez a seleção de colegas com quem viajava e, que provavelmente, também, foi

¹⁷³ Ibid.

¹⁷⁴ SANTOS, Sebastião Pereira. op. cit.

escolhida assim:

*porque juntava aquele grupo grande, uma zuada, eu nunca gostei de andar no meio de muita zuada. As vez eu viajava era com D. Dudu, essa Delú de Cipriano, Caluzinha, Tina, esse povo todo era do grupo da gente, e ia outras quantidade na frente, atrás e tal.*¹⁷⁵

Esses grupos de viagens que favoreciam a sociabilidade e solidariedade entre as mulheres charuteiras que se deslocavam, principalmente do Distrito de Cabeças, para as fábricas das cidades vizinhas de Cachoeira, São Félix e Muritiba, certamente, significaram os instrumentos que as ajudavam a vencer, desde as dificuldades na família quanto à sua ausência durante todo o dia, aos obstáculos da própria viagem, fazendo-as superar em grupo as diversas distâncias entre elas e a possibilidade de trabalhar, ou seja, de ter um salário e, conseqüentemente, melhores condições de vida e, um convívio social mais amplo, fatores que ofereceram as charuteiras novas experiências econômicas e sociais na conquista da autonomia, como sujeitos ativos econômico e socialmente no lar e na sociedade em que viviam.

3.2 - A fama como referencial de seleção

Além do grande envolvimento de grande parte da população do Recôncavo no trato do fumo, seja na lavoura ou nas manufaturas de modo geral, o número de charuteiras registrado nas fábricas de charutos, durante a primeira metade do século XX, foi, da mesma forma, significativo.¹⁷⁶ Esta assertiva é legítima para a indústria de

¹⁷⁵ NERIS, Celina de Jesus. op. cit.

¹⁷⁶ CÉSAR, Elieser. O Império do Tabaco. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 06. Este autor afirma que nas fábricas de charutos as mulheres significavam mais de 70% da mão-de-obra. Tomando por base o contingente operário da Suerdieck no período de 1906 a 1950 que era de 2.852 e deste 2.262 eram mulheres, as charuteiras representavam 51.7% do total geral e 65% do total de mulheres, uma vez que, era para esta atividade que convergiam todas as outras dentro das fábricas. DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: **Fichas de Registro de Empregados**. Maragogipe - Bahia. Valéria Pena, citando o Censo de 1920, 1940 e 1950, afirma que "mulheres compunham a maioria absoluta de operariado na têxtil, em certos ramos de confecção na produção de fumos, cigarros, charutos, de caixas de papelão, fósforos, perfumaria e chocolates. Em 1940 e mesmo em 1950 elas continuavam a constituir a força de trabalho predominante (...)". PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres Trabalhadoras: Presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril**. São Paulo: (Tese de doutorado em Ciências Sociais - USP, 1980) 1980. p. 145, ver também, p. 92, 114-115; para 1920, especificamente, esta autora afirma que na indústria de cigarros, charutos e fumos a participação feminina é de 74%, p. 93.

charutos no decorrer do período estudado, embora os dados da indústria nacional, em vários setores, segundo Pena, revelem o seguinte:

As mulheres, com as crianças, forneceram os primeiros braços fabris; ao movimento de sua incorporação sucedeu, entretanto, o de sua expulsão e, se em 1872 elas eram 76% do trabalho assalariado nas fábricas, em 1950 eram apenas 23%..¹⁷⁷

Contudo, o fenômeno da expulsão geral das mulheres da indústria nacional, não se desenhou com a mesma intensidade em todos os setores. Nas fábricas, as charuteiras ingressaram a partir da lógica capitalista nacional, mas dentro de uma conjuntura econômica e social local que, além da pobreza que campeava na região, favorecendo a demanda pelo emprego e o barateamento da mão-de-obra, a função de fazer charutos era inculcada pelos empresários e pela própria sociedade como específica de mulheres, fatores que levaram estas a preencher preponderantemente as vagas da principal função das fábricas.¹⁷⁸ Assim, Sr, Sebastião P. dos Santos afirma que:

O homem não trabalhava em charuto, só era mulher. Agora, o homem que podia fazer charuto, que aprendeu em casa dele pra fazer na casa dele, mas na fábrica tudo era mulher. O homem era banqueiro, era capeiro, preneiro e essas coisas.

Conforme o crescimento da indústria de charutos local, aumentava o número de charuteiras, gradativamente ano a ano, a exemplo da Suerdieck de Maragogipe que, num quadro resumido, pode-se verificar esta realidade. Tomando por base o seu primeiro ano de funcionamento até a década de 1950:

¹⁷⁷ PENA, Valéria. op. cit. p. 02 e 12.

¹⁷⁸ PINTO, L. A. Costa. Recôncavo: Laboratório de uma Experiência Humana. In BRANDÃO, 1998. P. 128-13; CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 06; PENNA, op. cit. 93. Apesar da relevância dos fatores que levaram às mulheres a ocuparem quase que totalmente o quadro de vagas de charuteiras das fábricas, as *Fichas de Registros de Empregados da Suerdieck* revelam o registro de 28 charuteiros para o período de 1906 a 1950.

Tabela n.º 5 Quadro evolutivo do registro das charuteiras

Período	N.º de charuteiras
1906	02 charuteiras
1907 a 1910	12 charuteiras
1911 a 1920	104 charuteiras
1921 a 1930	277 charuteiras
1931 a 1940	393 charuteiras
1941 a 1950	686 charuteiras
Total	1.474 charuteiras

FONTE: DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK:
Fichas de Registro de Empregados. Maragogipe - Bahia.

Entre 1940 e 1950, segundo afirmativa de P. Singer e F Madeira, o número de trabalhadoras na indústria nacional aumentou 31.9%,¹⁷⁹ neste mesmo período o quadro acima pontua um aumento de 74.6%, apenas no registro de admissão de charuteiras naquela fábrica. Contudo, nem todas as pessoas sabiam fazer charutos ou chegavam a trabalhar numa fábrica específica e, tratando-se de uma atividade que envolvia diretamente grande número de mulheres, nem todas tiveram esse "privilégio", pois as fábricas de charutos que se instalaram na região fumageira, apesar de abarcar um grande contingente de trabalhadores, não conseguiram atingir a todos que necessitavam do trabalho. Em relação ao charuto, ainda se deve considerar a questão relativa à aptidão pela atividade propriamente dita, como afirmou D. Benedita que, para fazer charutos de qualidade, conforme a exigência da clientela das fábricas, "é preciso ter ciência".¹⁸⁰

¹⁷⁹ MADEIRA, F. e SINGER, P. I. Estrutura de Emprego e Trabalho Feminino no Brasil In *Cadernos CEBRAP*, n. 15.

¹⁸⁰ O termo aptidão aqui utilizado não deverá ser entendido como uma habilidade natural, mas como um gosto desenvolvido a partir de um contexto que favorecia a lida constante com a matéria-prima e o produto.

As charuteiras que conseguiam ingressar nas fábricas, certamente passavam por um critério de seleção que podia ser a sua própria capacidade de fazer bem o charuto. Mas, como chegar até essas charuteiras? Não foi, portanto, encontrado, ainda, nenhum registro escrito do critério de seleção específico das charuteiras, adotado pelas fábricas; como eram requisitadas para o trabalho, ou até mesmo, se ocorria e como ocorria a instrução de charuteiras mais jovens dentro da fábrica, visto que estas foram, ao longo dos anos, preenchendo as muitas vagas que foram surgindo. Através das entrevistas, podemos perceber a forma como as mulheres da região aprenderam a atividade de fazer charutos e como as fábricas chegavam até elas e/ou como as charuteiras que, também, queriam trabalhar na fábrica conseguiam chegar até lá.

A partir das primeiras charuteiras registradas e já inseridas nas fábricas, foi possível se chegar às demais que, ao longo do tempo, também foram fazendo os contatos entre os dois segmentos. As charuteiras que desejavam trabalhar nas fábricas, também dependiam daquelas que já faziam parte do quadro e eram reconhecidas como boas charuteiras, para que as apresentassem e dessem a garantia da qualidade do trabalho das novas charuteiras. Neste sentido, as fábricas se utilizaram dos próprios recursos disponíveis na região para preencher o quadro de charuteiras necessário ao volume da produção.

Normalmente, as mulheres aprendiam a fazer o charuto em casa ajudando a própria mãe na produção doméstica desse produto, com as vizinhas e conhecidas ou nos fabricos onde não havia uma exigência rigorosa da qualidade do charuto, destinado ao mercado informal, exceto quando se tratava de fabricos que negociavam sua produção diretamente com a fábrica. Porém, ao se registrar numa fábrica para fazer charutos, a charuteira teria que aperfeiçoar ao máximo o seu trabalho para que fosse aceita como boa charuteira e, não desperdiçar material nem prejudicar a sua tarefa, pois dela dependia o valor do seu salário no final da semana. D. Laurentina fala do seu percurso até ingressar na fábrica como se este fizesse parte de um processo formal de "ascender" ao trabalho da fábrica:

Trabalhei aqui no fabrico sentada no chão, abrindo fumo para as charuteiras no fabrico de Yayá de Manin, depois eu fui aprender fazer charuto ali com Cecinha,

*aprendi fazer charuto, aí eu... Tinha u'a velha que trabalhava lá em Muritiba na fábrica do Costa e, aí eu falei com ela pra arranjar um trabalho pra gente, pra mim e minha irmã e, aí ela chegou e arranjou. A gente foi, chegou lá, foi bem recebida, ele mandou a gente sentar, procurou saber como é que a gente trabalhava, isso aí, a gente ficou trabalhando.*¹⁸¹

Depois de estar registrada e trabalhando em C. Pimentel, D. Laurentina, também se transformou no elo que ligava outras charuteiras à fábrica e vice-versa, como se estivesse ocupando mais um cargo:

*Trabalhei com muitas, muitas mermo eu botei lá pra trabalhar, mas nenhuma ficaro, por isso. Muitas porque não gostaro do trabalho, porque ia e descia todo dia e muitas, também, porque perdia muitos charutos... mas eu continuei esses anos todos.*¹⁸²

D. Alzira Ferreira da Silva foi trabalhar na Dannemann através de uma outra charuteira que já estava incluída no quadro desta fábrica, afirmou isto quando lhe perguntei quais foram suas colegas de trabalho durante o período em que viajava a pé para a fábrica e, em meio às lembranças, respondeu o que selecionou e mais fixou em sua memória, exatamente aquela que lhe levou para ingressar na fábrica: "Eu não me lembro mais não, tinha uma que chamava Nenem Borges, essa foi que levou a gente pra trabalhar".¹⁸³

Dalva Damiana dos Santos informa como a fábrica recrutava e selecionava cada charuteira ao ser apresentada para a função:

*Tipo uma pesquisa, tipo assim um teste. Botava pra fazer, ia olhar, bitolar tudo, medir pra ver se tava certo, pra ver se passava qualquer pedaço, olhar a fofura do charuto, que tinha gente que tinha a mão pesada fazia charuto pertado e pesado, mas tinha outras que não. Essas coisas todas. Tinha bico batido, tinha bico lançado, bico de ponta, bico de bojo, tinha charuteira de primeira, tinha de segunda.*¹⁸⁴

¹⁸¹ MELO, Laurentina Neves. Charuteira da C. Pimentel. 83 anos de idade, 1996.

¹⁸² Ibid.

¹⁸³ SILVA, Alzira Ferreira da. Charuteira da Dannemann. 87 anos de idade, 1996.

¹⁸⁴ SANTOS, Dalva Damiana. Charuteira da Dannemann e Suerdieck. 70 anos de idade, 2000.

Segundo o Sr. Sebastião:

*Tinha até convite. Convidava as charuteiras boas que eles conheciam daqui de Cabeças que trabalhavam em casa, eles mandavam até chamar pra elas ir trabalhar lá. Bom, Isabel, minha irmã mesmo, foi chamada pra Pimentel, ela foi chamada pra ir trabalhar em Pimentel, ela não quis; uma filha minha foi chamada pra Pimentel, ela não quis, era Joselice, que era boa charuteira, tinha uma produção de 200 a 300 charutos por dia, Pimentel mandou chamar pra ela ir pra lá, ela não foi.*¹⁸⁵

A fama de boa charuteira, constituía-se no elemento principal para ingressar nas fábricas, além de ser considerado e transmitido como herança às filhas que quisessem seguir a profissão. Tratando de assuntos sobre admissão de operários, a Cia. de Charutos Dannemann informa que:

*OPERÁRIOS - Readmissão - Comunicamo-lhe que o Sr. Presidente resolveu readmitir nos serviços desta Empresa a operaria Maria de Lourdes Santos, arrimo de família, anteriormente admitida em 11.12.1951, atendendo à circunstância especial de tratar-se de filha de uma antiga operaria recém-falecida, que bem serviu a Casa durante longos anos.*¹⁸⁶ [grifo nosso]

Dentro da fábrica a concepção do tempo de trabalho e do bem servir estavam definidos. Nesta correspondência interna da Dannemann o gerente solicitou ao seu chefe a readmissão da operária Maria de Lurdes Santos, que já havia sido anteriormente trabalhadora daquela empresa, porém a circunstância especial era por se tratar "de filha de uma antiga operária recém falecida, que **bem serviu à Casa por longos anos**".¹⁸⁷ [grifo nosso].

O processo de busca, seleção e fichamento das charuteiras nas fábricas era intermediado por aquelas que também conquistavam a confiança e o prestígio dos gerentes, por realizarem um trabalho bastante aprimorado na confecção dos charutos e, se as que fossem apresentadas também desempenhassem um trabalho de alta

¹⁸⁵ SANTOS, Sebastião Pereira. op. cit..

¹⁸⁶ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. Correspondências internas da Dannemann, 1920 - 1952. Maio 1952, 14/02/1952.

¹⁸⁷ Ibid.

qualidade, aumentava mais ainda o seu prestígio junto aos superiores. Perante aquelas que foram convidadas e apresentadas, tornava-se uma pessoa de muita consideração e respeito a quem se devia "ilustre" favor que, geralmente, era uma mulher mais idosa ou que estava registrada e trabalhando naquela fábrica por muito tempo.

A seleção das charuteiras também passava pela concepção de trabalho que permeava nesse período, de que o trabalho engrandece o homem e, na mesma medida, o tempo em que levassem trabalhando para um mesmo patrão definia a sua conduta.¹⁸⁸ Estas concepções, já existentes, foram bastantes reforçadas nas décadas de 30 e 40 com a política getulista, que tinha como base o modelo alemão de formação profissional¹⁸⁹ e que refletia na sociedade. Na contracapa das carteiras profissionais do mesmo período é transmitida a seguinte mensagem aos trabalhadores da época:

A carteira, pelos lançamentos que recebe, configura a história de uma vida. Quem a examinar, logo verá se o portador é um temperamento aquietado ou versátil; se ama a profissão escolhida ou ainda não encontrou a própria vocação; se andou de fábrica em fábrica, como uma abelha, ou permaneceu no mesmo estabelecimento, subindo a escada profissional.

Pelas fichas de registro dos trabalhadoras da fábrica de charutos Suerdieck, em Maragogipe, é possível observar, além das charuteiras que demoraram mais tempo fazendo parte do quadro da fábrica, a presença de outras com idade mais adiantada, sendo estas apresentadoras ou não de boas charuteiras. No primeiro ano de funcionamento, 1906, por exemplo, a Suerdieck contou com uma aneladeira de 21 anos de idade, uma empapeladeira de 15 anos e duas charuteiras, uma de 44 anos e outra de 72 anos, sendo esta última de idade avançada em relação as outras, identificando, possivelmente, a escassez da profissional para aquele momento e/ou a preferência dos dirigentes das fábricas por charuteiras mais experientes, não apenas para atender ao nível de qualidade exigido pelo mercado de charutos como,

¹⁸⁸ STOLKE, Verena. **Cafecultura: Homens, Mulheres e Capital (1850-1980)**. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 272-347; PENA, op. cit. p. 130.

¹⁸⁹ WEINSTEIN, Barbara. As mulheres trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas e esposas profissionais In **Cadernos Pagu** (4) 1995: pp. 152.

possivelmente para preparar as demais mulheres que apresentassem disposição para a fabricação desse produto.¹⁹⁰

Nos anos seguintes, apesar da numerosa presença de charuteiras de várias faixas etárias, verifica-se o registro de entrada de mulheres a partir dos 50 anos de idade. De 1906 a 1939, a Suerdieck registrou um total de 33 charuteiras com 50 anos de idade e mais num universo de 784 delas, um número pequeno, porém significativo para o momento, pois, ao longo do tempo, ou seja, para o próximo período de 1940 a 1950, as charuteiras com essa idade foram desaparecendo quase que totalmente do quadro de trabalhadoras da fábrica, numa inversão gradativa da faixa etária.

Tabela n.º 6 Charuteiras X Idade

1906 - 1939			1940 - 1950		
14 a 17 anos	29 charuteiras	3,7%	14 a 17 anos	75 charuteiras	10,9%
18 a 29 anos	403 charuteiras	51,4%	18 a 29 anos	495 charuteiras	71,7%
30 a 49 anos	319 charuteiras	40,7%	30 a 49 anos	120 charuteiras	17,4%
50 anos/ mais	33 charuteiras	4,2%	50 anos/mais	000 charuteiras	00,0%
Total	784 charuteiras	100%	-	690 charuteiras	100%

FONTE: DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: Fichas de Registro de Empregados. Maragogipe - Bahia.

Dentre as charuteiras com mais de 50 anos de idade identificadas, apresentamos alguns casos que ilustram bem as questões. Na Suerdieck, **Maria Basília Jesus**, natural de Santo Amaro da Purificação e nascida em 14 de junho de 1862, foi admitida na Suerdieck em 1915 com 53 anos de idade e, em fevereiro de 1939 quando foi (re)cadastrada, ainda como trabalhadora ativa da fábrica, já estava com quase 77 anos, recebeu férias, em 1944, com 29 anos de trabalho nesta empresa, vindo a falecer em 10 de outubro de 1946 com, então, 84 anos de idade.

Em 1926, foi admitida **Maria da Conceição** com 60 anos de idade, nascida em 15 de maio de 1866, em Maragogipe; na época do cadastramento, esta trabalhadora alcançava já os 73 anos em plena atividade fabril e em 1941 com 15 anos de serviço

¹⁹⁰ DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: Fichas de Registro de Empregados. Maragogipe - Bahia.

recebeu férias, estava com 75 anos de idade, última anotação de sua ficha.

Maria Gracinda nasceu em 1884, foi admitida em 1929 e pela última anotação em sua ficha, gozou férias em 1949 com 65 anos de idade e, até aí, 20 anos de serviço.

Maria Marcellina Conceição nasceu em 1892, foi admitida 1908 e pela última datação em sua ficha requereu auxílio maternidade em 1948 com 56 anos de idade, contando até aí 40 anos de serviço.

Alice Dias Querino nasceu em 1901, foi admitida em 1916, aposentou-se em 1957 com 56 anos de idade e 41 anos de serviço na Suerdieck.¹⁹¹

Laurentina Neves Melo, charuteira entrevistada e já citada anteriormente, nasceu em 1913, sendo admitida em 1943 na C. Pimentel & Cia., onde trabalhou até 1973 quando se aposentou, somando 30 anos de trabalho nesta empresa.¹⁹²

Mas, por volta de 1941 até 1945, a Suerdieck registrou 62 aprendizes de charutaria que variavam entre 14 e 20 anos de idade e, apesar de ser, também um número pequeno em relação ao total de charuteiras registradas nesse intervalo, 385, e já contar com a presença de menores nas fábricas anteriormente, esta função até então não aparecia nas fichas de registros, fato que num primeiro momento nos oferece a possibilidade de pensar em uma preocupação dos fabricantes em preparar novas charuteiras capazes de substituir as mais antigas na casa, uma vez que a Legislação Trabalhista, a partir de 1943, passaria a estabelecer a idade mínima para a aposentadoria, período em que cresceu, consideravelmente a presença de menores de dezoito anos no trabalho das fábricas,¹⁹³ quando podiam pagar apenas meio salário mínimo para a faixa etária de 14 a 17 anos.¹⁹⁴

Porém, no começo da década de 40 com a política nacional de instrução

¹⁹¹ DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: **Fichas de Registro de Empregados**. Maragogipe - Bahia. O que aqui chamamos de (re)cadastro tem como base dados contidos nas próprias fichas encontradas no cofre do prédio da antiga Suerdieck de Maragogipe que dividem-se em dois períodos: antes e depois de 1939, ou seja, todas as admissões que ocorreram de 1906 a 1938 encontram-se em fichas de registros datadas de 1939 e, todas as admissões a partir deste ano têm nas fichas as suas respectivas datas.

¹⁹² MELO, Laurentina Neves. Charuteira da C. Pimentel. 83 anos de idade, 1996; CTPS, da mesma informante.

¹⁹³ Ver tabela n.º 06.

¹⁹⁴ SAAD, Eduardo Gabriel. **Consolidação das Leis do Trabalho**. São Paulo: LTR, 1972.

industrial, foi criado o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), este tinha como objetivo a educação vocacional de acordo com as necessidades de setores industriais específicos. Os cursos criados pelo SENAI eram breves e formavam operários semi-qualificados e, a maior parte destinava-se a moças aprendizes¹⁹⁵ Esta política também atingiu a indústria fumageira, especificamente, o setor de charutaria quando recrutou muitas jovens para aprender o ofício. Assim, nos conta D. Dalva Damiana dos Santos, que tem o seu primeiro registro na Carteira Profissional da Dannemann em maio de 1946, quando atingiu os seus 18 anos, tendo passado por essa experiência:

*Bem, aí quando eu fui trabalhar com a Dona Matilde, que é morta, ela era mestra da cigarrilha... os bancos era emendado pra poder a gente chegar na altura da banca, ia ensinando a gente ali, o nome era o SENAI, chamava o SENAI naquela época. Depois que a D. Matilde deu a gente por pronta na cigarrilha, a gente passou pra trabalhar com seu Francisquinho, passei a fazer um charutinho de bojo, n. 5, n. 7 e, aí fui continuando trabalhando até quando eu formei mesmo os meus 18 anos completo trabalhando com eles.*¹⁹⁶

O convênio com o SENAI, conforme o esclarecimento de D. Dalva Damiana, significou um recurso oficial que, possivelmente, atendeu às duas questões e que reflete nas estatísticas também da Suerdieck, cuja presença de menores de dezoito anos é maior que anteriormente esse período, assim como, nos anos seguintes, até 1950, cresce o número de charuteiras entre dezoito e vinte anos de idade, um aumento representativo de 159,5% comparado ao total que abrange o período de 1906 a 1939.

Desta forma, as fábricas de charutos não adotaram nenhuma exigência criteriosa na seleção das charuteiras, ou seja, não aplicaram os padrões estabelecidos em outros ramos industriais, como testes, entrevistas e outros exames; ou exigências do tipo físico, de instrução e de experiência profissional comprovada. Ao contrário, recrutaram suas charuteiras em todo o período do auge do seu funcionamento, utilizando métodos aleatórios, embora consoante com o tipo e a disponibilidade da mão-de-obra da região. Saber fazer charutos e ter boas referências da qualidade do

¹⁹⁵ WEINSTEIN, Barbara. op. cit. pp.153-155..

¹⁹⁶ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

trabalho, constituíam-se nos requisitos básicos da escolha da mulher para preencher a vaga de charuteira, tendo a mesma aprendido o ofício em casa ou dentro da própria fábrica.

3.3 - *Fazer charutos: cotidiano fabril*

As fábricas de charutos eram compostas por diversas repartições, variando muito pouco de uma para outra fábrica quando se tratava do mesmo porte empresarial. As grandes fábricas compunham-se de recepção, escritórios, cofre (era uma pequena saleta com paredes e porta adequada), almoxarifados, elevador de carga, conforme o porte da fábrica e estrutura do prédio, ambulatório, sanitários, refeitório, oficina mecânica, depósitos, bancas de capas, salões de beneficiamento de fumo onde se concentrava grande parte do pessoal nas várias etapas do preparo do fumo, caldeiras, câmaras de fumo e de charutos, carpintaria, salão de anelamento, salão de encaixamento e a charutaria.¹⁹⁷

A seção de charutaria apresentava-se como a recepção da empresa, ficava sempre no salão da frente, onde eram arrumadas as bancas em fileiras duplas, dispondo as mulheres sentadas em tamboretas, uma em frente à outra em cada fileira de bancas. As charuteiras como os outros trabalhadores não usavam uniformes, elas vestiam-se com roupas comuns do dia-a-dia, normalmente eram os vestidos ou o conjunto de saia e blusa confeccionados com tecidos baratos de cores uniformes, ou seja, lisos ou estampados, mas que ao tomar os seus corpos passavam a ter sexo e tipo característicos das mulheres pobres e trabalhadoras do fumo; o indispensável avental que, às vezes, era completo, cobrindo toda a parte da frente da roupa da charuteira, acompanhando a altura e o comprimento do seu vestido e cruzado nas costas, ou, apenas cobria-lhe da cintura para baixo até o comprimento da saia sendo amarrado à cintura; e o lenço que cobria-lhe a cabeça.¹⁹⁸

¹⁹⁷ FALEIRO, Benedito. Servente, marceneiro e mestre de charutaria da Suerdieck em Maragogipe. 57 anos 1999. ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952.*

¹⁹⁸ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Secretaria da Agricultura. Série: *Fotografias sobre a cultura fumageira.* S/D. Cx. 2378, M. 149, Doc. 557.

Embora, na fotografia, todas as charuteiras tenham sido apresentadas sem lenços na cabeça, possivelmente isto se deva ao momento da fotografia em que, certamente, foram avisadas ou exigida delas uma postura para a foto, uma vez que esta fotografia foi solicitada pelo Sr. Mario Barbosa, Oficial do Gabinete do Governador da Bahia.¹⁹⁹ E, como se pode observar, muitas delas estavam mais atentas a algo que nos parece exterior, talvez o próprio fotógrafo, que concentradas no trabalho. Conforme D. Celina que até hoje ainda tem o hábito de usar o lenço à cabeça, esta era uma peça usual de todas as mulheres fumageiras, indispensável para a higiene em relação ao charuto e para proteger os cabelos do forte cheiro que exalava e do pó que soltava do fumo, que quando úmido se transformava em cerol grudando nas roupas, nas mãos e onde quer que tocasse.²⁰⁰

¹⁹⁹ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA. Secretaria de Governo: Correspondências. Cx. 1821, Doc. N. 1935, M. 159.

²⁰⁰ NERIS, Celina de Jesus. op. cit.



Fonte: Arquivo Público do Estado da Bahia. Secretaria da Agricultura. Série: fotografia sobre a cultura fumageira. S/d cx. 2378, março 149, doc. 557.

Neste cenário, é que foram confeccionados, de forma artesanal, os requintados charutos das fábricas do Recôncavo baiano, que atenderam a vários gostos e várias classes sociais de diversos países do mundo. As três maiores fábricas, a Dannemann, a Suerdieck e a Costa Ferreira & Penna, chegaram no auge do seu funcionamento a produzir mais de 200 milhões de charutos anuais ou ainda na época do jubileu de ouro da Suerdieck (1955) quando esta fábrica reinou sozinha, absorvendo a clientela das demais que entraram em falência, chegou a produzir 180 milhões de charutos anuais.²⁰¹ Numa tabela progressiva, a Suerdieck oferece os números para a produção de charutos de 1950 a 1954:

²⁰¹ CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 04. SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, 1905-1955. Salvador: Tipografia Manú Ed. Ltda. 1955. S / n.º de pp.

Tabela n.º 7 Produção anual de charutos

Anos	Quantidade
1950	114 709 000
1951	135 862 000
1952	118 236 000
1953	133 809 000
1954	162 192 000

FONTE: SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, 1905-1955. Salvador: Tipografia Manú Ed. Ltda. 1955.

Para realizar esta produção, as fábricas dependiam de cada charuteira, do seu talento e a habilidade de suas mãos que, com arte e ciência trabalhavam cada folha de fumo, fazendo e refazendo os detalhes, buscando a perfeição em cada segundo para então surgir o charuto como uma peça de arte das mãos do artista. Além dos charutos feitos à mão também havia os charutos "a pau", que D. Celina e Dalva Damiana fazem, respectivamente, as distinções:

A gente só trabalhava no charuto. Trabalhava à mão e naquele tempo também trabalhava 'a pau', a gente enchia o charuto e depois botava no pau, quando o rapaz emprensava o charuto, pegava, a gente capiava, esse se chamava o charuto à pau.²⁰²

Tinha o charuto de pau e o charuto à mão. A charuteira à mão era de alto grau né? é número um e, a charuteira à pau era a pessoa fazendo o charuto, enrolando e botando ali, já tinha as conchas pra botar ali dentro pra depois botar na prensa, machucar ele, pra eles ficar bitolado pra depois capear, ali já era charuteira de segunda, tinha de primeira e tinha de segunda.²⁰³

Isso não quer dizer que os charutos "a pau" também não fossem feitos à mão, a diferença estava numa das etapas do processo de fabricação que consistia em passá-los na prensa para apertá-los, apressando o tempo de espera de acomodação do fumo entre

²⁰² NERIS, Celina de Jesus. op. cit.

²⁰³ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

o enchimento e o capeamento, tirando-lhes o caráter de serem totalmente artesanais. Os charutos "a pau" eram mais baratos e destinavam-se a uma clientela popular, com uma produção maior que os demais e, portanto menor grau de exigência de sua qualidade, sendo também esta mão-de-obra mais barata que a dos charutos feitos totalmente à mão.²⁰⁴

Os charutos feitos máquinas, operadas por homens, surgem na documentação a partir de 1941 e, até a década de 1950, foram identificados nas fichas de registros de empregados da Suerdieck, apenas 22 capoteiros, denominação esta dada àqueles que enchiam os charutos na máquina²⁰⁵. A introdução das máquinas, destinadas à fabricação de charutos, significou uma tentativa de mecanização neste setor, mas que não conferiu ao produto a mesma qualidade daquele feito de forma artesanal.

*Estamos juntando um charuto fabricado pela máquina, afim VV. SS. notarem, já está se fabricando com bico, assim que adquirirmos um, enviaremos a VV. SS. notamos muita perfeição entretanto um pouco duro.*²⁰⁶

*CHARUTOS: Conforme o nosso prometimento, estamos anexando dois sendo um (1) idêntico ao já enviado e um (1) com bico, pedimos para chamar atenção de VV. SS., sobre o capeamento do com bico, pois fica muito visível o talo do capote e um pouco manchado, não sabemos que toda a produção da maquina seja um por todos e todos por um.*²⁰⁷

Desta forma, os charutos feitos à mão foram cada vez mais, sendo aperfeiçoados e valorizados. As mãos das charuteiras e a matéria-prima, enquanto agiam na confecção dos charutos, formavam uma simbiose a galgar a perfeição estética e o bom paladar deste produto que alimentava o gosto e a preferência dos seus adeptos. A qualidade do fumo e da mão-de-obra determinava o resultado final da produção, ou seja, a qualidade e a quantidade da produção.

²⁰⁴ Ibid.

²⁰⁵ Comunicação para Juraci N. Alves - DEPES, 0109/83=M.S.A. anexa, DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: Fichas de registro de Empregados. Maragogipe - Bahia

²⁰⁶ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952. Maio 1949, 20/05/1949.

²⁰⁷ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952. Maio 1949, 22/05/1949.

Um quilo de capas das matas de Muritiba, que o seu fumo tem a folha larga, é leve e suporta bem o humedecimento indispensável, não se parte ao espalmar, nem ao polimento do charuto, nem ainda ao fazer do bico, seja até o talho de 'bandeira', a charuteira, sendo honesta e prática dá de mil a mil e quinhentos charutos médios perfeitos, isto é, sem 'pistolas', nem sujeito a ela ao ser estufado, ou a desenrolamento à queima, nem a pé ou a bico portição.²⁰⁸

Nas fábricas, as charuteiras instalavam-se em bancas, divididas numa média de dez lugares cada uma, separadas por tábuas laterais que ofereciam a cada charuteira um espaço individualizado, onde arrumavam seus instrumentos e materiais de trabalho. Sobre sua banca individual, fixava-se uma tábua de 2 a 3 centímetros de espessura, onde o fumo era manipulado até a forma final do charuto, nesta tábua, também muitas charuteiras prendiam a barra do seu avental para acumular as sobras do fumo não deixando que ocupassem todo o pequeno espaço da banca ou que caíssem no chão; um vaso de grude, ou seja, uma espécie de cola feita a base de farinha de trigo, água e pó de fumo, este último para dar o tom da cor do fumo quando passasse na capa e quando fizesse o acabamento das pontas do charuto; uma faca pequena, de ponta, para cortar o fumo e as extremidades dos charutos, também conhecida como chaveta ou chave cubana; na banca, também ficava o material, ou seja, tipos de fumos específicos para a confecção dos charutos na quantidade referente a sua tarefa diária.²⁰⁹

²⁰⁸ CASTRO, op. cit. 1941, p. 105.

²⁰⁹ MELO, Laurentina Neves. Neves. Trabalhadora da C. Pimentel. Aposentada, 83 anos de idade, 1996; ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952.*



Fonte: Arquivo Público do Estado da Bahia. Secretaria da Agricultura. **Série:** fotografia sobre a cultura fumageira. S/d ex. 2378, março 149, doc. 557.

Quando a sirene da fábrica tocava, tanto no começo da manhã quanto no começo da tarde, laboriosas charuteiras tomavam seus assentos e, preocupadas em dar conta de sua tarefa diária, davam início ao minucioso trabalho de fazer o charuto, unindo perfeição e rapidez, que ainda hoje, se feitos à mão, segue o mesmo procedimento.

A primeira etapa consiste em abrir o capote ou subcapa e encher com a torcida ou a bucha, ou seja, o miolo, depois colar as pontas, assim é feito um a um até completar a quantidade da produção, este enchimento dá a primeira forma do charuto. Nesta fase, a charuteira deve tomar os cuidados para que o enchimento não saia muito apertado, duro ou muito folgado, nem tampouco muito pesado, pois, além da qualidade e combinação dos fumos o peso e a textura do charuto muito contribuem para o seu bom paladar. A segunda etapa, que exige maior perícia e concentração, consiste em

cortar as bordas da capa, dando-lhe uma forma curvada, depois revestir o charuto inacabado, enrolando-o de uma ponta à outra sem deixar o corte da capa aparente, em seguida, passa-se o grude nas pontas da capa, trabalho realizado também um a um, com muita delicadeza para obter um perfeito acabamento, ainda, deve-se saber dar o corte na ponta inferior, na parte que o acende completando a perfeição de sua estética.

Acrescentando nesta fase do capeamento a confecção do bico, uma das partes mais importantes do charuto, o arremate final, que dá o estilo e a beleza do charuto, havendo uma certa variedade de modelos, como informa D. Benedita, "Fazia charuto bico torado, bico lançado, bico batido e de bojo. O de bojo e o de bico batido era mais caro e o bico torado era mais barato e vendia mais".²¹⁰ Saber fazer bem vários bicos de charutos qualificava a charuteira a entrar para o seleto grupo das que fabricavam os charutos nobres. Além do tamanho do charuto e do tipo de fumo, o bico é que fazia a diferença entre a diversidade de estilos e de preços, tendo relativos significados para as fábricas no que se refere ao consumo de material, preço da mão-de-obra e seleção da clientela que, já em 1923, o Sr. Adolpho Jonas, gerente da Companhia de Charutos Dannemann, acusa:

*Naturalmente as remessas nos primeiros mezes do contracto haviam de ser menores, para pouco a pouco augmentarem. Offerecemos para os charutos duas qualidades: com bico e de bico cortado. A ultima bitola sahiria mais barato por ser mais facil arranjar pessoal, arranjar o feitto por menos e gastar menos capas. Talvez convem á Regia.*²¹¹

O tamanho dos charutos variava entre 10 e 17 cm, dentro dessas medidas podiam ser considerados pequenos, médios ou longos, sendo os tipos longos geralmente destinados à clientela da classe alta, como por exemplo, a marca Double Corona da Suerdieck, que foi um dos maiores.²¹² As medidas dos charutos também influenciavam os métodos de fabricação no sentido de economizar mais o material e

²¹⁰ SILVA, Benedita. Trabalhadora da Dannemann. Aposentada, 73 anos de idade, 1996.

²¹¹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952.* Maço 1923, 29/03/1923.

²¹² ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952.* Maço 1951, 10/09/1951. CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia.* op. cit. p. 03.

tirar maior proveito da mão-de-obra, explorando o máximo, como observa Dalva Damiana dos Santos:

*(...) e eu fui trabalhar de novo na Suerdieck e lá fui trabalhar com um charuto chamado "duplo", 2 por 1 e tinha 3 por 1 e 4 por 1, aonde veio um suíça de fora pra ensinar a gente como era que trabalhava com esse tipo de charuto, que era um charuto assim: capeava ele todo em um, as capas eram... metia dentro do tanque e molhado, encharcado e dependurado pra escorrer aquela água, pra depois a gente abrir numa tábua assim de vidro, depois é que passou pra o zinco, abrir ali todinho pra gente passar o pincel, pra do pincel passar a faca pra tirar as tiras, agora quando ele secava ficava lisinho pra fazer o duplo, era 2 em 1, bico torado, tinha bico batido, bico lançado, de um charuto fazia dois, outro tipo de um charuto fazia três..., veja quanto eles lucravam!*²¹³

Todos os tipos de charutos eram confeccionados passando pelo mesmo procedimento, desde o corte da capa, enchimento, capeamento, feitura do bico até o acabamento geral, porém o tempo de fabricação é que varia, a partir do seu tamanho, se este é com bico ou sem bico e, se for com bico ainda depende do tipo a ser trabalhado e da exigência do acabamento completo do mesmo.

A feitura dos charutos correspondia diretamente aos níveis da clientela, obedecendo ao critério das marcas e seus respectivos desenhos, assim como a forma e o tamanho de cada marca. Cada tipo recebia uma marca que, registrada ou não, era propriedade exclusiva de cada fabricante. Os rótulos das caixas identificavam as fábricas e locais de origem. As marcas, por sua vez, representavam (e podem ainda representar) as classes sociais as quais se destinavam, eventos e personagens históricos, fatos políticos, povos, nações e cidades de origem dos fabricantes e/ou consumidores, a procedência do fumo e até mesmo intenções, que com nomes sofisticados, singelos, delicados, engraçados e exóticos distinguem os consumidores e revelam importantes aspectos culturais de uma época. As marcas de charutos, portanto, acumulam valor artístico e histórico por refletirem fatos, costumes, elementos sociais e a mentalidade da época. Neste sentido, que apresentamos, em apêndice, um número de quase trezentas marcas de charutos, suas respectivas fábricas proprietárias e a data de seu registro ou apenas o

²¹³ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

de sua criação, conforme nos disponibilizou a documentação específica.

Na confecção dos charutos nobres, destinados aos gostos mais refinados e para exportação, ou seja, os chamados Long Filler, configuração mercadológica para os de grandes tamanhos, uma exímia charuteira conseguia uma média de 80 a 100 unidades diárias e os populares de 200 a 300 unidades diárias.²¹⁴ Assim, a exigência da produção diária de cada charuteira variava do tipo de charuto, ou seja, dos mais fáceis aos mais complicados para fazer, assim como variava de fábrica para fábrica. Conforme D. Laurentina, que trabalhou na fábrica de C. Pimentel:

*Tinha aquelas produções certa das pessoas fazer, quer dizer que a produção do meu charuto era 80, depois mudou pra 120 charuto por dia, a gente tinha que fazer 120 charuto daquele para ganhar o dia.*²¹⁵

Para D. Benedita que trabalhou na Dannemann, a tarefa de uma charuteira era de 100 a 300 charutos diários, conforme o tipo que, no momento, atendesse a demanda do mercado e assim determinado pela fábrica.²¹⁶

A produção diária era chamada pelas charuteiras de tarefa, na qual estava baseada o valor do seu ganho, ou seja, do seu salário mensal, pois havia uma tarefa básica correspondente ao salário base, cujo valor era estipulado em consenso pela indústria local no caso anterior a 1940 ou pelo salário mínimo vigente a contar a partir desta data²¹⁷. Por esse motivo havia uma grande preocupação em torno do cumprimento da tarefa pelas charuteiras. Quando perguntei a D. Benedita da Silva

²¹⁴ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit. e CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 06-08.

²¹⁵ MELO, Laurentina Neves. op. cit.

²¹⁶ SILVA, Benedita. op. cit.; A Dannemann de São Félix informa ao escritório em Salvador sobre a sua produção diária que era de 100 a 105 mil charutos diários, observando que são contabilizados juntos tanto os charutos feitos à mão quanto os charutos feitos à máquina, já nesse período. Porém não esclarece sobre a produção diária de cada charuteira: ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952*. Maço 1952, 22/01/1952; CASTRO, afirma que "a produção diária, sujeita a pedidos da freguesia, monta ordinariamente, em média, a cem mil unidade" op. cit. p. 108; Enquanto que a Suerdieck, nos "bons tempos" chegou a "fabricar 500 mil charutos manufaturados por dia" CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 03.

²¹⁷ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952*. Maço 1952, 01/02/1952. PENA, Maria Valéria Junho. op. cit. p. 129. Numa cópia do contrato de trabalho específico para charuteiras anexo às fichas de registro de operários da Suerdieck, no início da década de 60, no item 3, ainda consta que "O salário será preferencialmente por tarefa, na base do tabelamento adotado, mas poderá ser transformado em conformidade com os interesses da Empresa, em salário por unidade de tempo (dia e hora), respeitado, todavia, o salário mínimo da Zona. Igual transformação terá lugar nos casos de deficiência de produção ou de redução no horário de trabalho". O item 7 determina que "Para o pagamento dos serviços por tarefa, são válidas as tabelas elaboradas na forma habitual do serviço".

como era a vida das charuteiras, na expectativa até de outra resposta, ela me respondeu: "Muito preocupada, porque a gente corria muito pra dá tarefa, porque na fábrica era tarefa, se não desse não ganhava salário". Da mesma forma, Dalva Damiana afirma: "(...) e ali quando perdia um charuto ou dois ou três, ficava até chorando porque já prejudicava a tarefa, que tinha a quantidade da tarefa, quem não fizesse a tarefa não ganhava o salário". Porém, a tarefa era calculada e paga às charuteiras ao final de cada semana de trabalho e não por mês.²¹⁸

Nas fichas de registro das charuteiras da Suerdieck de Maragogipe, no item que informa o salário, consta "Tarefa" ou "Conta Própria", sendo que, até 1941 apenas 72 delas recebiam seus salários como "Tarefa" e todas as demais como "Conta Própria". A partir de 1942, elas passaram a receber seus salários como "Tarefa", desaparecendo a forma de recebimento por "Conta Própria"²¹⁹, demonstrando também, através de formas diferenciadas de tratamento ao trabalhador, a distinção entre dois tempos, o antes e o depois do processo de elaboração e aplicação da legislação trabalhista, embora, no que tange a forma de pagamento, em discussão, o que existiu na prática foi uma mudança camuflada.

A expressão "Conta própria" já sugere, por si só, que a responsabilidade do valor do salário das charuteiras ficava por conta de cada uma delas, passando a idéia de que receber pouco ou muito dependia de cada charuteira ter trabalhado menos ou mais, respectivamente, isentando os empresários de qualquer responsabilidade em relação aquelas que não atingissem o salário desejado. A tarefa, por sua vez, era o instrumento regulador, da mesma forma que trabalhar por conta própria, a tarefa associava o salário à produção e transmitia a idéia de liberdade, mesmo que fosse uma falsa liberdade, ou seja, a remuneração por produção configurava uma falsa perspectiva de trabalhador autônomo. A tarefa associada ao valor do salário, também tinha o caráter de pressionar "espontaneamente" as charuteiras, no sentido de obrigá-las a trabalhar para cumprir a produção.

²¹⁸ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952*. op. cit. 1920-1952. Maço 1924, 04/09/1924.

²¹⁹ DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: *Fichas de Registro de Empregados*. Maragogipe - Bahia.

Contudo, fazer charutos também implicava em enfrentar dificuldades cotidianas que somadas representaram uma vida de sacrifícios, indo além da luta por ganhar apenas um salário, mas por trabalhar fora de casa na conquista da sua autonomia como mulheres e donas de casa que dirigiam suas famílias, assim como, pela conquista do reconhecimento de uma profissão, quando se registravam nas fábricas de charutos.

Começar a trabalhar ainda criança, percorrer uma longa distância até chegar às fábricas, no caso daquelas que moravam distante das mesmas, cumprir horário de trabalho, além da lida doméstica antes e depois do trabalho, a fiscalização durante o processo de fabricação dos charutos, foram dificuldades que se somaram ao conjunto da exploração que sofriam as charuteiras como mulheres e como trabalhadoras de sua época.

Vencer as dificuldades era como vencer a si mesmo, era solucionar os problemas, sempre, para não ter que desistir. Assim, a solidariedade das companheiras de trabalho funcionava como um instrumento de apoio para resistir aos obstáculos e poder permanecer no trabalho. D. Laurentina relata sua experiência diante de outras dificuldades que parecem simples, mas que dificultavam, de fato, a vida das charuteiras que moravam distantes das fábricas, principalmente no horário de almoço:

A gente não tinha nem onde ficar meio-dia pra almoçar, a gente levava a farofazinha pra comer e ficava assim na casa dos outros. Tinha casa que a gente ficava que não achava nem água para beber meio-dia, porque lá o povo comprava água, né? Porque não queria ir na fonte buscar que era longe, não tinha água encanada em Muritiba, depois nós alugamo uma casa pra melhorar a gente, aí as colegas tudo combinaro e quando o mês da casa venceu cada uma dava um tanto e a gente pagava a casa pra ficar somente meio-dia. Aí a casinha que eu aluguei, a gente levou fogareiro, levava calvão, comprei purrão pra botar água, moringo e procurei freguês de água para botar água. Tinha o aguadeiro que carregava os burros com aqueles barrizinho cheio de água que botava somente um dia na semana pra gente.²²⁰

²²⁰ MELO, Laurentina Neves. op. cit. A prática de vender água na Bahia vem desde a colonização até o século XIX, conforme NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Dez Freguesias da Cidade do Salvador**. Salvador: FCEB, 1986, p. 69, porém em Muritiba essa prática, tão comum, continuou até quase meados do século XX, pelas dificuldades geográficas de acesso às fontes e rios, como por falta da implantação de medidas de saneamento básico.

As dificuldades de acomodação das charuteiras no horário de almoço, somente foram superadas, gradativamente a partir de 1942 com a proposta do governo de "proteção e amparo aos trabalhadores". Neste período, a Cia. de Charutos Dannemann é dotada de um projeto de construção "de um refeitório para os operários que residem distante do estabelecimento"²²¹ e, em 1945, a Costa e Penna instalou o refeitório para servir:

*Aos operários residentes em pontos afastados do estabelecimento e cuja refeição se fazia de público, debaixo das árvores, pela escassez de tempo, têm agora por diante em local, para nas horas de meio-dia satisfazer seus empregados.*²²²

Fazer charutos, portanto, era uma atividade que ia além do manuseio do fumo ou de atingir uma produção apenas para ganhar um salário. A atividade de fazer charutos numa fábrica tinha o significado, para cada charuteira, da existência social, além do enfrentamento de situações adversas, que marcaram, também, a sua experiência na conquista da vida profissional e da cidadania, estando ainda presente em suas vidas como se fosse a marca de um tempo - o tempo da charuteira, afinal "os homens parecem-se mais com o seu tempo que com seus pais".

3.4 - Ações e reações dentro da fábrica

A partir do momento que, as mulheres charuteiras, registravam-se numa fábrica de charutos, começavam a enfrentar desde as vicissitudes da dupla jornada de trabalho até à exploração, propriamente dita, a que eram submetidas no trabalho da fábrica, sendo que para muitas ainda havia a caminhada e a distância de suas casas. Mas, as charuteiras não estavam ou viviam inertes frente a essas situações cultural e socialmente produzidas, criavam, também, situações e "espaços" nos quais operavam as barganhas e empreendiam os arranjos cotidianos que lhes permitiam vencer os obstáculos e a dominação dentro de suas próprias percepções do viver o tempo e o

²²¹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 81, 19/11/1942.

²²² ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 538, 29/09/1945.

cotidiano da fábrica.

A hierarquia da fábrica determinava uma distribuição formal de poder através dos cargos que, partindo do mais alto, se encerrava no mestre de sessão. Todos os outros trabalhadores do fumo, inclusive as charuteiras, deveriam apenas trabalhar e obedecer. Para todas as funções em que se dividia o trabalho de fazer o charuto, a fábrica determinava um mestre que, além de dirigir e fiscalizar todo o processo de trabalho que lhe foi confiado no cargo, representava junto aos trabalhadores, o gerente daquela unidade fabril que, por sua vez, representava os sócio-proprietários da fábrica. No setor de charutaria da fábrica, era comum haver o primeiro e o segundo mestres ou mestre e contra-mestre e o passador de charutos, função que também era executada pelo próprio mestre na ausência deste.

O cargo de mestre era ocupado, na maioria das vezes, por homens, pois a documentação pertencente às fábricas, refere-se assim, aos mestres e passadores de charutos, exceto Maria Matilde Moreira da Silva única mulher citada.²²³ Sempre que os entrevistados falavam de situações que envolviam um ou outro, se referiam a "ele" - o mestre ou o passador de charutos. Dalva Damiana, sem ser questionada sobre o assunto, falou espontaneamente como se este dado, também marcasse o lugar da charuteira na fábrica:

*(...) mas charuteira especial, o charuto especial o n.º 1, eles tinha a quantidade do charuto e ele era mais caro, agora charuto de pau nego enchia as caixas e tinha separação. Trabalhava lá em cima com seu Francisquinho e cá as charuteiras a pau trabalhava com seu João Dantas, João Lobo, os mestres. Ganhava pelos tipos, quem era charuto especial pra o estrangeiro. Todos os mestres eram homens, agora Maria Matilde que era mestra da cigarrilha, agora João Lobo, João Dantas, seu Francisquinho... tinha mais, agora os outros eu não me lembro. Tinha o mestre da banca de capa, tinha o mestre que tomava conta dos fumos, das torcidas que botava pra secar (...).*²²⁴

O mestre da charutaria não se restringia, apenas, a distribuir material, recolher e controlar a produção, mas a intensa fiscalização, por ser o representante da fábrica

²²³ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952.

²²⁴ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

mais próximo das charuteiras, era os olhos e ouvidos dos patrões. Depois de prontos, sempre no final do dia, quando cada trabalhadora prestava conta da sua tarefa, se concluída ou não, os charutos eram entregues ao mestre da sessão ou passador de charutos que os conferia e passava numa bitola, fazendo uma revisão, onde normalmente eram excluídos aqueles que não atendessem ao padrão daquele tipo de charuto ou à qualidade exigida, descontando, pois, da tarefa daquela que, assim, os fez. Segundo as charuteiras:

*a gente fazia o charuto, botava na caixa e tinha o passador pra passar o charuto, todo dia tinha, chamava Venceslau o passador de charuto. (...) Era na ordem, quando chegava na banca assim, as vez, chamava a gente quando o charuto dava defeito, o passador chamava a gente pra reclamar qualquer coisa que desse.*²²⁵

*O trabalho do mestre era ali, era quando a gente chegava ele ficava ali sempre olhando o que a gente tava fazendo e dizendo. Botava ali as formas de charutos que a gente tinha que fazer e de hora em hora ele vinha assim nas bancas olhando o charuto, pegava assim pra vê se tava certo, se tava bom, se não tivesse bom ele reclamava e dizia: "esse daqui não tá selvindo" e, aí botava lá pro canto, era assim. Havia uma mestra pra passar o charuto de novo, quer dizer que muitas perdia, era rifugo aquele charuto que elas tirava, era rifugo, muitas perdia, agora eu, Graças a Deus foi difíce perder.*²²⁶

Segundo Anfilóbio de Castro, "são observados escrupulosamente os princípios higiênicos; e a fiscalização não cede na exigência do apuro de todo o trabalho, da 'molhação' do fumo até o arranjo das caixinhas".²²⁷ E, mesmo com o rigor da fiscalização vários charutos com defeitos passavam para a sessão de embalagem e até chegavam ao mercado consumidor dando motivos a reclamações constantes, como essas dentre várias que encontramos :

*Houve, também, reclamações sobre o tamanho dos charutos e sua grossura e já verificamos que a reclamação não procede, os charutos estão com 98 mm, igual aos tipos Rafaela e Aymorés Fino e Mocca.*²²⁸

Espelho: Há reclamação sobre charutos com emendas grosseiras no espelho, em Aymorés Finos e Coronel e recomendamos maior cuidado na passagem. Os

²²⁵ NERIS, Celina de Jesus. Aposentada pela C. Pimentel em Muritiba, 68 anos de idade, 1996.

²²⁶ MELO, Laurentina Neves. op. cit.

²²⁷ CASTRO, op. cit. p. 108.

²²⁸ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952. Maço 1952, 26/08/1952.

*charutos com capa de Florida etc. são todos passados na máquina de pó? Encontramos bastante caixas com capas bem escuras e pedimos verificar.*²²⁹

Contudo, há de se considerar normais os problemas no tocante a qualidade dos charutos, pois tratava-se de um trabalho manual e o controle de qualidade baseado no critério do "olho". A sua fabricação, neste sentido, ainda estava longe de critérios racionais, podendo ocorrer que passassem alguns defeituosos por falhas do olhar e da bitola, que não eram suficientes para detectar os possíveis defeitos de cada charuto nesta condição, ou mesmo, podendo se tratar de proteção a alguma charuteira por parte do mestre ou do passador, pois se tratava de um trabalho onde a relação entre as pessoas destas funções era de muita proximidade, chegando a resultar, muitas vezes, em relações amorosas entre charuteiras e o mestre, assim como com o passador de charutos.²³⁰

A fiscalização da sessão de charutaria, no entanto, ocorria num processo contínuo e se estendia além da confecção dos próprios charutos, como já informou D. Laurentina Neves Melo, que "o trabalho do mestre era ali, era quando a gente chegava ele ficava ali sempre olhando o que a gente tava fazendo e dizendo(...)". E, conforme D. Celina:

*Era na ordem, quando chegava na banca, assim, as vez chamava a gente quando o charuto dava defeito, o passador chamava a gente pra reclamar qualquer coisa que desse. Mas, ali a gente tinha que trabalhar na ordem não tinha reclamação, todo mundo tinha que ficar direto constante ali até a hora que sair, não era para ficar saindo, conversando, não podia, não tinha esses direitos não.*²³¹

A disciplina, sendo um conjunto de regulamentos destinados a manter a ordem e, destacando-se dentre os mesmos a obediência, constituía-se em um valor social e moral bastante defendido naquela época, estava presente nos discursos e exigido rigorosamente na prática cotidiana, principalmente nos lugares de trabalho, onde

²²⁹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952.* Maio 1952, 26/08/1952.

²³⁰ SCHINKE, Rose. Filha de brasileira com alemão, residente em Cachoeira - Bahia e CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 07.

²³¹ NERIS, Celina de Jesus. op. cit.

transformava-se em um forte mecanismo de exploração. O jornal *Correio de São Félix*, era um dos meios de veiculação desse e de outros valores, que tratava e difundia, de forma contundente, a ideologia de manutenção da ordem pública e privada no conjunto da sociedade, a partir de vários artigos que discutiam e reafirmavam os conceitos reguladores dentro da disciplina e da moralidade.²³²

Desta forma, a disciplina dos trabalhadores e, principalmente das mulheres na indústria, também passou a constituir numa função da fábrica e, mesmo depois da legislação trabalhista que passaria a ser reordenada, de modo mais amplo pelos mecanismos oficiais, continuou e, neste caso, a fábrica era a reguladora dos passos do trabalhador e da trabalhadora. Anexo à ficha de uma charuteira admitida em 1962, o contrato de trabalho específico para esta categoria, elaborado anteriormente a esta data, determinava que:

*O regulamento da Fábrica, exibido em diversos pontos do estabelecimento do empregador, passa a constituir parte integrante deste contrato, devendo ser estritamente observado, bem assim as ordens e determinações dos superiores hierárquicos.*²³³

O processo de trabalho feminino estava ligado à organização da família como instituição, uma vez que era a família a expressão maior do sistema patriarcal, a matriz explicativa do comportamento das mulheres no trabalho.²³⁴ Assim, as charuteiras levavam para o trabalho as determinações sociais de seu sexo e viam na figura do mestre não apenas uma chefia, mas a chefia masculina por excelência, aquele a quem deviam obediência como se fosse o seu pai ou marido, como expressa Dalva Damiana:

*mas a gente tinha um respeito a ele igual um filho tem respeito ao pai, bastou dizer assim: evém seu Valdo! Ele era difícil dá um carão, mas só no olhar dele de lá pra cá a gente já tava se tremendo, quer dizer que não batia em ninguém, mas o respeito é tudo né?*²³⁵

²³² DANTAS, Pedro J. Social. In *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 39, 25/01/1942; DANTAS, A Família. op. cit. n.º 67, 09/08/1942; DANTAS, A Desobediência, op. cit. n.º 94, 14/02/1943; em 23 de abril de 1944, em edição de n.º 51, este Jornal publicou os 10 mais importantes pontos de disciplina, exigidos pela Justiça do Trabalho.

²³³ Contrato De Trabalho n.º 3014, item IX de 04/06/1962, DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: **Fichas de Registro de Empregados**. Maragogipe - Bahia.

²³⁴ PENA, op. cit. p. 21; COMBES, Danièle HAICAULT, Monique. Produção e Reprodução. Relações sociais de sexos e de classes In KARTCHEVSKY et al. **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, pp. 23-43.

²³⁵ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

Embora fosse na sutileza dessa obediência que residia a sabedoria política da charuteira, ou seja, obedecer não significava recuar, deixar-se dominar ou acomodar-se, mas aprender a conviver habilmente com a "inevitável" dominação daquela circunstância para atingir o seu objetivo que era conquistar a sua cidadania através do trabalho. A submissão feminina como trabalhadora no interior da fábrica, ocorria, mas caminhava, estrategicamente, lado a lado com a resistência e, embora, as partes se apresentassem aparentemente como sendo uma ativa e a outra passiva, ou seja, sem confronto aberto entre mestres e charuteiras, mas num jogo político sutil se estabelecia uma relação que, às vezes, se configurava como perigosa e, às vezes, como frouxa. Os mestres precisavam sempre se utilizar dos mecanismos coercitivos do poder que lhes eram conferidos como homens e como chefes de seção - o olhar corretivo, punitivo, chamar a atenção ou levar alguns casos à suspensão e até demissão quando achavam necessário. As charuteiras, por sua vez, recorriam à obediência como estratégia, à dissimulação e à astúcia, que traduzidas na política do "bom viver", ajudavam a combater a dominação dos seus superiores. Desta forma, é que se concorda com a concepção do termo "luta" na visão de Danièle Combes e Monique Haicault, por estas entenderem que:

toda prática que é contra (mas não necessariamente de forma consciente) as formas de dominação que assumem uma ou outra (frequentemente uma e outra, para as mulheres) das relações sociais aqui consideradas é tributária, a nosso juízo, da luta: absentismo, usos da doença, do corpo, estratégia de frear as máquinas, indisciplina, desperdício, solidariedade, são elementos da luta de classes. Da mesma forma, toda prática - mesmo as não coletivas - das mulheres contra a dominação patriarcal e as formas sutis de poder que ela reveste expressa a luta dos sexos.²³⁶

Assim, D. Laurentina nos apresenta uma relação sem conflitos abertos ou possíveis perseguições, mas deve ter se utilizado de táticas para conquistar a confiança de seus mestres e viver com maior tranquilidade o longo tempo que trabalhou na fábrica C. Pimentel:

²³⁶ COMBES, Danièle e HAICAULT, Monique. op. cit. p.39.

Trabalhei trinta e um anos somente nessa firma, no Pimentel, mas Graças a Deus nunca eles tiveram o que dizer de mim e nunca eu tive o que dizer deles. Os mestres me tratava muito bem, depois que mudaro os mestres botaro uma mestra lá, essa mestra me tratava muito bem e eu gostava muito dela. O povo tinha ódio dela né? Mas eu gostava dela, principalmente, por causa do meu filho, porque ela tratava Julinho tão bem, que aquilo!!! Bem, eu me dei muito bem porque todos gostava de mim, eu tratava todos bem, eu pileriava muito, brincava muito ali com o mestre, porque tinha o mestre.²³⁷

Quando afirma que "o povo tinha ódio dela né? Mas eu gostava dela, principalmente...", observa-se que muitas não gostavam da mestra, revelando que havia um relacionamento tenso entre a mesma e as charuteiras, enquanto ela, D. Laurentina, fez-se mostrar como uma exceção em meio às demais, aquela bem vista por todos, que faz tudo certo e não desagrada seus superiores e, por conseguinte, também é bem tratada, o que, de fato, em vez de caracterizar a submissão propriamente dita, ao contrário, estava implícito em sua fala que o que havia, na verdade, era uma maneira específica de conduzir o relacionamento para poder sobreviver melhor à submissão sem maiores atritos e poder tirar melhor proveito da situação, o que significa muito mais uma artimanha que uma submissão passiva e inconsciente.

O fato de fazer os charutos com muita rapidez para tentar elevar a tarefa diária além do mínimo exigido, no sentido de aumentar o salário, também nos leva a entender como um dos modos em que algumas charuteiras tentavam burlar as regras da fábrica para se beneficiar, mesmo sabendo que tinham que enfrentar as reclamações dos mestres. Desta forma, para D. Laurentina a passagem dos charutos não significava grandes problemas, pois "muitas perdia, agora eu, graças a Deus foi difíce perder", em relação a algumas de suas companheiras de trabalho ela também afirma que, "(...) porque perdia muitos charutos aí os mestres reclamava muito, elas se aborrecia ou não gostava dos mestres, era assim, só ficava xingano, falano que não ia mais lá trabalhar que não sei o quê".

²³⁷ MELO, Laurentina Neves. op. cit.

Ainda, Dalva Damiana quando faz questão de afirmar que "eu mesma era vagarosa, mas eu queria aquilo bem bolado, bem aperfeiçoado então eu não dava produção", dar a entender que quem fosse mais rápida não trabalhava com a mesma perfeição e/ou que se tivesse mais preocupada com a produção que com a qualidade poderia, realmente, fazer charutos defeituosos, significando ações conscientes por parte das charuteiras, justificando a repressão por parte dos mestres.

Dalva Damiana, ao descrever outra atitude de seu mestre, deixa entender que a relação deste com as charuteiras não era tão ríspida o tempo todo, havendo, em certos momentos, o afrouxamento de suas ordens, que tanto podia ser uma concessão, significando uma tática de controle, como podia ser o resultado de uma relação de cumplicidade no tocante ao não cumprimento das ordens superiores, uma vez que mestres e gerentes, também, ocupavam uma posição subalterna em relação a outros do escalão hierárquico:

Quando ele tava pra dá um sermão ele chegava e "olhe o dono da fábrica vai chegar tal dia, tal hora", mandava o rapaz que trabalhava na limpeza limpar tudo, assear tudo, aí todo mundo já tava preparado, suas bancas tudo limpinha, cuidando em seus trabalhos e, quando eles chegava não gostava de vê ninguém olhando pra eles não, todo mundo de cabeça baixa (...) Eles respeitava a gente e a gente respeitava eles, a gente não respondia quando eles chamavam a gente pra conversar qualquer coisa, eles chamavam aí eles conversava com a gente ocurtamente que ninguém percebia o que era que estava falando, não tinha problema de ôooo não, era ocurto que ninguém sabia.²³⁸

Apesar do rigor da fiscalização, do controle e repressão utilizados pelas fábricas, muitas ações e reações, mesmo que isoladas, das charuteiras contra os mestres ou contra a própria fábrica, tiveram lugar na preocupação dos dirigentes pelo embaraço das situações geradas. Tirar algum proveito da empresa, o "corpo mole" no trabalho quando favorável a elas, as desobediências e intrigas, foram atitudes visíveis por parte das charuteiras que também conduziram a decisões drásticas por parte das fábricas. Em correspondência para o escritório em Salvador o gerente da Dannemann de São Félix informa no item sobre licença que:

²³⁸ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

*Conforme já falamos pelo fone, tem a operária Francisca Santos, direito a 15 dias de férias no valor de Cr\$ 119,00. Pelo valor das férias, se nota logo que é uma operaria que pouco ou quasi nada gosta de trabalhar, razão pela qual demos a nossa informação anterior, uma vês que operários dessa especie é preferivel, sem omus para a firma, se afastar. Aconselhamos a não conceder licenças, em vista desse caso.*²³⁹

Em agosto de 1923, na Dannemann de Muritiba, duas charuteiras foram demitidas por serem reincidentes na condenável prática de fazer charutos para "arear dentes", este fato gerou um conflito que envolveu o mestre Manuel Laudilino Ribeiro e o preenseiro Ovidio Bispo num caso de polícia que levou o referido mestre à prisão e imediato afastamento do cargo. Após a liberação do mestre, este tratou de enviar uma carta ao diretor da Dannemann em São Félix, Sr. Adolpho Jonas, justificando suas atitudes e pedindo providências no sentido de lhe reintegrar ao cargo, em seguida, recorreu também, ao Sr. Anphilóphio de Castro, pedindo-lhe apoio moral e logo escreveu ao Sr. Adolpho Jonas o seguinte:

Muritiba, 30 de Agosto de 1923

Illmo. Sr. Adolpho Jonas

Affetuosas saudações

Acaba de estar commigo o meu compadre Manuel Ribeiro, e, muito sentido, disse-me ter elle, dispensado do serviço da fábrica d'aqui, motivando este acto da gerencia, o ter elle, defendendo e acautelando os interesses da casa, despachando duas charuteiras reincidentes na feia pratica de, occultamento, fazerem grandes charutos de mascar, manipulados somente com capas do melhor fumo.

Sendo, porem, ellas amantes do trabalhador Ovidio Bispo, este lhe pedira a reintegração das mesmas, o que deixou de attender por consideral-as prejudiciaes aos interesses da casa.

E, só por isso, o dito Ovidio, despeitado, ao contrário de prevalecer-se de outros meios de accôrdo com as normas do trabalho, procurou o delegado de policia e o intrigou de tal modo, que determinou a sua prisão d'elle Ribeiro.

Foi, pelo visto, uma acção repunavel a do Ovidio.

E que a razão está ao lado do Sr. Manuel Ribeiro, não duvida

Diante disto, e mais sabendo de sciencia propria que o Sr. Manuel Ribeiro é um cidadão trabalhador, sério e honesto, faço ao Illmo. a presente no sentido de conseguir a fineza de sua reintegração no lugar que occupava, nem só por ser a justiça, como de generosidade.

²³⁹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952. Maço 1951, 03/01/1951.

O uso do fumo dentro da fábrica pelos(as) trabalhadores(as) era proibido em qualquer situação, fosse para fumar, mascar ou arear os dentes, implicava em falta grave, seria o "occultamento" como disse Anphilóphio de Castro, que neste caso era considerado, além do uso indevido do fumo, furto do material de trabalho. Fumar dentro da fábrica mesmo que o charuto tivesse sido comprado fora do estabelecimento fabril era igualmente proibido. D. Celina assusta-se diante da pergunta "se podia fumar dentro da fábrica?" e responde: "Não, Ave Maria! Se o gerente ou quando o dono chegasse e encontrasse, Ave Maria! Não, não, não pode, era contrabando, ali dentro da fábrica ninguém tinha o direito de fazer uma merenda".

As proibições no âmbito da fábrica não se restringiam apenas ao uso do fumo ou dos charutos, se estendiam no sentido de uma rígida disciplina objetivando, além de uma produção mais apurada, o controle absoluto dos seus trabalhadores e que ocorria até mesmo a partir das pequenas ações.

Comer dentro da fábrica, principalmente no horário de trabalho, constituía-se numa falta grave que, se reincidente, poderia resultar em punição daquele que assim fosse surpreendido pelo mestre. Celina de Jesus quando se refere à proibição do uso do fumo completa que "(...) ali dentro ninguém tinha o direito de fazer uma merenda". Dalva Damiana quando descreve a rotina do seu dia entre a casa e a fábrica, também revela a situação em que se envolviam as charuteiras quando se tratava de alimentação dentro da fábrica:

Depois passou a vim as arapiracas meio esverdeada, a gente não agüentava, aquilo é um sofrimento a gente tomava cada bebo, a gente andava com um limão na bolsa que era pra cheirar ou então botar uns pinguinhos na língua pra ver se melhorava, que não podia levar nem uma merenda. A gente além de não ter fome pra tomar o café de manhã por causa do horário, também não tinha o que levar, tinha que deixar para os filhos e com isso a gente ia trabalhar, quando levava aquela besteira mandava tomar, jogar no lixo qualquer coisa, a gente passou por estas todas. (...) a gente comia dentro do sanitário trancada, quando a gente se sentia mal às vezes a gente tomava um purgante na banca. A gente comprava um sulfato pra desmanchar e fazer aquela beberagem e cada uma tomava meio copo, botava limão, aquele negócio pra beber pra poder coisá o estômago, de 15 em 15 dias a gente fazia isso, as colegas porque não tinha dinheiro pra comprar sozinha

era tudo misturado. Eu sei dizer que quando a gente tava lá no terraço desmanchando aquela...espremendo o limão, quando o gerente chegou mandou suspender todo mundo porque a gente tava fazendo garapa pra beber, mas não sabendo que era um remédio que a gente estava desmanchando pra tomar, mas depois ele reconheceu e mandou "deixa pra lá, deixa pra lá".²⁴⁰

Com um tom de voz carregado de angústia e revolta e, na expressão do rosto um ar sisudo e triste, Dalva Damiana revela, como se estivesse resgatando o próprio momento, pois também conheceu, além da dominação, a humilhação no trabalho da fábrica. E, sempre que esta e outras charuteiras se referem sobre o que era proibido fazer dentro da fábrica, principalmente no horário de trabalho, utilizam a expressão "não tinha o direito de...".

A dominação e a falta de direitos são situações abordadas pelas próprias charuteiras e, a partir dos seus pontos de vista, o que significa que elas tinham consciência da realidade em que viviam no trabalho, porém o que faz a diferença é o grau da sutileza com que reagiam às atitudes dos dirigentes. Completando a fala de Dalva Damiana quanto ao sermão do mestre ao preparar a chegada dos proprietários, ela diz o seguinte:

*Não queria ninguém mastigando nada, todo mundo na sua, **mas também ninguém é besta**. Ai pronto, eles ficavam lá, depois desciam pegavam assim o charuto, olhavam, cabava se tivesse algum com defeito ele amostrava, ai o mestre vinha tirava botava na carteira dele. (...) agora eu sempre com essa cabeça que eu tinha de viver sempre alegre na banca, comendo fome ali, roendo zinco e **naquela minha eu não dava o braço a torcer**. Eu às vezes levava até um pedaço de pão debaixo do sovaco, quando a gente tirava pra comer debaixo de suor fedendo a bode, é dose! Às vezes a gente fazia uma farofa e botava aqui ó [apontando para a barriga] vestia a calça e ia.²⁴¹ (grifo nosso)*

Diante das situações impostas às charuteiras pelos dirigentes, Dalva Damiana afirma que "mas também ninguém é besta" e, em seguida, apresenta um esforço para se mostrar forte, além das ações ocultas. Significa que elas não ficavam submissas o tempo todo ou que aceitavam as ordens sem qualquer rejeição, mas que tentavam e conseguiam burlar as imposições na medida de suas necessidades.

²⁴⁰ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

²⁴¹ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

Momentos de tensas relações também proporcionaram reações abertas, fazendo-se necessárias longas conversas e até intermediários instituídos juridicamente para negociar exigências, tanto por parte do empregador quanto por parte dos trabalhadores, evidenciando a participação das charuteiras em ações ativas.

Em 1924, a Dannemann pleiteou unificar a semana de trabalho que até então era diferenciada por setor, quando uns recebiam até o dia de sábado, outros até sexta-feira como as charuteiras e, ainda outros até quinta-feira, assim, na primeira semana do acerto todos deveriam receber até o dia de quinta-feira ficando sexta e sábado para serem incluídos na folha da próxima semana, os operários que se sentiram prejudicados e, entre eles, as charuteiras, ameaçaram uma greve entendendo que haveria um desconto real em sua semana de trabalho. Constituíram, então, o advogado Alberto Rabello para representá-los junto à empresa, o que fez realizando assembléias com os trabalhadores e longas horas de entendimento com o Sr. Ernesto Tobler, que resultou em deixar tudo como antes.²⁴²

Em julho de 1946, um dissídio coletivo de grande repercussão envolveu trabalhadores das fábricas Dannemann, Costa & Penna e Suerdieck, os quais reivindicaram aumento de salário que foi concedido e aceito após várias negociações, obedecendo aos valores correspondentes a cada categoria, ou seja, mensalistas, diaristas e tarefeiras, esta última onde se incluíam as charuteiras.²⁴³

Em março de 1950, já no contexto das dificuldades financeiras que enfrentavam a Dannemann e a Costa & Penna, novo dissídio foi suscitado pelo sindicato dos fumageiros que exigia o pagamento das férias dos trabalhadores e que somente em junho do mesmo ano a Dannemann veio a solucionar.²⁴⁴

Entre muitas reclamações trabalhistas e ações movidas contra as fábricas, após 1945, destacamos o dia 4 de maio de 1949 por responder a Dannemann a cinco notificações de uma só vez, como consta um documento sobre contabilidade desta

²⁴² ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952*. Maio 1924, 04/09/1924.

²⁴³ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 579, 20/07/1946.

²⁴⁴ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 769 de 18/03, n.º 772 de 08/04, n.º 774 de 22/04, n.º 780 de 03/06/1950.

empresa:

Audiencia de hoje:- Iremos a audiencia de hoje, para as cinco (5) notificações como sejam:

America Maria da Silva para hoje á 9 horas
Maria Lucia Alburqueque " " ás 15 horas
Bernardina da Conceição " " 10 horas
Joselita Pinheiro do Rosario " " 14 horas
*Teodora Santana " " 11 horas.*²⁴⁵

Várias suspensões e observações sobre o comportamento das charuteiras da Suerdieck de Maragogipe, em relação às normas da fábrica, constam ou estão anexas às fichas, demonstrando o rigor da disciplina da fábrica e a resistência delas em obedecer, como era exigido o regulamento da empresa, este já citado anteriormente. Ações diversas motivavam a fábrica a advertir, suspender e demiti-las como, possivelmente, os outros operários.

*Comunicamos a, V.S., [Rita Alexandrina Barbosa] que apesar de varias reclamações e advertencia, para não molhar as capas e muito mais ainda a tabua, o que vem dando a nossa emprêsa grandes prejuisos com charutos mofados, como aconteceu em nossa última remessa de charutos para Alemanha, V. S., continua a molhar capas e a tabua, para fins disciplinar, esta emprêsa resolve a dar-lhe 1 (um) dia de suspensão que será amanhã dia 13 do corrente. Esperamos que V. S., não mais volte a repetir tais irregularidades.*²⁴⁶

Maria Maia Batista Silva foi advertida verbalmente, assim consta em sua ficha, por não ter aceitado fazer trabalho determinado pelo superior hierárquico. Jairdes Borges da Silva foi suspensa de suas atividades por dois dias, porque estava discutindo no setor de trabalho. Roquemilda Antonia de Souza foi, também, suspensa de suas atividades por três dias por faltas de dois dias não justificadas aos superiores, esta não aceitou a suspensão e recusou-se a assinar.²⁴⁷ Nesses casos e em tantos outros registrados nas referidas fichas, a partir de 1940, aparecem a ameaça da possibilidade de aplicar o artigo 482 da CLT em caso de reincidência, este que trata sobre a rescisão

²⁴⁵ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. Correspondências Internas da Dannemann, 1920 - 1952. Maio 1949, 04/05/1949.

²⁴⁶ DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: Fichas de Registro de Empregados. Maragogipe - Bahia.

²⁴⁷ Ibid.

de contrato por justa causa pelo empregador. Sebastião dos Santos também afirma que:

Se brigasse era suspensão de oito dias, três dias conforme e só reclamava aquelas que era bruta. Em Muritiba tinha muitas mulheres estúpidas, valente, aquelas mulheres mais velhas tinha muitas mulheres valentes. Suspêndia, mandava embora, 'a senhora vai pra casa só daqui a oito dias, daqui a três dias.

Sabiam as charuteiras que as advertências e suspensões somavam-se, levando às demissões, pois Laurentina Neves afirma que a "demissão só era quando não obedecia a lei, quer dizer que eles ia botando aquilo ali no canto, guardando e quando tinha um corte eles botava logo o nome daquelas, era assim".

A solidariedade entre as charuteiras, também, constituiu-se num instrumento de força e de apoio para vencer as dificuldades geradas pelas próprias condições do trabalho. Unindo-se, mesmo que de maneira informal, promoviam situações de ajuda entre si respaldadas na amizade e na identificação do grupo a que estavam inseridas, bem como, na função que ocupavam dentro da fábrica como mulher e charuteira, gerando quando não um sutil enfrentamento às forças de dominação, uma barreira que, por certo, intimidava os dirigentes a aplicar ações mais rigorosas que as costumeiras.

Apesar de não haver registro de lutas coletivas, organizadas por parte das charuteiras, no sentido de enfrentar as ações de exploração e de dominação advindas do sistema de organização da fábrica ou diretamente de seus superiores hierárquicos, o sentimento de união e solidariedade que as identificavam como mulheres e trabalhadoras no estabelecimento fabril, e que não era apenas uma necessidade natural de sociabilidade, significou uma forma de resistência, na medida que buscavam umas nas outras, ou dentro dos grupos, o apoio para a resolução de problemas, tanto referentes ao próprio trabalho como os de ordem econômica e doméstica, como se pode observar em alguns fragmentos de suas exposições:

*Muito bom, tudo era colega, tudo boa não tinha ninguém lá pra fazer fuxico de nós e outros nem nada, era um lugar muito alegre que a gente trabalhava tudo reunido.*²⁴⁸

²⁴⁸ SILVA, Benedita. op. cit.

Era uma amizade! Naquele tempo era muita amizade que não tinha nada contra os trabalhadores, tudo era um pelo outro. Tinha uma [charuteiras] que tinha umas colegas ficava na casa delas, lá elas dava panela para esquentar comida, quem tinha camaradagem, quem não tinha...esse negócio de amizade. (...) agora nem todas, Litinha minha filha trabalhou em Muritiba ela tinha muita amizade por lá.²⁴⁹

Maria Alves diz que "Cada uma tinha que fazer sua produção, agora quem acabava primeiro ajudava". Laurentina Neves Melo parece completar:

A gente era tudo amiga, tudo camarada, as que sentava junto assim, porque num corredor assim sentava sete/oito pessoa, ali quem sentava perto se dava de mão de amiga, camarada. (...)Me ajudava, aí elas tomava a metade pra capear e me ajudava.²⁵⁰

Apesar das dificuldades de acesso às fábricas, da pesada carga de trabalho e da exploração sofrida pelas charuteiras, as suas andanças de casa para a fábrica e vice-versa e o seu espaço de trabalho foram marcados pelo alegre convívio que se estabelecia a partir dos grupos de amizade que se formavam entre elas. Desta forma, observa-se que:

Todo mundo igual, amiga muita que eu tinha, muitas fazia questão de eu nem vim pra casa, ficar por lá, passar a noite por lá e muita amizade que eu ainda tenho, as mais velhas que ainda tão vivas em Muritiba. Eu tenho muita amizade, ontem mesmo morreu uma colega minha ela trabalhava no Dannemann e eu trabalhei em Pimentel, mas nós era muito amiga.²⁵¹

A união da fábrica era tão boa que uma levasse um caroço de milho todas participava daquele caroço; se uma tivesse um aperto de não ter um dinheiro dia de Sábado e você ter dez mil réis você dividia dava cinco a uma; se uma caísse doente quando era dia de Sexta-feira a gente saía com a latinha: 'fulano bota aqui', cada uma botava um trocado pra recuperar aquele...pra comprar o leite pra'quela colega que tava doente, aí a gente chegava lá e dava a ela, ficava contente, quer dizer que há união; se a senhora desse uma roupa pra vender lá na fábrica vendia, a gente olhava, gostava vou comprar pra fulano, comprava, quando no dia não tinha o dinheiro direito pra dar dava a metade aquela pessoa tinha aquele consenso a dona aceitava.²⁵²

²⁴⁹ SANTOS, Sebastião Pereira. op. cit..

²⁵⁰ MELO, Laurentina Neves. op. cit.

²⁵¹ NERIS, Celina de Jesus. op. cit.

²⁵² SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

As charuteiras entrevistadas apresentam em suas falas um modo específico de exprimir ações e sentimentos como se este fosse um fator de identificação do ser trabalhadoras desta mesma atividade. Além da coerência ao relatar o nível de amizade e de união que se estabeleceu entre elas, durante o período em que trabalharam juntas nas fábricas, expressões como, por exemplo, "a gente..." aparece com frequência em suas falas, diferentemente dos outros entrevistados e, configuram de fato a existência da solidariedade como instrumento de força contra as situações opostas geradas dentro e fora das fábricas.

As fábricas de charutos, na verdade, configuravam-se num espaço social onde se tecia solidariedade, divergências e barganhas entre a mulher e o homem, o patrão e o empregado, no caso a empregada, numa luta silenciosa. As lutas das charuteiras contra a opressão no trabalho, esta que fundia exploração da mão-de-obra com subordinação sexual, não se limitaram às formas coletivas, organizadas, políticas e sindicais, mas ao considerar que "toda prática, consciente ou não, contra as formas de dominação é tributária da luta",²⁵³ seja a indisciplina, o desperdício, o corpo mole, a obediência dissimulada, as estratégias sutis de resistência e de poder e a solidariedade. Verifica-se que as charuteiras, também utilizaram seus próprios elementos de luta contra a dominação nos dois aspectos da opressão.

Afinal, há trabalhadoras/trabalhadores que se submetem a toda forma de dominação com passividade; há trabalhadoras/trabalhadores que reagem, resistem com lutas abertas e diretas; e há aquelas/aqueles que criam suas próprias formas de viver à condição de trabalhadora/trabalhador com autenticidade, pois, o que há são as várias formas de ser trabalhadora/trabalhador.

3.5 - *Ser charuteira*

Ser charuteira, como a expressão já indica, é ser a profissional que exerce a

²⁵³ COMBES, Danièle HAICAULT, Monique. op. cit. p. 39.

atividade de fazer charutos independente de quaisquer outros fatores, seja o método ou o lugar. Tanto para as fábricas do Recôncavo como para as próprias mulheres, fazer o charuto à mão ou à máquina, em casa ou na fábrica, implicava em diferenças que estabeleciam graus de importância. A fabricação artesanal, neste caso, conferia aos charutos requinte e qualidade no sabor, por isso eram sempre mais caros do que as cigarrilhas ou aqueles que eram fabricados à máquina, dos quais se ocupava o capoteiro. Trabalhar numa fábrica de charutos, fazendo-os de forma artesanal, portanto, conferia às charuteiras o *status* que outras mulheres não conquistaram. Indicando com a postura da cabeça, ao balançar seguidamente, e com um tom incisivo, D. Celina de Jesus expressa que:

*todo mundo só desejava trabalhar na fábrica e era quem tinha muito valor era as charuteiras. E tinha três fábricas: em Muritiba tinha a Pimentel, tinha o Costa; e tinha o Dannemann no caminho de Cachoeira. Muita gente, todo mundo, de Cabeças, de São Félix ..., que tinha fábrica também em São Félix.*²⁵⁴

Na hierarquia de cargos e funções não existia dentro da fábrica de charutos nenhum dispositivo de promoção dos trabalhadores, o que também ocorria de forma geral no contexto da indústria baiana.²⁵⁵ Abria-se outro tipo de concorrência no sentido de buscar condições e posições melhores no trabalho, aperfeiçoar o aprendizado no sentido de fazer melhor e vários tipos de charutos, pois havia aquelas que faziam apenas os mais simples e aquelas que iam mais além, confeccionando os melhores do tipo nobre que, normalmente, exigiam maior dedicação e perícia. Essas charuteiras faziam parte do grupo seleta que formavam o "primeiro escalão" da charutaria, com uma tarefa menor, porém o valor da sua mão-de-obra era maior que as demais e o seu prestígio junto aos mestres e gerentes, também maior, pois a boa charuteira, além do trabalho impecável, não desperdiçava o material, fazia todos os tipos de charuto, conhecia o ponto para a combustão que não podiam ser duros, pesados ou folgados

²⁵⁴ NERIS, Celina de Jesus op. cit.

²⁵⁵ ESTUDOS BAIANOS: CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. Operários e Sociedade Industrial na Bahia. Salvador (Ba): Universidade Federal da Bahia, n.º 4, 1971, p. 45.

demais, estavam sempre atentas aos devidos cuidados.

Ao falar de alguns tipos de charutos e como eram feitos, Dalva Damiana, muito empolgada, exprime as diferenças de posição entre as charuteiras através da própria função:

Tinha o charuto à pau e o charuto à mão. A charuteira à mão era de alto grau, né? é número um. E a charuteira à pau era a pessoa fazendo o charuto, enrolando e botando ali, já tinha as conchas pra botar ali dentro pra depois botar na prensa pra prensa machucar ele, pra eles ficar bitolado pra depois capear, ali já era charuteira de segunda, hé, hé, hé, tinha de primeira e tinha de segunda. (...). Aonde tinha um charuto também de periquito que a gente fazia... e fazia aquele periquitinho enrolado, também todo charuto era bitolado. (...), mas charuteira especial, o charuto especial o número 1 eles tinha a quantidade do charuto e era mais caro, agora charuto de pau nego enchia as caixa. E tinha separação, trabalhava lá em cima com seu Francisquinho e cá as charuteiras a pau trabalhava com seu João Dantas, João Lobo, os mestres.²⁵⁶

Espaço de múltiplas relações sociais, a fábrica de charutos significava para muitas mulheres da região do Recôncavo uma alternativa de ascensão econômica e social em suas vidas. Estas mulheres fizeram-se charuteiras pelas condições naturais e materiais que a região lhes ofereceu naquele momento, pela própria precariedade econômica em que viviam. Mas, na luta pela sobrevivência, essas mulheres ao transformarem-se em charuteiras da fábrica, também conquistaram cotidianamente, em suas tensas relações, as posições e os espaços que vislumbravam como valores que estavam além da sobrevivência material, que transitavam entre vestir-se melhor para se apresentar nos mesmos lugares que as pessoas de condições econômicas e sociais mais elevadas e o reconhecimento profissional como construção gradativa e sutil de cidadania. Fatos que vão além das charuteiras, encontram-se, também, nas impressões da memória dos homens da época, a exemplo de Sebastião Pereira dos Santos:

As que ficavam em casa eram aquelas que não sabiam trabalhar, não tinha profissão nenhuma de charuto e ficava em casa, mas aquelas que tinham profissão, iam trabalhar, tinham de descer pra trabalhar na fábrica. (...) aquelas mocinhas que gostava de andar direitinha, andar bem vestidinha, elas iam

²⁵⁶ SANTOS, Dalva Damiana dos. op. cit.

*procurar o serviço pra trabalhar, pra poder fazer essas coisas.*²⁵⁷

Fazer charutos na fábrica não significava, portanto, apenas um trabalho que rendia às charuteiras a sobrevivência imediata e, é neste sentido que a leitura de suas falas conduzem ao desvelamento de outro significado do fato de ser charuteira de uma fábrica, ainda que este esteja na contramão da exploração do gênero e da trabalhadora, mas o propósito é olhar a história a partir da visão de mundo das charuteiras, uma vez que a evocação de sua memória pode oferecer a riqueza e a diversidade de um mundo social até então desconhecido.

O conjunto das cidades do Recôncavo, anteriormente citado, tem origem social na família patriarcal com base na manutenção do *status* inferior da mulher. Os valores morais e sociais que permeavam esta sociedade foram os mesmos para as charuteiras e as mulheres de classe média, porém, na prática, a forma de viver e de conceber a própria vida seguiam padrões diferenciados.

O jornal Correio de São Félix, desde a sua fundação na década de 30 até a década de 50, expressava em seus anúncios de aniversário, de nascimento e de outras notícias, a imagem e a condição feminina da classe média/alta daquela população. Era uma mulher que não tinha identidade própria, era apresentada e representada por adjetivos que tinham a função de identificá-la como uma pessoa que pertencia a alguém, ou seja, um homem - pai ou marido. Estes, ao contrário, eram apresentados e identificados por adjetivos que os qualificavam com total autonomia por sua condição de homem e de trabalhador em relação a mulher. Desta forma, observam-se alguns casos:

ANIVERSÁRIOS

Fez anos:

Correio de São Félix, 1.º de Setembro de 1945
Silvia Tobler, filha do Sr. Ernesto Tobler, componente da importante firma
C.C. Dannemann, desta - 28/09/45.

²⁵⁷ SANTOS, Sebastião Pereira dos. Preseiro da Costa & Penna e trabalhador de "armazém de fumo". 96 anos, 1999.

Correio de São Félix, 07 de julho de 1945

O correto cidadão, auxiliar graduado e competente da Comp. de Charutos Dannemann, Sr. Francisco Aragão, residente e proprietário em Cachoeira.

Correio de São Félix, 15 de Dezembro de 1945

A jovem, Antonieta, filha do sr. Antonio Mota Junior, fazendeiro e figura de influencia no distrito de Cabeças.

Correio de São Félix, 15 de dezembro de 1945

O industrial capitalista sr. Manoel Costa Ferreira Junior, sócio da importante firma, Costa Penna & Cia. 14.12.1945.

Correio de São Félix, 29 de dezembro de 1945

Eunice de Souza Pinheiro, esposa de Manoel Barbosa Pinheiro, competente guarda-livros da Costa Penna & Cia.

Correio de São Félix, 31 de Janeiro de 1948

Esposa de João Cândido da Silva, Izaura Cândido Cruz da Silva, funcionário da Dannemann - 1.º/02/1948.

Correio de São Félix, 1.º de Maio de 1948

Ana Maria, filha de Alberto Gomes Machado de Cabeças.

Correio de São Félix, 20 de Novembro de 1948

Anatália Albergaria Mota, conjugue do vereador muritibano Antonio Mota Junior - 19/11/1948.²⁵⁸ [grifo nosso]

O aniversário da filha ou esposa era mais uma oportunidade para se exaltar a masculinidade, a posse da mulher e promover o homem-marido do que para felicitar, de fato, a própria aniversariante-mulher, esta que fora preparada para servir ao homem e ao lar, viver uma vida recatada e não conhecer dificuldades financeiras, não conhecer ou experimentar outras realidades e, portanto, não poder questionar sua condição.

Enquanto que as charuteiras tinham uma origem e vida distantes daquele padrão social e econômico das mulheres dos segmentos mais elevados, não se destacavam na sociedade nem pelo reflexo de seu pai ou marido, nem por condição econômica, eram pessoas comuns, desprovidas de fortunas e que desde cedo, ainda meninas, começavam a prover o seu sustento ou, no mínimo, a ajudar a família. A

²⁵⁸ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. *grifo nosso*.

fábrica, portanto, era o espaço que lhes garantia a conquista da autonomia, não apenas de trabalhadoras, como também de mulheres que trabalhavam fora de casa, viviam outras relações sociais e que nem sempre tinham a proteção do marido.

A conquista do seu espaço começava quando ainda eram meninas, sem a proteção do pai ou marido. Com idade entre 10 e 15 anos, jovens de famílias de baixa renda, já estavam envolvidas na lida da manufatura do fumo, a partir do seu preparo para a fabricação do charuto, pretendendo alcançar, posteriormente, o posto de charuteira de uma fábrica que significava para aquela gente uma forma de valorização econômica e social.

Eu comecei a trabalhar com 11 anos, assim que eu sair da escola, que eu estudei até o 5.º ano, então eu disse: ‘mamãe agora eu vou trabalhar’. Trabalhei aqui no fabrico sentada no chão, abrindo fumo para as charuteiras no fabrico de Yayá de Manin. Depois eu fui aprender fazer charuto ali com Cecinha. Aprendi fazer charuto, aí eu... Tinha u’a velha que trabalhava lá em Muritiba na fábrica do Costa e aí eu falei com ela pra arranjar um trabalho pra gente, pra mim e minha irmã e, aí ela chegou e arranjou.²⁵⁹

A minha mãe me ensinou, porque ela trabalhava também. (...) Bem, aí quando eu fui trabalhar com d. Matilde, que é morta, ela era mestra da cigarrilha... os bancos era emendado pra poder a gente chegar na altura da banca, ia ensinando a gente ali (...)depois d. Matilde deu a gente por pronta na cigarrilha, a gente passou pra trabalhar com seu Francisquinho, passei a fazer um charutinho de ‘bojo’, n.º 5 e 7 e aí fui continuando trabalhando até quando eu formei mesmo os meus 18 anos completo.²⁶⁰

Com o mesmo entusiasmo que D. Laurentina apresentava o seu desejo de deixar a escola para ir trabalhar, parecia lutar para vencer etapas dentro do próprio trabalho para, finalmente, ser uma charuteira. Ao dizer que trabalhou “sentada no chão abrindo fumo para as charuteiras no fabrico”, ela demonstra não só uma fase de iniciação, um percurso normal para entrar no rol das charuteiras já consideradas profissionais, como também um certo grau de inferioridade de quem ainda não era charuteira. Da mesma maneira, D. Dalva quando diz que passou “a fazer um

²⁵⁹ MELO, Laurentina Neves. op. cit.

²⁶⁰ SANTOS, Dalva Damiana. Trabalhadora da Cia. de Charutos Dannemann e Suerdieck S/A. Aposentada, 73 anos de idade, 2000.

charutinho de bojo, n. 5 e 7” e foi “continuando”, exprime em seu modo de falar um gesto seqüenciado que representa uma certa evolução do seu desempenho, medido pelo tipo de charuto que era capaz de fazer para alcançar a melhor posição no quadro das charuteiras.

Segundo Geraldo Meyer Suerdieck, "uma charuteira de alto nível, perfeita, levava de dois a três anos passando por diversas etapas, começando pelos charutos mais simples e galgando posições até chegar ao topo, o aperfeiçoamento completo",²⁶¹ quando entravam para o seletivo grupo das mulheres charuteiras responsável pela produção dos charutos nobres.

A pobreza e a escassez de trabalho na zona fumageira onde se instalaram as fábricas de charutos, conduziam as meninas a partir dos dez anos de idade a trocarem os sonhos da infância pelo sonho de trabalhar, ajudar a família na luta pela sobrevivência, tornando-se meninas-mulheres divididas entre o brinquedo e o trabalho, não havendo o passo gradual para o amadurecimento até a fase adulta, de fato, sendo comum entre elas, aumentar a idade para 18 anos como foi o caso de D. Dalva que avançou quatro anos em sua idade. Mas, é nessa trajetória que buscaram conquistar um lugar socialmente reconhecido, mesmo que fosse através de uma atividade, ou seja, uma profissão.

Ao observar que na fábrica havia uma diversidade de funções ligadas diretamente às etapas do preparo do fumo e embalagem do charuto,²⁶² o percurso da trajetória de vida contada pelas charuteiras raramente passa por estas funções e quando falam, apenas, é para ilustrar a caminhada até chegar a ser uma charuteira, demonstrando pouca importância para outras funções.

As cidades de Maragogipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba, representaram, na primeira metade do século, o pólo industrial do fumo, ou seja, a região que aglomerava o maior número de fumageiros com destaque para as charuteiras, direcionando,

²⁶¹ SUERDIECK, Geraldo Meyer. Apud CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 06.

²⁶² Conforme, os DOCUMENTOS DA FÁBRICA SUERDIECK: *Fichas de Registro de Empregados*. Maragogipe - Bahia: Escolhedora de fumo, enroladeira, espichadeira, destaladeira, cortadeira de charutos, cigarreira, capoteira, banqueira, ajudante de produção, ajudante de mestre, auxiliar de qualidade ou passadeira de charutos; aneladeira, cortadeira de selo, celofanista, cortadeira de papel, empapeladeira, encaixadeira, dentre outras.

portanto para esta profissão o foco da atenção da maioria das mulheres que buscavam, além do salário, identificar-se, também, com um trabalho fora de casa, fato que parecia dar-lhes mais autonomia em relação ao homem, ou seja, ao marido como expressam os anseios de D. Laurentina:

Ele [o marido] não queria que eu descesse pra fábrica pra trabalhar, eu não sei se era ciúme, não sei o que era, só sei que ele não gostava. Mas eu meti as caras e fui trabalhar porque eu precisava e dizia a ele que precisava e ia trabalhar. (...) Ai eu disse eu vou trabalhar. Quando eu peguei no trabalho da fábrica a primeira coisa que eu fiz foi entrar num caixa pra comprar uma casa.²⁶³

Neste sentido, ser charuteira não era apenas ser uma profissional que adquiriu a habilidade de fabricar charutos. Ser charuteira, principalmente em uma fábrica, ia além da execução da tarefa de manipular o fumo e confeccionar o charuto, passava também pela desconstrução de uma imagem feminina, até então, definida pela ótica masculina de que a mulher, sendo charuteira ou não, deveria apenas, exercer a "sua" função de dona de casa, mãe, esposa ou amásia. O caminho da construção da cidadania dessas mulheres não se estabeleceu de forma restrita ao trabalho e ao salário, mas na luta para se impor frente a dominação dos seus maridos, ou seja, minando as forças masculinas para conquistar a autonomia no campo do trabalho e das relações sociais, apesar de ter continuado ainda preservando outras posições, culturalmente determinadas, dentro de suas famílias.

Ser charuteira diante da família ou propriamente do marido, e de outras mulheres que não o fossem, era estabelecer diferenças que moviam suas concepções do ser mulher antes e depois da experiência. Assim, ao perguntar o que muda na vida de uma mulher quando ela passa a ser charuteira, Dalva Damiana diz que: "Menina, eu acho que é a pessoa ser dona de si, não é?".

Assim, a mulher que trabalhasse na fábrica de charutos parecia ter mais valor, em relação às demais da mesma camada social e econômica que não estivessem

²⁶³ MELO, Laurentina Neves op. cit.

inseridas no quadro de charuteiras das fábricas, pois era o *status* de charuteira que definia o *status* econômico dessas mulheres. Como observa:

*(...) todo mundo só desejava trabalhar na fábrica e era quem tinha muito valor era as charuteiras. E tinha três fábricas: em Muritiba tinha a Pimentel, tinha o Costa; e tinha o Dannemann no caminho de Cachoeira. Muita gente, todo mundo, de Cabeças, de São Félix ..., que tinha fábrica também em São Félix.*²⁶⁴

Assim, ao definir-se frente aos demais grupos sociais, as charuteiras determinavam-se numa fase de transição e a perspectiva de ascensão social passa a constituir um dos condicionamentos básicos das suas atitudes.

*Era boa, a profissão [de charuteira] era boa não era ruim não. Era boa porque deu muito conforto mesmo aqui em Cabeças ao povo, se não tinha nada a tratar a não ser essas coisas, era charuto e... pronto, não tinha mais nada. O homem era armazém de fumo e as mulheres, as mocinhas, procurava era fabrico e fábrica para trabalhar.*²⁶⁵

Ao tirar a Carteira Profissional pela primeira vez, a mulher da região fumageira que já trabalhava em atividades ligadas ao fumo ou que pretendia ingressar em algum estabelecimento fabril desse produto, tinha, na maioria das vezes, a sua profissão registrada como fumageira, profissão que parece englobar, sem restrições, todas as atividades relacionadas ao fumo desde a trabalhadora de armazém de fumo à charuteira.²⁶⁶ Porém, na prática isso muda consideravelmente quando o espaço de trabalho passou a ser caracterizado por elementos que o definia como socialmente e/ou moralmente correto ou não.

Assim, no depoimento do Sr. Sebastião Pereira dos Santos, ele estabelece o lugar de trabalho correto para as mulheres e para os homens, quando diz que "o homem era armazém de fumo e as mulheres, as mocinhas procurava era fabrico e fábrica para trabalhar". E Maria de Lourdes, quando se refere aos maridos das

²⁶⁴ NERIS, Celina de Jesus op. cit.

²⁶⁵ SANTOS, Sebastião Pereira dos. op. cit.

²⁶⁶ Dado retirado das Carteiras Profissionais de Laurentina Neves Melo, Celina de Jesus Neris e Sebastião Pereira dos Santos.

charuteiras, numa inflexão bastante aguda de sua voz, exprime as divisas que demarcam o grau de importância entre os armazéns de beneficiamento de fumo e as fábricas de charutos:

*Agora no armazém que eles não gostava que as mulheres trabalhasse, de uns tempos novo pra cá foi que se acostumaram a trabalhar algumas pessoas, assim, casada. Mas no armazém trabalhava mais assim as mulheres... . Ave Maria! Pra's mulheres trabalhar no armazém aí tinha grilo viu! Agora, depois (...) esse povo todo aí foi chegando, as casadinhas, as casadas tudo chegando pra trabalhar. Mas, na fábrica era bacana, era uma coisa mais decente que o armazém, o armazém como eu tô te dizendo era pra esse povo mais inferior, naquele tempo. Nas fábricas as pessoas se sentia mais valorizadas, eu não sei porque. Na fábrica ganhava por produção, quanto mais fazia mais ganhava, no armazém também, mas o estilo era muito melhor.*²⁶⁷

Diferentemente de outros estabelecimentos fumageiros, a fábrica de charutos representava, dentro dos valores sociais e morais inculcados na mentalidade social da época, um espaço de trabalho que favorecia a ascensão econômica, mas, sobretudo, social, onde as charuteiras, dentre os/as demais operários/operárias, também se destacavam por ser sua função principal no funcionamento geral da fábrica, em que todo serviço convergia para a confecção do charuto.

De fato, não existindo outras alternativas de escape ao subemprego ou ao desemprego, sem perspectiva de crescimento econômico ou social na região do fumo, fortalecia a dependência das mulheres para com a fábrica de charutos, cuja valorização desta significava a valorização de "oportunidades de vida" superior, que não se restringia somente a comer mais, mas a outras questões que envolviam *status* em relação ao grupo.

Com o acirramento da crise da indústria fumageira e a instalação do caos econômico e social na região e que afetou a massa de mulheres que viviam diretamente dessa atividade, torna-se mais evidente a importância do trabalho para elas e como souberam utilizar este espaço para dinamizar as suas relações e resgatar a sua autonomia como mulheres e trabalhadoras. A falta de emprego e a estagnação

²⁶⁷ NOVAIS, Maria de Lourdes Conceição. Filha de charuteira e charuteira de vários fabricos na Vila de Cabeças, 65 anos, 2000.

comercial que se prolongaram desde fins da década de 50 até os dias atuais na região fumageira, inauguraram um tempo de marasmo econômico, pobreza e desânimo, reforçando na memória das charuteiras remanescentes, os significados da época em que trabalharam nas fábricas, o tempo da prosperidade e da valorização social.

3.6 - "Ganhar a vida"

No começo do século XX, as pequenas cidades da região do Recôncavo encontravam-se sem atividades econômicas significativas e com possibilidades reduzidas de progresso, ao tempo em que os hábitos rurais e urbanos misturavam-se na mesma proporção²⁶⁸. As fábricas de charutos ofereceram a algumas dessas cidades, a exemplo de Maragogipe e, principalmente, Cachoeira, São Félix e Muritiba os mecanismos econômicos e sociais que ajudaram a reativar o dinamismo urbano regional até a década de 50, quando culminaram as sucessivas crises que abateu, gradativamente, a indústria fumageira. É, exatamente, no período da crise que o jornal Correio de São Félix, descreve em quase todas as edições a importância das fábricas para o desenvolvimento econômico e social da região, assim como, diretamente para os operários e suas famílias. O jornalista Luiz Gonzaga Dias, escreveu vários artigos apelativos no sentido de buscar o soerguimento da indústria do charuto naquela região, sempre retratando a intensa vida comercial das cidades fumageiras. No artigo "O Governo é culpado", ele apresenta a estagnação de um lugar e um tempo em que o movimento comercial fervilhava:

Três cidades entre outras, sofrem tremendamente as consequências da falta de visão econômica, humana e social do nosso governo. (...) as fabricas aí estão fechadas (...). enquanto isso a tragédia envolveu nos tentáculos do infortunio as milhares de familias cujo sustento era tirado da industria. Aquele movimento mercantil, aquela vida agitada que a cidade tinha, movimento mantido há seculos, estacionou subitamente, na surpresa acabrunhante de um fato inacreditavel. (...) o governo precisa pensar seriamente na sorte do povo e das cidades que possuem vida propria.²⁶⁹ [grifo nosso]

²⁶⁸ NEVES, Laert Pedreira. O Crescimento de Salvador e demais cidades baianas. *Estudos Baianos*. Salvador: UFBA, n.º 15, 1985, pp. 21-22.

²⁶⁹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX: DIAS, Luiz Gonzaga. "O Governo é culpado" *In. Correio de São Félix* op. cit. n.º 1052, 22/10/1955.

Tendo dito, ainda, este mesmo jornalista em outra oportunidade, se referindo ao fechamento das fábricas e as festas juninas em São Félix, que "Minha terra era animada, numerosa e liberal. Meu povo era abastado e feliz".²⁷⁰ Celina de Jesus, em sua lembrança sobre a cidade de Muritiba onde trabalhou na fábrica Pimentel, também, afirma que "A cidade de Muritiba era muito boa, era muito movimentada que hoje em dia não é".

A maioria dos artigos e manchetes sobre a indústria do fumo, publicada no "Correio de São Félix", com edição semanal, abrangendo o período de 1941 a 1973, atribui, sempre, o progresso das cidades fumageiras às fábricas de charutos, pelos milhares de empregos gerados e, por conseguinte, uma grande circulação de dinheiro no comércio das respectivas praças.

Anfilóbio de Castro quando escreveu suas memórias sobre Muritiba, chegou a versar com admiração sobre o progresso e a prosperidade que animavam as cidades, provenientes da lavoura e da indústria do fumo na região:

*Oh! alegria nos campos, nas cidades, nos lares! Que movimento no comércio, nas fábricas, nas repartições da fazenda municipal, do Estado e do País... Raras são as casas que não sejam pequenas fábricas de charutos. Em todas as mesas é o fumo e a sua indústria que, direta ou indiretamente, põem o pão de cada dia.*²⁷¹

Das quase 50 fábricas de charutos espalhadas pelo Recôncavo, cinco foram instaladas em Maragogipe, quatorze em Cachoeira, dez em São Félix e seis em Muritiba.²⁷² Um grande número de pessoas foi registrado nestas fábricas, embora, não se saiba ao certo o total registrado nas quatro cidades; o jornal "Correio de São Félix" noticia em 3.000 operários, apenas da Dannemann em São Félix na década de 50, e O Correio da Bahia em 2.052 da Suerdieck, em Maragogipe, na mesma década. Se

²⁷⁰ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX: DIAS, Luiz Gonzaga. "São João dos Trabalhadores Parados" *In. Correio de São Félix* op. cit. n.º 1142, 22/06/1957.

²⁷¹ CASTRO, op. cit. 1941, p. 107.

²⁷² CÉSAR, Eliaser. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 03. Porém, na JUCEB não consta registro de todas elas, julgamos, portanto, que o autor estendeu esse número às fábricas clandestinas ou de pequeno porte que, realmente, encheram a região, segundo, afirmam as pessoas entrevistadas.

aventarmos pensar numa proporcionalidade entre todas as fábricas instaladas nessa região, chegaríamos a um volume de aproximadamente 10.000 operários coexistindo, um número que também foi sugerido pelo jornalista Elieser César, apenas para as três maiores fábricas - Dannemann, Costa Penna e Suerdieck - , sem contar todos os que foram registrados no percurso do período de 1906 até 1950.²⁷³

As charuteiras, como parte significativa e integrante deste cenário, não foram, apenas, aquelas que viveram o momento da ascensão econômica da indústria fumageira, trabalhando e recebendo um salário, foram também as mulheres que trabalharam fora de casa num tempo em que eram concebidas como donas de casa e que, paradoxalmente, a maioria delas sustentaram a casa e o próprio marido, fazendo charutos nas fábricas ou fora delas. Neste sentido, é que o salário representava para elas um instrumento de poder econômico e social na informalidade dos papéis que exerciam perante a família e a sociedade.

Embora, as charuteiras tenham pontuado muito claramente a exploração a que foram submetidas nas fábricas, mas são os benefícios que estas lhes favoreceram, inclusive o salário, a que elas se referem com maior ênfase. Talvez, pelo fato de viverem numa região pobre e sem alternativas de emprego, que as fábricas de charutos surgiram para elas como único meio de "ganhar a vida". Desta forma, não apresentam em suas falas, estritamente, os antagonismos de uma relação entre patrões e empregados, mas uma forma muito peculiar do grupo de lidar com a situação.

Na concepção das mulheres os valores positivos das fábricas excediam aos negativos. Dalva Damiana dos Santos, quando inicia o relato de sua vida não exclui os sacrifícios, mas justifica a presença deles:

*Ai eu tinha necessidade de trabalhar para ajudar meus pais e meus irmãos, aí eu combinei com meus pais para aumentar a minha idade que eu estava com 14 anos e só entrava com 18, e aí isso foi a minha vitória. Aí é que eu digo que o que eu tenho cabe a isso porque eu peguei essa boa, se eu não pegasse essa boa eu tava derrotada.*²⁷⁴

²⁷³ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX: *Correio de São Félix* op. cit. n.º 781, 10/06/1950; CÉSAR, Elieser. *Correio da Bahia*. op. cit. p. 04.

²⁷⁴ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

Para Dalva, se assim não tivesse feito, se não tivesse se submetido a certas transgressões, já que não havia outras opções de trabalho, não teria ajudado aos pais e irmãos, não teria sustentado e criado seus filhos que, adiante, relata a falta de compromisso dos companheiros e pais dos mesmos e, por fim, não teria se aposentado, pois é o que, possivelmente, expressa quando afirma, atualmente, que "se eu não pegasse essa boa eu tava derrotada".

Porém, a "vitória" de Dalva Damiana como de tantas outras charuteiras, não se fez apenas por aumentar a idade e registrar-se numa fábrica, mas por passar um longo período de suas vidas dedicado à rotina diária, que ligava as atividades domésticas ao trabalho da fábrica, configurando uma dupla jornada de trabalho sem quebrar a rotina de dona-de-casa, contando ainda com aquelas que desenvolviam em casa, também, a fabricação de charutos. "Ganhar a vida" como charuteira era, portanto, trabalhar todo o dia na fábrica e quando chegava em casa a labuta continuava no trato da casa e dos filhos, e, assim descreve:

A gente chegava de tarde ia dá o banhozinho, dá o cafezinho, cadê fulano? Tá na rua brigando, vou chamar, venha cá menino, tá correndo. Tinha dia que pegava dava uma sulepada boa, dava castigo. De manhã ajeitava, mandava pro colégio, você que é o maior ajeita o cabelo de fulano, o outro dizia eu não vou não. O marido trabalhava de qualquer coisa, o marido sempre desarrumado. Minino, quem cuida de minino é mulher, iam [os maridos] pra rua cuidar neles e os mininos ficavam aí (...)"²⁷⁵

Assim como, quem cuida de menino é mulher, esta também era, naquele momento, quem cuidava do seu sustento e toda a família, ao buscar as condições para tanto, desde a garantia de um salário até a forma de se relacionar no comércio na hora de comprar os alimentos e, em casa, um verdadeiro malabarismo no preparo e divisão das refeições. Nesta e em outras passagens, Dalva Damiana sempre se refere as dificuldades para manter uma família pobre e numerosa sob sua responsabilidade:

*A gente chegava no açougue comprava carne fiado:
- seu fulano não tenho todo hoje não, vou dá esse tanto.*

²⁷⁵ Ibid.

- *Aí pra semana a senhora não compre.*
 - *Tenha paciência eu não vou deixar meus filhos com fome nem roubar.*
- Aí a gente comprava fiado, tomava emprestado e a vida era assim, porque o fiado nunca acabou na vida, emprestar também nunca acabou e a pobreza. Hoje em dia todo mundo é rico, todo mundo hoje é rico...dia de não ter o que comê mesmo, pegava um pão pra dividir pra os meninos comer, toma aqui ó, um pedaço pra cada um, botar café, farinha dentro do café que não ia roubar ninguém, hoje em dia o povo tá fazendo besteira sem precisão.²⁷⁶*

Como dirigentes de suas próprias famílias, as charuteiras das fábricas, usavam todo o seu salário para atender às necessidades básicas, principalmente dos filhos, como por exemplo alimentação e vestuário, sendo possível, ainda, almejar outras conquistas, como foi o caso de D. Laurentina que conseguiu até comprar a casa própria.

A remuneração da mão-de-obra das charuteiras era semanal e baseava-se na produção diária que era estipulada por tarefas, cabendo, assim, valores diferenciados para cada uma, ou seja, o seu salário dependia do seu desempenho. O esforço dispensado para alcançar um bom desempenho, com vistas a alcançar um salário razoável, era estimulado, não apenas pelas necessidades básicas de sobrevivência, como pelo *status* que o poder econômico e social lhes conferia diante de outras mulheres e do próprio marido.

O salário correspondia, diretamente, ao poder de comprar, suprir suas necessidades imediatas, ou mesmo, às de longo prazo. Mas, o que comprava o salário das charuteiras? Ler as cifras correspondentes aos valores pagos na época, nem sempre retrata fielmente a realidade, por estar em tempo distante e, desde então, a política econômica tem sido muito variada e complexa. A forma mais aproximada de compreender o valor da mão-de-obra em moeda corrente na época, seria perceber a reação das operárias ao falar do salário, o que compravam e o que representava para elas. Neste sentido, os depoimentos dão subsídios para uma breve leitura da realidade econômica das charuteiras e das articulações comerciais próprias da época, que

²⁷⁶ SANTOS, Dalva Damiana. op. cit.

moviam a dinâmica do desenvolvimento das cidades, anteriormente citadas. D. Laurentina diz que com o salário:

Ah! Eu comprava era muita coisa, porque a gente comprava muito era a prestação. O povo fazia muitas caixas de coisa, quando era tempo de São João, Natal, Sexta-feira Santa, tinha aquelas caixas que elas fazia, a gente ia pagando do principio do ano até aquela data certa da gente ir na venda retirar aquela coisa que queria. Eu comprava ali naquela venda, eu nem me lembro mais o nome. Comprei muito na venda de Figueredo, era padaria e venda tudo junto. Comprava muita coisa, são João a gente comprava queijo, a gente comprava bebida, tudo isso, agente ia pra feira de Sábado.²⁷⁷

Ainda quando lhe foi perguntado se o salário que recebia da fábrica era suficiente para viver de forma regular, respondeu que :

Dava, eu tinha meus filhos ainda comprava muitas coisas pra eles, ainda comprava até pro marido. Tinha um mascate assim de frente da fábrica que era muito camarada, muito amigo, aí a gente ia lá e ele mandava que a gente fizesse compra lá, a gente comprava calça, camisa tudo isso na mão dele pra ir pagando, aí toda semana quando a gente recebia dinheiro, assim, já ia pagando um tanto.²⁷⁸

Apesar das variações ao longo do tempo, a política econômica correspondente à primeira metade do século manteve-se num ritmo em que a alteração dos preços das mercadorias não ocorria com a mesma frequência comparada às últimas três décadas. Mais lenta e menos perceptível, a mudança de preços naquela época favorecia às charuteiras comprar e pagar em várias parcelas sem falar em juros. Da mesma forma o salário, em relação ao valor da cesta básica, talvez não fosse tão desproporcional como é atualmente, observando o quanto tem decrescido e desvalorizado nos últimos anos. Assim, a charuteira ao falar do passado analisa o presente e, aos olhos de hoje, percebe o quanto comprava antigamente com o salário da fábrica, fazendo uma relação quase que automática do antes e o depois e fazendo entender sempre que o antes era melhor.

²⁷⁷ MELO, Laurentina Neves op. cit.

²⁷⁸ Ibid.

O Sr. Sebastião P. dos Santos fala sobre o assunto, partindo do presente como referencial para estabelecer o grau de comparação entre o passado:

(...) a mercadoria o preço era aquilo mesmo, aquela época o preçozinho era razoável. A carne de boi era mile duzentos, demorava, não era como hoje não, aquilo ali ficava aquele preço para sempre, a farinha tudo era aquele preço para sempre. Farinha era mile seiscentos, dois mirréis, mile quinhentos, pronto!

Fazer compras, para as charuteiras, era uma atividade realizada com muita satisfação, pois não significava apenas o fato de comprar comida, mas o de ter a liberdade de comprar o que elas quisessem, decidir sobre a finalidade do salário que recebiam e, assim, poder dirigir a sua própria vida e minimizar, mesmo que não fosse totalmente, as dificuldades da família.

A exclamação da voz da entrevistada ao se referir que "ainda comprava muitas coisas", exprime muito mais, querendo dizer que hoje não compra tanto quanto naquele tempo. Expressa um tempo venturoso, não advindo de um sistema econômico favorável ou do pagamento justo do seu trabalho, mas que faz diferença entre o antes e o depois, é a possibilidade de ascensão que não passava apenas por "ganhar a vida", todavia, quem sabe o de poder viver com mais dignidade.

Afirmando a diferença entre o antes e o agora quanto ao salário de charuteira e a aposentadoria que recebe atualmente, D. Laurentina não tem dúvidas que "me rendia mais. Não sei se era maior ou não, mas me rendia mais do que hoje e naquele tempo eu tinha também os filhos, tinha marido, tudo. Quer dizer que dava pra tudo". A expressão "dava pra tudo" vai além das necessidades imediatas. D. Laurentina descreve todo o processo de compra da casa própria com o entusiasmo de ter realizado um grande negócio com o seu salário:

Aí eu disse: não, eu vou trabalhar, quando eu peguei no trabalho a primeira coisa que eu fiz foi entrar numa caixa pra comprar uma casa. Comprar uma casa com dinheiro de charuto. Aí eu entrei numa caixa, aí eu falei com a criatura que eu queria comprar uma casinha, que eu pagava aluguel, aí ela disse: e tu vai comprar casa mesmo? Eu digo vou. Aí ela mandou que eu fosse e então eu disse

vou e vou comprar uma casa. Ele [o marido] não pagava aluguel de casa quem pagava era eu, ouvia até liberdade dos donos das casas quando eu passava de pagar, aí eu procurava ele [o proprietário] e quando eu falava que não paguei porque não tinha, ele dizia e cadê o marido? Aí eu dizia, o marido também não tem, botava aquele pano frio, mas mentira porque ele não pagava mesmo. Guardei o dinheiro, mas não guardei dentro de casa não por causa do marido, (...) e fui falar com seu Pepedo e ele disse pode pagar de duas vez, como a senhora quiser. Bom, eu tenho a metade do dinheiro e ele disse eu faço um recibo que a gente é da vida é da morte e você guarda, assim foi feito. A casa era um conto e cinqüenta e entrando em outra caixa tirei outro dinheiro e terminei de pagar a casa. Aí eu cheguei e pedir a ele pra passar a escritura da casa e eu não tinha um tostão pra passar a escritura. E o marido? Ah! eu também não tenho. Aí a finada Joana charuteira disse: eu te empresto. Então eu fui no cartório de Deinha e passei a escritura.²⁷⁹

A fala das charuteiras em relação ao salário da fábrica soa sempre num tom saudosista e de comparação ao salário atual, mesmo não falando expressamente deste, mas está implícito em suas intenções. A referência ao valor do salário é feita sempre no pretérito imperfeito, denotando uma ação que acontecia com frequência e com uma certa duração, quando expressava os verbos: "dava" e "comprava". Assim, D. Celina de Jesus refere-se ao poder de compra do salário de charuteira afirmando que "dava pra comprar tudo, porque o salário, a gente ganhava um salário dava pra gente se agüentar, comprava alimento, roupa...".

Ainda, D. Maria Alves completa que o salário de charuteira "comprava de comer e muito e roupa e tudo e fazia festa e tudo (...) Todo mundo vivia desse salário, agora cada quá fazia seu tanto porque tinha quem fizesse charuto mais caro, mas eu mesmo trabalhava com o n.º 3".

O Sr. Sebastião P. dos Santos, um homem que viveu dentro da fábrica o contexto da aplicação da legislação trabalhista, no tocante ao salário pago às mulheres, traduz a sua visão da situação econômica das charuteiras, como homem e como marido de uma delas:

A situação econômica, dona, era muito pouca, elas ganhavam por produção, quem dava mais produção ganhava mais. As charuteiras, naquela época, ganhavam mais do que os homens de armazém, porque dava uma produção muito

²⁷⁹ MELO, Laurentina Neves op. cit.

boa, charuto naquele tempo, tratava mil réis, era dois mil réis o cento, tinha de três mil réis o cento, até quatro mil réis o cento, tinha o charuto grande burneau que trabalha com sumatra, aquele fumo sumatra, essas ganhavam bem mais.

Embora não se possa afirmar que o salário pago pelas fábricas às charuteiras era de fato um salário maior do que o dos homens ou um salário digno, pois a questão parece estar reservada na extensão da produção que determinava apenas o limite mínimo não tendo um limite máximo, as charuteiras, possivelmente, avançavam a linha do salário mínimo que, em 1932 o seu valor era igual sem distinção de sexo e, entre 1940 e 1943, chegou a sofrer uma redução de 10% para as trabalhadoras.²⁸⁰

As fábricas de charutos do Recôncavo, além de interferirem na vida econômica e social da população, também exerceram significativas influências sobre a estrutura familiar das mulheres, principalmente, das charuteiras, estas que formavam o quadro mais importante de trabalhadores das fábricas. Neste sentido, as atitudes e circunstâncias vividas por elas dentro e fora das fábricas afetavam diretamente as relações na família.

A pressão sobre o comportamento da mulher e do marido ocorria à medida que a mulher passou a exercer a "função do homem" no interior da família, ou seja, ao fazer-se trabalhadora de uma fábrica de charutos a mulher passava a deter o poder econômico, anteriormente atribuído ao marido, conseqüentemente forçava uma relativa alteração nos papéis sociais na família.

A mulher charuteira, então, passou a tomar decisões no campo das compras, da economia em geral e do bem-estar da família, tornando-se, dessa forma, uma prática quase institucionalizada da mulher sustentar o companheiro naquela região. Enquanto eles, em sua maioria, levavam a vida a caçar passarinhos, em jogatinas, freqüentando bares e botecos das vilas e cidades fumageiras, alguns ainda cuidavam da casa e das crianças se as tivessem ou "trabalhava de qualquer coisa".²⁸¹

²⁸⁰ PENA, op. cit. pp. 161-163 e 175.

²⁸¹ SCHINKE, Rose, Filha de J. Schinke, Cachoeira - Bahia, 2000 e PINTO, 1998. op. cit. p. 128.

Ao falar do salário das charuteiras, do poder de compra deste, D. Laurentina Neves Melo expressa a sua posição no comando da família em relação a seu marido. Quando revela que "ainda comprava pro marido", que "naquele tempo eu tinha também os filhos, tinha marido, tudo, quer dizer que dava pra tudo", fica claro que era ela quem dirigia economicamente a família. Apesar de que ele não era desprovido totalmente deste poder, mas tudo indica que não havia um compromisso da parte dele para com a mesma, pois ainda confirma que:

O dele, ele comprava as coisas levava pra onde ele queria e aí eu comprava fiado, quando era no dia de Sábado que eu trazia aquele dinheiro eu ia pagava a metade e ficava devendo a metade. Era, eu pagava tudo.

Ao falar sobre o marido, evoca-o com ressentimento quando demonstra no tom de sua voz um certo desprezo, além de não pronunciar o nome dele durante todos os períodos da entrevista, revelando uma relação conjugal comprometida pelo peso da responsabilidade na família, onde um foge e o outro assume, como se este papel não fosse seu. Embora, fosse no assumir a função que ela conseguia improvisar e inverter os papéis sexuais, socialmente definidos, tanto no interior de sua família quanto na sociedade.

Rose Schinke, filha de Johann Schinke gerente da Suerdieck e da Dannemann na década de 1930, fala do relacionamento de seus avós maternos, cuja avó era charuteira da Suerdieck em Maragogipe e detinha o poder econômico e as decisões na família. Sobre este assunto, ela diz que:

Olhe, na minha casa o meu avô, pelo menos abriu, porque era uma pessoa passiva em casa, minha avó era que mandava, tinha voz altiva. Minha avó era que decidia e ele era sereno, tranquilo. Que dizer, eles [os homens] se dava o luxo até de não mandar, de não impor a vontade deles, justamente, pra's mulheres continuarem trabalhando, eles continuavam passivos. E ainda tinha outras mulheres, era o que mais tinha.²⁸²

²⁸² SCHINKE, Rose. op. cit.

Ainda, conforme Rose, essa postura dos homens não era, na verdade, falta de força para deter o poder, mas uma tática para se acomodarem frente às dificuldades e responsabilidades do lar, visto que sabiam que as mulheres podiam sustentar a situação através do trabalho da fábrica. E continua:

Bom, eu convivi com Marcelina, essa que morou lá em casa [charuteira que depois da crise fumageira foi morar na casa de J. Schinke] e ela contava. Geralmente, elas trabalhavam mais do que os homens, muitos homens não tinham nem emprego, porque sabiam, tinham certeza,... era a característica de Maragogipe, a mesma coisa, tanto que a maior parte dos maridos eram pescadores, no dia que pescava, pescou, no dia que não pescava não tinha nada. Esse exemplo eu tenho de minha avó, que ela se queixava muito de meu avô, por isso que ela empregou todas as filhas na fábrica e foi se empregar também. Os maridos ficavam na sombra delas, era a maior concentração de gigolôs do Estado, quer dizer quando eles achavam emprego também trabalhavam, mas quem tinha mais chances eram as mulheres, porque faziam o charuto a quantidade do emprego era maior.²⁸³

Nesta mesma linha de raciocínio é que se enquadra a fala de Maria De Lourdes C. Novais, no que diz respeito a posição do marido frente às responsabilidades familiares:

Muitas vezes acontecia eles [os maridos] ficar em casa, ajeitando a casa, cuidando dos meninos e ela tinha facilidade de arrumar o serviço, então, ele ficava em casa e ele achava era bom, porque ela tava ganhando pra manter ele também, dava ainda Graças a Deus que ela arrumou o serviço.²⁸⁴

É, neste momento, que a mulher tomava as rédeas da própria situação e, sendo explorada ou não, elas dirigiam economicamente e tomavam as decisões sobre os membros da família. As charuteiras vislumbravam a valorização como mulheres e profissionais, não além do homem, ou buscando de forma isolada, mas vislumbravam atingir níveis de igualdade, quebrar as arestas das diferenças que as colocavam em posição de inferioridade.

²⁸³ Ibid.

²⁸⁴ NOVAIS, Maria de Lourdes. op. cit.

O poder econômico interferia diretamente nas relações familiares das classes populares, implicando na formação de uma nova concepção dos papéis sexuais quando as mulheres passavam ao comando e manutenção da família, conquistando espaços diversos que, apesar da exploração e do sofrimento, reabilitavam sua autonomia como pessoa, trabalhadora e mulher. Neste sentido, é que o exercício de papéis sexuais improvisados, informais, na família das charuteiras, serve, também, para desmistificar a visão patriarcal homogeneizadora da sociedade brasileira a partir do rigor da ocupação das tarefas e incumbências entre homens e mulheres.

Da mesma forma, pode-se entender que essas mulheres ao transformarem-se em trabalhadoras assalariadas e participarem da produção social, modificavam as relações familiares e entre os sexos, conseqüentemente, adquiriam independência diante dos homens e da sociedade, embora, isso não venha a significar a cessação das lutas ou a quebra da resistência masculina a essas mudanças.

As relações econômicas e sociais se intercalavam no cotidiano das charuteiras, permitindo que estas vislumbrassem um projeto de vida melhor. Ao trabalhar numa fábrica, as mulheres, não visassem apenas o salário, mas integrar-se no círculo de relações sociais mais amplo que o da família e da vizinhança, pois também significava um ganho. Conhecer outras pessoas que podiam ser amigas ou até mesmo amantes era, com efeito, alargar o tecido das comunicações sociais, era abrir os horizontes da rotina doméstica para um mundo diferente e projetar-se numa perspectiva de esperança de um futuro melhor.

Neste sentido, é que se pode lançar um olhar sobre alguns casos de relacionamento amoroso, dentre os inúmeros, envolvendo os trabalhadores e trabalhadoras das fábricas. Observamos que o ambiente da fábrica se fazia propício ao surgimento de romances, por acolher um número bastante reduzido de homens, por seção, em relação ao número de mulheres, e que os mestres de seção e gerentes eram grandes sedutores das trabalhadoras, principalmente das charuteiras.

A postura do chefe, autoritária ou não, diante dos outros funcionários e, principalmente das mulheres, representava sempre um poder maior, aquele que mandava, que reclamava, que determinava as tarefas, que podia ser mais flexível com

uns do que com outros, aquele que representava os trabalhadores perante a administração da empresa e vice-versa e, por fim, aquele que "ganhava" mais.

O mestre, o gerente e outros que ocupassem a posição de chefia na fábrica, incorporavam uma imagem que configurava força e poder, era como se oferecessem às mulheres uma masculinidade mais atrativa do que a dos outros trabalhadores. Era o seu *status* de chefe e, principalmente, o seu poder econômico perante os outros, que os levavam a se mostrarem mais machos do que os outros; eram elementos que garantiam o poder de sedução sobre as mulheres que, por sua vez, enxergavam nesses homens, além de uma masculinidade mais atraente e "mais poderosa", uma segurança maior numa possível relação conjugal.

"Uma fábrica de charutos pode ser a casa de Eros", afirma o jornalista Elieser César quando relatou a vida de um chefe de produção da Suerdieck, em Maragogipe, nominando-o de dom-juan. Sr. Bartolomeu Borges Paranhos, trabalhou na fábrica durante 69 anos e diz que "namorei e casei na fábrica", onde "controlava um batalhão de mulheres". Chefe de 1.700 mulheres, teve vários relacionamentos dos quais coube-lhes 14 filhos, sendo "nove com as duas esposas e cinco com outras charuteiras".²⁸⁵

Assim como os mestres e gerentes, os estrangeiros e seus descendentes, ligados às firmas, também mantiveram vários relacionamentos amorosos com as charuteiras, alguns chegaram até a casar-se e a constituir família. Da parte dos homens soava mais forte a atração natural feminina propiciada com maior intensidade pelo ambiente da fábrica, cujo quadro de trabalhadoras era formado por um elevado número de mulheres jovens e solteiras, observando que para o estrangeiro, ou seu descendente, ainda se deve levar em consideração os elementos da diferença racial que, também, chamavam a atenção. No "eldorado do fumo" podia haver até "sete mulheres para cada homem", assim observa o jornalista:

Em 1923, Heinrich Suerdieck morreu de pneumonia, na Suíça, aos 47 anos, quando passeava de férias. Suportou os rigores tropicais, mas sucumbiu ao seu próprio inverno. Para o lugar dele, August convidou o cunhado Gerhard Meyer, então com 36 anos. Uma vez no recôncavo, Gerhard não resistiu ao côncavo e ao

²⁸⁵ CÉSAR, *Correio da Bahia*. op. cit. p. 07.

convexo das mulheres da região. Afinal, costumava-se dizer, na época, que Maragogipe tinha sete mulheres para cada homem. Que o fumo tenha propriedades afrodisíacas, é algo controverso, mas a verdade foi que, lidando com o produto, Gerhard teve dois filhos com uma maragogipana e um terceiro com outra, até se casar com uma operária de sua fábrica, Tibúrcia Pereira Guedes. Com Tibúrcia teve mais quatro filhos, dentre eles Geraldo Meyer Suerdieck, o homem que viria a comandar a empresa por 27 anos, em sua melhor fase.²⁸⁶

Geraldo Meyer Suerdieck, casou-se três vezes e define o charuto como "um elixir sexual", pois "as colunas de fumaça dissipam as tensões, espantam o estresse, afugentam os aborrecimentos e dão disposição para o amor, uma disposição contínua, sempre renovada a cada dia".²⁸⁷ Seu pai, Gerard Meyer Suerdieck, alemão, casou-se com Tibúrcia Guedes, uma operária da fábrica de charutos que anteriormente era pescadora de mariscos em Nagé, localidade de Maragogipe; Sr. Johann Schinke, também alemão, casou-se com Zelinda de Brito operária da Suerdieck de Maragogipe. O Sr. Geraldo Dannemann, alemão de Bremen, naturalizou-se brasileiro em 1889 e foi o primeiro intendente de São Félix, casou-se com a operária Aleluia Navarro com a qual teve nove filhos.²⁸⁸

A união conjugal de sócios e gerentes com as operárias das fábricas, mulheres pobres e de origem distinta, podia ocorrer de forma espontânea, considerando que esses estrangeiros vinham para o Recôncavo tendo deixado suas famílias em seus países de origem, permanecendo aqui por muito tempo e havendo casos em que alguns, também, ficaram viúvos aqui. Mas, o que chama atenção é que nem mesmo os primeiros fundadores das duas maiores fábricas de charutos do Recôncavo procuraram, nesta sociedade, moças de elite para se casarem, sabendo-se que eram bem situados econômica, social e até politicamente como foi o caso de Geraldo Dannemann.

²⁸⁶ CÉSAR, op. cit. p. 04.

²⁸⁷ CÉSAR, op. cit. p. 05.

²⁸⁸ SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, op. cit.; SCHINKE, Rose. Filha do alemão J. Schinke, residente em Cachoeira - Bahia; ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX: *Correio De São Félix*, op. cit. n.º 876, 26/04/1952.

Neste sentido, os relacionamentos amorosos entre patrões e operárias não se explicam apenas pela via da exploração sexual feminina, uma vez que chegavam a se casar e a constituir famílias bem estruturadas, num tempo em que a mulher casada e, neste caso, "bem casada" era a que tinha maior *status*. Teria sido, então, "o côncavo e o convexo das mulheres da região", como afirma o jornalista? Poderia, sim. Mas, porque não outras mulheres, também da região? Seria, talvez, "as propriedades afrodisíacas do fumo"? Nada comprova a hipótese, pois se assim o fosse seria comum, também os romances e casamentos entre os homens-chefes de uma fábrica com operárias de outras fábricas, ou mesmo dos fabricos, uma vez que eles tinham acesso às outras firmas quando visitavam e negociavam fumos, marcas de charutos, discutiam preços, leis e políticas de interesse dos empresários do ramo; circulavam normalmente pelas ruas, estabelecimentos comerciais e repartições públicas; além do mais os estabelecimentos fabris, situados em cada cidade, localizavam-se próximos uns dos outros.

Os critérios de escolha da(o) companheira(o) é uma incógnita, pois tudo podia ocorrer como num processo de gestação. A proximidade das pessoas na fábrica era um fato, podia-se contar como uma oportunidade favorável ou um dos elementos propiciadores ao surgimento de relações mais íntimas e que, somado principalmente aos artifícios românticos e sexuais femininos, desencadeava um relacionamento afetivo que poderia chegar até o casamento formal. Nesta relação, aponta-se, portanto, a mulher como a maior responsável em propiciar os artifícios do jogo de sedução que, além do prazer, poderia lhe oferecer outras possibilidades concretas, em se tratando do chefe. Rose Schinke, filha do técnico e gerente da Suerdieck, o alemão Johann Schinke, lembra que:

Gerard Suerdieck, ele casou com uma pescadora de Nagé que é madrinha de minha irmã, D. Tibúrcia que primeiro foi amante dele, meu pai contava que ela botava a tarrafa na cintura pra catar o resto dos peixes que caíam das redes dos pescadores. Ele foi amante dela depois casou com ela e é a mãe de todos eles. Seu Peppe era alemão e funcionário, todos tinham amante, muitas operárias tinham filhos naturais de alemães... Domingo mesmo estava na missa. Elas ficavam encantadas com os alemães, muitos casavam como o dono da Suerdieck, como meu pai e outros, é como hoje que tem muitas mulheres que você fica e depois

não casa. Mundinha mesmo ficava encantada com os alemães fez tudo pra vê se pegava algum, mas ninguém nunca quis ela, ela é dona do Supermercado Pereira, ela conta isso assim e ela era operária e a mãe dela também, ela tinha a sublimação, o sonho dessa melhora de vida de até casar com algum deles. E, foi o pior que pôde acontecer a minha mãe, porque quando ela viu meu pai sair preso, ela com certeza teve receio de que a vida dela voltasse ao que era. Ela era operária, trabalhava ela, minha avó e mais duas irmãs, tanto que uma morreu aos 15 anos e a outra morreu aos 18 e minha mãe morreu aos 26, agora minha mãe foi porque se suicidou porque viu meu pai sair preso, agora as outras duas morreu mesmo de pobreza, de falta de alimentação, todas duas morreram do pulmão não tem nada a ver com o fumo foi tuberculose mesmo, porque minha mãe também trabalhou lá, primas de minha mãe, Mundinha, as irmãs e nada tiveram, isso já foi da pobreza de minha avó. Minha mãe ficou transtornada, porque meu pai era gerente, teve a melhor casa de Maragogipe, então ela viveu um verdadeiro sonho de cinderela, quando meu pai começou a namorar com ela tirou logo a minha avó, ela e minhas duas irmãs da fábrica, alugou logo uma casa, porque elas moravam numa casa que a maré entrava pela porta da cozinha, então ele tirou todas pra uma casa melhor e casou com a minha mãe, então ela viveu esse sonho e de repente ela se vê sem nada disso, então eu acho que ela ficou assim desnorteada, por isso ela tinha receio de voltar a vida que ela levava.²⁸⁹

Como se observa, não se pode descartar a existência da exploração sexual feminina, porém a busca pela ascensão econômica e social por parte das mulheres era patente, o vislumbre delas em relação aos alemães não parecia apenas por uma possível beleza ou estranheza étnica, mas pela possibilidade de poder conquistar um homem que lhes oferecessem maior segurança e conforto, através de um casamento legal ou, até mesmo de uma relação extraconjugal, mas que fosse favorável a um estilo de vida melhor do que o delas próprias.

Tibúrcia Pereira Guedes, esposa de Gerhard Suerdieck, chegou em 1931 a ser sócia comanditária da empresa e, em 1950, com a morte dele, passou a preencher o cargo de Diretora-presidente. Para as outras trabalhadoras da fábrica que acompanharam esta história, dentre outras, almejar desde um simples relacionamento a um cerimonioso casamento com um dos seus chefes, parecia-lhes normal e necessário. Desta forma, "ganhar a vida" não se restringia apenas ao fato de trabalhar e receber um

²⁸⁹ SCHINKE, Rose. op. cit.

salário, como também de galgar outras possibilidades de vencer as suas dificuldades dentro do seu próprio contexto.

"Ganhar a vida", para as charuteiras, não significou apenas, receber pelo seu trabalho e atender às necessidades mais imediatas de sua sobrevivência e de sua família, mas ia além disso, significou galgar o espaço da fábrica, mesmo sendo o único oferecido na região do fumo e, poder/saber fazer dele o artifício para sair do anonimato doméstico e servil que a condição de dona de casa, mãe e mulher lhes impunha dentro do lar, naquele momento. Uma vez que, ir até a fábrica, que também era um processo laborioso, trabalhar, participar das festas, lutar especificamente contra as formas de opressão, não era simples, nem estava tudo dado, foi preciso pensar e construir cada passo a ser dado diante das fronteiras ideológicas da sociedade e do desconhecido no mundo do trabalho.

3.7 - O riso, o canto e o prazer

Trabalho e festa são palavras que expressam conceitos assimétricos e que são, normalmente, polarizados desde o senso comum às discussões e produções acadêmicos. A palavra trabalho, entre as demais que, etimologicamente, designam uma atividade laboral, tem sua origem em diversas culturas como de natureza punitiva e, portanto, depreciativa.²⁹⁰ Numa inversão de valores na sociedade burguesa, o trabalho foi transformado em atividade nobre, geradora de riqueza e que sendo regular ou irregular, remunerada ou não, invoca um caráter de seriedade e a idéia da exigência de uma postura coerente com as respectivas funções em que se distribui.

Já a festa, no sentido moderno, traz no seu conjunto de significados diversos uma conotação lúdica e, mesmo dentro de uma prévia organização, um certo grau de espontaneidade e de liberação das tensões e formalidades do cotidiano, dissolvendo temporariamente o peso das rotinas, inclusive no/do trabalho. Contudo, pela abrangência de significados e interpretações, ela não se apresenta como um evento isolado ou dicotomizado das ações cotidianas dos indivíduos, mas como parte de sua

²⁹⁰ BAITELLO JÚNIOR, Norval. O Trabalho entre a vida e a morte *In Projeto História* 16. São Paulo: EDUC/PUC, n.º 16, fev./98, pp. 115-120.

estrutura, uma vez que é no dia-a-dia que se produz material e mentalmente a festa, assim como é transformada e, ao final, apresenta-se como produto necessário deste cotidiano e, somente nesse momento, é que ela rompe com o mesmo no sentido de reafirmar uma organização preestabelecida ou para interferir e quebrar a ordem, seja quando a coletividade se organiza na diversão, alegria e/ou devoção aos santos protetores, quando se trata do catolicismo popular, ou nas laboriosas e tensas revoltas dentro ou fora da festa.²⁹¹

Desta forma, compreendendo a festa como uma atividade social específica, não se pode reduzi-la a um tipo único porque há nela vontades contraditórias em ação. Embora alguns eventos tenham o caráter de manutenção da tradição, as festas são, em muitos casos, “laboratório de invenção de novas tradições e disseminação de novas sensibilidades (...)”.²⁹² Cada ato humano, coletivo ou não, carrega uma diversidade de significados e de concepções que foge aos conceitos generalizantes, permitindo um tratamento específico no tempo, espaço e conforme a apropriação e apreensão dos seus sujeitos.

O estudo do cotidiano das mulheres charuteiras deve ultrapassar a luta pela sobrevivência material e buscar compreender, também, os momentos lúdicos, alegres e prazerosos que ocorreram no interior da fábrica e/ou fora desta, em função da necessidade natural de buscar o prazer, mas, prioritariamente, de galgar os espaços sociais. Segundo Mary Del Priore:

*os jogos, as danças e as músicas que a (festa) recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização, Tem simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários.*²⁹³

²⁹¹ FIGUEREDO, Luciano. Revolta é uma festa: relações entre protestos e festas na América Portuguesa. Texto apresentado no Colóquio "Festa; cultura e sociabilidade festiva na América portuguesa. São Paulo: USP, 06-11/09/1999.

²⁹² ALMEIDA, Jaime (org.). Jurando Fidelidade: Festa e identidade em Popayán, 1830-834 In **Caminhos da História da América no Brasil: tendências e contornos de um campo historiográfico**. Brasília: ANPHLAC, 1998, p. 354.

²⁹³ DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopia no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994, p. 10.

Assim, como vencer o tédio da rotina que obrigatoriamente se repetia na vida dessas mulheres? A criatividade espontânea e/ou organizada geradora de alegria e prazer foi o elemento que mesclava e dava nova forma ao ritmo de suas vidas, atitude que advinha e, ao mesmo tempo, interferia na visão de mundo, com os elementos que identificam momentos da vida das charuteiras os quais tratamos aqui como festa.

Em seu conturbado mundo do trabalho doméstico e fabril, ela também brincava, cantava e cumpria com suas devoções religiosas, além das festas do calendário oficial e as peculiaridades regionais. A festa através desse viés da história das charuteiras, também se apresenta como um “fato social”, pois cada momento de prazer proporcionado é um “lugar de memória e utopia, e opera como um foco de consciência histórica”.²⁹⁴ São manifestações vivas da história, porque são dimensões do cotidiano, sendo este “a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, (...) das coisas deixadas de lado. Mas, nesse inventário de aparentes miudezas, reside a imensidão e a complexidade através do qual a história se faz e se reconcilia consigo mesmo”.²⁹⁵ Assim como Le Goff concebe a festa como prazer e a coloca no mesmo patamar dos prazeres dos diálogos que acontecem em qualquer lugar, como as ruas, as escolas e o cemitério.²⁹⁶

As mulheres charuteiras têm uma história fortemente ligada ao trabalho seja, de início, no campo junto a seus pais, mais tarde na lida doméstica e nas fábricas, mas que é traduzida na memória pelas lembranças do “bom viver”, das “boas amizades”, do prazer de “a gente fazia festa tudo junto” e quando viajavam até à fábrica, também, “tinha aquelas companheiras que ia... ia tudo naquela arrelia, quando tava chovendo ou fazendo sol era a mesma coisa”.²⁹⁷

O trajeto que dividia o tempo das charuteiras ao ir e vir para as fábricas, também as separava de dois “mundos” diferentes – o privado, ou seja, o doméstico

²⁹⁴ ALMEIDA, Jaime. Festa e História na América Espanhola e no Caribe In VAINFAS, Ronaldo (org.). **América em Tempo de Conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 136.

²⁹⁵ DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada In VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 274.

²⁹⁶ LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, p. 25.

²⁹⁷ SILVA, Alzira Ferreira da. *Charuteira da Dannemann. 87 anos de idade*, 1996.

onde eram detentoras do poder na condição de chefes de famílias e a fábrica onde eram destituídas de poder – e constituía-se num espaço de articulação política, de liberdade e, portanto, considerado um espaço de festa. Ao longo das viagens matutinas e de fim da tarde, as charuteiras contavam casos, riam muito e cantavam as modinhas do momento expressando uma alegria imensurável que as ajudavam a superar as dificuldades de acesso às fábricas e a tensão do acúmulo de trabalho, pois segundo D. Laurentina, “seguia aquele grupo e ia e vinha tudo pilheriando”.²⁹⁸

A viagem constituía-se num momento de reunião em que as conversas, a “camaradagem”, o riso e o canto transformavam-se em folia, caracterizando-se em uma festa conforme expressa a postura e a reação saudosista das pessoas, ao retratarem o momento como de reafirmação da autonomia delas longe da dominação. A viagem festiva, quando resgatada do reservatório da memória das charuteiras, traz à tona lembranças de momentos que as faziam sujeitos de sua história, quando, também, compartilhavam as dificuldades, a amizade, assim como, o engenho e a organização das festas que poderiam participar, principalmente as festas dos santos padroeiros das suas respectivas cidades ou lugarejos.

A tradição de origem européia de congregar-se num dia consagrado à devoção de um santo padroeiro ou protetor, com missas, procissões, lavagens e outras atividades elaboradas dentro do catolicismo popular, foi interpretada e modificada desde os tempos coloniais, misturando o sagrado e o profano no “feitio mágico”, que caracterizava o catolicismo popular e impregnava o imaginário coletivo. A tradição do catolicismo popular no Brasil e, especialmente na Bahia, segundo João José Reis, “é de um catolicismo ligado de maneira especial aos santos de devoção”,²⁹⁹ escolhidos, normalmente, por identificar-se de alguma maneira com cada pessoa, grupo, função ou segmento social numa comunidade.

²⁹⁸ MELO, Laurentina Neves. Charuteira aposentada pela C. PIMENTEL, 83 anos, 1996.

²⁹⁹ REIS, J. J. *A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 60-61.

Neste sentido, é que São José era o santo de devoção dos operários. Como as festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo,³⁰⁰ o dia dezoito de março, dia de São José, representava para as charuteiras tempo de devoção com o santo protetor. E, mesmo sendo dia de trabalho na fábrica, era importante assistir à missa, uma vez que este santo representava o protetor dos operários, que conforme D. Laurentina “Ele [São José] não foi carpina, quando viveu aqui na terra, era marceneiro, não se lembra que Jesus ajudou até ele a trabalhar”.³⁰¹

As homenagens a São José, em São Félix, ocorriam num tríduo de festividades que culminavam na data supracitada com a missa em ação de graças ao Santo. Retomava-se as homenagens em 1.º de maio, por época das comemorações do Dia do Trabalho, quando buscavam maior identificação deste Santo com a classe operária, no sentido de afirmar que somente este era verdadeiramente o protetor dos operários, ou seja, talvez, uma forma de expressar a falta de proteção real e concreta que sofriam como trabalhadores. O padre Fernando de A. Carneiro, vigário de Cachoeira publicou a seguinte homenagem aos operários:

S. JOSÉ OPERARIO

A Igreja, mestra da verdade que costuma sempre escolher aos seus Santos o titulo, que mais o deve elevar à consideração da humanidade, ultimamente pelo Papa Pio XII, gloriosamente reinante o de Operario.

Anteriormente fora dado Protetor da Santa Igreja, sobremaneira honrosa, indefinido quanto a quem proteger.

O atual, entretanto, corresponde plenamente às aspirações de uma classe, a que pertenceu e honrou, o carpinteiro, conseqüentemente ao operariado.

Nesta época em que se exploram as massas com sentimentalismos demagogicos, dos que as pretendem ludibriar, o modo de pensar da Igreja é o de por em alerta, os operarios contra os seus pseudo-salvadores.

Mas, felismente já se esboça no meio do povo e ecentuadamente se desenvolve o reconhecimento do valor proprio que não se deixará iludir porem marchará firme e coêso sob os auspicios celestiais do seu patrono e glorioso São José.

³⁰⁰ BAKTIM, Mikail. **A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Editora HUCITEC (Editora da Universidade de Brasília), 1987, P. 08.

³⁰¹ MELO, Laurentina Neves, 1996.

Ao nobre operariado das Fabricas Suerdieck, Leite & Alves e Maracajá, os meus parabens pelo dia 1. de maio data gloriosa do "São José Operario".³⁰²

Na verdade, São José foi um artesão, era essa a expressão maior de identificação entre ele e as charuteiras. Muito embora a comemoração do dia do Santo fosse além da devoção, buscavam também a esperança de um viver melhor. A missa em louvor a São José e outras festividades descritas pelas charuteiras, podem ser vistas também como elementos de uma busca pelo reconhecimento social enquanto mulheres trabalhadoras naquele momento.

Os santos mais festejados, dentre outros, na região fumageira, no período do auge do funcionamento das fábricas de charutos, segundo as fontes disponíveis, foram, sobremaneira:

São Bartolomeu, no mês de agosto, em Maragogipe;
 Nossa Senhora do Rosário, em outubro, em Cachoeira;
 Santa Cecília, no mês de novembro, em Cachoeira;
 Nossa Senhora D'ajuda, no mês de novembro, em Cachoeira;
 São Félix de Cantalício, em setembro, em São Félix;
 Deus Menino, no mês de dezembro, em São Félix;
 Santa Bárbara, no mês de dezembro, em São Félix;
 São Pedro, no mês de junho, em Muritiba;
 Senhor do Bonfim, data móvel - janeiro a fevereiro em Muritiba;
 Santos Reis, no mês de janeiro, na Vila de Cabeças;
 Nossa Senhora das Candeias, no mês de fevereiro, na Vila de Cabeças;
 Deus Menino, no mês de dezembro, na Vila de Cabeças;
 São Benedito, final de dezembro e início de janeiro, na Vila de Cabeças.³⁰³

As festas eram organizadas segundo as categorias de trabalhadores e as firmas "patrocinadoras", entre elas as fábricas de charutos, mantendo na programação sempre

³⁰² ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. CARNEIRO, Fernando de A. São José Operario. In *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 1.187, 13/05/1958.

³⁰³ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 32 de 07/12/1941 a 1.187 de 13/05/1958; estes também foram os santos mais citados pelas charuteiras entrevistadas.

a mesma estrutura quanto à distribuição do novenário. Em São Félix, as comissões responsáveis pela festa do padroeiro, Senhor São Félix, organizavam-se da seguinte forma:

NOVENARIO

- 1.ª Noite dedicada aos estivadores*
- 2.ª Noite dedicada à classe caixeiral*
- 3.ª Noite dedicada à classe dos artistas*
- 4.ª Noite dedicada à classe dos ferroviários*
- 5.ª Noite dedicada à Cia. de Charutos Dannemann*
- 6.ª Noite dedicada às senhorinhas*
- 7.ª Noite dedicada à Fabrica de Charutos Costa Pena & Cia.*
- 8.ª Noite dedicada às senhoras*
- 9.ª Noite dedicada à Comissão da Festa.³⁰⁴*

Essa organização mudou apenas em 1943, em função da Segunda Guerra, quando a festa resumiu-se em um tríduo, cuja primeira noite ficou com a "classe caixeiral, artística e a devoção das raparigas", a segunda sob a responsabilidade da Dannemann e das "senhorinhas", a terceira noite da Costa Pena & Cia e senhoras.³⁰⁵ Nos anos seguintes, a programação continuou mantendo a organização anterior, alternando apenas o lugar dos patrocinadores na ordem das noites das novenas.

A organização das festas nas outras cidades, também mantinha as fábricas de charutos na programação, estas que serviam de canal para as charuteiras participarem das comemorações, de caráter popular, que animavam as festas dos santos católicos.

Apesar das dificuldades inerentes à condição econômica e ao seu tempo de trabalho, as charuteiras aproveitavam as brechas da disciplina da fábrica e se organizavam, inventando e reinventando as tradições para participar das festas católicas na região, à medida que fugiam das dificuldades que enfrentavam diariamente por associar, ao mesmo tempo, o papel de mãe, esposa, donas de casa e trabalhadoras das fábricas, além das exigências que a organização e o trabalho que estas lhes impunham. Dalva Damiana conta como ela e suas companheiras de trabalho

³⁰⁴ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 32, 07/12/1941.

³⁰⁵ *Ibidem*, n.º 33, 12/12/1943.

da fábrica Suerdieck improvisavam sua participação numa das festas de Santa Cecília em Cachoeira:

Quando foi na hora, vombora fazer...? Uma, eu não vou na missa, eu não vou na novena, a outra eu não posso, eu não tenho sapato. Então, vamos fazer a festa de Lidugero? Ai depois eu disse assim, não, não tem som, não tem radiola, não tem nada, a gente sai dali pra porta da igreja pra apresentar este ato, a gente já tá tudo na idade, os moleque vai dá vaia na gente. Ai eu disse vamos fazer uma samba, todo mundo vestido de roupa de baiana e, como é a roupa de baiana? Eu disse, olhe minha avó era baiana gostava de saia, bata,, as camisetas, torso na cabeça, pano da costa, aí a gente vai fazer um samba de roda. E qual o significado dos instrumentos? Eu digo, os caqueiros, a gente vai bater os caqueiros com as talbas de coisá o charuto e ia batendo ali, começou por aí mesmo. O caqueiro é onde botava a grude ali onde a gente passava o dedo pra colar o charuto e a talba era pra bater, pra planiar o charuto. E a cantiga, eu vou tirar uma cantiga. A gente, todo dia, quando vinha pra casa onze e meia, meio-dia já estava no caminho, acho que nem comia pra ensaiar. Antes deles chegar abria a porta a gente entrava e ficava na banca batendo as palmas [e ela fez o gesto com as mãos tentando imitar o batuque do samba no ritmo da sua cantiga]. E, aí a gente tirou: A flor da laranjeira/, alô bahia, // Cheira mais que aroeira,/ alô bahia // A baiana já conhece,/ alô bahia // O cheiro da laranjeira,/ alô bahia // Vou mandar tirar,/ vou mandar tirar / Flor de laranja pra meu benzinho cheirar.³⁰⁶

Com o entusiasmo de quem não queria parar de narrar sua participação nas festas, pois das lembranças das fábricas que trabalhou parece que foi o que mais lhe deu prazer, Dalva Damiana continuou transitando entre os eventos, contando como se organizavam, ela e suas colegas de trabalho, e cantando os sambas que faziam para garantir o espaço das charuteiras nas festas e eventos que ocorressem na cidade.

Aí tudo bem, eu digo ói tem mais samba, a gente vai tirar, aí olha pra lá, olha pra lá, evém Simões cala a boca, eu não fazia mais nem tarefa, os outros era quem fazia meu charutinho pra poder botar no lugar, já não sabia mais, a cabeça já tava fora do lugar, por isso eu digo camarada muda a cabeça. Ai eu entendi de tirar a letra do samba, tirei mesmo! (...) aí foi quando vinha as cinzas de D. Pedro II, não teve que vinha as cinzas pra o Brasil? Ai foi nessa época que eu tirei a cantiga:

*Que vapor é esse que vem de lá pra cá?
É D. Pedro II que vem de Portugal.*

³⁰⁶ SANTOS, Dalva Damiana dos. Charuteira da fábrica Dannemann em 1946 e na Suerdieck de 1952 a 1974. Cachoeira: 2000.

*Vinha da Bahia sambar em Cachoeira,
A firma Suerdieck suspender sua bandeira.*

*Salve o presidente, salve o nosso governador,
Salve todos os turistas que em cachoeira chegou.
[Nesse momento ela pára e em meio a uma risada cheia de satisfação explica: foi
quando chegou os turistas pra cá essa menina.]*

*Degolado e arrastado morreu nosso Tiradentes,
Era um grande brasileiro, ele morreu inocente.*

*Salve Maria Quitéria, mulher forte e altaneira,
Ela deu independência a heróica Cachoeira.
E o tambor da Soledade,
Derramou nosso sangue, defendeu nossa cidade.*

*E 25 de junho? [data que Cachoeira comemora a independência do Brasil] Eu sei
dizer que foi tanta coisa que eu tirei e tudo certinho, aquela lista certinha, mas
como tinha nêgo que queria roubar aquelas letras pra fazer movimento, quando
acabei botei tudo na cabeça: D. Pedro I, D. João VI, com isso aí eu tirei o samba:
E Amália Iaiá, penerando massa Ioiô / Penerando massa Iaiá, penerando massa..
Tirei outro também chamado: Ô direrê ô direrê, ô direrê pancada de beira-mar,/
Ô direrê ô direrê, ô direrê balança que pesa ouro não pode pesar metal.*

Influenciada pela repercussão da imagem de Getúlio Vargas no meio operário e, exatamente, no momento de grande tensão no país em relação ao fim da guerra e a polêmica posição política deste governante, a operária da indústria fumageira em São Félix, Auta Vilas Boas, enviou à redação do jornal Correio de São Félix - a letra de um "hino" com base na música do hino da bandeira, o que foi publicado como testemunho do apoio operário a este presidente.

*Operarios Brasileiros
Todos em só padrão
Vamos dar os nossos votos
Ao chefe da nação*

CORO

*Operarios Brasileiros
Longe vá, a ingratidão
Venceremos com Getulio
Para elevar esta nação*

O Partido P.S.D.

*É um partido sem igual
 Ao presidente Vargas
 No Brasil não há igual
 CORO
 Rio Grande do Sul deu
 A estrela que brilhou
 É o presidente Vargas
 Sempre venceu e ganhou.³⁰⁷*

Tantos eram os motivos para se festejar, ou seja, tudo podia transformar-se numa oportunidade para fazer festa, não apenas a devoção ao santo protetor ou padroeiro. As charuteiras envolviam-se com os eventos dos contextos religioso, cultural, social e até político de seu tempo, ora usando a festa como suporte para sua criatividade, prazer e fuga das atividades compulsórias, ora afirmando a perenidade das instituições de poder, embora o significado maior da participação para elas implicava em ser vista, ou seja, sobressair-se diante das demais trabalhadoras, perante os patrões e a sociedade, rompendo com a invisibilidade social que a condição sócio-econômica lhes impunham. Del Priore, também afirma que "a alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças".³⁰⁸

As festas realizadas pelas charuteiras podem ser consideradas como o reflexo e afirmação do poder das fábricas, como, também podem ser consideradas a expressão de diversão e, principalmente, de resistência, neste caso, com a fuga do trabalho, além de buscar um lugar social através da presença e participação, quando impregnavam essas festas de representações de sua própria cultura. Assim, tais festas não apresentam um caráter de perenidade nem significam uma ruptura, por inteiro, na ordem social, apresentam-se como mecanismos de equilíbrio das tensões e dificuldades que cotidianamente estão presentes na vida das charuteiras, ao mesmo tempo em que

³⁰⁷ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 561, 11/08/1945.

³⁰⁸ DEL PRIORE, Mary. *História do Cotidiano e da Vida Privada* In VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro Flamarion. op. cit. p. 10.

serviam como espaço de afirmação social e de identidade, pois se apropriavam da festa de uma maneira muito peculiar.

Nas programações das festas dos padroeiros das respectivas cidades onde foram instaladas as fábricas de charutos, não constavam convites ou dia dedicado especificamente às charuteiras, ou mesmo ao operariado destas fábricas, o convite era dirigido às diretorias das empresas que deveriam patrocinar os eventos do seu dia. Porém, a presença dos diretores resumia-se ao momento da novena, a organização e participação efetiva nos folguedos que animavam a festa, era "uma marca das charuteiras" e outras trabalhadoras, que decidiam como deveriam representar a fábrica, da qual faziam parte, à medida que, também, esforçavam-se para se apresentarem como participantes ativas naquele evento, ou seja, não apenas representar a fábrica como a si mesmas, sujeitos ativos, afinal, a festa era feita por elas.

todos nós, pertencia a gente, porque quem colaborava era a gente, porque o escritório tinha a força de receber o convite, mas era a noite para as operárias. Quem ia pular, quem ia sambar, quem ia beber a cachaça era as operárias, que eles não iam, a gente quem ia pra's novenas de noite... aí muitas não podia ir porque levava charuto pra capear em casa pra no outro dia de manhã cedo levar, tinha os filhos pra cuidar, então, a gente aí levava.... tinha esse problema. Eles davam a noite da novena pra gente, a gente colaborava com o que puder e fazia a brincadeira naquele dia, pra'gente era a verdadeira glória, porque eles passou até o dia da gente pra gente brincar durante o dia. Naquela noite, por exemplo hoje era a noite da Suerdieck, a gente já começava ficar logo tudo quente, brincando, cantando... daqui a pouco começava bater palma, daqui a pouco invernava, a orquestra chegava, a lavagem saía, todos tocando, a gente tudo pulando chiquiti, chiquiti...³⁰⁹

Além do sentido da própria festa e da competição que esta estimulava, o dia da novena dedicado à fábrica significava para as mulheres o dia da "liberdade", além de adquirirem uma folga extra, mesmo que fosse apenas para preparar os festejos.³¹⁰ E, aí, sabiam que quanto melhor representassem a fábrica mais benefícios poderiam receber, pois era uma forma de controlar por concessão de um lado, e do outro receber e aproveitar, funcionando como um jogo sutil de negociação, fazendo da festa o artifício

³⁰⁹ SANTOS, Dalva Damiana. 2000.

³¹⁰ Segundo DEL PRIORE, a festa é "tempo de fantasia e de liberdades, de ações burlescas e vivazes (...). op. cit. p. 09.

para camuflar a dominação e a resistência. Por parte dos patrões que se passavam por "bonzinhos" e permissivos, e por isso as charuteiras deveriam estar sempre satisfeitas e trabalhando com alegria; ao mesmo tempo que, para elas, servia para deixar os patrões, também, satisfeitos, pois divulgavam o nome deles e a imagem das empresas, esperando que eles as vissem como aquelas que faziam isso por dedicação à empresa, merecendo, portanto, benefícios, além de não serem vistas como as que podiam forjar as normas estabelecidas.

Dalva Damiana continuou empolgada, contando a forma como elas e as companheiras de trabalho organizavam-se e a estratégia que utilizavam para receber maior aprovação de sua participação, como na letra do "sambinha" a seguir, que inclui o nome do seu patrão, sensibilizando-o e fazendo-o apoiar com mais facilidade a saída delas, mais cedo, para o espaço da festa:

Sr. Geraldo e Sr. Estêvão tava na escritório e nós não vimos eles, não sabia que eles estava, as mulheres tudo, já que seu Valdo mandou nós sair mais cedo, sair pra ir se arrumar quando... não sabia que eles tava aí, aí quando ói vombora cantar aquele samba, aquele:

Estava sentada quando o avião passou

Estava sentada quando o avião passou

Charuteira levantou

Seu Geraldo já chegou

Do Pará, pra mandar nós sambar.

Do Pará ,pra mandar nós sambar.

Aí ele perguntou:

- *'Ô Valdo o que é isso?'*

- *'Ah, hoje é noite da firma e o pessoal formou essa brincadeira'.*

- *'Ô Valdo, manda bucar foguete, manda bucar coisa pra eles tomar'.* [Dalva

Damiana enquanto reproduz o diálogo, imita o sotaque da fala do estrangeiro]

Dai a gente não sabia, quando a gente olha tá vendo assim por dentro da vidraça, era ele, e a gente continuou e com isso foi avante, o samba saiu na festa o pessoal gostou, aprovou, aplaudiu e depois continuou e continuou. A metade já morreu, a metade tai e eu tô continuando porque o povo não me deixa acabar com essa brincadeira, mas a idade já está permitindo que eu já posso descansar, não fiz nada, não me aposentei por samba e a Suerdieck, Graças a Deus, foi aonde veio me dar o tostãozinho.

A charuteira mistura passado e presente em suas lembranças que, também, lhe trazem as diferenças dos estilos de vida. Antes, no período em que trabalhava na

fábrica e agora na condição de aposentada como charuteira. Quanto ao samba, compôs e cantou muito e não foi reconhecida, hoje Dalva Damiana é líder do grupo que apresenta o samba da Suerdieck, originado no período em que trabalhava nesta fábrica e que, ao longo do tempo, tornou-se tradição a sua apresentação nas festas de Cachoeira e cidades vizinhas, sendo muito explorado pelos órgãos oficiais dos governos municipal e estadual que solicita sua participação nos eventos e não oferece as condições necessárias para este fim, pois assim reclama Dalva Damiana.

Conforme esta charuteira, o samba foi a grande expressão de fé, alegria e arte que as charuteiras e outras trabalhadoras encontraram para participar das festas profanas que animavam os festejos em louvor aos santos católicos na região, enquanto representavam as fábricas e buscavam a visibilidade social que almejavam.

Essas mulheres, participavam e organizavam várias outras atividades festivas, quando entravam no clima de competição das apresentações, dando às fábricas grande destaque entre todos os "patrocinadores". Eram os Ranchos, Batuques, Pranchas, Cordões, Lavagens, Salas da Roça, Casamentos da/na Roça, Bumba-meu-boi, e o Ternos das Crioulas, das Catarinas, das Turcas, das Banhistas, da Cobra Fumando, das Mascaradas, dos Índios e da Estrela Dalva, este último era de Maragogipe e se apresentava na região nas festas em que a Suerdieck fosse convidada a participar.³¹¹

No dia da festa dedicado a cada fábrica um grande alvoroço tomava as mulheres, fazendo reduzir até a produção de charutos daquelas que estavam à frente da organização das apresentações, pois que se instalava, desde os sócios e gerentes às trabalhadoras, o espírito de competição, uma forma de medir forças e poder entre as fábricas, através do brilhantismo que pudessem oferecer à festa aos olhos de toda a sociedade. Em todas as ações, no sentido de empreender o dia da festa, cada fábrica representada por suas trabalhadoras, aparecia lutando por uma posição de destaque.

As comemorações de caráter popular, lavagens, ternos, mascaradas, pranchas, batucadas, atingiram o climax nos dias dedicados ao Dannemann e Costa Pena. A Dannemann este ano, caprichou em não ficar em plano inferior a Costa Pena...

³¹¹ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 29, 31/12/1949; IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Vol. XX, 1958, pp. 95-105.

Dando um impulso externo ao movimento festivo, embandeirando ruas e pondo em alvoroço a urbs com bombas e foguetaria e até alto-falantes, Dannemann fez uma ofensiva relampago, conseguindo que o comercio fechasse as portas à tarde, lançando carros alegoricos, ranchos vistosos e ternos aparatosos.

No dia imediato o Costa Pena, fez sua contra ofensiva, deslumbrando tambem pelo capricho e entusiasmo aplicado. A cidade viveu horas de agitado esplendor.³¹²

A organização dos festejos, para cada patrocinador, exigia um investimento financeiro considerável em função das ornamentações das ruas e ternos, além dos fogos de artificios e bandas de músicas que agitavam as ruas e/ou praças, numa tentativa de ofuscar o brilho dos festejos da concorrente do dia anterior ou seguinte, enquanto buscava um destaque maior, até o momento do encerramento dentro da Igreja com a novena. E, apesar de serem as fábricas anunciadas na programação como patrocinadoras do seu dia, eram as trabalhadoras que arcavam com os custos do empreendimento festivo. Ao anunciar o "pregão", o jornal teceu um comentário dos valores levantados para patrocinar as festas:

(...)falam-se que somente a Dannemann, já angariou 22 mil cruzeiros para a sua noite. Puxa! Mais capital do que o orçado para os festejos pelo presidente Valter Souza. Costa Pena precisa "fazer força" este ano. Si bem que, ao que nos consta, anda também pelos 18 ou 20 mil cruzeiros. Enfim, vamos ver quem tem panos para as mangas, porque os ferroviarios, conquanto sejam os primeiros, não gostam de apanhar (...).³¹³

Dalva Damiana, ao relatar sobre a participação das charuteiras nas festas dos santos católicos, falou em tom de apropriação do evento, não apenas por sua organização e participação, mas por custear o dia da festa com suas parcas economias:

Aí recebemos um convite da festa de Santa Cecilia, aí o que é que faz? Cada um de nós tinha que dá um dinheirinho, o mestre saía com uma lista no salão pra todo mundo colaborar. A gente colaborava, né? (...) porque quem colaborava era a gente, porque o escritório tinha a força de receber o convite, mas era a noite para as operárias.

³¹² ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 548, 15/12/1945.

³¹³ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. *Correio de São Félix*. op. cit. n.º 546, 24/11/1945.

Apesar de toda exaltação do nome das fábricas na programação das festas, as charuteiras produziam, totalmente a festa, definindo, também o seu lugar, pois apesar da festa profana e da festa sagrada, naquele contexto, atenderem a mesma função - a de festejar e louvar o santo -, não eram díspares, apenas, por seus conceitos, mas diferentes por suas formas e conteúdos, além de identificadoras dos seus participantes. Profano e sagrado aqui se separavam pelos níveis econômico e social dos que promoviam e/ou participavam da festa.

A crítica à elite pelo redator do jornal Correio de São Félix, denominado de Paraguassu, no período da festa do padroeiro de São Félix, deixa claro a determinação do lugar social ocupado por cada um na festa:

É ... Isto Mesmo!

A cidade está cheia de rumôres. Musica e batucada. Devoção e folguêdo.

O pôvo não está prosa. Mesmo sem dinheiro. Mesmo com a crise...

Em São Félix, principalmente o pôvo é quem anima e dá vida a tradição. Pela classe granfina ela estava morta.

A gente de luz e sociedade, presta somente para dar dinheiro, fazer política e espiar depois. Divide-se em corrente, em bandos rivais, dificultando o trabalho mútuo.

Fica na janela espiando o pôvo que vem à rua figurando nos ranchos, bandeiras, nos ternos, na iniciativa, fazendo festa, vendendo alegria.

Esta festa da cidade é um exemplo. Cadê a representação social que não apareceu?

O pôvo é quem faz a festa. A nata, a elite, guardou o vestido para exibir nas horas de Deus.

A elite não apareceu, mas a gentinha fez a festa.

Ela ficou do alto da sua importância, medindo sua ineficácia e despeitada porque se julgava necessária, mas a tradição dispensou sua colaboração.

Não era preciso também.

Bastava o pôvo.³¹⁴

As charuteiras não tomavam o lugar da elite pela importância social e econômica, mas no momento da festa se sobressaiam reforçadas pela criatividade e pelo uso do espaço social que esta lhes proporcionavam, afirmando, com sua

³¹⁴ ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX. Correio de São Félix. op. cit. n.º 805, 09/12/1950.

participação nas festas profanas, seu lugar na cidade e na sociedade religiosa, trabalhista, de gênero e até política, pelo peso numérico das participantes.

A participação das mulheres de "elite" e das mulheres charuteiras, também não ocorria de forma extremamente separadas, apenas trabalhavam diferentemente com os mesmos signos. As primeiras estavam mais envolvidas com a organização da festa sagrada dentro da igreja, a arrumação desta e a preparação da missa, colocando-se mais próximas ao padre e fazendo brilhar a festa para os participantes da mesma esfera social, que se misturavam no contexto geral das festividades em louvor ao santo.

Na cidade de Muritiba, os festejos em louvor ao Senhor do Bonfim que ocorriam sempre na segunda quinzena do mês de janeiro, começavam "com luzida passeata animada de música, fogos e grande multidão" para o fincamento da bandeira. Na semana seguinte, no domingo, o "Pregão" composto por mascarados a cavalo, charanga de trombones e clarins, percorriam as ruas anunciando a "Lavagem" que iria ocorrer no domingo seguinte, esta:

Às dez horas, as ruas, são já fervedouros de raparigas de saias redondas, torço de setim, chale de seda ou pendacosta ajustado à cintura; punhos, pescoço e orelhas carregados de ouro; ao quadril, pendentes do cóis da saia, lindas ágatas, corais e coralinhas encastoadas de ouro e prata.

Meio dia. O incêndio atinge o auge! Entram as crioulas, as mulatas, as africanas, os aguadeiros das cidades vizinhas, formando assim um grosso de mais de oitocentos festeiros devotos, cada qual mais ardente de alegria e fé, com a sua bilha enfeitada, cheia de água, à cabeça, cantando, sapateando, requebrando aos sons da zabumbada, sobressaindo as porta-bandeiras no repisado e requebros das chulas, no miudinho leve e ligeiro do ponteado da dança com alguma coisa de lascívia; uma das mãos à cintura, a outra à haste da bandeira, os olhos no chão, o suór cotejante e os ouvidos vaidosos de gabos e de brados de animação.³¹⁵

No final da Lavagem, saía às ruas o Bloco dos Mascarados e o Bando Anunciador da programação da festa. À noite, a Igreja suntuosamente ornamentada e bem iluminada, celebrava-se a segunda novena sob os sons de foguetes e orquestra. Nas ruas, era grande o movimento de pessoas a circular entre os salões, botequins e o

³¹⁵ CASTRO, op. cit. p. 49

leilão, seguindo assim os demais dias da semana, que cabe aqui uma certa economia na descrição pois que já é feita minuciosamente por Anfilóbio de Castro.³¹⁶

As festas do Senhor do Bonfim, em Muritiba, pela sua intensidade no fervor e participação dos fiéis nos eventos religiosos e profanos, determinavam um grau de importância maior em relação aos demais santos, inclusive o padroeiro - São Pedro - e que em 1941, já foi objeto de avaliação:

Apesar de não mais se realizarem as grandes festas tradicionais, como a do Senhor do Bonfim, em que se imprimia toda a sorte de solenidades, pompas, galas e de diversões com fervores honestos e santos, seguindo-se as em louvor do S. S. Sacramento, ao Espírito Santo, a S. Pedro, a N.S. da Bôa-Morte e a N. S. da Bôa Viagem, o movimento religioso católico romano, não obstante pálido da unção devida, é considerável.³¹⁷

As mulheres, nestas festas, foram as verdadeiras protagonistas do espetáculo em que transformavam as ruas ao homenagear o santo. Eram elas as arrumadeiras da Igreja, estavam à frente da maioria dos "ternos", eram, também, responsáveis pelo brilho e ostentação das vestimentas que encorpavam as atividades festivas, fato que deu lugar às críticas pelos mais conservadores daquela sociedade, como Anfilóbio de Castro que escreveu:

São lhes as festas o melhor da vida. Pobre e gosta de vestir bem; sobretudo o belo sexo. É lídima heroína das alegrias, alheia sempre ao paternal aviso de S. Paulo: O humilde que imitar o rico, está perdido.³¹⁸

A fabricação de charutos era a atividade fundamental da economia de Muritiba no período em evidência,³¹⁹ eram, portanto, as mulheres charuteiras das fábricas as que mais se faziam presentes nas festas em louvor ao Senhor do Bonfim naquela cidade. Envolvidas com a animação das festividades religiosas e profanas organizavam e

³¹⁶ CASTRO, op. cit. pp.47-51.

³¹⁷ CASTRO, op. cit. p.05.

³¹⁸ CASTRO, op. cit. pp. 07.

³¹⁹ IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. op. cit. p. 95-105.

participavam dos eventos diretamente. O empreendimento festivo pelas fábricas e trabalhadoras de Muritiba não ocorria com a mesma intensidade no sentido de atingir o mesmo nível de competição que ocorria em Cachoeira e São Félix, porém a participação na festa, principalmente pelas charuteiras, era cumprida rigorosamente como um ritual de devoção. Maria de Lourdes Conceição Novais, explica como elas entendiam a própria participação no contexto da organização dos dias da festa de Senhor do Bonfim:

Organizava que naquele dia eles não trabalhava, no dia da lavagem, no dia da procissão era feriado. Tinha a Lavagem do Bonfim que era no dia de Domingo, tava todo mundo em casa, mas quando tinha a novena delas [das charuteiras], elas também queria fazer uma lavagem, era! A semana toda era bloco de careta, sala da roça, banto... a semana toda era festa na rua, então elas queria tirar o dia delas também, o dia da fábrica pra fazer a festinha delas também.

Laurentina Neves Melo e Celina de Jesus Neris, ambas charuteiras de C. Pimentel & Cia. narram, respectivamente, suas experiências dentro da fábrica na luta para participação da Lavagem do Senhor do Bonfim, ou seja, fazer a sua lavagem em louvor ao santo:

Vinha as lavagens no dia certo, naquele dia não trabalhava só era pra brincar ali dentro, dentro da fábrica, era ali, a gente tirava tudo assim pra um lado, deixava ali aquele centro pra o povo brincar, vinha gente até da rua brincar dentro da fábrica.

Quando era tempo de Lavagem do Bonfim a gente fazia muita zoada dentro da fábrica e saía a lavagem de lá [da fábrica de] Pimentel, ele abria o salão e todo mundo sambava ali dentro do salão e ia pra rua pra novena.

No entanto vale ressaltar que a garantia desse espaço como “dia santo”, devia-se, até certo ponto, à ausência da proteção de leis trabalhistas e servia como concessão para amenizar as possíveis insatisfações. O mesmo foi negado logo após entrar em vigor a Legislação, 1943, assim também compreendendo D. Laurentina:

Quando Getúlio Vargas chegou botou a lei aí eles não queria a lei de Getúlio, só queria a lei deles mesmos, mas Getúlio foi quem botou a lei da gente ganhar o salário, da gente ter o direito na fábrica, porque a gente não tinha o direito de

*nada. Quer dizer que tudo isso, a lei, foi Getúlio que botou, o dia de Domingo, tudo isso a gente começou recebendo, aí foi onde eles foi cortando os feriados*³²⁰.

Porém, como já foi dito, se os patrões cediam espaços e oportunidades, certamente, não era por serem compreensivos com as necessidades das charuteiras, mas para melhor controlar; elas, por sua vez, aceitavam aproveitando-se para viver melhor dentro das condições oferecidas pelas fábricas. Lutando por aquilo que entende, por tradição e devoção, ser um direito, as charuteiras chegavam a desafiar, mesmo que de forma irreverente, aqueles que, de alguma forma, tentassem inviabilizar ou proibir a participação delas no acontecimento da festa. Maria de Lourdes recorre às lembranças como se estivesse revivendo o caso, narra:

Era a lavagem, a lavagem do Bonfim e a novena, tinha a novena da fábrica: - 'hoje a novena da fábrica de Pimentel'!. Mãe conta que teve uma vez aí que teve um padre que não queria a lavagem, êta que as mulheres levantou tudo e chegou na porta da casa dele, aí chamou, acho que foi o padre Vitalmiro [Vitalmiro Munford; e ela canta]:

Padre Vitalmiro deixe de imposição, / que a Igreja do Bonfim você não manda não. // Ô seu Pimentel venha cá meu branco, / suas charuteiras não calça tamanco.

O tamanco era próprio pra trabalhar somente no inverno, então elas tinham o calçado pra se apresentar na festa, então elas tavam dando um debate ali pra insultar, não é? Porque o padre queria uma festa simples e aí elas botavam a lavagem na rua. Mãe contava esses casos assim, porque elas tavam revoltada lá na fábrica, porque na certa eles queriam combinar também com o padre né não?

No espaço oficial da festa, as charuteiras reproduziam suas tradições religiosas num gesto de alimentação de fé, participando das novenas, lavagens, missas, procissões e outras atividades, mesmo que profanas, mas voltadas para festejar e louvar o santo, preservando e reinterpretando novas formas.³²¹ O importante para elas era o compromisso com o santo e a relação de continuidade com o “passado sagrado”, embora, as festas não representassem, na íntegra, apenas o aspecto religioso, pois,

³²⁰ MELO, Laurentina Neves, 1996.

³²¹ HOBSBAWM, Eric (org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, pp. 09-51.

entre o sagrado e o profano estavam os valores culturais que asseguravam uma identidade que, vividos com ênfase por elas, também, representavam uma forma de articulação e preservação de um espaço social que lhes oferecia maior grau de autonomia.

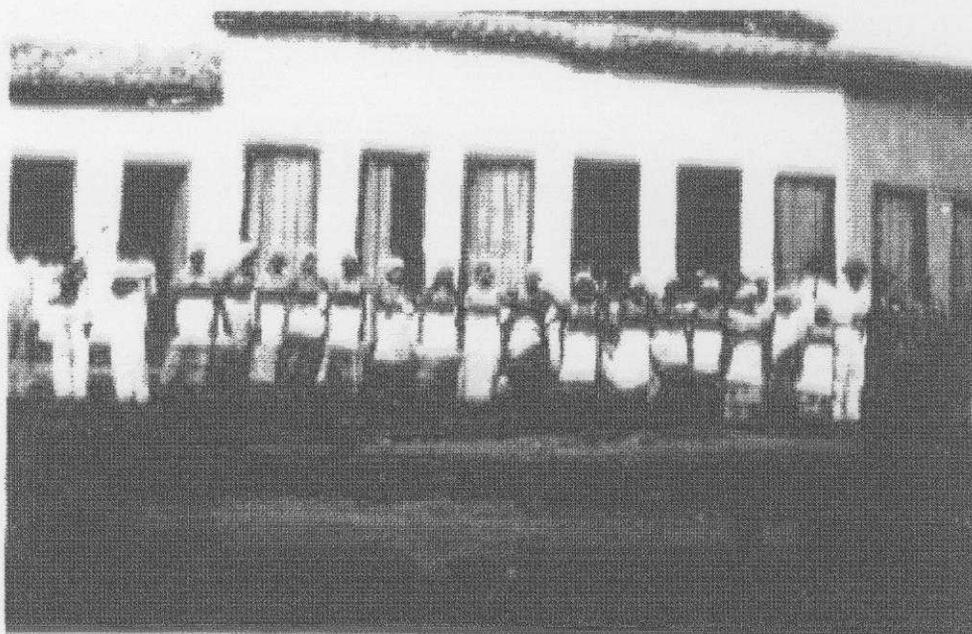
As charuteiras da Vila de Cabeças que trabalhavam nas fábricas das cidades vizinhas, além de participar dos festejos que ocorriam nestas cidades, também estavam presentes naqueles que ocorriam na própria Vila. As festas de Nossa Senhora das Candeias, São João, as rezas de São Roque, São Cosme e o Natal com as comemorações ao Deus Menino e as festas de Reis. Contudo, é a festa de Natal e de Reis que permitiam às charuteiras da Vila de Cabeças inventar e reinventar tradição e produzir lugar na memória. Um clima de festa envolvia os moradores da Vila, pela tradição de comemorar o nascimento de Deus Menino e a visita dos Reis Magos, festa que começava no dia 24 de dezembro e ia até 06 de janeiro, quando alguns dos eventos relativos às comemorações exigiam um número significativo de mulheres, permitindo a efetiva participação das charuteiras.

As noites do mês de dezembro eram movimentadas e agitavam as poucas ruas da Vila com a circulação de pessoas durante a preparação das festividades. Os ensaios das apresentações aconteciam a portas fechadas nas residências das lideranças, chamando a atenção dos moradores e transeuntes que se amontoavam tentando ver pelas frestas das portas e janelas o que acontecia, pois o barulho dos instrumentos musicais, dos cantos e das danças estimulavam a curiosidade de todos que estavam do lado de fora.

Na véspera do Natal, na noite do dia 24 de dezembro, saíam às ruas da Vila dois grandes blocos de mulheres caracterizados e competindo pela beleza ornamental das vestes e acessórios, pelos cantos e danças que melhor representassem, em forma de louvor, a "chegada do Deus Menino na terra". Eram os chamados "Presépios",³²² representando cenas do nascimento de Jesus Cristo num ato de exaltação e louvor,

³²² Presépio, neste sentido, significa a representação festiva do nascimento de Jesus Cristo e da visita dos Três Reis magos à sua Manjedoura, também chamados de Presépios Cantados, diferente dos Presépios Fixos armados num canto das casas representando a cidade de Belém e a Manjedoura onde Jesus Cristo nasceu.

tradição que começou com uma senhora da "fina flor daquela sociedade e moradora da Vila, Acelina Fonseca Nunes que faleceu em 1929".³²³



"Presépio" organizado por Acelina Fonseca Nunes, em 1929 na Vila de Cabeças.
Fonte: Fotografia cedida por Efrain Fonseca Nunes, memorialista, 76 anos, 2000.

O entrosamento e a participação das charuteiras na apresentação dos Presépios, ocorreram a partir das lideranças de Maria Perpétua Servilha, Cabocla, charuteira mãe de Maria de Lourdes Novais e Aurino, "genro de Lô e motorista da primeira marinete da Vila, de propriedade do Sr. Isaías Queiróz".³²⁴ Seus Presépios desfilavam pelas ruas, em sentido contrário, cada um tentando promover maior animação e pompa, ritualizando espetacularmente os diversos momentos do nascimento do Menino Jesus e incorporando uma versão própria, resultante do conhecimento da religiosidade romana a partir das crenças e práticas regionais do catolicismo popular.

As moças divididas em duas filas figuravam as pastoras.³²⁵ Porém, ao trazer a história para a realidade elas transformavam pastores em pastoras, elegendo as

³²³ NUNES, Efrain Fonseca. Memorialista e morador da Vila de Cabeças, hoje Gov. Mangabeira, 76 anos. Governador Mangabeira: 1999.

³²⁴ Ibidem.

³²⁵ O termo pastora significa o feminino de pastor, aquele que guarda o rebanho ou que pastoreia, conforme a tradição cristã do Velho Testamento. Os pastores que estiveram presentes no nascimento de Jesus Cristo e que levaram a "Boa Nova". LIVRO DE ZACARIAS, capítulo 11 e EVANGELHO SEGUNDO SÃO MATEUS, capítulo 2. 1-12. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

mulheres para a tarefa de "anunciar a Boa Nova", uma forma de reagir e de apreender uma importante missão que foi delegada ao homem. Vestidas com longas saias de babados em cetim colorido mais um cabeçote, uma espécie de blusa, enfeitado de pluma e areia prateada e do mesmo tecido um lenço envolto na cabeça; numa mão um cajado, enrolado e enfeitado em papel crepom com longas tiras coloridas e na ponta superior uma estrela com bastante brilho; na outra mão, um pandeiro todo enfeitado, que batiam na perna conforme o som e ritmo da música que soavam dos instrumentos, compondo uma nova sinfonia. À frente, seguiam três meninos, representando os três Reis Magos, paramentados como pequenos reis de uma corte, nunca devendo ser homens, adultos, pois para representar os santos teria que ser criança pela sua inocência, e, logo atrás deles, uma pomposa porta-bandeira que, quanto mais rodada e mais brilhoso o conjunto de suas vestes, mais rápido e graciosos os seus passos, melhor seria a sua apresentação. A participação dos homens restringia-se ao uso dos instrumentos musicais ou, em raros casos, o de liderar alguns Presépios.³²⁶

Chama atenção o seu significado étnico-cultural na criteriosa escolha dos meninos que “era um branco, um negro e um moreno”.³²⁷ Representação, não apenas dos Reis Magos que visitaram Jesus Cristo no local do seu nascimento, mas de um ato de consciência histórica e política da diversidade de raças na formação do território brasileiro, uma reinterpretação do nascimento de Jesus a partir de valores e caracterização nacionais.

Nas ruas, a competição inflamava a animação dos dois presépios e do povo, que assistia vislumbrado e tentando eleger o melhor, a partir dos detalhes e da pompa de sua apresentação. Os Presépios mais famosos o Rosa e o Glória ainda estão vivos na memória do povo daquela Vila de Cabeças.

Os Presépios era completo com essas charuteiras todas, essas meninas todas, era Nenem [Laurentina], era Rosa minha mulher, era Alzira, era Cecinha, todo mundo, esse pessoal todo aí, a filha de Lô, tudo ia bailar o presépio, ensaiar às

³²⁶ NOVAIS, Maria de Lourdes Conceição. Charuteira de fabricos na Vila de Cabeças. 64 anos. Gov. Mangabeira: 2000.

³²⁷ SILVA, Benedita. Charuteira doméstica, da Cooperativa COOVALE e da Dannemann, 75 anos. Gov. Mangabeira: 1996.

noites para sair na noite de Natal. Primeiramente, era Maria Perpétua, depois Aurino, genro de Lô, que fez um presépio por nome o Glória. Então fizeram aí uma política pra o Glória não sair na noite de Natal, então quem ia sair era o Presépio de Maria Perpétua, mas o Glória ensaiou e saiu e, então eles tiraram a cantiga: O Rosa disse que o Glória não saía,/ o Glória tá na rua com prazer e alegria. Aí bateram palmas, todo mundo.³²⁸

O Rosa, de Maria Perpétua, nas cores rosa e branco, o Glória, de Aurino, único homem à frente da organização de um presépio, nas cores verde e branca, formavam um cenário de exuberância e pompa pelos ornamentos e bailados, que após percorrerem as principais ruas da pequena Vila convergiam para a frente da igreja matriz, quando um de cada vez fazia a apresentação final decidindo quem seria o vencedor, entoando o canto de louvor ao Menino Jesus, o qual, também, identifica a configuração daquele ato de homenagem.

Ao descrever o acontecimento da festa e seus detalhes, Maria de Lourdes Novais, também, resgata o entusiasmo e a alegria tentando cantar o hino que animava o desfile de um dos Presépios:

Na frente da Igreja

*Entraí, entraí os pastores, por esta porta sagrada,
Vinde adorar a Deus Menino, em umas palhinhas deitado.
Oh! Meu Menino Jesus, convosco que eu estou bem,
Mais nada deste mundo eu quero, nada me parece bem.*

Dentro da Igreja

*As ovelhas a dormirem e os pastores velando,
Quando os anjos do senhor, apareceu-lhes cantando.
Meia-noite era passada, já o céu a desmaiar
E a estrela do Natal, cada vez mais a brilhar.*

*A estrela de Jacó é a luz da redenção
E a rosa de Jericó rebentou mais um botão.*

(?)

(?)

Ao sair da Igreja

³²⁸ SANTOS, Sebastião Pereira. 95 anos, 1999.

*Os romeiros de Natal pela estrada de Belém,
Com incenso, mirra e ouro, nós pastores vamos também,
Descubro do astro brilhante, (?)
Quem poderá observar de perto, grande mistério certo.
Pastores que estão dormindo, vem já sem demora,
Vem visitar Deus Menino, que em Belém nasceu agora.
Venham os pastores dos montes, das serras,
Das cortes dos reis dos céus e da terra.*

*A nossa jornada é sem descansar, vamos cantando a Jesus louvar
Vinde, vinde todos apreciar, são as lindas pastorinhas que saíram a passear,
Pela estrada de Belém a procura da Lapinha, Veio o Menino Jesus, nesta noite de
Natal trazendo paz, amor e luz.³²⁹*

Os festejos do Natal continuavam e outras atividades lúdicas eram apresentadas, como o Bloco dos Cardeais, a Burrinha de Beira-mar e o Bumba-meu-boi, apontando o coletivo como liderança e a expressão corporal simbolizando o cômico e o deformado como forma de esvaziamento do sentido concreto do seu cotidiano, ou seja, o rompimento com este pela irreverência da evocação.

Fazer a festa e sentir a festa foi, para as charuteiras, além da diversão a garantia de mais um espaço que oferecia visibilidade e presença através da participação, quando também podiam fugir da realidade opressora e encontrar consigo mesmas na liberdade da rua e na busca pela autonomia.

Muitos detalhes possivelmente se perderam, o momento da festa que não pode ser resgatado na essência, deve-se ao “presente em sua fugacidade incontrolável, que num átimo de tempo torna o presente em passado, ao mesmo tempo que ilumina-obscorece, silencia-exalta, congela-reaquece, mas também oblitera o lugar de onde se fala, transformando permanentemente o passado, sob os influxos do presente”³³⁰.

As festas matizavam o cotidiano das charuteiras, seja a festa espontânea, aquela costumeira do convívio familiar, tanto na fábrica como em casa; a festa organizada e amparada no sentimento coletivo da fé nas santidades cristãs; ou a festa

³²⁹ NOVAIS, Maria de Lourdes Conceição. 64 anos, Rua João Altino, n.º 16, Gov. Mangabeira.

³³⁰ ARRUDA, José Jobson de Andrade. **O Trágico 5.º Centenário do Descobrimento do Brasil: comemorar, celebrar, refletir.** São Paulo: EDUSC, 1999, p. 44.

como procedimento de aproximação e afirmação social, ou seja, o produto de todas essas festas, a reelaboração e representação mental e social que as mulheres faziam de cada festa ou dos sentimentos e comportamentos festivos. As mulheres charuteiras, portanto, vivendo os seus limites festivos, não foram vítimas nem heroínas, situaram-se, apenas, no caminho da construção de suas vidas, de suas histórias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Recôncavo fumageiro foi, relativamente, durante a primeira metade do século XX, o palco de uma economia promissora para os cofres públicos, para os proprietários das empresas de beneficiamento de fumo e fábricas de charutos, assim como foi palco da exploração de uma população envolvida no trabalho desta matéria-prima e seus produtos que se expandiram pelo mundo afora. Na mesma medida, o Recôncavo, também, foi o palco da formação de uma fisionomia social que não trazia em suas características apenas as especificidades da lida fumageira, o que já se constituía um fator preponderante, mas, também, pela forma como os trabalhadores e, precisamente, as charuteiras lidavam com as questões relativas à sua condição de mulher e de trabalhadora no conjunto das relações sociais.

As trabalhadoras do fumo podiam ser aquelas que junto à família, no campo, ajudavam a plantar e a cultivar o fumo; ou aquelas que fabricavam artesanalmente os charutos em suas próprias casas, nos fabricos ou nas fábricas, ou seja, as charuteiras. Estas souberam utilizar o espaço do trabalho e o que este lhes rendia na luta contra a dominação e a discriminação sexual, avançando sempre a linha que, ideologicamente, estabelecia os limites que lhes tornavam anônimas socialmente e enclausuradas na condição de donas de casa, mães e esposas ou amásias.

A atividade de fazer charutos era dividida em várias etapas diferentes, as quais, geralmente, eram concluídas por uma única charuteira responsável pelo produto final, que podia ser os charutos simples e mais baratos ou aqueles do alto escalão, ou seja, os charutos nobres. Porém, a fabricação dos charutos, pelas charuteiras não se resumia apenas na manipulação do fumo, mas no conjunto das dificuldades que as mesmas enfrentavam, desde a conciliação da vida doméstica com o trabalho nas fábricas, o percurso de ida e volta até as mesmas, as diversas relações no trabalho à dedicação e perícia dispensadas ao processo fabril.

Desta forma, ser charuteira era ser mãe, dona de casa, esposa ou amásia e

trabalhadora ao mesmo tempo, cuja diferença entre esta e o homem, como também outras mulheres, não estava apenas na diversidade e no acúmulo das funções que exerciam, mas nos valores que estas funções representavam para cada um. Ser charuteira, também, era ser mulher, esta que sofria, além da exploração no/do trabalho, a dominação masculina.

Mas as charuteiras do Recôncavo Baiano, na primeira metade do século XX, também encontraram nas manufaturas fumageiras desta região, principalmente nas fábricas de charutos, o meio da sobrevivência material e social, o "espaço" e as possibilidades de resistir e lutar contra as condições impostas cultural e socialmente ao gênero feminino, que as faziam mães, donas de casa e esposas ou amásias exclusivamente, mantendo-as, até aquele momento, afastadas do trabalho fora de casa e do exercício da cidadania.

Ser selecionada para trabalhar numa fábrica, fazer o percurso em grupo até a fábrica e vice-versa, fazer charutos, usar estratégias contra a exploração no trabalho, passar a ser identificada diferente de outras trabalhadoras e de outras mulheres que não faziam parte do quadro de charuteiras, saber "ganhar" e conduzir a sua vida e a própria família, organizar e participar das festas, principalmente as do calendário católico, significaram atividades e momentos que transformaram a vida das charuteiras estabelecendo os marcos de um tempo próspero e dinâmico, apesar do paradoxo das dificuldades, tanto de caráter material quanto ideológico que enfrentavam naquele momento e naquela sociedade, especificamente.

Neste sentido, além de buscar compreender a estrutura econômica e social da região fumageira do Recôncavo Baiano, foi preciso permear o âmbito das relações sociais para uma reconstrução histórica da vida das charuteiras, tendo o cotidiano oferecido as possibilidades e as marcas da vida presente permitido a leitura de um passado, que não é apenas recordação, mas a elaboração de suas próprias experiências de mulheres e trabalhadoras.

Muito embora o historiador não tenha a pretensão de buscar a verdade única e total, mas a fala de cada indivíduo e, neste caso, a das charuteiras, representa sua verdade, é o que dá sentido a sua vida, pois cada uma delas fala das próprias

experiências como constituição de sua vida, que, mesmo ao sofrer as transformações do tempo e das conjunturas, guardam as reminiscências como marcas vivas de um passado que também é parte do presente, uma vez que se pode considerar o passado como suporte da identidade humana.

A arte da sobrevivência das charuteiras não se movia apenas no lastro da economia, mas no uso desta como forma de resistência ao modelo de organização social que até então as excluía de um convívio social mais amplo e, até mesmo do mercado de trabalho. Ao lutar pela sobrevivência material, elas souberam conduzir uma trajetória de vida buscando romper com a invisibilidade social e com a discriminação sexual no trabalho e dentro da própria família.

Num quadro social permeado de muitas variáveis e emergente de um contexto ainda mais significativo, as possibilidades de alargamento do campo de pesquisa se fazem necessárias, pois, certamente, suscitarão as questões que deverão fomentar as buscas de outras verdades ocultas no viver desta parcela da sociedade, e, é neste sentido, que este trabalho não esgota a realidade, apenas resgata um viés da memória das mulheres charuteiras como uma voz esquecida.

5. FONTES

I - FONTES ORAIS	
N.º	Dados dos Entrevistados
01	JESUS, Carmelita Oliveira de. 64 anos de idade, charuteira de fabrico, residente à Rua César Martins, Governador Mangabeira, 1999.
02	JESUS, Sônia Oliveira de. 40 anos de idade, charuteira de fabrico, residente à Rua César Martins, Governador Mangabeira, 1999.
03	SANTOS, Tereza de Jesus dos. 46 anos de idade, charuteira de fabrico, residente à Rua César Martins, Governador Mangabeira, 1999.
04	MELO, Laurentina Neves (D. Nenen). 80 anos de idade, charuteira aposentada pela C. Pimentel de Muritiba, residente à Rua César Martins Gov. Mangabeira, 1996.
05	NERIS, Celina de Jesus. 68 anos de idade, charuteira aposentada pela C. Pimentel de Muritiba, residente à Rua Domingos Pereira, Governador Mangabeira, 1996.
06	NOVAIS, Maria de Lourdes Conceição. 64 anos de idade, charuteira de fabrico, residente à Rua João Altino, n.º 16, Gov. Mangabeira. 1999.
07	NUNES, Efraim Fonseca. 76 anos de idade, memorialista, residente à Rua José Martins, 183, Gov. Mangabeira, 1999.
08	PEREIRA, Maria Alves. 81 anos de idade, charuteira da Suerdieck e da Dannemann, residente em Salvador, 1996.
09	SANTOS, Dalva Damiana. 73 anos de idade, charuteira da Suerdieck e da Dannemann, residente à Rua dos remédios, Cachoeira, 2000.
10	SANTOS, Sebastião Pereira. 95 anos de idade, marido de charuteira e trabalhador da Costa & Penna, residente à Rua Deocleciano Servilha, S/N, Governador Mangabeira, 1999.
11	SILVA, Alzira Ferreira. 87 anos de idade, charuteira aposentada pela Cia. Companhia de Charutos Dannemann em Muritiba, residente à Rua João Altino da Fonseca, Governador Mangabeira, 1996.
12	SILVA, Benedita Rodrigues da. 73 anos de idade, charuteira aposentada

	pela Cia. de Charutos Dannemann em Cruz das Almas, residente à Rua Laurenço Moreira, Gov. Mangabeira, 1996/1999.
13	SILVA, Clotildes Lopes. 95 anos de idade, proprietária de Fabrico, residente à Rua Domingos Pereira, 429, Governador Mangabeira, 1999.
14	SCHINKE, Rose. 57 anos de idade, filha do Sr. Johann Schinke, técnico da Suerdieck e gerente da Dannemann. Cachoeira: 2000.

II - ARQUIVO MUNICIPAL DE CACHOEIRA				
1. SECRETARIA DE GOVERNO MUNICIPAL: CORRESPONDÊNCIAS				
N.º	Estante	Caixa	Documento	Período
01	06	169	Ofício S/N de 02/04/1947	1947
02	06	169	Ofício n.º 107	1947
03	06	169	Ofício n.º 31	1947
04	06	169	Ofício S/N (justificação)	1948
05	06	169	Circular n.º 3.144	1948
06	06	169	Resumos Anuais da Bolsa da Bahia	1948
07	06	169	Resumos Mensais da Bolsa da Bahia	1948/49
08	06	169	Circular n.º 1	1949
09	06	169	Circular 3.802	1949
10	06	169	Ofício S/N	1949
11	06	169	Ofício 223/49	1949
2. CORRESPONDÊNCIAS DIVERSAS				
01	06	170	Ofício n.º 55/74	1972/74
02	06	170	Memorial 05/02/1974	1972/74
03	06	170	Relatório 06/74	1972/74
04	06	170	Ofício n.º 36/74	1972/74
05	06	170	Telegrama 04/09/74	1972/74
06	06	170	Circular 1	1972/74
07	07	S/N.º	Ofício n.º 06/73	1972/74
3. SÉRIE: IMPOSTOS				
01	-	-	Boletins de Arrecadação	1950/76

III - ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX			
1. CAIXA ÚNICA DE DOCUMENTOS DA CIA DE CHARUTOS			
DANNEMANN - ANO 1920 - 1952			
N.º	Maço	Documento	Data
01	1923	Lista de Preços	29/05/0923
02	1923	Carta de Comunicação Interna	29/05/1923
03	1923	Telegrama	03/07/1923
04	1923	Telegrama	09/07/1923
05	1923	Carta de Comunicação Interna	16/07/1923
06	1923	Carta de Comunicação Interna	23/07/1923
07	1923	Carta de Comunicação Interna	30/08/1923
08	1923	Carta de Comunicação Interna	30/08/1923
09	1923	Carta de Comunicação Interna	30/08/1923
10	1923	Carta de Comunicação Interna	30/08/1923
11	1923	Carta de Comunicação Interna	30/08/1923
12	1923	Carta de Comunicação Interna	11/11/1923
13	1923	Carta de Comunicação Interna	25/11/1923
		*	
14	1924	Carta de Comunicação Interna	02/02/1924
15	1924	Carta de Comunicação Interna	05/02/1924
16	1924	Carta de Comunicação Interna	Fev. / 1924
17	1924	Telegrama	17/02/1924
18	1924	Carta de Comunicação Interna	26/02/1924
19	1924	Carta de Comunicação Interna	29/02/1924
20	1924	Carta de Comunicação Interna	18/03/1924
21	1924	Relações de Marcas de Charutos	Março/1924
22	1924	Carta de Comunicação Interna	30/03/1924
23	1924	Carta de Comunicação Interna	02/04/1924
24	1924	Carta de Comunicação Interna	04/06/1924
25	1924	Carta de Comunicação Interna	11/07/1924
26	1924	Carta de Comunicação Interna	13/07/1924
27	1924	Carta de Comunicação Interna	03/08/1924
28	1924	Carta de Comunicação Interna	05/08/1924
29	1924	Carta de Comunicação Interna	05/08/1924
30	1924	Carta de Comunicação Interna	07/08/1924
31	1924	Carta de Comunicação Interna	14/08/1924
32	1924	Carta de Comunicação Interna	15/08/1924
33	1924	Carta de Comunicação Interna	15/081924
34	1924	Carta de Comunicação Interna	30/08/1924
35	1924	Carta de Comunicação Interna	30/08/1924
36	1924	Carta de Comunicação Interna	30/081924
37	1924	Carta de Comunicação Interna	03/09/1924

38	1924	Carta de Comunicação Interna	04/09/1924
39	1924	Carta de Comunicação Interna	04/09/1924
40	1924	Telegrama	15/09/1924
41	1924	Relação de Mercadorias	27/09/1924
42	1924	Relação de Marcas de Charutos (Não registradas)	27/09/1924
43	1924	Relação de Preços	27/09/1924
44	1924	Carta de Comunicação Interna	04/10/1924
45	1924	Carta de Comunicação Interna	20/10/1924
46	1924	Carta de Comunicação Interna	30/10/1924
47	1924	Carta de Comunicação Interna	16/11/1924
48	1924	Carta de Comunicação Interna	01/12/1924
49	1924	Carta de Comunicação Interna	10/12/1924
50	1924	Carta de Comunicação Interna	23/12/1924
51	1924	Carta de Comunicação Interna	1924
		*	
52	1925	Carta de Comunicação Interna	04/01/1925
53	1925	Carta de Comunicação Interna	06/01/1925
54	1925	Carta de Comunicação Interna	08/01/1925
55	1925	Carta de Comunicação Interna	16/01/1925
56	1925	Carta de Comunicação Interna	27/01/1925
57	1925	Carta de Comunicação Interna	27/01/1925
58	1925	Carta de Comunicação Interna	21/03/1925
59	1925	Carta de Comunicação Interna	24/03/1925
60	1925	Carta de Comunicação Interna	06/06/1925
		*	
61	1949	Carta - Pedido	08/01/1949
62	1949	Relatório Contábil	13/01/1949
63	1949	Relatório de Operações Diárias	08/03/1949
64	1949	Relatório Contábil	24/03/1949
65	1949	Relatório Contábil	04/04/1949
66	1949	Relatório Contábil	04/05/1949
67	1949	Relatório Contábil	20/05/1949
68	1949	Relatório Contábil	22/05/1949
69	1949	Relatório de Operações Diárias	31/05/1949
70	1949	Relatório Contábil	06/12/1949
71	1949	Relatório de Operações Diárias	22/12/1949
		*	
72	1950	Relatório de Operações Diárias	06/06/1950
73	1950	Relatório de Operações Diárias	07/06/1950
74	1950	Relatório de Operações Diárias	18/06/1950
75	1950	Relação de Material	07/10/1950
76	1950	Relatório de Operações Diárias	04/11/1950
77		*	

78	1951	Relatório de Operações Diárias	03/01/1951
79	1951	Relatório de Operações Diárias	22/01/1951
80	1951	Carta de Comunicação Interna	24/01/1951
81	1951	Carta de Comunicação Interna	Março/1951
82	1951	Relatório de Operações Diárias	18/07/1951
83	1951	Relatório de Operações Diárias	01/09/1951
84	1951	Relatório de Operações Diárias	04/09/1951
85	1951	Relatório de Operações Diárias	10/09/1951
86	1951	Relatório de Operações Diárias	18/09/1951
87	1951	Relatório de Operações Diárias	18/09/1951
88	1951	Relatório de Operações Diárias	20/09/1951
89	1951	Carta de Comunicação Interna	11/10/1951
90	1951	Relatório de Operações Diárias	23/11/1951
91	1951	Relatório de Operações Diárias	27/11/1951
92	1951	Relatório de Operações Diárias	04/12/1951
93	1951	Carta de Comunicação Interna	31/12/1951
94	1951	Relatório de Operações Diárias	31/12/1951
		*	
95	1952	Relatório de Operações Diárias	0301/1952
96	1952	Relatório de Operações Diárias	22/01/1952
97	1952	Relatório de Operações Diárias	23/01/1952
98	1952	Carta de Apresentação	30/01/1952
99	1952	Carta de Transferência de Pessoal	01/02/1952
100	1952	Relatório de Operações Diárias	02/02/1952
101	1952	Relatório de Operações Diárias	0602/1952
102	1952	Relatório de Operações Diárias	07/02/1952
103	1952	Relatório de Operações Diárias	08/02/1952
104	1952	Relatório de Operações Diárias	1202/1952
105	1952	Relatório de Operações Diárias	1202/1952
106	1952	Relatório de Operações Diárias	14/02/1952
107	1952	Relatório de Operações Diárias	19/02/1952
108	1952	Relatório de Operações Diárias	20/02/1952
109	1952	Relatório de Operações Diárias	28/02/1952
110	1952	Relatório de Operações Diárias	03/03/1952
111	1952	Relatório de Operações Diárias	05/03/1952
112	1952	Relatório de Operações Diárias	19/03/1952
113	1952	Relatório de Operações Diárias	21/03/1952
114	1952	Relatório de Operações Diárias	02/04/1952
115	1952	Relatório de Operações Diárias	04/04/1952
116	1952	Relatório de Operações Diárias	04/04/1952
117	1952	Relatório de Operações Diárias	10/04/1952
118	1952	Relatório de Operações Diárias	12/04/1952
119	1952	Relatório de Operações Diárias	08/05/1952

120	1952	Relatório de Operações Diárias	08/05/1952
121	1952	Relatório de Operações Diárias	16/05/1952
122	1952	Relatório de Operações Diárias	21/05/1952
123	1952	Relatório de Operações Diárias	24/05/1952
124	1952	Relatório de Operações Diárias	02/06/1952
125	1952	Relatório de Operações Diárias	07/06/1952
126	1952	Relatório de Operações Diárias	12/06/1952
127	1952	Relatório de Operações Diárias	13/06/1952
128	1952	Relatório de Operações Diárias	26/06/1952
129	1952	Relatório de Operações Diárias	26/06/1952
130	1952	Relatório de Operações Diárias	15/07/1952
131	1952	Relatório de Operações Diárias	16/07/1952
132	1952	Relatório de Operações Diárias	16/07/1952
133	1952	Relatório de Operações Diárias	26/07/1952
134	1952	Relatório de Operações Diárias	30/07/1952
135	1952	Relatório de Operações Diárias	31/07/1952
136	1952	Relatório de Operações Diárias	31/07/1952
137	1952	Relatório de Operações Diárias	07/08/1952
138	1952	Relatório de Operações Diárias	07/08/1952
139	1952	Relatório de Operações Diárias	14/08/1952
140	1952	Relatório de Operações Diárias	16/08/1952
141	1952	Relatório de Operações Diárias	26/08/1952
142	1952	Relatório de Operações Diárias	26/08/1952

2. SESSÃO: JORNAIS

N.º	Maço p/ano	Jornal	Data	n.º Publicação
01	1941	Correio de São Félix	07/12	0032
		*		
02	1942	Correio de São Félix	04/01	0036
03	1942	Correio de São Félix	25/01	0039
04	1942	Correio de São Félix	01/02	0040
05	1942	Correio de São Félix	08/02	0041
06	1942	Correio de São Félix	15/03	0046
07	1942	Correio de São Félix	22/03	0047
08	1942	Correio de São Félix	05/04	0049
09	1942	Correio de São Félix	26/07	0065
10	1942	Correio de São Félix	09/08	0067
11	1942	Correio de São Félix	30/08	0070
12	1942	Correio de São Félix	06/09	0071
13	1942	Correio de São Félix	04/10	0075
14	1942	Correio de São Félix	11/10	0076
15	1942	Correio de São Félix	18/10	0077

16	1942	Correio de São Félix	19/11	0081
17	1942	Correio de São Félix	29/11	0083
		*		
18	1943	Correio de São Félix	03/01	0088
19	1943	Correio de São Félix	24/01	0091
20	1943	Correio de São Félix	14/02	0094
21	1943	Correio de São Félix	16/05	0003
22	1943	Correio de São Félix	15/08	0016
23	1943	Correio de São Félix	22/08	00171
24	1943	Correio de São Félix	14/11	0029
25	1943	Correio de São Félix	12/12	0033
		*		
26	1944	Correio de São Félix	23/04	0051
27	1944	Correio de São Félix	28/05	0005
28	1944	Correio de São Félix	08/10	0021
29	1944	Correio de São Félix	15/10	0022
30	1944	Correio de São Félix	22/10	0023
31	1944	Correio de São Félix	29/10	0024
32	1944	Correio de São Félix	05/11	0025
33	1944	Correio de São Félix	24/11	0030
34	1944	Correio de São Félix	31/12	0035
		*		
35	1945	Correio de São Félix	06/05	????
36	1945	Correio de São Félix	30/07	0525
37	1945	Correio de São Félix	13/05	0518
38	1945	Correio de São Félix	07/07	528
39	1945	Correio de São Félix	11/08	0533
40	1945	Correio de São Félix	29/09	0538
41	1945	Correio de São Félix	06/10	0539
42	1945	Correio de São Félix	20/10	0541
43	1945	Correio de São Félix	27/10	0542
44	1945	Correio de São Félix	03/11	0543
45	1945	Correio de São Félix	24/11	0546
46	1945	Correio de São Félix	01/12	0547
47	1945	Correio de São Félix	08/12	0548
48	1945	Correio de São Félix	15/12	0549
49	1945	Correio de São Félix	22/12	0550
50	1945	Correio de São Félix	29/12	0551
		*		
51	1946	Correio de São Félix	23/03	0563
52	1946	Correio de São Félix	22/06	0576
53	1946	Correio de São Félix	06/07	0578
54	1946	Correio de São Félix	20/07	0579

		*		
55	1947	Correio de São Félix	11/01	0605
56	1947	Correio de São Félix	25/01	0607
57	1947	Correio de São Félix	08/02	0609
58	1947	Correio de São Félix	25/10	0646
59	1947	Correio de São Félix	11/10	0644
60	1947	Correio de São Félix	18/10	0645
61	1947	Correio de São Félix	25/10	0646
62	1947	Correio de São Félix	01/11	0647
		*		
63	1948	Correio de São Félix	17/01	0658
64	1948	Correio de São Félix	17/04	0671
65	1948	Correio de São Félix	24/04	0672
66	1948	Correio de São Félix	15/05	0675
67	1948	Correio de São Félix	04/09	0691
68	1948	Correio de São Félix	11/09	0692
69	1948	Correio de São Félix	18/09	0693
70	1948	Correio de São Félix	02/10	0695
71	1948	Correio de São Félix	30/10	0699
72	1948	Correio de São Félix	20/11	0702
73	1948	Correio de São Félix	18/12	0706
		*		
74	1949	Correio de São Félix	19/11	0754
		*		
75	1950	Correio de São Félix	18/03	0769
76	1950	Correio de São Félix	25/03	0770
77	1950	Correio de São Félix	01/04	0771
78	1950	Correio de São Félix	08/04	0772
79	1950	Correio de São Félix	22/04	0774
80	1950	Correio de São Félix	13/05	0777
81	1950	Correio de São Félix	03/06	0780
82	1950	Correio de São Félix	17/06	0782
83	1950	Correio de São Félix	29/07	0787
84	1950	Correio de São Félix	05/08	0788
85	1950	Correio de São Félix	12/08	0789
86	1950	Correio de São Félix	26/08	0791
87	1950	Correio de São Félix	29/09	0796
88	1950	Correio de São Félix	02/12	0805
89	1950	Correio de São Félix	09/12	0806
90	1950	Correio de São Félix	16/12	0807
91	1950	Correio de São Félix	30/12	0809
		*		
92	1951	Correio de São Félix	04/08	0840

93	1951	Correio de São Félix	01/12	0857
94	1951	Correio de São Félix	08/12	0858
		*		
95	1952	Correio de São Félix	09/02	0910
96	1952	Correio de São Félix	16/02	0866
97	1952	Correio de São Félix	08/03	0869
98	1952	Correio de São Félix	26/04	0876
99	1952	Correio de São Félix	17/05	0879
100	1952	Correio de São Félix	24/05	0880
101	1952	Correio de São Félix	12/07	0887
102	1952	Correio de São Félix	01/11	0903
103	1952	Correio de São Félix	20/12	0910
		*		
104	1953	Correio de São Félix	07/03	0921
105	1953	Correio de São Félix	21/03	0923
106	1953	Correio de São Félix	28/03	0924
107	1953	Correio de São Félix	02/05	0929
108	1953	Correio de São Félix	21/11	0958
109	1953	Correio de São Félix	12/12	0961
110	1953	Correio de São Félix	19/12	0962
		*		
111	1954	Correio de São Félix	30/01	0967
112	1954	Correio de São Félix	06/02	0968
113	1954	Correio de São Félix	27/03	0975
114	1954	Correio de São Félix	08/05	0981
115	1954	Correio de São Félix	29/10	0984
116	1954	Correio de São Félix	05/06	0985
117	1954	Correio de São Félix	19/06	0987
118	1954	Correio de São Félix	24/07	0992
119	1954	Correio de São Félix	07/08	0994
120	1954	Correio de São Félix	14/08	0995
121	1954	Correio de São Félix	28/08	0997
122	1954	Correio de São Félix	04/09	0998
		*		
123	1955	Correio de São Félix	22/01	1018
124	1955	Correio de São Félix	19/02	1022
125	1955	Correio de São Félix	26/02	1023
126	1955	Correio de São Félix	18/06	1039
127	1955	Correio de São Félix	05/03	1024
128	1955	Correio de São Félix	12/03	1025
129	1955	Correio de São Félix	26/03	1029
130	1955	Correio de São Félix	30/04	1032
131	1955	Correio de São Félix	07/05	1033

132	1955	Correio de São Félix	14/05	1034
133	1955	Correio de São Félix	02/07	1041
134	1955	Correio de São Félix	09/07	1042
135	1955	Correio de São Félix	16/07	1043
136	1955	Correio de São Félix	23/07	1444
137	1955	Correio de São Félix	20/08	1048
138	1955	Correio de São Félix	27/08	1049
139	1955	Correio de São Félix	03/09	1050
140	1955	Correio de São Félix	17/09	1052
141	1955	Correio de São Félix	01/10	1054
142	1955	Correio de São Félix	29/10	1058
143	1955	Correio de São Félix	31/12	1067
		*		
144	1957	Correio de São Félix	12/01	1119
145	1957	Correio de São Félix	19/01	1120
146	1957	Correio de São Félix	09/02	1123
147	1957	Correio de São Félix	07/04	1134
148	1957	Correio de São Félix	04/05	1135
149	1957	Correio de São Félix	25/05	1138
150	1957	Correio de São Félix	01/06	1139
151	1957	Correio de São Félix	22/06	1142
152	1957	Correio de São Félix	13/07	1145
153	1957	Correio de São Félix	10/08	1149
154	1957	Correio de São Félix	17/08	1150
155	1957	Correio de São Félix	31/08	1152
156	1957	Correio de São Félix	26/10	1160
157	1957	Correio de São Félix	08/11	1162
158	1957	Correio de São Félix	16/11	1163
159	1957	Correio de São Félix	23/11	1164
		*		
160	1958	Correio de São Félix	06/01	????
161	1958	Correio de São Félix	26/04	1186
162	1958	Correio de São Félix	13/05	1187
163	1958	Correio de São Félix	09/08	1201
164	1958	Correio de São Félix	06/09	1205
165	1958	Correio de São Félix	22/11	1216
166	1958	Correio de São Félix	29/11	1217
167	1958	Correio de São Félix	06/12	1218
168	1958	Correio de São Félix	27/12	1221
		*		
169	1959	Correio de São Félix	03/10	1262
		*		
170	1960	Correio de São Félix	15/01	1489

171	1960	Correio de São Félix	09/07	1290
172	1960	Correio de São Félix	16/07	1291
173	1960	Correio de São Félix	30/07	1293
174	1960	Correio de São Félix	06/08	1294
175	1960	Correio de São Félix	13/08	1695
176	1960	Correio de São Félix	27/08	1297
177	1960	Correio de São Félix	22/10	1305
178	1960	Correio de São Félix	29/10	1306
179	1960	Correio de São Félix	19/11	1309
180	1960	Correio de São Félix	17/12	1313
		*		
181	1961	Correio de São Félix	18/02	1323
182	1961	Correio de São Félix	10/06	1339
183	1961	Correio de São Félix	22/07	1345
184	1961	Correio de São Félix	07/10	1356
185	1961	Correio de São Félix	14/10	1357
186	1961	Correio de São Félix	21/10	1358
		*		
187	1964	Correio de São Félix	15/08	1415
188	1964	Correio de São Félix	18/07	1411
189	1964	Correio de São Félix	05/12	1481
		*		
190	1967	Correio de São Félix	07/01	1558
191	1967	Correio de São Félix	14/01	1559
		*		
192	1968	Correio de São Félix	27/04	1626
193	1968	Correio de São Félix	28/12	1661
		*		
194	1969	Correio de São Félix	18/01	1664
		*		
195	1970	Correio de São Félix	17/01	1716
196	1970	Correio de São Félix	25/04	1730
		*		
197	1973	Correio de São Félix	21/07	2081
198	1973	Correio de São Félix	28/07	2082
199	1973	Correio de São Félix	10/11	2097
200	1973	Correio de São Félix	17/11	2098
201	1973	Correio de São Félix	29/11	2100
202	1973	Correio de São Félix	13/12	2102
		*		
203	1975	Correio de São Félix	06/12	2235
		*		
204	1990	Jornal da Cidade		Ed. Especial

		*		
205	2000	Correio da Bahia		06/08

XII - ARQUIVO PARTICULAR - Efraim Fonseca Nunes					
01	Manuscritos				S/REF.
02	Fotografias				S/REF.
IV - ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA					
<u>Seção Republicana</u>					
1. SECRETARIA DE GOVERNO: Correspondências - Ofícios expedidos e recebidos					
N.º	Estante	Caixa	Maço	Documento	Período
01	87	1821	156	Doc. N.º 1935 - Ofício - 04/06/24	1924
2. SEC. DOC. ADMINISTRATIVA: Gabinete do Interventor - Ofícios, memorial e Outros					
01	87	2281	2862	Relatório da Exportação: exerc. 1934	1933/45
02	87	2281	2863	Boletim n.º 15 - 03/41	1940/47
3. SECRETARIA DA AGRICULTURA INDÚSTRIA E COMÉRCIO					
01	87	2378	149	Doc. 557 - Decreto criando o IBF	1935/42
02	87	2378	149	Doc. 557-Decreto criando o IBF	1935/46
03	87	2378	557	Resumo e Relatório do IBF	1936
04	87	2378	149	Doc. 557-Fotografias (C. Fumageira)	S/D

V - ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA BAHIA		
1. RELATÓRIOS DA JUNTA DIRECTORA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA BAHIA - ACB		
N.º	Documento	Ano
01	Relatório da associação Comercial da Bahia	1890
02	Relatório da associação Comercial da Bahia	1900
03	Relatório da associação Comercial da Bahia	1910
04	Relatório da associação Comercial da Bahia	1920
05	Relatório da associação Comercial da Bahia	1930
06	Relatório da associação Comercial da Bahia	1931
07	Relatório da associação Comercial da Bahia	1932
08	Relatório da associação Comercial da Bahia	1933

09	Relatório da associação Comercial da Bahia	1934
10	Relatório da associação Comercial da Bahia	1935
11	Relatório da associação Comercial da Bahia	1936
12	Relatório da associação Comercial da Bahia	1937
13	Relatório da associação Comercial da Bahia	1938
14	Relatório da associação Comercial da Bahia	1939
15	Relatório da associação Comercial da Bahia	1940
16	Relatório da associação Comercial da Bahia	1941
17	Relatório da associação Comercial da Bahia	1942
2. BOLETINS DA JUNTA DIRECTORA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DA BAHIA		
18	Boletim da Associação Comercial da Bahia	1944
19	Boletim da Associação Comercial da Bahia	1945
20	Boletim da Associação Comercial da Bahia	1963
21	Boletim da Associação Comercial da Bahia	1964/68

VI - CASA DA CULTURA DE SÃO FÉLIX

1. Folhetins de Comemoração dos 125 anos da Dannemann-1998

VII - FÁBRICA DE CHARUTOS SUERDIECK

1. 4.621 Fichas Cadastrais dos Operários de 1906 a 1986

VIII - FIEB – FEDERAÇÃO DA INDÚSTRIAS DO ESTADO DA BAHIA

1. **DIAGNÓSTICO PRELIMINAR: Economia Baiana – Setor Agrícola.** Salvador: Fundação para Comissão de planejamento Econômico, 1966. 81p.
2. **BAHIA: 150 anos de Indústria In Seminário Nacional de Educação e Trabalho.** Salvador: maio de 1983.
3. **BAHIA, SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA; CENTRO DE PLANEJAMENTO DA BAHIA. ECONOMIA BAIANA – Subsídios para um plano de governo.** Salvador: 1978, 162pp.

IX - IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
--

- | |
|--|
| 1. Recenseamento do Brasil, 1920 – População. R. J.: 1928. |
| 2. Recenseamento do Brasil, 1940 – censos econômicos; censo demográfico. R. J.: 1950 |
| 3. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. R. J.: 1958. |

X - IMPRESSOS

- | |
|---|
| 1. SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, 1905-1955. Salvador: Tipografia Manú Editora Ltda. 1955. (Biblioteca do Mestrado em História – UFBA, n.º 4704) |
|---|

XI - JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DA BAHIA - JUCEB
--

1. LIVRO DE REGISTRO DE FIRMAS COMERCIAIS		
---	--	--

N.º	Documento	N.º Reg.
01	Tomo 09 - C. Pimentel Filho	9.040
02	Tomo 09 - C. Pimentel & Cia.	9.055
03	Tomo 1924/1929 - Costa, Penna & Cia (Suc. Costa, Ferreira Penna)	06.674
04	Tomo 1924/1929 - Overbeck, Steinbach & Cia Ltda. (Vê T. 10)	7.151
05	Tomo (?) - Dannemann & Cia	05.124
06	Tomo (?) - Geraldo Dannemann	05.173
07	Tomo (?) - Suerdieck & Cia.	06.622
08	Tomo (?) - Leite & Alves	06.057
09	Tomo 10 - E., Carl, Leoni Ltda. (1939-1941)	10.400
10	Tomo 10 - João Altino da Fonseca	10.554
11	Tomo 25 - Exportadora de Fumos Altino da Fonseca	24.087

6. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Jaime (org.). **Jurando Fidelidade: Festa e identidade em Popayán, 1830-1834** In **Caminhos da História da América no Brasil: tendências e contornos de um campo historiográfico**. Brasília: ANPHLAC, 1998.

ALMEIDA, Jaime (org.). **Festa e História na América Espanhola e no Caribe** In VAINFAS, Ronaldo (org.). **América em Tempo de Conquista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

ALMEIDA, Joana (et alli). **Sobre a Questão Feminina**. UFBA, (Faculdade de FFCH)), mimeo, s/d, tomo 519, 8pp.

ALMEIDA, Rômulo. **Traços da História Econômica da Bahia no último Século e Meio**. (Primeira Conferência de um Curso de Economia promovido pelo Instituto de Economia e Finanças da Bahia, em 7/11/1949). Salvador (Ba.): junho de 1951, n.2.

ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil**. (texto confrontado com o da edição de 1711. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1982. 239pp.

ARANTES, Antonio Augusto (et alli) **Colcha de Retalhos: Estudos sobre a Família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **O Trágico 5.º Centenário do Descobrimento do Brasil: comemorar, celebrar, refletir**. São Paulo: EDUSC, 1999, 47p.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. O Trabalho entre a vida e a morte *In Projeto História* 16. São Paulo: EDUC/PUC, n.º 16, fev./98, pp. 115-120.

BAKTIM, Mikail. **A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Editora HUCITEC (Editora da Universidade de Brasília), 1987.

BASTIDE, Roger. **Brasil, Terra dos Contrastes**. Rio de Janeiro: DIFEL (tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz), 1980, 282p.p.

BÍBLIA SAGRADA: Livro de Zacarias, capítulo 11 e Evangelho segundo São Mateus, capítulo 2. 1-12. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.) **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Academia Baiana de Letras, Casa Jorge Amado; UFBA, 1998, 260pp.

BURKE, Piter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992. 354pp.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAIFAS, Ronaldo. **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTRO, Anfilófilo de. **Muritiba: sua história e seus fados 1559 - 1941. Digressões - Notas à Bahia**. Bahia: Tipografia Naval, 1941, 160pp.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopia no Brasil Colonial**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994, pp.136.

ESTUDOS BAIANOS: CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. **Operários e Sociedade Industrial na Bahia**. Salvador (Ba): Universidade Federal da Bahia, n.º 4, 1971, 103 pp.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e Poder: São Paulo no Século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1995.

FIEB/CPE. **A Inserção da Bahia na Evolução Nacional - 2.ª etapa: 1890 - 1930**. Salvador: 1980, pp. 30-31.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das letras, 1997. 309pp.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. Texto preliminar apresentado no Seminário: **“Festa: cultura e sociabilidade festiva na América portuguesa”**. São Paulo: USP/FFLCH, 6 a 11 de setembro de 1999.

HOBSBAWM, Eric (org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBSBAWM, Eric (org.). **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1974, 140pp.

KARTCHEVSKY, André *et al.* **O sexo do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, 193 pp.

LAPA, J. R. Amaral. **Economia Colonial**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973. 299 pp.

LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

LE REVEREND, Julio. **Historia Economica de Cuba**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1985. 662pp.

MADEIRA, F. e SINGER, P. I. Estrutura de Emprego e Trabalho Feminino no Brasil In **Cadernos CEBRAP**, n. 15.

MATTOSO, Katia M. de Queirós. **Bahia: Século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro, 1992. 747pp.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Patriarcado e Religião: As Enclausuradas Clarissas do Convento do Desterro da Bahia 1677-1890**. Bahia: Conselho Estadual de Cultura, 1994. 492pp.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Dez Freguesias da Cidade de Salvador.** Salvador: FCEB, 1986.

NOVAIS, Fernando e SCHWARCZ, Lilia Mortz. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 4, cap. 3.

OLIVEIRA, Francisco. **Elegia para uma Re(li)gião: SUDENE, NORDESTE. Planejamento e conflito de classes.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 132pp.

PINTO, Luiz Aguiar Costa. **Recôncavo Laboratório de uma experiência humana.** Salvador SEPLANTEC, 1970.

PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como experimento em igualdade. *In Projeto História.* São Paulo: n. 14, Fev./97.

PRIORE, Del Priore (org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997. 678 pp.

PRIORE, Del Priore (org.). História do Cotidiano e da Vida Privada In VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro Flamarion. **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

REIS, J. J. **A Morte é uma Festa: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 476 pp.

SAAD, Eduardo Gabriel. **Consolidação das Leis do Trabalho.** São Paulo: LTR, 1972.

SAMARA, Eni de M. **As Mulheres, o Poder e a Família.** São Paulo: Marco Zero, 1989. Pp.

SAMARA, Eni de M. Patriarcalismo, Família e Poder na Sociedade Brasileira (Séculos XVI-XIX). In **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 11, n.º 22, pp. 7-33.

SANTANA, Charles D'Almeida. **Fartura e Ventura Camponesas: trabalho, cotidiano em Migrações: Bahia: 1950-1980**. São Paulo: Annablume, 1998.

SECRETARIA DA AGRICULTURA – IBF/CEPA, SEC. DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Fumo na Bahia: Diagnóstico Preliminar**. Salvador: 1980, 39pp.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21ª. Ed. Ver. e ampl. São Paulo: Editora Cortez, 2000, 279pp.

SCOTT, Joan. **GÊNERO: Uma categoria útil para análise histórica**. Recife: 1991. (Traduzido do original **Gender: Na Useful Category of Historical Analyses**. Gender and the Politics of History. New York. Columbia University Press. 1989 por Christine Rufino).

SCHWART, Stuart. **Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1.ª edição, 1988.

STOLKE, Verena. **Cafeicultura: Homens, Mulheres e Capital (1850-1980)**. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 272-347.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária: A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 204pp.

UNIVERSITAS: **revista de cultura da Universidade Federal da Bahia**. N.º 1 (set./dez. 1968). Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1968.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados**. São Paulo: Ed. Campus, 1989. 393pp.

VIEZZER, Moema. **O Problema Não Está Na Mulher**. São Paulo: Cortez, 1989. PP. 173.

VILHENA, Luís dos Santos. **A Bahia no Século XVIII.** (Notas e comentários de Braz do Amaral). Bahia: Editôra Itapuã. Vol. I, 1969.

WEINSTEIN, Barbara. A Pesquisa sobre Identidade e Cidadania nos EUA: Nova História Social à Nova História Cultural. In **Revista Brasileira de História.** São Paulo, Vol. 18, n.º 35, pp. 227-246.1998.

WEINSTEIN, Barbara. As mulheres trabalhadoras em São Paulo In **Cadernos Pagu** (4) 1995: pp. 143-171.

Teses

ASEVEDO, Dorothy do Rego. **O Trabalho Feminino na Agro-Indústria Fumageira no Estado da Bahia.** (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – UFBA) Salvador (BA): 1975.

BORBA, Silza Fraga Costa. **Industrialização e Exportação de Fumos da Bahia de 1870 a 1930.** (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas - UFBA) Salvador (BA): 1975, vol. 2.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres Trabalhadoras: Presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril.** (Tese de doutorado em Ciências Sociais - USP). São Paulo: 1980, 237pp.

RAMOS, José Alberto Bandeira. **Crise da Economia Fumageira do Recôncavo da Bahia.** (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – UFBA). Salvador (Ba): 1990. 123pp.

SIMÕES, Lindinalva. **As Estradas de Ferro do Recôncavo.** (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas - UFBA) Salvador (BA): 1977, 174pp.

APÊNDICE

I - Marcas de charutos

Nº.	MARCA	FABRICANTE	ANO/ REG.
01	Aimorés Finos	Dannemann	1923
02	Ajax	Dannemann	1924
03	Alarm	Não Identificado	S/D
04	Alfredo	Dandy	S/D
05	Alma Mia	Francisco Vieira de Mello	1924
06	América	Artur Furtado de Simas	1893
07	América	Francisco Vieira de Mello	1924 ¹
08	Amor Perfeito	Suerdieck	1911
09	Andarilhos	F. Ferreira & Cia	1894
10	Andarilhos	Suerdieck	1918
11	Annete	Dannemann	1903
12	Angelina	Costa Ferreira & Penna	1893
13	Apollo	Francisco Vieira de Mello	1924
14	Argolas	Suerdieck	1924
15	Aristocratas	Dannemann	1923
16	Avenida	Dannemann	1923
17	Aurora	Suerdieck	1911
18	Bacarat	Francisco Vieira de Mello	1923
19	Bahianos	Dannemann	1923
20	Bandeirantes	Dannemann	1923
21	Bandeirantes	Francisco Vieira de Mello	1924
22	Banqueiros	Suerdieck	1907
23	Banquete	Dannemann	1923
24	Baronesa	F. Ferreira & Cia	1894
25	Baronesa	Suerdieck	1911
26	Ba-ta-clan	F. Ferreira & Cia	1894
27	Beira-Mar	Suerdieck	1918
28	Bella Bahiana	Stender & Cia	1922
29	Bella Cubana	Dannemann	1903
30	Bella Diva	Dannemann	1892
31	Bella Indiana	Dannemann	1924
32	Belinha	Costa Ferreira & Penna	1905
33	Boas Festas	Suerdieck	1918
34	Bondade	Dannemann	1923
35	Bouquetes	Dannemann	1923
36	Brazil	Suerdieck	1918

¹ As marcas que se repetem deve-se ao repasse ou venda das mesmas de uma fábrica à outra.

37	Brazileiros	Dannemann	1924
38	Bremenses	Dannemann	1923
39	Brema	Dannemann	S/D
40	Burlesco	Dannemann	1893
41	Cabinet	Dannemann	1924
42	Caboclo	Suerdieck	1911
43	Caipira	Martins Fernandes	1889
44	Caixeiros	Vaz Agostinho & Cia	1896
45	Caprichosos	Suerdieck	1911
46	Carlo	Artur Furtado de Simas	1893
47	Carlos Gomes	Poock & Cia	1903
48	Cata Flor	Suerdieck	1911
49	Cavell	Francisco Vieira de Mello	1924
50	Cesários	Suerdieck	1924
51	Cheguei Eu!	Leite Alves	1922
52	Chica	Dannemann	1923
53	Chilena	Dannemann	1924
54	Chiquitita	Costa Ferreira & Penna	1893
55	Chlotilde	Francisco Vieira de Mello	1924
56	Churchill	Suerdieck	1924
57	Cysnes	Francisco Vieira de Mello	1924
58	Civilitas	Costa Ferreira & Penna	1924
59	Clown	F. Ferreira & Cia	1894
60	Colombia	Dannemann	1923
61	Commerciante	Manoel Correia Machado	1894
62	Coola	Manoel Correia Machado	1893
63	Conquista	Dannemann	1923
64	Completo	Francisco Vieira de Mello	1924
65	Coreana	Dannemann	1924
66	Corona Extra	Dannemann	1923
67	Corona Imperial	Suerdieck	S/D
68	Corona de Luxo	Dannemann	1923
69	Coronel	Dannemann	1923
70	Coronitas	Dannemann	1923
71	Cravina	Francisco Vieira de Mello	1924
72	Cruzeiro	Dannemann	1923
73	Danneco	Dannemann	1923
74	Dannemann	Dannemann	1873
75	Dannemann Azul	Dannemann	1923
76	Delphina	Francisco Vieira de Mello	1924
77	Democrata	Francisco Vieira de Mello	1924
78	Delicado	Dannemann	1923
79	Deliciosa	F. Ferreira & Cia	1894
80	Diamante	Dannemann	1923
81	Diplomatas	F. Ferreira & Cia	1894
82	Diplomatas	Dannemann	1923
83	Diávol	Pacheco & Cia	1890

84	Diávolo	Dannemann	1892
85	D. Juans	Não Identificado	S/D
86	Don Pepe	Suerdieck	S/D
87	Double Corona	Suerdieck	S/D
88	Duqueza	F. Ferreira & Cia	1894
89	Duqueza	Francisco Vieira de Mello	1924
90	Economicos	F. Ferreira & Cia	1894
91	Economicos	Dannemann	1923
92	Eduardo VII	Dannemann	1924
93	Egypcios	Dannemann	1924
94	Elegantes	Não Identificado	S/D
95	Elite	F. Ferreira & Cia	1894
96	El Palhaço	F. Ferreira & Cia	1894
97	El Progreso	Dias Bastos & Cia	1893
98	El Valor	F. Ferreira & Cia	1894
99	Especiaes	Francisco Vieira de Mello	1924
100	Exclusivo	Dannemann	1923
101	Famosos	Francisco Vieira de Mello	1924
102	Feiticeira	Francisco Vieira de Mello	1924
103	Fidalgos	Suerdieck	1911
104	Fin de Siéclo	Artur Furtado de Simas	1893
105	Flamengos	Poock & Cia	1914
106	Flor da Bahia	Poock & Cia	1903
107	Flor da Bahia	Francisco Vieira de Mello	1924
108	Flor de Cabral	Costa Ferreira & Penna	1915
109	Flor de Ouro	Francisco Vieira de Mello	1924
110	Flor de Rajah	Dannemann	1924
111	Flor do Japão	Dannemann	1924
112	Florençia	F. Ferreira & Cia	1894
113	Florença	Dannemann	1894
114	Florentina	Francisco Vieira de Mello	1924
115	Florinha	Suerdieck	1911
116	Florinha	Costa Ferreira & Penna	1924
117	Flor de Columbus	Costa Ferreira & Penna	1893
118	Flor Extra Fina	Suerdieck	1907
119	Frou-Frou	Stender & Cia	1909
120	Gávea	Dannemann	1923
121	Gaúchos	Dannemann	1923
122	Geishas	Dannemann	1923
123	Geny	Dannemann	1924
124	Glória da Bahia	Francisco Vieira de Mello	1924
125	Gourmand	Não Identificado	S/D
126	Hamburguezes	Suerdieck	1918
127	Hanseáticos	Dannemann	S/D
128	Havana Grande	Dannemann	1923
129	Havana Médio	Dannemann	1923
130	Havana Pequena Flor	Suerdieck	S/D

131	Havaneses	Dannemann	1923
132	Hermanitos	Francisco Vieira de Mello	1924
133	Heureka	Dannemann	1923
134	Hilda	Francisco Vieira de Mello	1924
135	Hollandezes	Suerdieck	1908
136	Hollandezes	Dannemann	1923
137	Hortensia	F. Ferreira & Cia	1893
138	Ignez	Dannemann	1923
139	Imperadores	Dannemann	1923
140	Índios	Suerdieck	1918
141	Indú	Dannemann	1923
142	Invencível	Suerdieck	1918
143	Jeannette	Dannemann	1924
144	Juliana	Francisco Vieira de Mello	1924
145	Julieta	Dannemann	1903
146	Julita	Leite Alves	1918
147	Lanças	Dannemann	1923
148	Lavradores	Stender & Cia	1905
149	Legítimos	Dannemann	1923
150	Legítimo Menor	Dannemann	1923
151	Letetia	Francisco Vieira de Mello	1924
152	Lili	Costa Ferreira & Penna	1924
153	Liza	Leite Alves	1918
154	Londsale	Suerdieck	S/D
155	Luso-Brasileiros	Martins Fernandes	1903
156	Lordes	Dannemann	1923
157	Maestros	Francisco Vieira de Mello	1924
158	Magníficos	Dannemann	1924
159	Mais Um!	Leite Alves	1917
160	Manilha Tagalos	Dannemann	1923
161	Maricota	Stender & Cia	1922
162	Mariinha	Araújo & Cia	1909
163	Marujos	Francisco Vieira de Mello	1924
164	Mascattes	Dannemann	1923
165	Mata Fina Especial	Suerdieck	S/D
166	Mercurio	Francisco Vieira de Mello	1924
167	Mexicanos	Stender & Cia	1905
168	Miguel Calmon	Francisco Vieira de Mello	1924
169	Mimi	Costa Ferreira & Penna	1905
170	Mimi Bilontra	Costa Ferreira & Penna	1893
171	Minha Gente	F. Ferreira & Cia	1894
172	Ministros	Dannemann	1923
173	Mi Novia	F. Ferreira & Cia	1894
174	Moca	Dannemann	1923
175	Mocinhas	Dannemann	1923
176	Moema	Dannemann	1903
177	Montreal	Dannemann	1923

178	Mulata	Suerdieck	1907
179	Mulatinha	Stender & Cia	1922
180	Musicaes	Francisco Vieira de Mello	1924
181	Namoradores	Francisco Vieira de Mello	1924
182	Nardos	Dannemann	1924
183	Negrinha	Poock & Cia	1905
184	Nif Naf	F. Ferreira & Cia	1894
185	Nippões	Dannemann	1924
186	Nivea	Francisco Vieira de Mello	1924
187	Nobreza	Suerdieck	1911
188	Nynphas	Francisco Vieira de Mello	1924
189	Odalisca	Suerdieck	1918
190	Ophélia	Poock & Cia	1905
191	Ouro Branco	Dannemann	1923
192	Ouro de Cuba	Suerdieck	1918
193	Ouro Negro	Dannemann	1923
194	Ouro Brasil	Dannemann	1923
195	Palhaço	Costa Ferreira & Penna	1924
196	Panatella Ouro	Suerdieck	S/D
197	Panpulha	Suerdieck	1918
198	Pastoral	Dannemann	1924
199	Paulistas	Francisco Vieira de Mello	1924
200	Pegassus	Dannemann	1923
201	Perfeitos	Suerdieck	1911
202	Perlitos	Dannemann	1923
203	Persianos	Suerdieck	1907
204	Persianos	Costa Ferreira & Penna	1924
205	Pétalas	Dannemann	1923
206	Petisco	Suerdieck	1918
207	Petit Corona	Suerdieck	S/D
208	Pierrot	Dannemann	1923
209	Piloto	Dannemann	1923
210	Plantador	Dannemann	1904
211	Políticos	Dannemann	1924
212	Populares	Dannemann	1923
213	Porta Westphálica	Suerdieck	S/D
214	Portador	Francisco de B. Lordello	1893
215	Prêmio	Suerdieck	S/D
216	Prima Donna	Suerdieck	1907
217	Primores	Francisco Vieira de Mello	1924
218	Príncipe de Galles	Suerdieck	1924
219	Princeza	Suerdieck	1911
220	Príncipe Bismark	Dannemann	1897
221	Progresso	Dannemann	1923
222	Prosit	Não Identificado	S/D
223	Punch	F. Ferreira & Cia	1893
224	Rafaela	Dannemann	1923

225	Rainha do Norte	Dannemann	1892
226	Real Joia	Francisco Vieira de Mello	1924
227	Record Fino	Suerdieck	1918
228	Record Grosso	Suerdieck	1918
229	Record Lançado	Suerdieck	1918
230	Regalia Especial	Francisco Vieira de Mello	1924
231	Regalia Fina	Suerdieck	1918
232	Regina	Dannemann	1923
233	Regionais	Dannemann	1923
234	Republicanos	Martins Fernandes	1900
235	Republicanos	Francisco Vieira de Mello	1924
236	Robusto	Suerdieck	S/D
237	Romeu	Francisco Vieira de Mello	1924
238	Rosa Linda	Francisco Vieira de Mello	1924
239	Sabidos	Dannemann	1894
240	Schulze	Não Identificado	S/D
241	Sadda	Suerdieck	1918
242	Segundos	Francisco Vieira de Mello	1924
243	Sem Par	Dannemann	1923
244	Sem Rival	Dannemann	1923
245	Senador	Dannemann	1923
246	Sertanejos	Dannemann	1904
247	Sertanejos	Francisco Vieira de Mallo	1924
248	Simples n.º 1	Suerdieck	1905
249	Simples n.º 2	Suerdieck	1905
250	Simples n.º 3	Suerdieck	1905
251	Simples	Francisco Vieira de Mello	1924
252	Sinhasinha	Dannemann	1903
253	Sozinho	Suerdieck	1918
254	Spartanos	Dannemann	1924
255	Stella	Costa Ferreira & Penna	1924
256	Stella	Dannemann	1923
257	Suerdieck Brazil	Suerdieck	S/D
258	Suerdieck n.º 1	Suerdieck	1918
259	Suerdieck n.º 2	Suerdieck	1918
260	Suspiros	Francisco Vieira de Mello	1924
261	Talisman	Dannemann	1923
262	Talvis	Leite Alves	1922
263	Tavarin	Dannemann	1924
264	Tigres	Francisco Vieira de Mello	1924
265	Tip Top	Dannemann	1923
266	Tosca	Dannemann	1924
267	Transvalianos	Francisco Vieira de Mello	1924
268	Tres Bilontras	Francisco Vieira de Mello	1924
269	Tres Estrelas	Suerdieck	1907
270	Tres Graças	Francisco Vieira de Mello	1924
271	Triumphador	Dannemann	1924

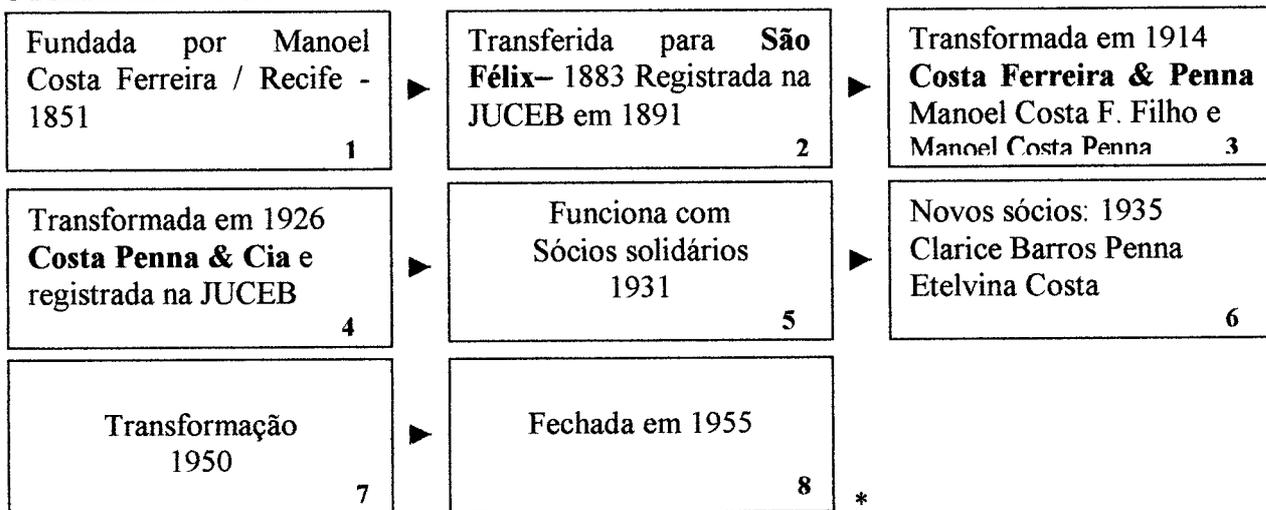
270	Tres Graças	Francisco Vieira de Mello	1924
271	Triumphador	Dannemann	1924
272	Triunfales	Dannemann	1923
273	Trunfo	Dannemann	1924
274	Unicos	Suerdieck	1907
275	Vandyck	Francisco Vieira de Mello	1924
276	Vencedores	Suerdieck	1907
277	Viajantes	Suerdieck	1907 ²
278	Victoria	Dannemann	1923
279	Violeta	Leite Alves	1917
280	Vitória Régia	Artur Furtado de Simas	1893
281	Yacht Club Luxo	Dannemann	1923
282	Yayá	Stender & Cia	1922
283	Zazá	Artur Furtado de Simas	1900
284	Zigarre	Não Identificado	S/D
285	Zizi	Leite Alves	1918

FONTE: ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FELIX. Documentos da Cia. de Charutos Dannemann ano 1920 - 1952; BAHIA: 150 anos de Indústria In **Seminário Nacional de Educação e Trabalho**. Salvador: maio de 1983; BORBA, Silza Fraga Costa. **Industrialização e Exportação de Fumo na Bahia 1870 – 1930**. (Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas – UFBA). Salvador (Ba): 1975; SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, 1905-1955. Salvador: Tipografia Manú Ed. Ltda. 1955; **CORREIO DA BAHIA**. Bahia: **diário**, 06/08/2000.

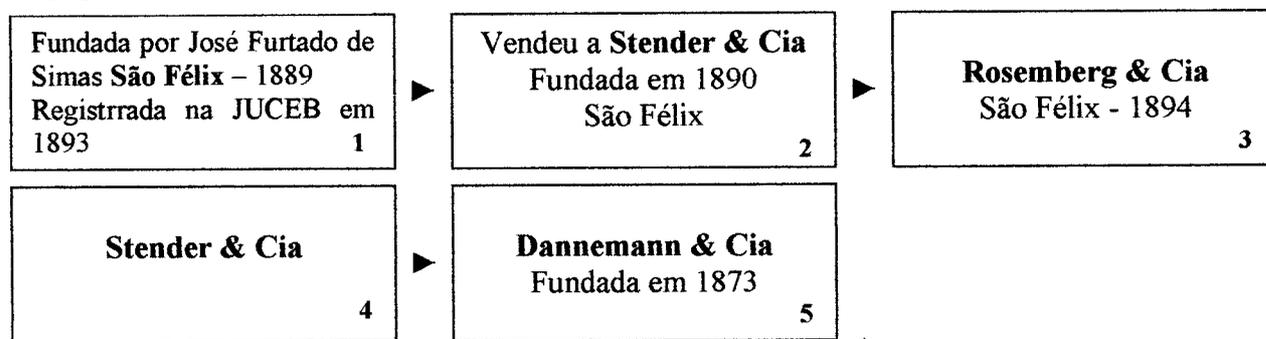
² Segundo o jornalista Elieser César em artigo no **Jornal Correio da Bahia** de 06/08/2000, a Suerdieck chegou a produzir 300 marcas diferentes de charutos.

II- Genealogia das Principais Fábricas de Charutos

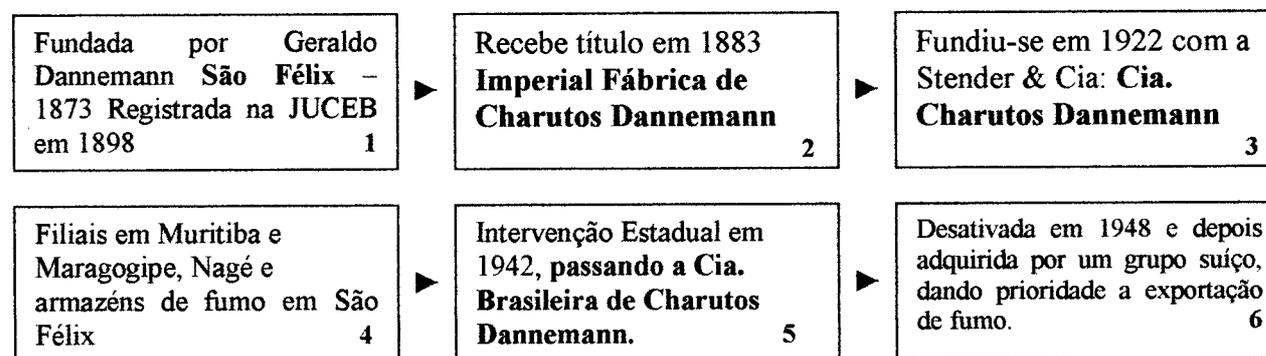
UTILIDADE - 1851



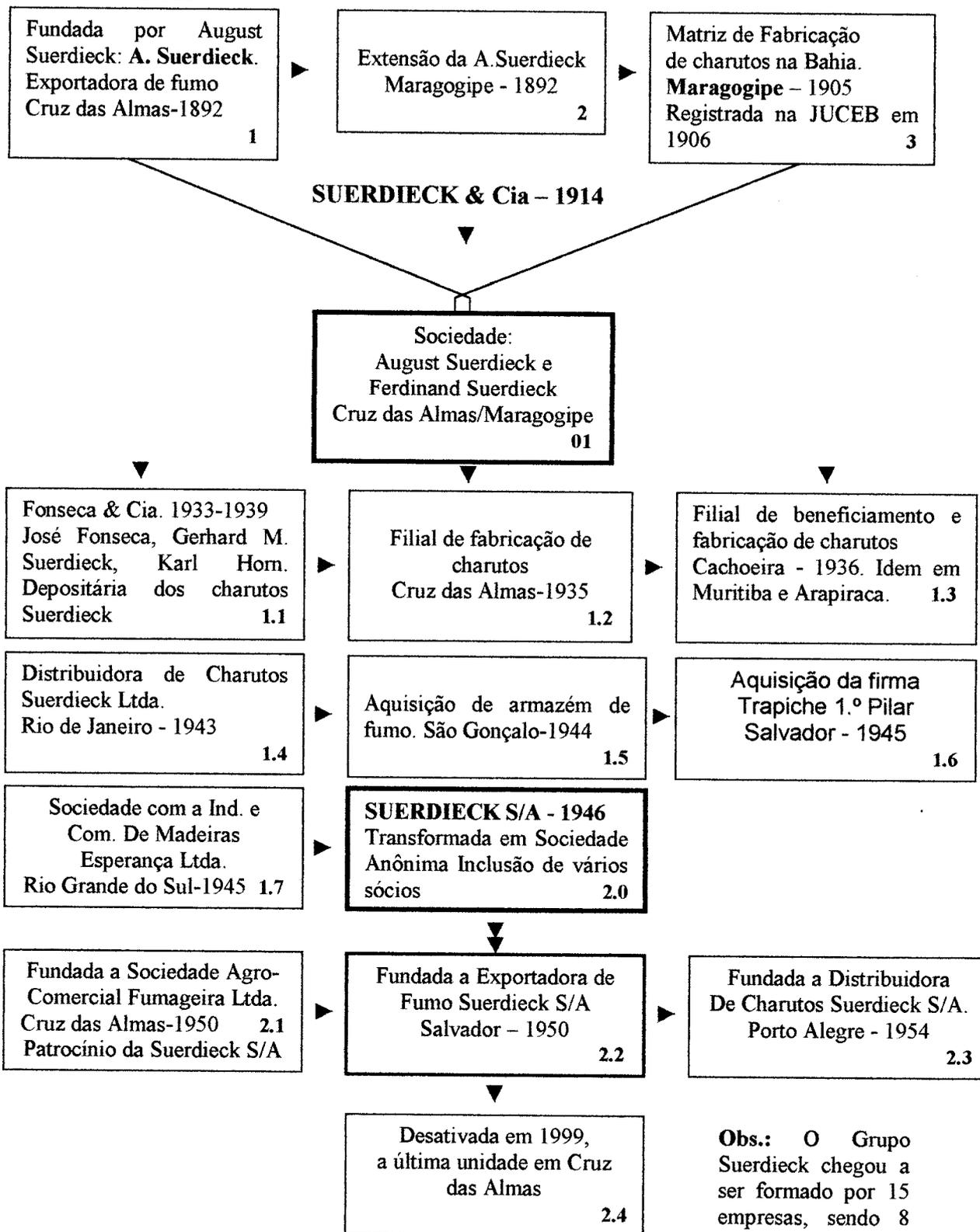
FRAGÂNCIA - 1889



DANNEMANN & CIA - 1873



A. SUERDIECK



FONTE: ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO FÉLIX: **CORREIO DE SÃO FÉLIX**. Jornal semanal. São Félix: 20/10/1945; ARQUIVO MUNICIPAL SÃO FÉLIX: Doc. da Cia. de Charutos Dannemann ano 1920 - 1952; BAHIA: 150 anos de Indústria In Seminário Nacional de Educação e Trabalho. Salvador: 1983; BORBA, Silza Fraga Costa. **Industrialização e Exportação de Fumo na Bahia 1870 - 1930**. (Dissertação e Mestrado - UFBA). Salvador: 1975; **SUERDIECK S/A CHARUTOS E CIGARRILHAS, 1905-1955**. Salvador: Tipografia Manú Ed. Ltda. 1955; **CORREIO DA BAHIA**. Jornal diário. Bahia: 06/08/2000.